

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

Lauren Santos Steffen

**FAVELAS CARIOCAS NO *THE GUARDIAN*: A CULTURA VIVIDA E
AS REPRESENTAÇÕES DOS IMPACTOS DAS OLIMPÍADAS RIO 2016**

Santa Maria, RS, Brasil
2020

Lauren Santos Steffen

**FAVELAS CARIOCAS NO *THE GUARDIAN*: A CULTURA VIVIDA E AS
REPRESENTAÇÕES DOS IMPACTOS DAS OLIMPÍADAS RIO 2016**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Área de concentração em Comunicação Midiática, Linha de Pesquisa em Mídia e Identidades Contemporâneas, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), como requisito parcial para obtenção do título de **Doutora em Comunicação**.

Orientador: Prof. Dr. Flavi Ferreira Lisbôa Filho

Santa Maria, RS, Brasil
2020

Steffen, Lauren

Favelas cariocas no The Guardian: a cultura vivida e as representações dos impactos das Olimpíadas Rio 2016 / Lauren Steffen.- 2020.

278 p.; 30 cm

Orientador: Flavi Ferreira Lisboa Filho
Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, RS, 2020

1. Estudos culturais 2. Representação 3. Favela 4. The Guardian 5. Olimpíadas Rio 2016 I. Ferreira Lisboa Filho, Flavi II. Título.

Sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFPEM. Dados fornecidos pelo autor(a). Sob supervisão da Direção da Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central. Bibliotecária responsável Paula Schoenfeldt Patta CNE 10/1728.

Declaro, LAUREN STEFFEN, para os devidos fins e sob as penas da lei, que a pesquisa constante neste trabalho de conclusão de curso (Tese) foi por mim elaborada e que as informações necessárias objeto de consulta em literatura e outras fontes estão devidamente referenciadas. Declaro, ainda, que este trabalho ou parte dele não foi apresentado anteriormente para obtenção de qualquer outro grau acadêmico, estando ciente de que a inveracidade da presente declaração poderá resultar na anulação da titulação pela Universidade, entre outras consequências legais.

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Tese de Doutorado

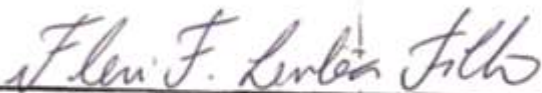
FAVELAS CARIOCAS NO *THE GUARDIAN*: A CULTURA VIVIDA E AS
REPRESENTAÇÕES DOS IMPACTOS DAS OLIMPIADAS RIO 2016

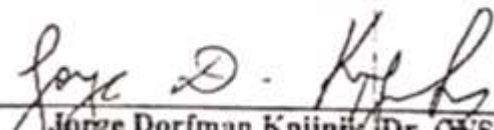
elaborada por
Lauren Santos Steffen


Aprovada em 03 de abril de 2020.

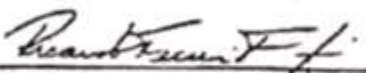
Como requisito parcial para obtenção do título de
Doutora em Comunicação

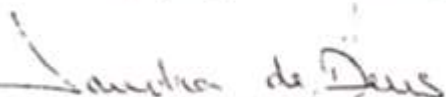
COMISSÃO EXAMINADORA:


Flavi Ferreira Lisboa Filho, Dr. (UFSM)
Presidente/Orientador


Jorge Dorfman Knijnik, Dr. (WSU)
Participação por parecer


Laura Strelow Storch, Drª. (UFSM)
Participação por videoconferência


Ricardo Ferreira Freitas, Dr. (UERJ)
Participação por videoconferência


Sandra de Fátima Batista de Deus, Drª. (UFRGS)
Participação por videoconferência

AGRADECIMENTOS

Gostaria de iniciar agradecendo ao próprio processo de escrita dessa tese. Ao longo do percurso, não tive apenas a oportunidade de crescer intelectualmente, mas também tive a chance de amadurecer pessoalmente e de descobrir a importância de ser resiliente a cada novo desafio.

Um agradecimento especial a minha família, principalmente aos meus pais, minha irmã e minha dinda, pelo amor incondicional e pela motivação constante. Vocês são a minha maior inspiração.

Aos meus amigos, de perto e de longe, agradeço sempre por saber que posso contar com cada um de vocês e por ter a certeza da torcida e do carinho onde quer que vocês estejam.

Aos meus colegas de grupo de pesquisa, especialmente Mariana, Andréa e Luciomar. Vocês fizeram toda a diferença. Sou incrivelmente grata por ter a amizade de vocês.

Ao meu orientador, Flavi Ferreira Lisboa Filho, não sei se consigo expressar em palavras a minha gratidão e admiração. Um grande privilégio ter convivido contigo todos esses anos e ter aprendido tanto ao teu lado. Sempre serás minha inspiração como professor, pesquisador e, principalmente, como ser humano. Obrigada por estar sempre presente, dando o impulso necessário para que eu pudesse voar sozinha com segurança. Essa é a definição de um verdadeiro orientador.

Aos professores da banca, Laura Strelow Storch, Ricardo Ferreira Freitas, Ana Luísa Coiro Moraes e Sandra Batista de Deus, toda a minha admiração. Obrigada pela leitura atenta e pelas contribuições tão pertinentes à qualificação da tese.

Aos professores e pesquisadores do *Institute for Culture and Society* da *Western Sydney University*, por terem me acolhido de forma tão receptiva durante o período de doutorado-sanduíche na Austrália. Obrigada pela oportunidade de desenvolver parte da pesquisa em um ambiente tão colaborativo e inovador. Aos meus supervisores, professores David Rowe e Jorge Dorfman Knijnik, agradeço o tempo dedicado e as sugestões valiosas à tese.

Ao Instituto Federal Farroupilha, por ter me concedido todo o suporte necessário para que eu pudesse conciliar minhas atividades como jornalista e como pesquisadora. Aos meus colegas de trabalho, agradeço pela compreensão e pelo apoio nessa caminhada.

Por fim, agradeço à Universidade Federal de Santa Maria, que me acolheu ao longo do mestrado e do doutorado, pelo ensino público, gratuito e de excelência. Foi um privilégio conviver e aprender com professores e colegas tão qualificados durante a pós-graduação. Um agradecimento especial às professoras Ada Machado Silveira e Liliane Dutra Brignol pelos caminhos apontados e pelas leituras indicadas antes da banca de qualificação.

Enfim, esse sonho só se tornou realidade porque foi compartilhado com tantas pessoas especiais.

Minha cara autoridade, eu já não sei o que fazer
Com tanta violência eu sinto medo de viver
Pois moro na favela e sou muito desrespeitado
A tristeza e alegria aqui caminham lado a lado
Eu faço uma oração para uma santa protetora
Mas sou interrompido a tiros de metralhadora
Enquanto os ricos moram numa casa grande e bela
O pobre é humilhado, esculachado na favela
Já não aguento mais essa onda de violência
Só peço à autoridade um pouco mais de competência
Eu só quero é ser feliz
Andar tranquilamente na favela onde eu nasci
[...]

Diversão hoje em dia não podemos nem pensar
Pois até lá nos bailes, eles vêm nos humilhar
Ficar lá na praça que era tudo tão normal
Agora virou moda a violência no local
Pessoas inocentes que não têm nada a ver
Estão perdendo hoje o seu direito de viver
Nunca vi cartão postal que se destaque uma favela
Só vejo paisagem muito linda e muito bela
Quem vai pro exterior da favela sente saudade
O gringo vem aqui e não conhece a realidade
Vai pra zona sul pra conhecer água de coco
E o pobre na favela vive passando sufoco
Trocaram a presidência, uma nova esperança
Sofri na tempestade, agora eu quero a bonança
O povo tem a força, precisa descobrir
Se eles lá não fazem nada, faremos tudo daqui

(Rap da Felicidade - Cidinho e Doca, 1995)

RESUMO

FAVELAS CARIOCAS NO *THE GUARDIAN*: A CULTURA VIVIDA E AS REPRESENTAÇÕES DOS IMPACTOS DAS OLIMPÍADAS RIO 2016

AUTORA: Lauren Santos Steffen
ORIENTADOR: Flavi Ferreira Lisboa Filho

A tese busca analisar as tensões entre as representações dos impactos das Olimpíadas Rio 2016 construídas no discurso da série “Vozes do Rio: nossa odisseia olímpica” do jornal *The Guardian* e a cultura vivida nas favelas cariocas no contexto do megaevento esportivo. A escolha do objeto empírico foi motivada pelo espaço concedido a três jornalistas comunitários da Rocinha, do Complexo do Alemão e do Complexo da Maré em um portal de notícias de alcance global, que soma 160 milhões de acessos mensais. A pesquisa tem como objetivos específicos contextualizar as relações sociais, políticas e econômicas entre as Olimpíadas Rio 2016 e as favelas cariocas; investigar as mediações jornalísticas na série que contribuem para a construção das representações dos impactos da competição; reconhecer os sentidos mobilizados no discurso jornalístico e tensionar as representações na série com a cultura vivida nas favelas cariocas no contexto do megaevento esportivo. A tese parte do pressuposto de que a inserção dos jornalistas comunitários pode ter ocorrido apenas de forma superficial e limitada ao longo do discurso jornalístico, não favorecendo, de fato, a participação ativa e autônoma desses grupos sociais marginalizados com vistas à construção de representações mais plurais e alternativas. O percurso teórico-metodológico é desenvolvido a partir de um protocolo analítico próprio que tem como bases a análise cultural (WILLIAMS, 1979) e a análise de discurso (FOUCAULT, 2012) a fim de compreender as negociações de sentidos entre diferentes esferas culturais no interior do discurso jornalístico. Primeiramente, analisamos a cultura vivida por meio da descrição das mediações das favelas cariocas no contexto das Olimpíadas Rio 2016 e das mediações jornalísticas do *The Guardian*; em seguida, mapeamos os sentidos negociados no discurso da série em meio a relações de poder e disputas ideológicas; por fim, em uma etapa interpretativa, tensionamos as representações dos impactos do megaevento esportivo na série com a cultura vivida nas favelas cariocas no período a fim de verificar as potencialidades e as limitações da inserção de vozes comunitárias em um espaço global e hegemônico. Como resultado da análise de sentidos, identificamos cinco formações discursivas: a) descaso; b) militarização; c) resistência; d) banalização da violência e e) estereotipização. A pesquisa demonstra, por um lado, que a presença das mediações das favelas cariocas, representadas pelos jornalistas comunitários, foi um diferencial na série, já que colocaram em circulação representações mais plurais e alternativas sobre o megaevento esportivo, aproximando o discurso jornalístico da cultura vivida nas comunidades. No entanto, não é possível afirmar que a participação dos jornalistas comunitários se deu de forma ativa e democrática na série, já que coube ao *The Guardian* o controle integral de todo o processo de produção, restringindo a autonomia dessas vozes marginalizadas em um espaço tutelado e limitado. Logo, a série envolveu uma relação assimétrica de poder em que o local foi convertido em produto para consumo a partir das lógicas do global e do hegemônico.

Palavras-chave: Estudos culturais. Representação. Favela. *The Guardian*. Olimpíadas Rio 2016.

ABSTRACT

FAVELAS OF RIO DE JANEIRO IN *THE GUARDIAN*: THE LIVED CULTURE AND THE REPRESENTATIONS OF RIO 2016 OLYMPIC GAMES IMPACTS

AUTHOR: LAUREN SANTOS STEFFEN
ADVISOR: FLAVI FERREIRA LISBÔA FILHO

The thesis seeks to analyze the tensions between the representations of Rio 2016 Olympic Games impacts in the discourse of the series “Rio Voices: Our Olympic Odyssey” from *The Guardian* and the lived culture in Rio’s favelas in the context of the mega sports event. The choice of the empirical object was motivated by the space granted to three community journalists from Rocinha, Complexo do Alemão and Complexo da Maré in a global news portal, which totals 160 million monthly browsers. The research aims to contextualize the social, political and economic relations between the 2016 Olympic Games and Rio’s favelas; investigate the journalistic mediations in the series that contribute to the construction of representations of the competition impacts; recognize the meanings mobilized in the journalistic discourse and contrast the representations in the series with the lived culture in Rio’s favelas in the context of the event. The thesis is based on the assumption that the insertion of community journalists may have occurred only in a superficial and limited way, not favoring the active and autonomous participation of these marginalized social groups in order to build more plural and alternative representations. The theoretical-methodological path is developed from a proper analytical protocol based on cultural analysis (WILLIAMS, 1979) and discourse analysis (FOUCAULT, 2012) in order to understand the negotiations of meanings between different cultural spheres. Firstly, we analyze the lived culture by describing the mediations of Rio's favelas in the context of the 2016 Olympic Games and *The Guardian* journalistic mediations; then we map the meanings negotiated in the series discourse amid power relations and ideological disputes; finally, in an interpretative stage, we contrast the representations of the impacts of the mega sports event in the series with the lived culture of Rio’s favelas in the period in order to verify the potentialities and limitations of the insertion of community voices in a global and hegemonic space. As a result, we identified five discursive formations: a) neglect; b) militarization; c) resistance; d) trivialization of violence and e) stereotyping. The research demonstrates, on the one hand, that the presence of mediations of Rio’s favelas, represented by the community journalists, was a differential in the series, as they put into circulation more plural and alternative representations of the mega sports event, bringing the journalistic discourse closer to the lived culture in the communities. However, it cannot be said that the participation of community journalists took place actively and democratically in the series, as *The Guardian* had full control of the entire production process, restricting the autonomy of these marginalized voices in a tutored and limited space. Thus, the series involved an asymmetrical power relation in which the local was converted into a product for consumption from the global and hegemonic logics.

Keywords: Cultural studies. Representation. Favela. *The Guardian*. Rio 2016 Olympic Games.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Porcentagem das formações discursivas no <i>corpus</i>	190
--	-----

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Base de dados Scielo. Palavra-chave “Rio 2016”.....	22
Figura 2 - Base de dados Scielo. Palavra-chave “Olimpíadas 2016”.....	23
Figura 3 - Base de dados Scielo. Palavra-chave “Favela”.....	24
Figura 4 - Base de dados Doaj. Palavra-chave “Rio 2016”.....	25
Figura 5 - Base de dados Doaj. Palavra-chave “Megaeventos esportivos”.....	26
Figura 6 - Base de dados Doaj. Palavra-chave “Favela”.....	27
Figura 7 - Base de dados Doaj. Palavra-chave “ <i>The Guardian</i> ”.....	29
Figura 8 - Base de dados Web of Science. Palavra-chave “Favela”.....	30
Figura 9 - Base de dados Web of Science. Palavras-chave “Rio 2016” e “Favela”.....	31
Figura 10 - Protocolo de análise.....	73
Figura 11 - Mensagem do <i>The Guardian</i> de solicitação de apoio ao leitor.....	162
Figura 12 - Receita do jornal <i>The Guardian</i>	163
Figura 13 - Mapa de leitores do <i>The Guardian</i> ao redor do mundo.....	166
Figura 14 – Jornalistas comunitários que participaram da série.....	169
Figura 15 - Composição visual de um dos relatos da série.....	177
Figura 16 - Matéria do <i>The Guardian</i> incentivando a participação na série.....	178
Figura 17 - Formato de diário proposto para a série.....	186

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Informações sobre os jornalistas comunitários da série	176
Tabela 2 - Relação dos textos da série por autor	189

LISTA DE SIGLAS

ANCOP	Articulação Nacional dos Comitês Populares da Copa e das Olimpíadas
CBF	Confederação Brasileira de Futebol
COB	Comitê Olímpico Brasileiro
COI	Comitê Olímpico Internacional
COMCAT	Comunidades Catalisadoras
FIFA	Federação Internacional de Futebol

SUMÁRIO

1 ELEIÇÃO DA CIDADE-SEDE - CONSIDERAÇÕES INICIAIS	12
1.1 DEFINIÇÃO DOS ELEMENTOS DA PESQUISA	12
1.2 ESTADO DA ARTE	21
2 REVEZAMENTO DA TOCHA OLÍMPICA - CONTRIBUIÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS DOS ESTUDOS CULTURAIS E DA ANÁLISE DE DISCURSO	41
2.1 ANÁLISE CULTURAL: CONTRIBUIÇÕES DA CULTURA VIVIDA PARA UMA ANÁLISE CRÍTICA E CONTEXTUALIZADA	41
2.2 ANÁLISE DE DISCURSO: LUTAS IDEOLÓGICAS NA FORMAÇÃO DOS SENTIDOS	53
2.3 MEDIAÇÕES COMUNICATIVO-MIDIÁTICAS: A CONSTRUÇÃO DE REPRESENTAÇÕES NO DISCURSO JORNALÍSTICO	65
3 CERIMÔNIA DE ABERTURA - MEDIAÇÕES DAS FAVELAS CARIOCAS NO CONTEXTO DAS OLIMPÍADAS RIO 2016	79
3.1 UMA DÉCADA DE MEGAEVENTOS ESPORTIVOS NO BRASIL	79
3.2 AS OLIMPÍADAS RIO 2016 E AS FAVELAS CARIOCAS	95
3.3 OS JORNALISTAS COMUNITÁRIOS COMO AS VOZES DAS FAVELAS CARIOCAS	111
4 PERFORMANCE DAS EQUIPES - MEDIAÇÕES JORNALÍSTICAS NA SÉRIE “VOZES DO RIO: NOSSA ODISSEIA OLÍMPICA”	124
4.1 A COBERTURA JORNALÍSTICA DE FATOS INTERNACIONAIS	128
4.1.1 A cobertura internacional das Olimpíadas Rio 2016 e as favelas cariocas	138
4.2 A REPRESENTATIVIDADE DO JORNAL <i>THE GUARDIAN</i> NO JORNALISMO INTERNACIONAL	154
4.3 A SÉRIE “VOZES DO RIO: NOSSA ODISSEIA OLÍMPICA”	167
5 QUADRO DE MEDALHAS - SENTIDOS E TENSIONAMENTOS	188
5.1 SENTIDOS MOBILIZADOS NAS REPRESENTAÇÕES DOS IMPACTOS DAS OLIMPÍADAS RIO 2016 NA SÉRIE	188
5.1.1 Descaso	191
5.1.2 Militarização	200
5.1.3 Resistência	208
5.1.4 Banalização da violência	215
5.1.5 Estereotipização	221
5.2 TENSIONAMENTOS ENTRE AS REPRESENTAÇÕES NA SÉRIE E A CULTURA VIVIDA NAS FAVELAS CARIOCAS	225
6 CERIMÔNIA DE ENCERRAMENTO E LEGADO - CONSIDERAÇÕES FINAIS	232
REFERÊNCIAS	239
APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO UTILIZADO NA ENTREVISTA COM DAIENE MENDE	249
APÊNDICE B - DOCUMENTO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DA ENTREVISTA NA PESQUISA	250
APÊNDICE C - QUESTIONÁRIO PARA A ENTREVISTA COM THAÍS CAVALCANTE	251
APÊNDICE D - LISTA COMPLETA DE SEQUÊNCIAS DISCURSIVAS RELACIONADAS À FORMAÇÃO DISCURSIVA DE “DESCASO”	252
APÊNDICE E - LISTA COMPLETA DE SEQUÊNCIAS DISCURSIVAS RELACIONADAS À FORMAÇÃO DISCURSIVA DE “MILITARIZAÇÃO”	261
APÊNDICE F - LISTA COMPLETA DE SEQUÊNCIAS DISCURSIVAS RELACIONADAS À FORMAÇÃO DISCURSIVA DE “RESISTÊNCIA”	267
APÊNDICE G - LISTA COMPLETA DE SEQUÊNCIAS DISCURSIVAS RELACIONADAS À FORMAÇÃO DISCURSIVA DE “BANALIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA”	273
APÊNDICE H - LISTA COMPLETA DE SEQUÊNCIAS DISCURSIVAS RELACIONADAS À FORMAÇÃO DISCURSIVA DE “ESTEREOTIPIZAÇÃO”	277

ELEIÇÃO DA CIDADE-SEDE

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Neste capítulo, detalharemos inicialmente os elementos constitutivos da pesquisa na seguinte ordem: apresentação do tema, definição dos objetivos geral e específicos, formulação do problema, desenvolvimento do pressuposto de pesquisa e exposição da justificativa e da estruturação dos capítulos proposta para o trabalho. Em seguida, apresentaremos o estado da arte elaborado a partir de uma pesquisa qualitativa e quantitativa (bibliométrica), utilizando-se as palavras-chave relacionadas aos temas centrais e aos aportes teórico-metodológicos da tese nos principais bancos de dados da área.

1.1 DEFINIÇÃO DOS ELEMENTOS DA PESQUISA

De 5 a 21 de agosto de 2016, o Rio de Janeiro foi sede do maior evento multiesportivo do mundo, os Jogos Olímpicos. Na época, o cenário brasileiro suscitou dúvidas quanto à escolha e à capacidade do país em organizar um evento dessa proporção, uma vez que o contexto era de muitas incertezas em diversas instâncias. Na área da saúde pública, havia a preocupação com os casos de *zika*, detectados pela primeira vez no Brasil em maio de 2015. No setor econômico, a crise financeira atravessada pelo Rio de Janeiro fez com que o governo estadual decretasse estado de calamidade pública a menos de dois meses do início da competição, em uma tentativa para conseguir a liberação de empréstimos para concluir obras e serviços que já estavam atrasados. A instabilidade política, por sua vez, era evidente em meio a um processo de pedido de *impeachment* da então presidenta Dilma Rousseff, a qual foi sucedida pelo presidente em exercício no período, Michel Temer, na cerimônia de abertura dos Jogos.

Esse cenário era ainda intensificado por suspeitas de corrupção e atrasos nas obras olímpicas, o que gerou manifestações populares e apreensão por parte do Comitê Olímpico Internacional (COI). A poluição nas águas da Baía de Guanabara e da Lagoa Rodrigo de Freitas, onde seriam realizadas diversas provas aquáticas, também despertou o receio de alguns atletas quanto à possibilidade de uso destes locais. Havia ainda, a somar, a preocupação com a segurança no Rio de Janeiro, especialmente com uma possível sinalização de fracasso das Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs) em diversas comunidades carentes na época, as quais haviam sido instaladas justamente para diminuir os índices de tráfico de drogas e o crime organizado. Todas essas questões não passaram despercebidas pela mídia internacional, a qual

potencializou em escala global as complexas relações que se estabeleciam entre as exigências do Comitê Olímpico Internacional e as respostas possíveis de um país que enfrentava demandas sociais cada vez mais urgentes.

A partir do dia 2 de outubro de 2009, data em que o Rio de Janeiro foi eleito como sede dos Jogos Olímpicos 2016, os primeiros realizados na América do Sul, os holofotes da imprensa passam a se voltar para o Brasil, a fim de apresentar ao mundo o país que havia tirado Madri da disputa com uma diferença de 34 votos. Essa cobertura, que incluiu a etapa anterior, a própria fase de realização dos Jogos e o período posterior à competição, não se limitou a destacar questões relacionadas à prática esportiva, como datas de jogos, rendimento dos atletas e preparação técnica das equipes. Temas sociais, conflitos culturais, questões políticas e tensões econômicas vivenciadas pelo país-sede também passaram a ser elementos ativados para a construção de representações do país que escolheu a frase “Um mundo novo” como *slogan* para celebrar os Jogos. Assim, as representações do megaevento esportivo, enquanto discurso cultural, estão diretamente relacionadas com a própria construção da imagem do Brasil e dos brasileiros nos meios de comunicação neste período, colocando em circulação diversos sentidos mediados a partir de múltiplas redes comunicativas de interação na sociedade e do acionamento de determinadas estratégias discursivas, todas perpassadas por dinâmicas de poder. Em outras palavras, as representações do megaevento esportivo refletiram a capacidade do Brasil também fora dos campos, atuando na construção da imagem do país no exterior.

O jornal britânico *The Guardian*, reconhecido historicamente pelo seu investimento na cobertura de fatos internacionais, buscou uma estratégia diferenciada para mostrar os impactos das Olimpíadas 2016 no Brasil a seus leitores. A série “Vozes do Rio: nossa odisseia olímpica” teve como objetivo, conforme consta na página¹, fazer com que moradores do Rio de Janeiro refletissem sobre a vida na cidade-sede das Olimpíadas, revelando o impacto dos Jogos de 2016 em seu dia a dia. A série foi divulgada no período de 5 de agosto de 2015 a 19 de agosto de 2017, na seção chamada de Desenvolvimento Global no portal de notícias do jornal na Internet. O *The Guardian* é considerado o jornal com a maior audiência digital no Reino Unido, somando 24,1 milhões de leitores britânicos por mês². Tendo em vista a audiência majoritariamente branca e europeia do jornal, fica claro que a série teve como objetivo mostrar os impactos da

¹ Disponível em: <<https://www.theguardian.com/global-development/series/rio-voices-our-olympic-odyssey>>. Acesso em 20 de fevereiro de 2019.

² Disponível em: <<https://advertising.theguardian.com/advertising/media-kit>> Acesso em 23 de agosto de 2019.

competição nas favelas cariocas para um público-leitor específico, dificilmente composto por moradores das próprias comunidades.

Ao todo, foram publicados 21 textos³ na série escritos por três jornalistas comunitários residentes em favelas do Rio de Janeiro. De acordo com a descrição apresentada dos autores, constava que Daiene Mendes morava em Nova Brasília, no complexo de favelas do Alemão, e trabalhava com um projeto de alfabetização. Thaís Cavalcante era jornalista comunitária do complexo da favela da Maré. Já Michel Silva era jornalista do site de notícias Viva Rocinha. Com um período de duração que engloba o ano anterior, o ano de realização e o ano posterior à realização dos Jogos Olímpicos no Rio de Janeiro, a série é composta por textos elaborados por tais jornalistas, juntamente com vídeos e fotos de autoria de repórteres do *The Guardian* e de agências de notícias internacionais em sua maioria. Há apenas uma reportagem escrita por duas jornalistas do próprio jornal em que são trazidos relatos de quatro crianças moradoras de diferentes favelas cariocas. O objetivo da matéria era mostrar se o fato de a cidade sediar os Jogos Olímpicos iria fazer alguma diferença na vida dessas personagens. O jornal coloca que as contribuições de moradores de favelas afetadas pelas Olimpíadas irão auxiliá-lo a apresentar uma visão abrangente da vida no Rio a seus leitores a partir do testemunho das mudanças vivenciadas nessas comunidades.

O conceito de mediações desenvolvido por Martín-Barbero (1997) torna-se, assim, central neste trabalho para compreender a cultura e a comunicação de forma integrada na dinamicidade do cotidiano, uma vez que todo processo comunicacional é articulado a partir de mediações, as quais não respondem unicamente a requerimentos institucionais e a demandas comerciais, mas também a exigências que vêm das relações culturais vivenciadas pelos grupos sociais. Desse modo, através de uma complexa teia de mediações comunicativo-midiáticas, isto é, de um tecido de processos e materialidades da comunicação em um ambiente social e cultural (LOPES, 2018), negociações de sentido foram efetuadas entre o espaço da produção e o da recepção durante as Olimpíadas Rio 2016, uma intermediação que envolveu as comunidades afetadas diretamente pelas obras dos Jogos, os órgãos públicos, as entidades internacionais e os meios de comunicação.

Com o foco para as mediações comunicativo-midiáticas da cultura, entendendo os processos comunicacionais como operadores de sentido que ocorrem na interação, é possível analisar de forma mais complexa o espaço da produção em articulação com a cultura vivida, a

³ Os textos foram escritos originalmente em português. No portal de notícias, estão disponíveis nas versões em inglês e em português.

qual se relaciona com aquilo que está sendo realmente vivido, ou seja, com as experiências sociais que estão sendo definidas e sentidas ativamente pelos sujeitos em determinado contexto (WILLIAMS, 1979). As mediações evidenciam, assim, a agência cultural, social e política dos meios de comunicação, considerando ainda as implicações econômicas que regem e circunscrevem sua ação (JACKS; SCHMITZ, 2018). Desse modo, a presente pesquisa se propõe a estudar a comunicação inserida no mundo social e cultural, pensando os meios de comunicação como instituições sociais que constituem e são constituídas pela sociedade, por suas práticas produtoras de sentido e por suas lutas ideológicas.

Diante deste cenário, o **tema** desta pesquisa se refere à construção de representações de megaeventos esportivos no jornalismo internacional, considerando-os como discurso cultural, cujo sentido se constrói a partir das mediações comunicativo-midiáticas em meio a relações de poder. Como **objetivo geral**, esta investigação pretende analisar as tensões entre as representações dos impactos das Olimpíadas Rio 2016 construídas no discurso da série “Vozes do Rio: nossa odisseia olímpica” do jornal *The Guardian* e a cultura vivida nas favelas cariocas no contexto do megaevento esportivo. O estudo tem como **objetivos específicos** contextualizar as relações sociais, políticas e econômicas entre as Olimpíadas Rio 2016 e as favelas cariocas; investigar as mediações jornalísticas na série que contribuem para a construção das representações dos impactos da competição; reconhecer os sentidos mobilizados no discurso jornalístico e tensionar as representações na série com a cultura vivida nas favelas cariocas no contexto do megaevento esportivo. Dessa forma, o **problema** a ser respondido no trabalho pode ser formulado através da seguinte questão: “Quais são os tensionamentos entre as representações dos impactos das Olimpíadas Rio 2016 construídas no discurso da série ‘Vozes do Rio: nossa odisseia olímpica’ do jornal *The Guardian* e a cultura vivida nas favelas cariocas no período?”

Baseado em Hall (2016), entende-se a representação, nesta pesquisa, como o processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados entre os membros de uma cultura. Tais significados são construídos por meio da linguagem e organizados segundo diferentes sistemas classificatórios que variam conforme o contexto cultural. A representação, portanto, é fonte para a produção de conhecimento sobre o entorno social, constituindo-se como um sistema aberto, conectado de maneira íntima com as práticas sociais e as dinâmicas de poder. Entendendo o discurso jornalístico como um dos locais em que a representação da realidade é construída culturalmente a partir da negociação de sentidos, tal conceito será acionado para compreender como as práticas sociais são dotadas de significado através da linguagem, em meio a disputas de poder e lutas ideológicas (FOUCAULT, 2012). O discurso torna-se, assim,

a mediação entre o homem e sua realidade, isto é, uma construção intersubjetiva, histórica e subordinada aos enquadramentos sociais e culturais. Por isso, o discurso deve ser analisado dentro de seu contexto de produção, pois a relação entre linguagem e exterioridade o constitui, sendo afetado pela língua, pela cultura e pelas relações de poder de determinado contexto. Os sentidos, assim, não estão presos ao texto nem emanam dos sujeitos; eles são resultado de complexos processos de interações (BENETTI, 2007).

Para a construção do pressuposto de pesquisa, entendemos que a finalidade do jornalismo é colocar em circulação as histórias da cultura vivida, pautando temas de interesse público (KARAM, 2014) e concedendo visibilidade especialmente a grupos sociais que não têm sua agenda reconhecida. No entanto, sabemos que, devido a princípios editoriais, disputas políticas e pressões econômicas, muitas vezes, as instituições jornalísticas se distanciam de seu compromisso ético com a sociedade, priorizando interesses particulares e visões ideológicas dominantes. Assim, a tese parte do **pressuposto** de que a participação dos jornalistas comunitários na série pode ter ocorrido apenas de forma superficial e limitada ao longo do discurso jornalístico, motivada essencialmente para atender os objetivos políticos, mercadológicos e editoriais do *The Guardian*, enquanto uma estratégia de diferenciação no cenário jornalístico internacional. Nessa perspectiva, o jornal pode ter construído uma falsa ideia de inclusão na série, não favorecendo, de fato, uma participação democrática⁴ e ativa desses grupos sociais marginalizados com vistas à construção de representações mais plurais e alternativas.

É preciso refletir ainda sobre a importância e a **justificativa** do desenvolvimento da pesquisa. Em primeiro lugar, a tese torna-se relevante para a área de concentração em Comunicação Midiática e para a linha de pesquisa em Mídia e Identidades Contemporâneas, pois analisa o papel do jornalismo internacional na construção de representações de megaeventos esportivos, levando em conta as diversas esferas que compõem o todo social. Para isso, busca apontar seus modos de operação para a consolidação de certas visões de mundo sobre a realidade contemporânea e seus possíveis efeitos sociais nos grupos representados.

Além disso, a pesquisa torna-se fundamental para a própria compreensão da imagem internacional do país, uma vez que as representações sobre o megaevento esportivo no jornalismo internacional repercutem na própria imagem do país-sede, associando o fracasso ou o sucesso na organização e realização da competição com a própria (in)capacidade da nação

⁴ O conceito de “democracia” é compreendido nesta pesquisa como o processo em que as minorias podem se fazer ouvir, tendo a possibilidade de intervir ativamente nas instâncias de decisão (SODRÉ, 2005).

em gerir seus problemas internos. Dessa forma, durante a realização de eventos esportivos, não são apenas os aspectos esportivos que estampam as páginas dos jornais, mas também a realidade social, cultural, política e econômica do país em questão. Desse interesse midiático internacional, surgem diversas representações, as quais operam por meio de seleções, estereótipos, tipificações e silenciamentos. Torna-se produtivo, assim, analisar, durante tais competições, que sentidos são mobilizados no discurso jornalístico, o qual opera como um espaço de negociação entre diferentes esferas mediadoras, que disputam pela definição de representações sobre determinados fatos da realidade social.

Em segundo lugar, o estudo de um megaevento esportivo, como as Olimpíadas Rio 2016, torna-se fundamental diante dos impactos representados pela realização de tal competição: em termos de investimentos financeiros, o gasto chegou a ultrapassar os 40 bilhões de reais⁵. No âmbito político, diversas concessões na legislação brasileira foram feitas a fim de atender as exigências do Comitê Olímpico Internacional. Na esfera social, mais de 22 mil famílias foram removidas de suas casas, conforme dossiê publicado pelo Comitê Popular da Copa e Olimpíadas do Rio de Janeiro em novembro de 2015. Da mesma forma, no campo midiático, o megaevento esportivo mobilizou a presença de um expressivo número de correspondentes internacionais e enviados especiais na capital carioca, culminando na circulação de um grande volume de narrativas sobre a realidade nacional.

Além disso, a pesquisa busca lançar um olhar específico para as representações jornalísticas de megaeventos esportivos construídas por classes populares, dada a importância de se analisar a visibilidade e a invisibilidade de tais grupos na mídia enquanto sujeitos ativos e suas repercussões no discurso jornalístico. Nesse sentido, procura analisar as diferentes possibilidades narrativas geradas a partir de tais relatos, os quais podem se constituir em potenciais espaços para circulação de novas representações, que busquem dar conta da complexidade de tal contexto, aumentando, assim, a consciência crítica do público sobre a realização de megaeventos esportivos. O estudo concentra-se, assim, na esfera política da representação ao analisar o relato dos impactos das Olimpíadas na visão de tais grupos minoritários, os quais são excluídos, muitas vezes, na tentativa de se apresentar uma imagem homogênea e positiva da cidade durante a realização de tais competições.

⁵ Dado obtido em reportagem do jornal Zero Hora, publicada no dia 16/03/2017. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/olimpiada/noticia/2017/03/gasto-com-o-rio-2016-ultrapassa-os-r-40-bilhoes-9749566.html>>. Acesso em 26 de novembro de 2018.

Outra motivação para a pesquisa é a relevância crescente do meio digital como fonte de informações na atualidade. Segundo pesquisa realizada em 2016 pelo Pew Research Center⁶, 4 em cada 10 norte-americanos se informam primeiramente pela Internet, seja por redes sociais ou por portais de notícia. Tal resultado reflete uma tendência global: no Brasil, por exemplo, o meio digital já está em segundo lugar como principal meio de informação, ficando atrás apenas da televisão⁷. Dessa forma, torna-se relevante voltarmos nosso interesse de pesquisa para a mídia digital, analisando seus modos de construção discursiva e em que medida ela coloca em debate novas representações sociais. Já o estudo do portal online do jornal britânico *The Guardian* se deve ao fato de ser considerado o segundo maior portal de notícias do Reino Unido, com uma audiência mensal de 160 milhões de usuários globais mensais⁸, sendo que, deste universo, dois terços são originários de fora do Reino Unido. O jornal conta hoje com apoiadores regulares em mais de 140 países.

A análise da série “Vozes do Rio: nossa odisseia olímpica”, publicada pelo portal do *The Guardian* de 5 de agosto de 2015 a 19 de agosto de 2017, torna-se oportuna para a área da comunicação ao parecer ser um espaço no jornalismo internacional para que moradores do Rio de Janeiro possam negociar sentidos sobre o impacto dos Jogos de 2016 no seu dia a dia. Dessa forma, é possível investigar a construção de representações do megaevento esportivo na visão de jornalistas comunitários residentes em três favelas cariocas (Rocinha, Maré e Alemão). Tais representações das Olimpíadas Rio 2016 revelam aspectos da realidade brasileira, construindo uma imagem do país para o resto do mundo. A série permite, assim, um estudo aprofundado sobre as potencialidades e limitações dos tensionamentos do local no global, revelando estratégias editoriais, políticas e mercadológicas que perpassam a construção dessas representações, bem como compreender quais as possíveis consequências sociais da mobilização de determinados sentidos no discurso jornalístico.

A trajetória acadêmica da autora também justifica o percurso escolhido para a pesquisa de doutorado. Durante a graduação em Comunicação Social/Jornalismo na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), a pesquisadora despertou o interesse pelas discussões sobre o papel do jornalismo no campo esportivo ao cursar a disciplina eletiva de Jornalismo

⁶ Informações encontradas em <<http://www.diariodocentrodomundo.com.br/midia-4-em-10-americanos-ja-se-informam-primeiramente-pela-internet-por-je-mendonca/>>. Acesso em: 26 de novembro de 2018.

⁷ Dados obtidos através da Pesquisa Brasileira de Mídia 2016 – Hábitos de Consumo de Mídia pela população brasileira encomendada pela Secretaria de Comunicação Social da presidência.

⁸ Dado obtido através da pesquisa de mídia realizada no período de abril de 2018 a março de 2019 pela PAMco – *Publishers Audience Measurement Company*, órgão que supervisiona a medição do público para a indústria de mídia do Reino Unido.

Esportivo, ministrada na época pela professora Dr^a Sandra Batista de Deus. Também durante este período, foi bolsista de iniciação científica no grupo de pesquisa coordenado pela professora Dr^a Marcia Benetti Machado, momento em que entrou em contato, pela primeira vez, com a potência da análise de discurso para a compreensão histórica, social e ideológica da formação dos sentidos. No mestrado, já inserida no grupo de pesquisa Estudos Culturais e Audiovisualidades, coordenado pelo orientador desta tese, a autora começou a se envolver com a análise cultural voltada ao campo da comunicação, passando a estudar as relações mútuas entre os processos comunicacionais e os aspectos de vivências sociais particulares. Desse envolvimento, resultou a dissertação de mestrado sobre as relações entre as tipificações dos jogadores da Seleção Brasileira construídas na série especial exibida pelo Jornal Nacional antes da Copa do Mundo de 2014 e os elementos presentes no contexto histórico, social e político do país na época, tendo como base teórico-metodológica a análise cultural-midiática.

No doutorado, a autora, enfim, reuniu esforços para desenvolver um projeto que contemplasse as incursões feitas ao longo de seu percurso acadêmico, encarando o desafio de articular os dois grandes aportes teórico-metodológicos responsáveis pela sua formação enquanto pesquisadora: a análise cultural (WILLIAMS, 1979), concebida na perspectiva dos estudos culturais, e a análise de discurso (FOUCAULT, 2012). O amadurecimento da proposta fez com que o olhar se ampliasse para o estudo da construção de representações de megaeventos esportivos no discurso do jornalismo internacional, com foco para a negociação de sentidos estabelecida entre duas esferas da cultura vivida: as mediações das favelas cariocas e as mediações jornalísticas. Essa trajetória foi motivada pela importância de pautarmos, enquanto cidadãos, as questões que são essenciais para o rompimento da narrativa dominante, entendendo como a posição social que certos grupos ocupam restringem suas oportunidades de fala. Ademais, como uma pesquisa desenvolvida a partir da perspectiva dos estudos culturais, a finalidade é, por meio do trabalho intelectual, produzir conhecimento mais apurado sobre determinada realidade social, com o objetivo político de gerar efeitos práticos que levem à conscientização e à mudança cultural.

Com o objetivo de buscar novos olhares que pudessem complexificar e aprofundar a análise do objeto de estudo da tese, a autora realizou um período de doutorado-sanduiche de quatro meses no *Institute for Culture and Society (ICS)* da *Western Sydney University*, em Sydney (Austrália)⁹. A escolha pela instituição foi motivada pela sólida trajetória do ICS em pesquisas sob a ótica dos estudos culturais, tendo como integrantes pesquisadores interessados

⁹ A autora realizou o período de doutorado-sanduiche de setembro de 2019 a janeiro de 2020.

na investigação das relações entre cultura, mídia e sociedade a partir de diferentes temáticas e enfoques. Dentre eles, destaca-se a atuação dos professores Dr. Jorge Dorfman Knijnik e Dr. David Rowe, responsáveis pela supervisão da pesquisadora nesse período, uma vez que se dedicam ao estudo dos impactos de megaeventos esportivos na sociedade, bem como à análise do papel da mídia na construção de representações sobre tais competições. A colaboração dos supervisores foi fundamental, sobretudo, para o desenvolvimento dos capítulos analíticos da tese, a partir da indicação de referências sólidas e atuais sobre a temática dos megaeventos esportivos e sua relação com as minorias sociais, além de diversas discussões a fim de problematizar tanto a presença dos jornalistas comunitários na série, como o papel do *The Guardian* ao longo do processo de produção. Ainda é preciso mencionar o auxílio dos professores na organização e na apresentação dos dados da pesquisa, colaborando para o desenvolvimento de uma análise mais fluida, objetiva e coesa.

Para cumprir os objetivos propostos e responder ao problema de pesquisa, este trabalho está estruturado em seis capítulos. Neste primeiro capítulo, apresentamos os elementos constitutivos da pesquisa e o estado da arte. O segundo capítulo traz as contribuições teórico-metodológicas dos estudos culturais (WILLIAMS, 1979; HALL, 2016; GROSSBERG, 2012) e da análise de discurso (FOUCAULT, 2012; BENETTI, 2007; ORLANDI, 2002), correntes de pesquisa que são acionadas para evidenciar as negociações de sentido empreendidas na construção de representações no discurso jornalístico, levando em conta as relações presentes entre diferentes esferas do contexto cultural. No primeiro subitem do capítulo, são descritas as principais características da análise cultural, metodologia que busca um posicionamento crítico em resposta às conjunções estruturais e demandas localizadas, no intuito de evidenciar as contribuições da cultura viva para uma análise crítica e contextualizada das representações midiáticas (WILLIAMS, 1979). A análise de discurso é apresentada na continuação para demonstrar seus recursos para o estudo da linguagem enquanto um instrumento simbólico capaz de produzir sentidos, fortemente atravessada por disputas de poder e lutas ideológicas. Para finalizar, o último subitem do capítulo explora as mediações comunicativo-midiáticas, com base em Martín-Barbero (1997), para compreender o lugar central do discurso jornalístico na configuração das relações sociais e na construção de representações culturais atualmente.

No terceiro capítulo da tese, iniciamos a análise da cultura viva a partir das mediações das favelas cariocas no contexto das Olimpíadas Rio 2016. No primeiro subitem, contextualizamos a série de megaeventos esportivos que ocorreram no país durante quase uma década, que inicia em 2007 com os Jogos Pan-Americanos e encerra no final de 2016 com os Jogos Paraolímpicos. Em seguida, abordamos as relações que se estabeleceram entre as

Olimpíadas Rio 2016 e as favelas cariocas em diversas esferas sociais, perpassando impactos econômicos, tensionamentos políticos e pressões sociais. No terceiro subitem, problematizamos os jornalistas comunitários como representantes das vozes das favelas, discutindo as principais contribuições do jornalismo comunitário para comunidades marginalizadas e suas apropriações por veículos de mídia hegemônicos.

No quarto capítulo, damos continuidade a análise da cultura vivida a partir da investigação das mediações jornalísticas na série do *The Guardian*. Primeiro, abordamos as características da cobertura jornalística de fatos internacionais, destinando um tópico específico para a cobertura das Olimpíadas Rio 2016 no jornalismo internacional e o lugar ocupado pelas favelas cariocas nessas representações. Em seguida, discutimos a representatividade do jornal *The Guardian* no cenário jornalístico internacional, evidenciando suas linhas editoriais e o perfil de seus leitores. No último tópico do capítulo, descrevemos as principais características da série “Vozes do Rio: nossa odisseia olímpica”, como foco para suas condições de produção, seus critérios de edição e seus espaços de circulação.

No quinto capítulo, identificamos os sentidos mobilizados na série a partir da descrição das formações discursivas encontradas e apresentamos os tensionamentos entre as representações dos impactos do megaevento esportivo no discurso jornalístico e a cultura vivida nas favelas cariocas no período. No último capítulo, expomos as considerações finais desta pesquisa, seguidas pelas referências e pelos apêndices.

No próximo item do capítulo introdutório, apresentamos o estado da arte a fim de mapear as principais produções acadêmicas na área da comunicação sobre as temáticas relacionadas a esta pesquisa, evidenciando os autores e instituições que se destacam nas publicações sobre o tema, bem como os periódicos em que estes trabalhos foram publicados. Além disso, traremos uma breve descrição das perspectivas teórico-metodológicas e dos resultados obtidos nestas pesquisas para reconhecermos não só o que já foi discutido, mas também a partir de que ângulo tais investigações foram conduzidas.

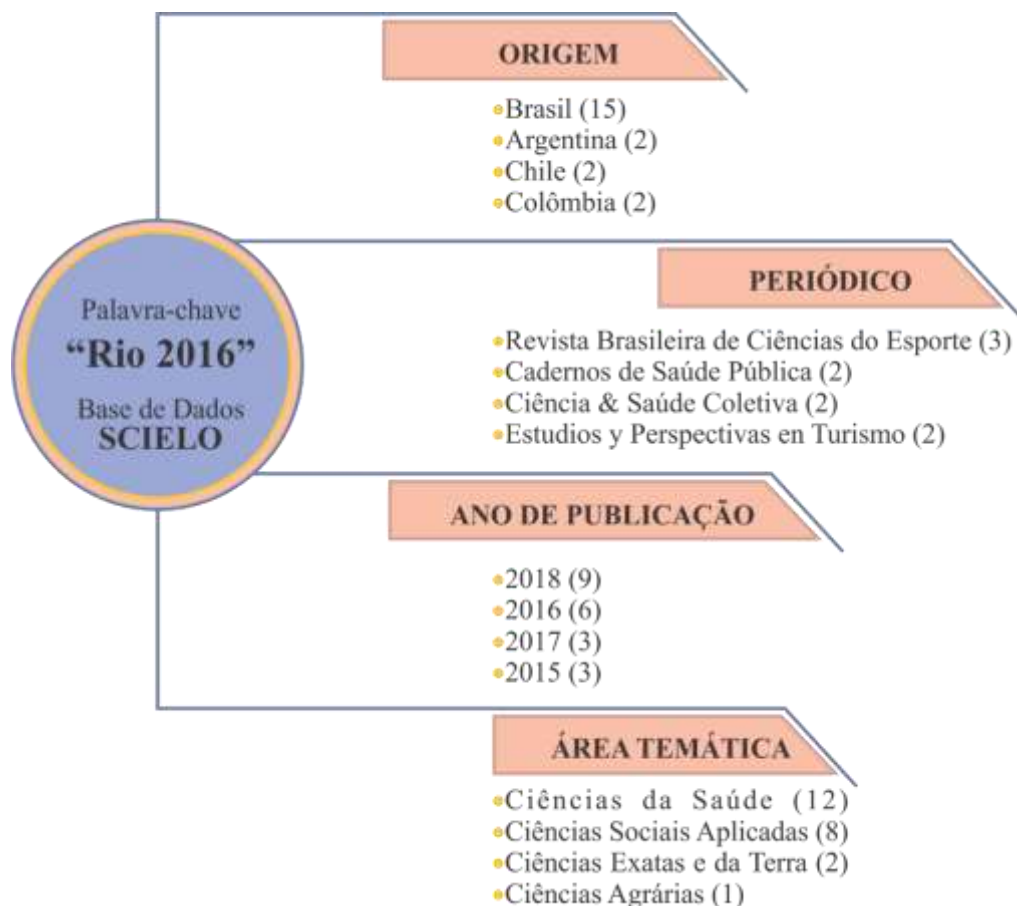
1.2 ESTADO DA ARTE

Para realizar um estudo quantitativo das principais pesquisas empreendidas sobre o tema no campo científico nacional e internacional, fizemos uso da metodologia denominada bibliometria, pois permite “dispor de uma distribuição que nos informe sobre o número de autores, trabalhos, países ou revistas que existem em cada categoria de produtividade, utilidade ou o que mais desejarmos saber” (ARAÚJO, 2006, p. 12). Como fonte de busca, recorreremos a

três bases de dados consideradas referências na área de “Comunicação e Informação” pela Capes: Scielo - *Scientific Electronic Library Online*, Doaj – *Directory of Open Access Journals* e *Web of Science*. Utilizamos, como palavras-chave, expressões relacionadas aos principais eixos temáticos desta tese.

Na primeira base de dados acessada, chamada Scielo, registramos 25 resultados a partir da palavra-chave “Rio 2016”. Na Figura 1 a seguir, compilamos as informações com o maior número de ocorrências encontradas, conforme os filtros disponibilizados pela própria plataforma de busca. O número entre parênteses representa o total de publicações encontrado para cada item.

Figura 1 - Base de dados Scielo. Palavra-chave “Rio 2016”



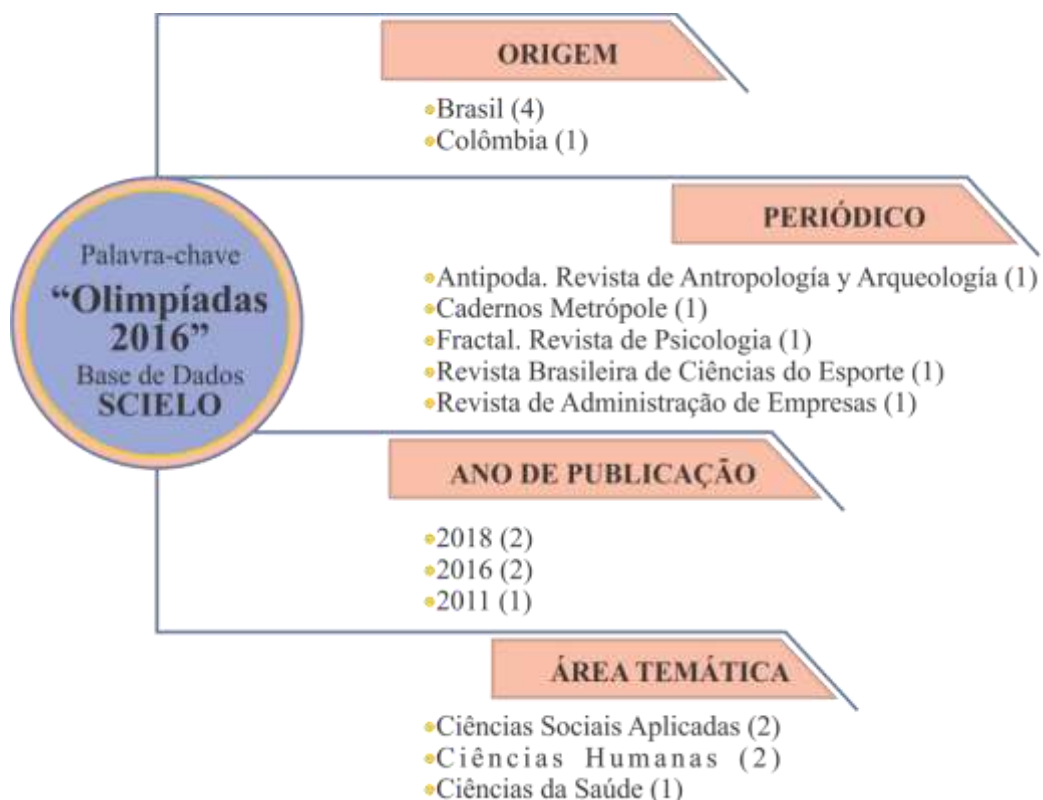
Fonte: Elaborada pela autora.

Neste mapeamento, três se relacionavam à área específica da Comunicação. Destacamos o artigo publicado em dezembro de 2016 na revista Cuadernos.info, intitulado “A voz da Comunidade na Preparação do Megaevento Rio 2016”. Neste trabalho, as autoras Sónia Pedro Sebastião e Ana Isabel Lemos da Universidade de Lisboa (Portugal) tratam da importância da

comunidade na preparação de megaeventos, tomando como exemplo os Jogos Olímpicos de 2016. Recorrendo ao *e-clipping* de notícias de três jornais diários brasileiros, é feita uma análise quantitativa dos temas abordados e das vozes presentes nas notícias. Adicionalmente, as autoras realizam uma análise qualitativa das notícias recolhidas em que existia associação entre protestos e os Jogos. Elas verificam que existe uma distância entre os interesses da organização do megaevento (dominantes) e os interesses da comunidade (desvalorizados) e evidenciam o papel dos *media* na representação de ambos.

Ainda na base de dados Scielo, pesquisamos pela palavra-chave “Olimpíadas 2016” e encontramos cinco resultados. As principais ocorrências estão sintetizadas na Figura 2. Dentro do último filtro aplicado, relacionado aos trabalhos específicos da área da Comunicação, nenhum resultado foi encontrado.

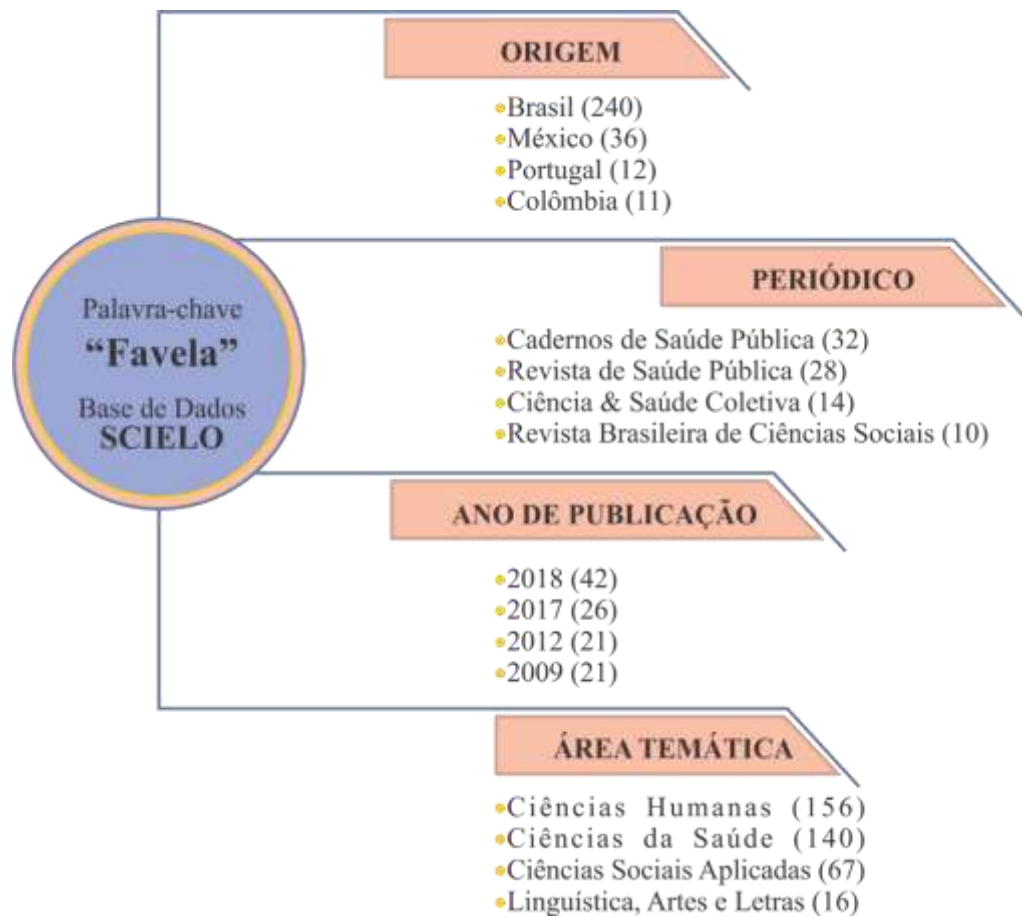
Figura 2 - Base de dados Scielo. Palavra-chave “Olimpíadas 2016”



Fonte: Elaborada pela autora.

A última palavra-chave pesquisada nesta base de dados foi “Favela”, para a qual encontramos 368 resultados. A Figura 3 apresenta o resumo deste mapeamento.

Figura 3 - Base de dados Scielo. Palavra-chave “Favela”

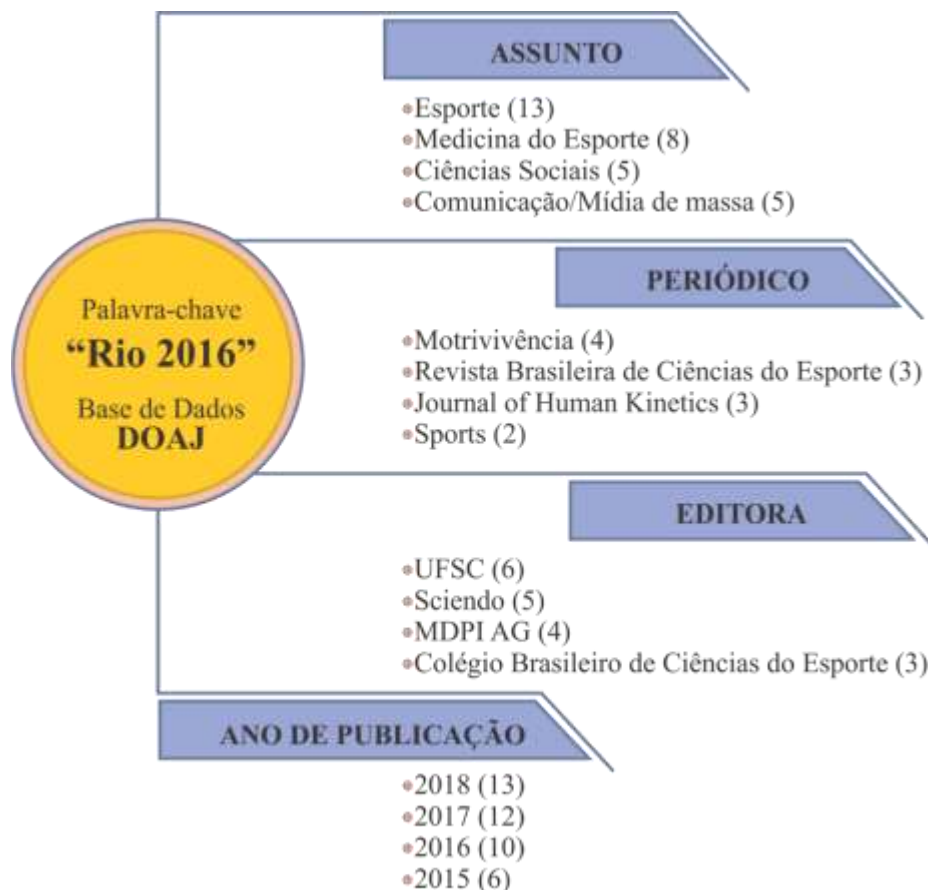


Fonte: Elaborada pela autora.

Destes trabalhos, apenas três se relacionavam à área da Comunicação, todos de origem brasileira. Por periódico, encontramos dois deles na Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação e um na Revista Galáxia. Ordenando os trabalhos encontrados conforme o maior número de citações, encontramos primeiramente o artigo “2 Vezes 5 Vezes Favela: aproximações e distanciamentos do cinema brasileiro”, de autoria de Roberto Elísio dos Santos da Universidade Municipal de São Caetano do Sul. Em seguida, localizamos o artigo “O subúrbio feliz do pagode carioca” de autoria de Felipe da Costa Trotta e Luciana Xavier de Oliveira da Universidade Federal Fluminense. Por último, encontramos o artigo “A nova classe média em *I love* Paraisópolis: efeitos de sentido do social”, de autoria de Conrado Moreira Mendes da PUC-Minas Gerais.

Na base de dados Doaj, iniciamos a pesquisa pela palavra-chave “Rio 2016” e encontramos 60 artigos. Na Figura 4, compilamos os principais resultados de acordo com os filtros disponíveis nessa plataforma de busca.

Figura 4 - Base de dados Doaj. Palavra-chave “Rio 2016”

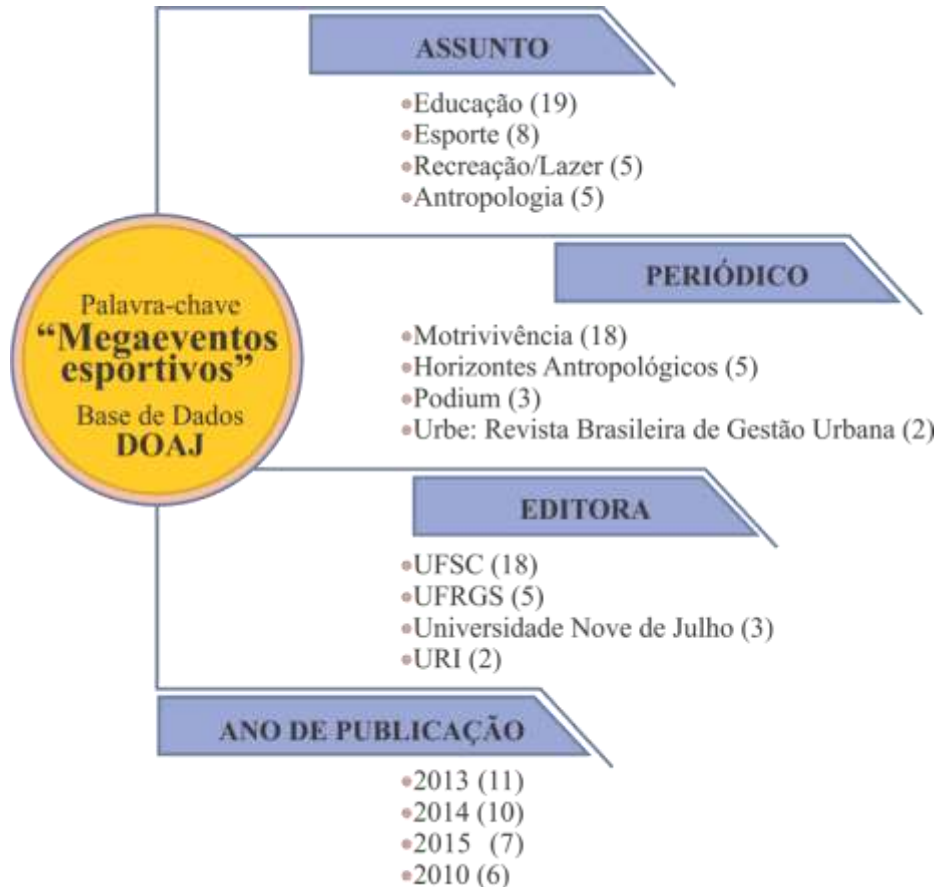


Fonte: Elaborada pela autora.

Ao averiguarmos as cinco publicações com o assunto Comunicação/Mídia de massa, encontramos duas relacionadas à fotografia e três relacionadas ao jornalismo. Dentro deste último grupo, destacamos o trabalho “O tratamento da segurança do turista no Brasil na mídia espanhola antes dos Jogos Olímpicos Rio 2016”, publicado em 2017 na Revista de Comunicación, de autoria de J. Álvarez de la Torre (Turismo - Universidad La Coruña/Espanha) e D. R. Toubes (Organização de Empresas e Marketing - Universidad de Vigo/Espanha). Também salientamos o artigo “Análise da visibilidade e participação feminina na cobertura da Olimpíada Rio 2016 realizada pelos portais Espnw e Lance!”, de autoria de Valquiria Michela John (Comunicação - UFPR) e Elyson Gums (Comunicação - Univali), publicado pela Revista Observatório em 2017.

Ao inserirmos a palavra-chave “Megaeventos esportivos”, encontramos 52 resultados, os quais estão compilados na Figura 5.

Figura 5 - Base de dados Doaj. Palavra-chave “Megaeventos esportivos”



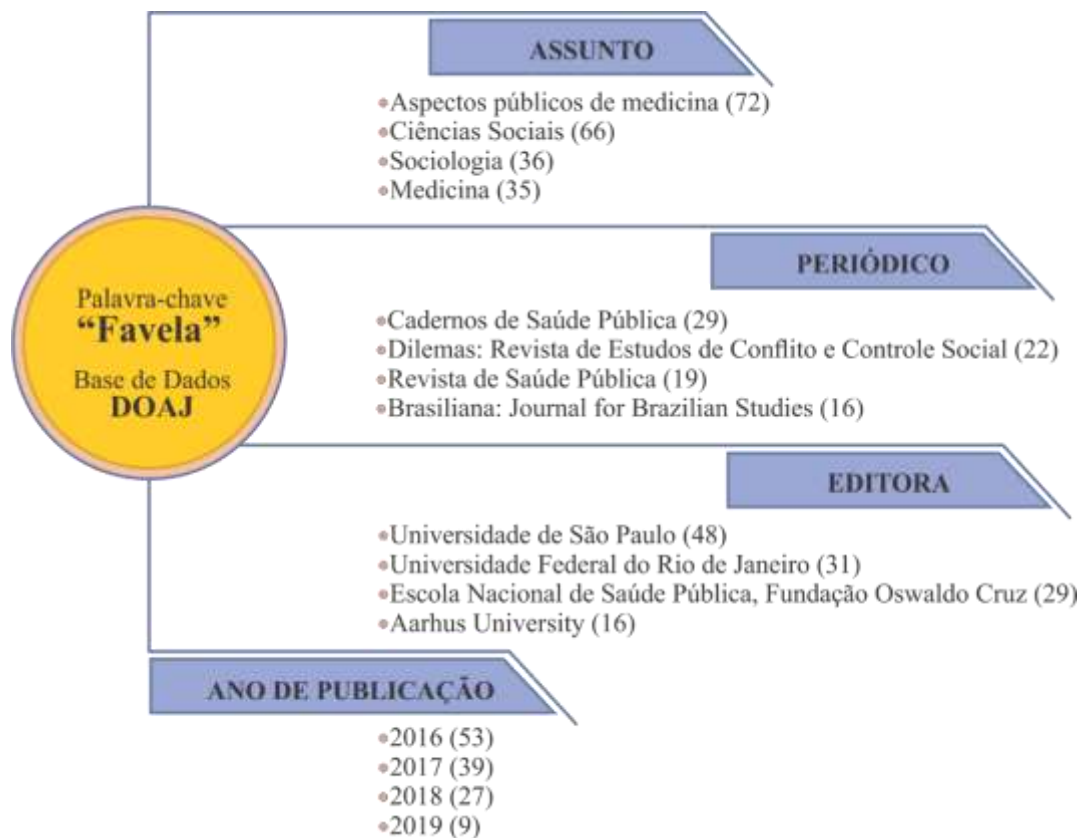
Fonte: Elaborada pela autora.

Dentre os trabalhos mapeados, destacamos o artigo “A sociedade civil e os conflitos na construção dos megaeventos esportivos no Brasil”, de Silvia Cristina Franco Amaral, Dirceu Santos Silva, Marcel Ivan dos Santos e Gabriel Rocha Vargas, publicado na revista Sociedade e Estado em 2014. O objetivo do artigo foi analisar a atuação e articulação da sociedade civil na resistência contra a remoção forçada das comunidades em localidades próximas às construções de equipamentos para os megaeventos esportivos. Tratou-se de uma pesquisa descritivo-interpretativa realizada em duas etapas: na primeira, coletaram-se dados nos jornais Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo; e, na segunda, no Portal Popular da Copa e das Olimpíadas. Constatou-se que o processo de remoção forçada de comunidades ocorreu em diversas cidades-sedes dos megaeventos esportivos, atingindo as camadas sociais menos

favorecidas da população. Os autores afirmam que a sociedade civil se organizou pela Articulação Nacional dos Comitês Populares da Copa (Ancop), que reúne as ações dos comitês populares de cada cidade-sede, utilizando diferentes formas de ação na luta contra a violação dos direitos. Os repertórios centrais são ocupações de prédios públicos, práticas de protestos, criação de dossiês, abaixo-assinados e postagens de vídeos em redes sociais.

Procurando pela palavra-chave “Favela”, encontramos 514 resultados. As principais informações obtidas nesta busca estão sintetizadas na Figura 6.

Figura 6 - Base de dados Doaj. Palavra-chave “Favela”



Fonte: Elaborada pela autora.

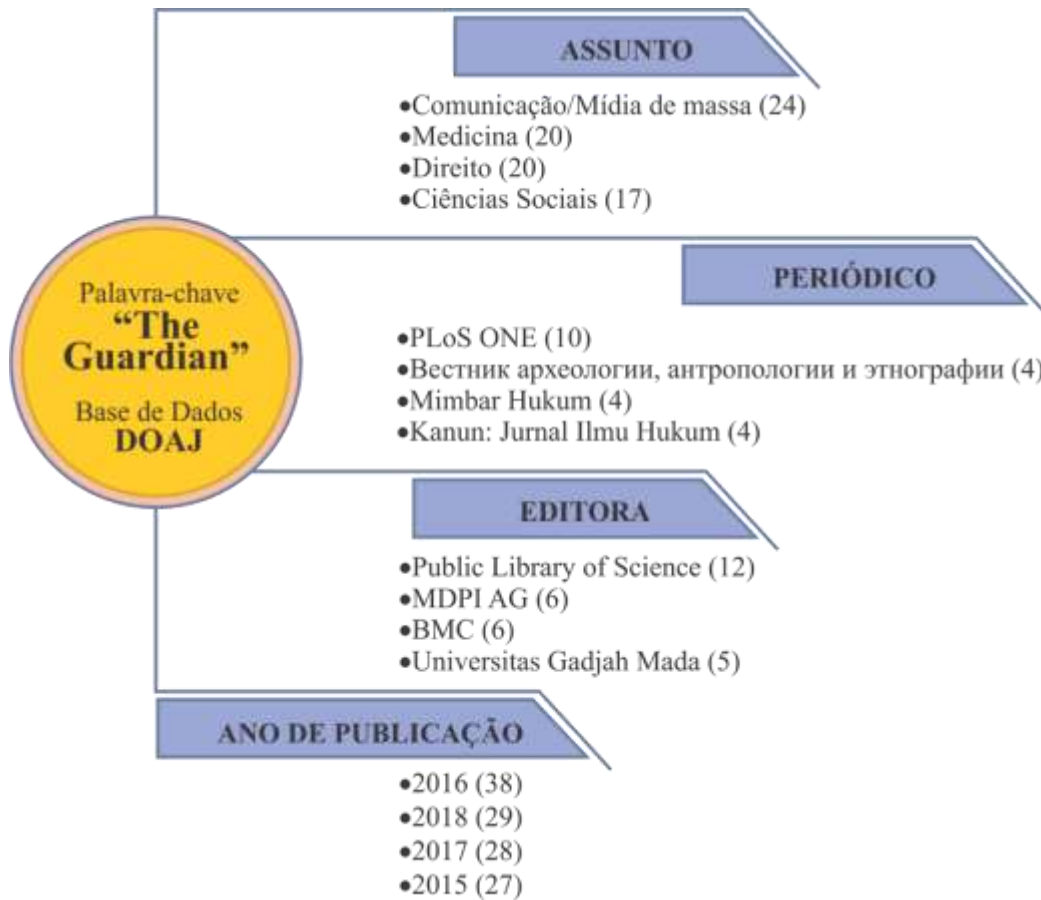
Dentro do universo de 34 trabalhos relacionados à Comunicação/Mídia de massa, destacamos o artigo denominado “Debate público e identidades coletivas: a representação de moradores de favela na produção cultural da televisão brasileira”, de Simone Maria Rocha, publicado na revista Intexto em 2008. O propósito do artigo é discutir sobre as possibilidades que a televisão brasileira pode oferecer na contribuição para o debate público e para a construção de identidades coletivas. A autora vai em busca de produções e gêneros midiáticos

que podem possuir conteúdo político e promover reflexões e discussões de assuntos e temas de natureza e interesse coletivo ao apresentar novas temáticas, interesses e formas de intercâmbio, inclusive daqueles sujeitos que sofrem exclusão social e falta de reconhecimento.

A última palavra-chave utilizada para pesquisa na base de dados Doaj foi relacionada ao objeto empírico - “*The Guardian*”, resultando no total de 242 artigos. Dentro do universo dos vinte e quatro trabalhos encontrados relacionados à Comunicação/Mídia de massa, destacamos “Um país à flor da pele: a relação dos brasileiros com o futebol na cobertura da Copa do Mundo pelo jornal *The Guardian*”, de Maria Carolina Vieira e Maximiliano Martin Vicente, publicado na revista *Vozes e Diálogo* em 2016. Neste trabalho, os autores argumentam que o jornalismo internacional tem o papel de reportar sobre outros países e culturas, contribuindo, assim, para a construção de um olhar estrangeiro sobre diversos aspectos nacionais. A Copa do Mundo de 2014, por sua vez, foi um momento abundante na formação de imagens sobre o país-sede e seus habitantes, já que os holofotes da mídia estavam voltados para o Brasil. Diante destas considerações, este trabalho focou no estudo das representações sobre a relação dos brasileiros com o futebol no *The Guardian*, tema que se destacou na cobertura do megaevento esportivo no jornal inglês. Utilizando a Análise de Conteúdo, verificou-se que a emotividade e o futebol como algo que significa mais do que um esporte são fatores-chave para o entendimento estrangeiro da relação Brasil x futebol. Esta visão passional, no entanto, não se estende a outros assuntos abordados no período, sugerindo que a postura editorial dos veículos pode influenciar as representações midiáticas tanto quanto seu histórico ou os próprios acontecimentos.

Na Figura 7, apresentamos os resultados com o maior número de ocorrências encontrados a partir da busca por esta palavra-chave.

Figura 7 - Base de dados Doaj. Palavra-chave “*The Guardian*”

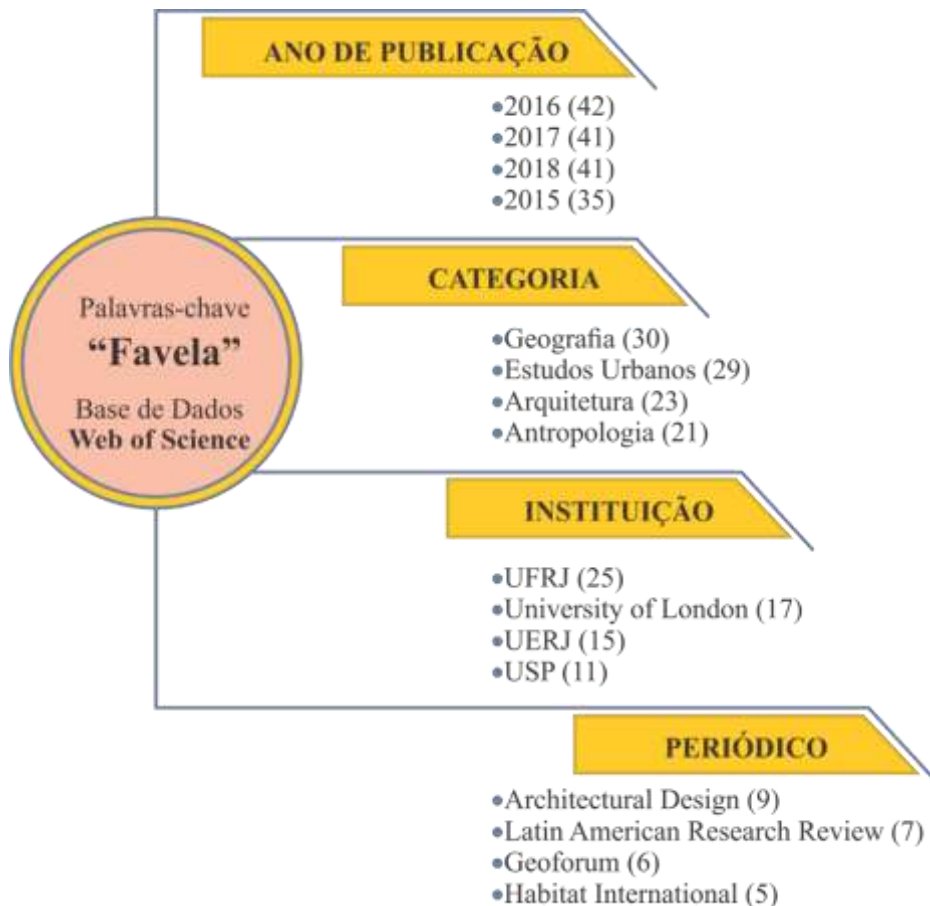


Fonte: Elaborada pela autora.

A última base de dados acessada foi a Web of Science. Na busca por “Favela”, foram encontrados 320 resultados. Dos dezessete trabalhos encontrados da área da Comunicação, destacamos o artigo “Parceiro do RJ/TV Globo: democratização ou oportunismo?”, de autoria de Lilian Saback, publicado na revista *Brazilian Journalism Research* em 2016. O trabalho apresenta uma reflexão sobre jornalismo e democracia a partir da análise do quadro Parceiro do RJ/TV Globo, que, de 2011 a 2015, inseriu no telejornal RJTV – 1ª Edição reportagens produzidas por jovens moradores de comunidades do Rio de Janeiro. A análise foi feita a partir de revisão bibliográfica sobre o tema e entrevistas realizadas com moradores e ativistas culturais de favelas do Rio de Janeiro. A pesquisa demonstra que os moradores de favela que participaram do quadro Parceiro do RJ estavam no projeto cientes dos interesses da emissora em obter mais audiência nos territórios em que viviam e permitiram que o oportunismo

ocorresse na tentativa de dar visibilidade às suas comunidades. Os principais dados desta busca são apresentados na Figura 8, conforme os filtros disponíveis para pesquisa nesta plataforma.

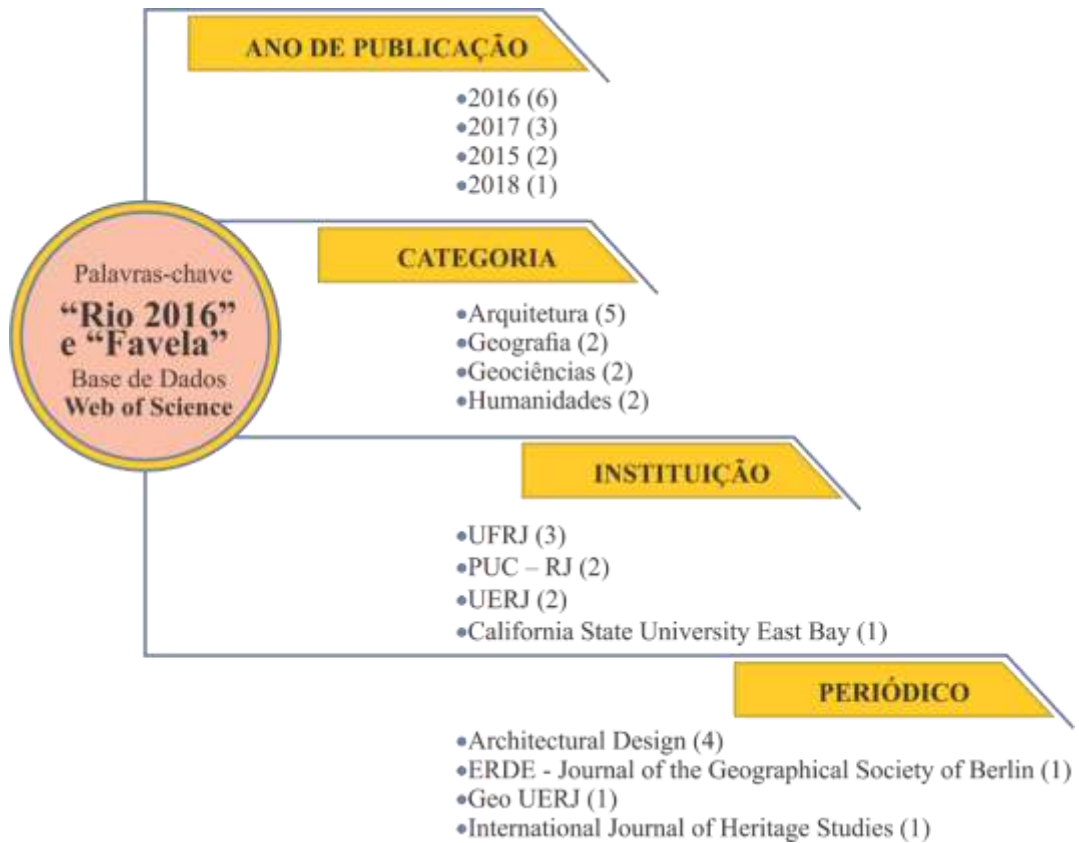
Figura 8 - Base de dados Web of Science. Palavra-chave “Favela”



Fonte: Elaborada pela autora.

Em uma busca combinada pelas palavras-chave “Rio 2016” e “Favela” nesta base de dados, encontramos quatorze resultados. Destes, destacamos o trabalho “Fracassando com a cidade informal: como os megaeventos esportivos do Rio de Janeiro desbarataram o legado da Favela-Bairro”, de Justin McGuirk, publicado em 2016 na revista Architectural Design. Neste artigo, o autor fala sobre a remoção de milhares de habitantes de assentamentos informais como uma característica regressiva na preparação para o Rio 2016. O autor descreve por que, na véspera dos Jogos Olímpicos, o governo insistiu na estratégia das remoções de favelas, contrariando uma possível tentativa de integração das comunidades informais à cidade formal. O resumo das principais informações mapeadas é apresentado na Figura 9.

Figura 9 - Base de dados Web of Science. Palavras-chave “Rio 2016” e “Favela”



Fonte: Elaborada pela autora.

Para complementar qualitativamente a pesquisa do estado da arte, além da pesquisa bibliométrica empreendida nas bases de dados mencionadas, também fizemos buscas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), no Banco de Teses da CAPES, na Biblioteca online da Compós, no Portal de Periódicos CAPES e no Portal de Revistas Eletrônicas de Ciências da Comunicação da Intercom (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação). As palavras-chave foram definidas a partir de três eixos principais: a) no campo teórico-metodológico, foram escolhidas “estudos culturais”, “análise cultural” e “análise de discurso”; b) no conjunto dos principais conceitos, foram acionadas “representação”, “mediações”, “cultura vivida” e “discurso” e c) no âmbito do tema e do objeto desta pesquisa, foram inseridas “favela”, “Rio 2016”, “megaeventos esportivos”, “jornalismo internacional”, “*The Guardian*” e “jornalismo comunitário”. Pesquisamos ainda por trabalhos

que tivessem como palavra-chave o nome da série proposta para análise nesta tese, mas nenhum resultado foi encontrado.

O primeiro trabalho que merece destaque é a tese intitulada “Alteridade e resistência a estereótipos culturais: pelo direito de ser exceção”, defendida em 2017 por Luiza Machado da Silva no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Católica de Pelotas. A pesquisa trata da análise dos estereótipos culturais impostos pela mídia aos turistas brasileiros que viajam para o exterior, em artigos datados no período em que o Brasil sediou grandes eventos desportivos – período compreendido desde a Copa das Confederações em 2013 até 2017, um ano após os Jogos Olímpicos Rio 2016. Na análise dos textos da mídia, fica claro que seus títulos são muito mais impositivos em relação aos turistas brasileiros do que aos comportamentos culturais de outros países a serem seguidos por eles. A forma como a mídia opera discursivamente, em suas reportagens destinadas aos brasileiros que viajam para outros países, permite pensar que ela pode exigir comportamentos culturais de maneira a contribuir para a construção de culturas globais, economicamente muito importantes para o capitalismo, como um programa da própria mídia. Outra leitura que se pode fazer é do desconhecimento dos jornalistas que escrevem sobre turismo e viagens sobre os estudos da cultura, o que reflete nas reproduções de estereótipos culturais – sem saber que o fazem – dos discursos do sujeito neocolonial.

Em 2014, Rodrigo Slama Rodrigues defendeu a dissertação intitulada “Os rostos da pobreza brasileira: análise crítica dos discursos do governo federal, da Veja e da CUFA” no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. O trabalho se propõe a desenvolver uma análise crítica a respeito da (re)produção do discurso sobre a pobreza, e, conseqüentemente, sobre o pobre, proferido pelo governo federal, através do site oficial do plano Brasil Sem Miséria; pela mídia, representada pela revista Veja; e pelos que se afirmam os representantes dos pobres, como a Central Única das Favelas - CUFA. O objetivo é apresentar uma reflexão crítica acerca dos discursos sobre a pobreza na voz do governo, da Veja (representante da mídia) e da CUFA (representante dos pobres) e suas contribuições para a construção das significações do tema na sociedade brasileira. Para tanto, o autor utiliza a Abordagem Sociológica e Comunicacional do Discurso, dentro do quadro da Análise Crítica do Discurso como aparato teórico, além dos estudos sobre a Sociologia para a Mudança Social, os estudos culturais e a Linguística Sistemico-Funcional. Deste modo, conclui que o discurso sobre a pobreza ou de combate à miséria, extraído de notícias, crônicas e demais gêneros dos referidos veículos, serve de objeto para a compreensão das identidades que se criaram e se renovam sobre a pobreza e sobre os pobres brasileiros, como a sua dependência do

governo e da sociedade civil, sua exploração pela economia, e, inclusive, pela mídia, que o caracteriza, algumas vezes, como delinquente.

A dissertação “A favela no horário nobre da TV aberta brasileira: uma análise da novela Duas Caras” foi defendida em 2010 por Adriana Androvandi no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-RS. O trabalho tem o objetivo de analisar a representação de favelas na mídia brasileira, tendo como objeto a novela Duas Caras, por ter levado ao horário nobre a favela como cenário central da novela das 21h da Rede Globo. Para o estudo, a base teórica parte das premissas dos estudos culturais, visto que a autora apresenta os meios de comunicação social como parte importante da esfera cultural. Na parte analítica, Douglas Kellner (2001) oferece um modelo de análise interpretativo, dado que sua pesquisa vincula a mídia às transformações sociais de um período. A pesquisa apontou que a novela Duas Caras procurou exibir um exemplo de favela sem tráfico de drogas, com paz e solidariedade, em uma representação diferente das veiculadas anteriormente na mídia sobre essas comunidades. Junto com a narrativa, esteve, portanto, uma ideia de inclusão social, combate ao preconceito, alternativas de lutas sociais e respeito às diferenças.

A dissertação “Em nome das UPPs: uma análise das representações midiáticas sobre a ocupação da favela da Rocinha”, de autoria de Kátia Pires Gonçalves, defendida em 2012 pelo Programa de Pós-Graduação da UERJ analisa as narrativas do jornal O Globo durante a ocupação da favela da Rocinha pelas forças oficiais, em novembro de 2011. Tem como objetivo identificar as representações veiculadas pela mídia nesse momento da vida da cidade, que conviveu com a implantação do projeto das Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs) e a expectativa de receber dois megaeventos esportivos internacionais: a Copa do Mundo (2014) e as Olimpíadas (2016). O mote da pesquisa foi, através da análise das representações sobre o processo de ocupação, descobrir pistas que permitissem pensar o impacto dessa medida sobre a cidade e seus habitantes. Foi possível perceber que, diferentemente do que ocorria nas últimas décadas, a violência urbana não se apresentou como questão de grande interesse para o jornal, aparecendo apenas incidentalmente como eventos pontuais em um contexto predominantemente pacífico. Prevaleceu o discurso otimista em relação à cidade e seu futuro. Observou-se, assim, que durante o período pesquisado, a dinâmica das narrativas rompeu com o padrão anterior de representação de cidade violenta, privilegiando o discurso da cidade pacificada, embora com episódios violentos pontuais.

Em 2017, Tatiana da Silva Lima defendeu a dissertação “Onde estão os mortos: silenciamentos, discursos e sentidos midiáticos da pacificação do Complexo do Alemão” no Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano da Universidade Federal Fluminense. A

pesquisa tem como foco as questões sobre a tríade segurança pública, mídia e violência, relacionada à primeira fase do processo de pacificação de favelas do Complexo do Alemão, na cidade do Rio de Janeiro, realizada em novembro de 2010. A ação policial-militar do Estado teve apoio do governo federal com uso das Forças de Pacificação do Exército e se tornou símbolo do programa de segurança pública denominado Unidade de Polícia Pacificadora (UPP). Através da mídia, a ação agenda a construção discursiva de uma metáfora de paz promotora de novos sentidos para a cidade anfitriã de importantes megaeventos esportivos internacionais, como a Copa do Mundo (2014) e os Jogos Olímpicos (2016). A pesquisa busca as linhas de conexão e encaixe entre o que é dito, silenciado e o que é compreendido como paz na prática dos operadores do Estado. Por meio de observação participante no conjunto de favelas do Complexo do Alemão e a análise do discurso da cobertura jornalística do periódico O Globo, essa dissertação promove uma reflexão sobre a representação das favelas e a segurança pública na cidade do Rio de Janeiro.

Outro trabalho que merece destaque é a dissertação “Representações do Brasil e do brasileiro no discurso do jornal espanhol El País no contexto pré-Copa FIFA de 2014”, defendida em 2017 por Luana Lisboa Barrere no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal do Espírito Santo. Este trabalho objetiva analisar artigos de opinião do jornal espanhol El País, veiculados entre 2013 e 2014, a fim de observar as estruturas discursivas presentes quanto às representações e aos estereótipos do Brasil e do brasileiro no contexto das manifestações políticas daquele período. Para tanto, a autora utilizou os pressupostos da Análise Crítica do Discurso (ACD), em diálogo com estudiosos das Ciências Sociais, da Psicologia Social, dos estudos culturais e demais autores que contribuíram para a constituição de um panorama sócio-histórico do Brasil.

Já a dissertação “O Brasil que não é bem assim: representações do Brasil na cobertura da Copa do Mundo 2014 pelo jornal *The Guardian*”, defendida em 2016 por Maria Carolina Silva Rocha Vieira no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UNESP, relaciona-se com o artigo encontrado na pesquisa bibliométrica publicado pela mesma autora. Esta dissertação propõe o estudo das representações do Brasil durante a Copa do Mundo 2014 pelo jornal *The Guardian*, jornal inglês de prestígio mundial e de grande tradição na cobertura internacional. Utilizando autores como Stuart Hall, Raymond Williams, John B. Thompson e Douglas Kellner para base teórica e a Análise de Conteúdo de Laurence Bardin para suporte metodológico, o objetivo é verificar quais as representações do Brasil e dos temas brasileiros que têm mais destaque na mídia internacional (sendo estes 1-aspectos culturais; 2-aspectos políticos; 3-aspectos sociais; 4-impressões sobre a Copa e 5-relação do Brasil e dos brasileiros

com o futebol) em um momento em que os holofotes globais estão voltados para ele, além de confirmar se existe alguma inter-relação entre a visão do jornal sobre a edição 2014 da Copa do Mundo e a imagem que o veículo faz do país. Os resultados mostram que, apesar do uso de repórteres e correspondentes *in loco* (muitos fugindo propositalmente do foco esportivo) e da abundância de fontes locais de informação, o Brasil se destaca por seus problemas sociais e ainda é um país incompreendido pela sua complexidade política, cultural, econômica e social, levantando, assim, temas binários recorrentes, como a desigualdade entre ricos e pobres, a paixão pelo futebol *versus* a insatisfação com a organização da Copa, contrastes entre regiões, ambivalência entre a população calorosa hospitaleira contra torcedores violentos e uma polícia repressiva, entre outros. Constatou-se também que a equivalência entre a imagem da Copa do Mundo 2014 e a do Brasil veiculadas no jornal existe, já que características encontradas na representação da primeira condizem com o que se fala sobre o país e seus temas mais destacados. Os dados finais também expõem o potencial do megaevento esportivo de tanto proporcionar novas leituras sobre o país-sede quanto ofuscá-las devido ao envolvimento da mídia com a festa mundial do futebol.

A dissertação “O legado dos megaeventos esportivos em questão: as mudanças ou as continuidades na cidade Rio de Janeiro pós-sede” foi defendida em 2010 por Vittorio Leandro Oliveira Lo Bianco no Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas, Estratégias e Desenvolvimento da UFRJ. A pesquisa analisa como a cidade do Rio de Janeiro poderia se beneficiar, em termos de legado, das promessas de investimento oficiais, em contraponto com as demandas sociais e a comparação com sedes bem-sucedidas anteriormente – Barcelona e Londres. A partir dos possíveis benefícios constatados para as políticas públicas advindas da organização dos megaeventos, o autor analisa como essas políticas podem auxiliar na inclusão social e na formação da identidade nacional, contribuindo assim para a efetivação e garantia dos direitos sociais.

Outro trabalho relevante para esta pesquisa é a dissertação “Transparência pública e controle social: um estudo prospectivo sobre as contribuições dos Jogos Rio 2016 para a criação de um legado político”, defendida em 2015 por Ana Clara Rodrigues Barros no Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da UFRJ. No trabalho, a autora afirma que a realização dos Jogos Olímpicos na cidade do Rio de Janeiro despertou nas diversas partes interessadas a expectativa da criação de legados em áreas tradicionalmente associadas a esse tipo de evento. No caso específico dos Jogos Rio 2016, primeiros jogos realizados na América do Sul, uma área geralmente negligenciada em termos de legado pode trazer avanços significativos para a cidade e para o país: controle e transparência das ações governamentais.

Este trabalho destaca as principais iniciativas tomadas pelo governo e sociedade nesse sentido que podem vir a contribuir para a constituição de um legado em termos de transparência e de controle social. Dentre eles, a autora cita a institucionalização de práticas governamentais que colaboram para a boa governança pública através do fortalecimento de mecanismos de controle e divulgação das contas públicas; a criação de portais temáticos para a publicação das informações sobre os investimentos para os Jogos Rio 2016; manifestações populares nas ruas e através da elaboração de projetos e documentos; e a criação, pela sociedade civil, de indicadores de medição da transparência pública.

A dissertação “Olimpíadas 2016 e a construção de um novo Rio: o marketing do legado, as políticas públicas e as estratégias comunicacionais em torno das favelas e das remoções” foi defendida em 2013 por Camila Calado Lima no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFRJ. A pesquisa analisa a inserção da favela no projeto de remodelação do Rio de Janeiro para os Jogos Olímpicos e Paraolímpicos de 2016, discutindo especialmente a construção dos discursos acerca das remoções de favelas. Parte das narrativas elaboradas sobre a favela no projeto de candidatura “Rio 2016, Live your Passion” passa, segundo a autora, pelas políticas públicas envolvendo tais territórios, a saber: Unidades de Polícia Pacificadora, Morar Carioca e Porto Maravilha. O trabalho discute o discurso oficial do poder público municipal em torno das remoções à luz da discussão de biopoder, proposta por Michel Foucault, para, enfim, refletir sobre as estratégias comunicacionais adotadas pelos setores que resistem às remoções. Diante do marketing do legado, construído na campanha de candidatura Rio 2016, do discurso da cidade integrada proposto pelas políticas públicas e da ressemantização das remoções pelo poder público municipal através de ações a favor da vida dos moradores de favelas, uma multiplicidade de atores uniu-se em torno da luta por um bem comum, ocupando as ruas e mobilizando-se pela rede. É neste cenário que se constituiu o Comitê Popular Rio Copa e Olimpíadas, com produções de dossiês, relatórios, vídeos, eventos e criação de perfis em redes sociais. A análise, na dissertação, do material produzido pelo Comitê, a partir de março de 2011, lança mão da proposta de comunidades de atingidos e a construção do comum.

A dissertação “Rio 2016: representações da cidade no jornal O Globo” foi defendida em 2012 por Andressa dos Santos Pesce no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFRGS. Este trabalho consiste na investigação das representações da cidade do Rio de Janeiro no jornal O Globo durante o processo de escolha da sede dos Jogos Olímpicos 2016, entre os anos de 2008 e 2009. A autora considera que os megaeventos esportivos são um tipo de espetáculo nas grandes cidades e configuram, assim, espaços urbanos atrativos. Nesse sentido, procurou compreender como um dos principais jornais do Rio articulou ideias e gerou

representações sobre a cidade em suas reportagens. Para analisar o processo de comunicação no jornal, a autora utilizou o referencial teórico da construção social da realidade e, para a investigação das reportagens que abordam a candidatura do Rio para sediar os Jogos Olímpicos, acionou o método da análise de conteúdo. O estudo revelou que a representação da cidade do Rio, neste período analisado, demarca o rompimento de antigas crenças sobre este lugar, geralmente retratado de forma negativa no noticiário. As reportagens veiculadas reforçaram a ideia de uma cidade do futuro, transformada, com novos espaços: uma cidade global.

A tese “Representações do Brasil na imprensa britânica: uma análise cultural do jornal *The Guardian*” foi defendida por Jamile Gamba Dalpiaz em 2013 no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da PUC-RS. Este estudo trata da temática do jornalismo internacional a partir da perspectiva dos estudos culturais, abordando as representações do Brasil no contexto da imprensa britânica. O principal objetivo é investigar os elementos culturais presentes no jornal *The Guardian* que, se analisados em conjunto, contribuem para dar visibilidade a uma identidade brasileira, permeada por práticas simbólicas do contexto onde circulam. Para tanto, busca aportes teóricos no campo dos estudos culturais britânicos e do jornalismo, adotando a perspectiva da análise cultural como percurso metodológico, que propõe uma articulação entre os momentos do processo comunicativo. Nesse sentido, foram investigadas as características e as implicações de cada momento, porém a ênfase reside nas articulações entre eles, que fornecem uma estrutura analítica para a pesquisa: produção e culturas vividas, produção e textos e textos e leituras. Os resultados finais apontam que a identidade brasileira construída pelos britânicos desponta mais próxima à ideia de complexidade sociocultural da nação, tendo como temas principais o território, a desigualdade social e a diversidade cultural do país.

A dissertação “Vozes ativas das favelas 2.0: autorrepresentações midiáticas numa rede de comunicadores periféricos” foi defendida em 2014 por Mayra Coelho Jucá dos Santos no Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais da FGV. O estudo investiga a categoria dos “comunicadores periféricos” que participam da renovação contemporânea das representações de favelas e bairros de periferia urbana no campo midiático. A partir da análise da rede de colaboradores do website “Viva Favela 2.0”, ativo entre 2010 e 2013, destacando as autorrepresentações inseridas nas páginas de “perfil” dos usuários cadastrados, a pesquisa identifica um grupo de moradores de favelas e periferias produtores de conteúdo jornalístico e cultural em diversas linguagens, articulados em múltiplas redes, com ensino superior iniciado ou concluído. Esses sujeitos se mostraram dispostos a tomar parte no diálogo social não apenas como profissionais, mas também como militantes pelo desenvolvimento de suas comunidades.

Encontramos ainda o artigo “Jogos Olímpicos Rio 2016: vencedores e perdedores”, escrito por Wagner Barbosa Matias e Fernando Mascarenhas, publicado na Revista *Motrivivência* em 2015. O trabalho problematiza o processo de preparação dos Jogos Olímpicos de 2016. Para tanto, foi realizada uma revisão da literatura sobre o tema e seus legados, bem como uma análise de documentos das entidades esportivas, da Autoridade Pública Olímpica e do Governo Federal acerca do megaevento. Nesse sentido, identificou-se que a preparação dos Jogos Rio 2016 priorizou as ações de interesse mercantil, com medidas que estabelece um Estado de exceção, que não respeita às leis constitucionais, sejam vinculadas aos direitos humanos, ao meio ambiente ou ao patrimônio público. Os autores concluem que os grupos beneficiados foram aqueles que financiaram a campanha carioca à sede do megaevento e/ou estavam diretamente envolvidos com os membros dos governos nas três esferas, bem como as entidades esportivas proprietárias da *commodity* Jogos Olímpicos.

O artigo “A ‘Chacina do Pan’ e a produção de vidas descartáveis”, escrito por José Rodrigues Alvarenga Filho, foi publicado na Revista de Psicologia em 2016. O artigo visa colocar em análise a tríade segurança pública – mídia – produção de subjetividades na cidade do Rio de Janeiro no primeiro semestre do ano de 2007. Para tanto, toma como objeto a “Chacina do Pan”, ocorrida no Complexo do Alemão, para discutir: a) a produção de vidas descartáveis; b) a cobertura midiática e c) a produção de subjetividades amedrontadas. Utiliza como ferramenta as obras de autores como Foucault, Agamben e Bauman. No momento em que o Rio de Janeiro receberá eventos como a Copa do Mundo de Futebol (2014) e as Olimpíadas (2016), torna-se imprescindível, para o autor, a análise do contexto carioca. Conclui que a “Chacina do Pan” foi o efeito de uma conjugação de forças que, aproveitando-se da realização do megaevento esportivo na cidade, intensificou os processos repressivos e exterminadores sobre os segmentos mais pobres da população. Um extermínio realizado para garantir a “paz” e a segurança da cidade.

Outro artigo pertinente ao desenvolvimento desta pesquisa é “Rio 2016: zika vírus e a defasagem noticiosa entre o on-line e o impresso no agendamento das Olimpíadas do Brasil”, escrito por Beatriz Dornelles e Marcel Neves Martins, publicado na Revista *Logos* em 2016. No contexto da realização de megaeventos esportivos no Brasil, este artigo tem como objetivo refletir sobre as práticas de agendamento das Olimpíadas Rio 2016 em relação à problemática do zika vírus pela Folha de S. Paulo (plataforma on-line) e pela Zero Hora (jornal impresso). O método utilizado é a análise de conteúdo, de Laurence Bardin. A amostra compreende o mês de fevereiro de 2016. Foram localizadas 19 matérias na Folha e três matérias em Zero Hora. A partir disso, os autores investigaram a defasagem noticiosa entre esses veículos de

comunicação. Os resultados indicam que o agendamento de cada veículo está vinculado aos fluxos da informação em cada plataforma midiática. Na Folha, há uma cobertura intensiva e difusa, enquanto em Zero Hora o agendamento é seletivo e concentrado.

O artigo “Rio, cidade-mosaico: olimpíadas e consumo da cidade nas narrativas da mídia inglesa” foi escrito por Ana Teresa Gotardo, Ricardo Ferreira Freitas e Roberto Vilela Elias, publicado nos anais do XXVI Encontro Anual da Compós, realizado de 06 a 09 de junho de 2017, na Faculdade Cásper Líbero. Neste artigo, os autores elegem três produtos midiáticos ingleses para tentar entender que atributos da marca “Rio” foram ressaltados pela imprensa internacional durante os Jogos Olímpicos de 2016, com especial atenção à violência, ao baixo número de espectadores e à plasticidade da cidade. Escolhem, assim, um programa de rádio, um vídeo feito para a televisão e uma matéria de jornalismo impresso. Baseando-se em diferentes pesquisadores, os quais convergem na definição do consumo como um processo plural, instável e complexo, que se dinamiza nas metrópoles e aquiesce distintos processos comunicacionais no cotidiano, interessa aos autores a discussão sobre o consumo das (e nas) cidades, em uma perspectiva empresarial contemporânea que as vislumbra como mercadorias.

Ressaltamos ainda o artigo “Porto Maravilha: a ‘inevitabilidade’ das remoções de favelas como discurso legitimador” de Vania Oliveira Fortuna, também publicado nos anais do XXVI Encontro Anual da Compós. O objetivo deste trabalho é investigar a produção de sentidos do Porto Maravilha na cobertura jornalística do jornal O Globo. Utilizando como metodologia a Análise de Discurso, concentra a análise nas reportagens veiculadas entre 2010 e 2015 sobre as remoções no Morro da Providência. Analisa a construção discursiva de consenso sobre um projeto neoliberal de cidade que prometia transformar o Rio em cidade global. O estudo parte do pressuposto de que a forma de pautar do jornal O Globo, quando o assunto é Porto Maravilha, é decorrência das determinações das estratégias de comunicação da parceria público-privada que viabilizou o projeto. Para a autora, os discursos do Porto Maravilha se entrelaçaram aos dos megaeventos esportivos, notadamente os Jogos Olímpicos de 2016, visto que a legitimação dessa grande intervenção urbana se apoiou, em grande medida, na preparação da cidade para as Olimpíadas.

Destacamos que a pesquisa proposta nesta tese busca contribuir com os estudos mapeados no estado da arte que se referem às relações entre jornalismo, esporte e cultura na área da comunicação, pois busca, a partir de um percurso metodológico próprio, através da articulação da análise cultural e da análise de discurso, analisar a construção das representações sobre as Olimpíadas Rio 2016 a partir das mediações comunicativo-midiáticas da cultura. O objeto empírico escolhido possibilitará a exploração de tais construções no jornalismo

internacional, investigando se a presença de jornalistas comunitários de favelas cariocas enquanto participantes ativos na série provocou uma aproximação entre o discurso jornalístico e a cultura vivida no período. Dessa forma, a tese se volta ao estudo de novas formas de representação jornalísticas de megaeventos esportivos que possibilitem uma construção mais complexa e plural desses acontecimentos ao dar voz a grupos sociais minoritários, uma vez que, apesar de sentirem em sua experiência diária os impactos negativos da realização dessas competições, esses sujeitos raramente têm suas pautas visibilizadas pelo campo jornalístico nestas ocasiões.

REVEZAMENTO DA TOCHA OLÍMPICA

2 CONTRIBUIÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS DOS ESTUDOS CULTURAIS E DA ANÁLISE DE DISCURSO

Neste capítulo, apresentamos as duas principais bases teórico-metodológicas da pesquisa. No primeiro item, discutimos as contribuições da análise cultural para o desenvolvimento do protocolo de análise a partir do conceito de cultura vivida. No segundo item, acionamos os recursos da análise de discurso para evidenciar as lutas ideológicas inerentes à negociação de sentidos no interior do discurso. Por fim, detalhamos o conceito de mediações comunicativo-midiáticas, central para o percurso teórico-metodológico, a fim de discutir a construção de representações no discurso jornalístico por diferentes esferas sociais.

2.1 ANÁLISE CULTURAL: CONTRIBUIÇÕES DA CULTURA VIVIDA PARA UMA ANÁLISE CRÍTICA E CONTEXTUALIZADA

Os estudos culturais emergem, na Inglaterra, com um viés político, tentando compreender a cultura através dos movimentos sociais da época, e sob um ponto de vista teórico, buscando construir uma nova perspectiva de caráter interdisciplinar. Através da abertura e da interdisciplinaridade teórica, o campo busca tematizar e investigar a cultura popular, especialmente sob seu viés político. Nesse sentido, posiciona-se contrariamente a qualquer tentativa de institucionalização ou codificação, visto que suas reações poderiam ser paralisadas diante de estruturas rígidas e pré-definidas (ESCOSTEGUY, 2010). Desse modo, trata-se de um campo de estudos marcado pela intersecção de diversas disciplinas para o estudo dos aspectos culturais da sociedade contemporânea. Por esse motivo, os fundadores desta área de pesquisa rejeitavam uma definição descritiva ou prescritiva do campo, que pudesse limitar o alcance e a diversidade das linhas de estudo.

O foco de atenção dos estudos culturais recai sobre produtos culturais populares e massivos, que antes eram desprezados. Tal ampliação do conceito de cultura considera a validade de todas as formas de expressão, superando a tradicional divisão entre alta e baixa cultura e tornando possível o desenvolvimento convergente desse conceito em uma abordagem crítica e interdisciplinar. Johnson (2010, p. 48) afirma que os estudos culturais dizem respeito ao “esforço para retirar o estudo da cultura do domínio pouco igualitário e democrático das formas de julgamento e avaliação que, plantadas no terreno da alta cultura, lançam um olhar de

condescendência para a ‘não cultura das massas’”. Como aponta Escosteguy (2010), a extensão do significado de cultura coloca em foco toda produção de sentido, de textos e representações a práticas vividas. As manifestações culturais são entendidas como parte da sociedade, ou seja, são construídas de acordo com as vivências e demandas sociais de determinada conjuntura. Como afirma Grossberg (2015), os estudos culturais se recusam a separar a cultura da sociedade, buscando entender a contextualidade da própria cultura dentro da totalidade social. Desse modo, o contexto histórico e as relações de poder tornam-se fatores fundamentais para a compreensão da ação da mídia. Passa a ser imprescindível, assim, entender o que ocorre fora dos meios de comunicação para compreender as representações construídas por meio deles. Seguindo a proposição de descentramento do texto, Johnson (2010) pontua a necessidade da compreensão do que acontece, em termos de rotinas, modos e práticas, nos âmbitos da produção e do consumo midiático. Os textos, assim, não fazem parte de uma estrutura narrativa pré-definida que antecede as experiências sociais, mas é atravessado por elas, sendo o lugar a partir do qual se alimenta e para o qual retorna na forma de repertório (MONTEIRO; AZAMBUJA, 2018). Dessa forma, para investigar as representações dos impactos das Olimpíadas Rio 2016 na série do *The Guardian*, é preciso considerar não só as dinâmicas intrínsecas à atividade jornalística, mas também as experiências vivenciadas nas favelas cariocas neste período, a fim de revelar as disputas de sentido empreendidas no interior do discurso jornalístico.

A partir desse entendimento, é possível afirmar que o eixo principal das pesquisas relacionadas aos estudos culturais está centrado nas relações entre a cultura contemporânea e a sociedade com enfoque nas instituições, formas e processos culturais. Para Grossberg (2013), trata-se de uma prática intelectual radicalmente contextual, antiuniversalizadora, comprometida com a complexidade e oposta a toda e qualquer forma de reducionismo. “É a especificidade conjuntural das intervenções tanto teóricas quanto políticas que faz a singularidade dos estudos culturais” (GROSSBERG, 2013, p. 6). Dessa forma, as análises devem questionar e reconstruir continuamente as formações particulares para que se tornem responsáveis em relação a seu contexto. Para tanto, os estudos culturais devem se concentrar em entender as complexidades das operações de poder, das relações de dominação e subordinação, da distribuição desigual de recursos e capacidades, em uma tentativa de expansão do trabalho crítico.

Grossberg (2015) explica que os estudos culturais se aproximam do mundo relacionalmente, compreendendo as relações como contingentes (construídas) e como reais (eficazes). Nessa aproximação, o contexto não é transformado em um objeto fixo e estável, mas tratado como uma construção sempre aberta, mutável, estratégica e temporária. A exploração da cultura vivida na tese não tem, assim, a pretensão de esgotar a totalidade dos elementos

presentes no período do megaevento esportivo de forma definitiva, uma vez que o contexto não é um bloco fechado e homogêneo, mas está em permanente atualização. No caso das Olimpíadas Rio 2016, é possível identificar esse aspecto contínuo e processual da cultura vivida, uma vez que as repercussões políticas, sociais e econômicas da competição podem ser sentidas até os dias atuais, não se delimitando ao período de realização dos Jogos. Dessa forma, na tese, o foco é investigar os elementos sociais, políticos e econômicos presentes na cultura vivida das favelas cariocas no contexto de produção da série a fim de analisar as possíveis tensões e negociações que atravessaram o discurso jornalístico naquele momento. Portanto, embora a cultura vivida nos permita situar o objeto e compreender com mais profundidade as relações entre espaço e tempo de modo contextual, sempre estaremos fazendo um recorte, uma leitura a partir de documentos e fontes que nos permitam tal aproximação, pois não se trata da nossa experiência de vida e sim a de outros sujeitos.

As ferramentas metodológicas devem ser avaliadas, assim, de acordo com a sua capacidade de ajudar a reorganizar as realidades empíricas da conjuntura social. Não é possível presumir o que será encontrado nas análises, uma vez que estas se transformam e se adaptam de acordo com as demandas do próprio contexto. Desse modo, a análise da conjuntura exprime uma opção política estratégica, definindo um espaço efetivo para intervenções políticas destinadas a alterar as ondas da mudança social. Como defende Grossberg (2015), o desafio não é empreender uma revolução que já saiba seu desfecho, mas mover-se juntamente com as pessoas, não dizendo como devem viver, mas descobrindo como de fato vivem e lutam para tornar visíveis as possibilidades de mudança.

Williams (1979) via no estudo da cultura a porta de entrada para uma crítica comprometida, que visa a entender o funcionamento da sociedade com o objetivo de transformá-la. Como explica Cevasco (2003), o ponto de vista da inter-relação entre fenômenos culturais e socioeconômicos e o ímpeto da luta pela transformação do mundo são o impulso inicial do seu projeto intelectual. A totalidade cultural, portanto, passa ser o objeto de análise, buscando evidenciar as complexas relações das instituições e formas culturais com as relações sociais estabelecidas entre os sujeitos. “O foco central recai sobre a cultura, pensada como força produtiva a partir do que é efetivamente vivido pelos sujeitos” (COIRO-MORAES, 2015, p. 3).

Para os estudos culturais, é fundamental pensar a cultura inserida em um contexto histórico e social, entendida como algo comum e ordinário. Dessa forma, a cultura é sempre alinhada na medida em que é um processo social que se dá entre pessoas em situações específicas, portando significados que variam conforme o contexto. Para Williams (1992), a cultura envolve todas as relações entre os elementos do modo de vida de um povo. O autor

apresentou a ideia de uma cultura ordinária, que perpassa todas as atividades do homem. Assim, “se cultura é tudo o que constitui a maneira de viver de uma sociedade específica, devem-se valorizar as modificações históricas desse mesmo modo de vida” (CEVASCO, 2003).

Ao se referir à cultura como algo ordinário, Williams (1992) afirma que é preciso pensá-la inserida na sociedade e não apartada dela. Assim, a cultura não pode ser concebida como uma entidade que existe por si mesma, já que são os indivíduos integrados em grupos que criam, transmitem e reinterpretam a cultura de sua sociedade. Torna-se evidente o caráter dinâmico das significações culturais, que se transformam constantemente em função do contexto em que são produzidas e das apropriações simbólicas que são feitas. Essa ideia de cultura como um modo inteiro de vida mostra que a mudança social nunca é parcial, uma vez que a alteração em qualquer elemento de um sistema afeta radicalmente o conjunto (WILLIAMS, 1992). Tal constatação demonstra a impossibilidade de se separar a organização econômica de suas implicações morais e intelectuais, enfatizando a interdependência de todos os aspectos da realidade e a dinâmica da mudança social. Nesse sentido, Escosteguy (2001, p.4) destaca que o objetivo do campo é compreender a cultura na sua autonomia relativa, isto é, não como dependente das relações econômicas, nem como seu reflexo, mas como uma esfera que exerce influência e sofre consequências das relações político-econômicas. “Existem várias forças determinantes - econômica, política e cultural - competindo e em conflito entre si, compondo aquela complexa unidade que é a sociedade”. Dessa forma, não é possível compreender a construção das representações dos impactos das Olimpíadas Rio 2016 no discurso jornalístico de forma isolada de seu contexto social, uma vez que essas construções simbólicas constituem e são constituídas pelo seu entorno social, que envolve o superfaturamento na construção dos equipamentos esportivos, as remoções forçadas que afetaram comunidades marginalizadas e as estratégias políticas acionadas para conquistar a opinião pública em torno das medidas adotadas com o uso de dinheiro público.

Williams (2003) distingue três níveis de cultura: a *cultura vivida*, que é presencial e acessível para aqueles que vivem ou viveram em determinado tempo e lugar; a *cultura registrada*, desde a arte até os fatos mais cotidianos, isto é, a cultura documentada de um período; e a *cultura da tradição seletiva*, fator vinculante entre a cultura vivida e os registros da cultura em distintos períodos. Dessa forma, existe uma constante interação entre os elementos culturais vividos na contemporaneidade e as tradições selecionadas de um passado considerado significativo, as quais fazem a conexão entre a cultura vivida e a cultura documentada, constituindo o meio social vivido por sujeitos reais em um determinado contexto. O trabalho dos estudos culturais está centrado na pesquisa dessas culturas vividas, associando-

se a uma política de representação, que faça com que grupos sociais subordinados ganhem voz e que culturas comumente privatizadas, estigmatizadas e silenciadas possam se tornar hegemônicas (ESCOSTEGUY, 2010). Para isso, a esfera política não pode ser pesquisada isoladamente do restante dos níveis sociais, uma vez que é a partir das relações sociais de produção que se desenvolve a ação política e se possibilita a transformação social (COSTA, 2012). Dessa forma, mesmo quando se trata de estudar realidades empiricamente demonstradas, é fundamental o exercício de uma crítica inscrita na análise da totalidade histórica, que privilegie o estudo dos conflitos e das relações de poder.

Neste trabalho, o conceito de cultura vivida, uma das bases do protocolo teórico-metodológico da tese, apoia-se na noção de consciência prática desenvolvida por Williams (1979), que se relaciona com aquilo que está sendo realmente vivido, ou seja, as experiências sociais que estão sendo definidas e sentidas ativamente pelos sujeitos em determinado contexto. O autor explica que a consciência prática é geralmente diferente da consciência oficial, pois não se refere ao que acreditamos estar vivendo, mas àquilo que efetivamente sentimos na prática cotidiana. Trata-se de um tipo de sentimento realmente concreto e material, o qual, muitas vezes, não se encontra plenamente articulado e definido, já que se trata de uma experiência em processo, frequentemente ainda não reconhecida conscientemente pelos sujeitos que a vivenciam. Williams (1979, p. 134) utiliza o conceito de consciência prática para explicar a existência de estruturas de sentimento em contextos sociais, as quais se caracterizam como processos formativos, como experiências sociais que resultam em “modificações de presença”. Embora tais formações nem sempre estejam racionalizadas pelos grupos sociais, elas exercem pressões e fixam limites relacionados à experiência e à ação. A cultura vivida apresenta-se como um complexo de forças, determinações e contradições que dão forma às maneiras como as pessoas entendem suas vidas e encaram os desafios que enfrentam. Sendo assim, se relacionam com a “consciência prática de um tipo presente, em uma continuidade viva e inter-relacionada, com uma série de relações vividas ativamente, ao mesmo tempo engrenadas e em tensão” (WILLIAMS, 1979, p. 134). Como uma realidade historicamente emergente, ela carrega consigo as temporalidades e espacialidades das várias crises que fornecem seus elementos constitutivos, bem como as construções narrativas desses conflitos produzidas por políticos, intelectuais, produtores culturais, entre outros (GROSSBERG, 2015).

Em meio a este complexo de articulações, Cevasco (2003) explica que a determinação na sociedade não é entendida como algo inexorável, que não deixa lugar para a agência humana, mas é entendida como o exercício de pressões e o estabelecimento de limites. Desse modo, a cultura possui dois aspectos: um que se refere ao conjunto de normas, valores e prescrições em

que os sujeitos estão inseridos, e outra que se refere aos novos sentidos que surgem e são testados. É esse processo dinâmico que articula os sujeitos e a sociedade, tornando a cultura tradição e criatividade, exterioridade e interioridade ao mesmo tempo. A cultura diz respeito aos sentidos comuns, ao produto da experiência social e pessoal dos indivíduos. Para Williams (1992), a questão é dar condições para que todos sejam produtores de cultura, não consumidores de uma versão escolhida por uma minoria. Assim, via nos meios de comunicação de massa a potencialidade de maximizar e desespecializar o acesso cultural como uma meta de luta, democratizando as formas e os meios de criação cultural. Ele não lamentou a expansão dos meios de comunicação, mas pensou modos de usar os avanços tecnológicos para inverter o fluxo normal da produção cultural (CEVASCO, 2003), tornando-o mais plural e diversificado. Desse modo, é visível o fato de que a cultura está sempre inscrita e funciona no interior de jogos de poder, uma vez que as decisões sociais sobre a cultura afetam todo o modo de vida e funcionam como uma articulação entre os valores que serão privilegiados e os grupos que terão acesso a esses valores em função de seus interesses. Nesse sentido, a série do *The Guardian* parece conceder um espaço a grupos sociais marginalizados no fluxo midiático internacional a fim de relatarem os impactos sofridos com a realização das Olimpíadas na cidade em que vivem, tendo o potencial de promover transformações sociais a partir dessa aproximação.

Tendo em vista a centralidade da cultura no estabelecimento de hierarquias e rupturas sociais, Williams (2003) empreende um trabalho de crítica cultural, pois acredita que os valores e os significados da sociedade capitalista devem ser derrotados através de um trabalho intelectual e educacional contínuo, processo cultural denominado de a longa revolução. Para o autor, explicitar significados é revelar em que lado da luta nos colocamos, posicionando-nos em uma história de reações a conflitos e modificações históricas. Dessa forma, o autor rejeita a ideia de uma base monolítica, que determinaria todas as coisas, já que tal ideia torna inútil a ação humana consciente, que nesta descrição fica sempre determinada pela estrutura. Para o autor, a sociedade é composta de um grande número de práticas sociais que formam um todo concreto, as quais interagem, combinando-se de forma complexa. Assim, a linguagem e a significação são elementos indissolúveis do próprio processo social material, envolvidos tanto na produção quanto na reprodução.

Ao questionar o estabelecimento de hierarquias entre formas e processos culturais, estabelecidas a partir de oposições como cultura alta/baixa, superior/inferior, entre outros dualismos (HALL, 2003), os estudos culturais contribuem ainda para a expansão das frentes de estudo, que, nos estudos marxistas, estavam centradas em torno das classes econômicas. O conceito de classe deixa de ser um conceito crítico central e passa a ser uma variável entre

muitas, frequentemente entendida agora como modo de opressão e de pobreza (ESCOSTEGUY, 2010). O centro de atenção principal se desloca para questões de subjetividade e identidade a fim de revelar os discursos marginais, não oficiais, daqueles sujeitos que invariavelmente não têm voz. Dessa forma, por ser um grupo de intelectuais que se preocupavam com as classes populares e se contrapunham ao capitalismo e à dominação cultural, este movimento aproximou-se do marxismo. Essa aproximação, contudo, foi uma resposta a desdobramentos reais das relações sociais vivenciadas na época, o que levou a um processo de amadurecimento crítico das reflexões economicistas empreendidas pelo marxismo.

Para contrapor o materialismo econômico de Marx, Williams (1992) cunha o termo materialismo cultural a fim de pensar a cultura como força produtiva, colocando-a no mundo vivido, como uma consciência tão prática quanto a linguagem em que é veiculada e interpretada. Para o autor, as práticas culturais devem ser entendidas como elementos de um processo social material, com intenções e condições específicas. Assim, é preciso desvendar as condições dessa prática, suas possibilidades históricas e sociais, e não meramente elucidar os componentes de suas obras. Através de uma revolução do marxismo clássico, os estudos culturais passam a defender que a cultura não é um campo autônomo nem externamente determinado, mas um local de diferenças e lutas sociais. Isso significa que não pode ser explicada e determinada apenas pela dimensão econômica, já que a sociedade é um todo complexo e dinâmico, composto por diversas variáveis interligadas. O objetivo do materialismo cultural é definir a unidade qualitativa do processo sócio-histórico contemporâneo e especificar como o político e o econômico podem ser vistos neste processo (CEVASCO, 2001). Desse modo, Williams (2003) propõe que pensemos a cultura como um sistema realizado de significação, que articula os sistemas da organização da vida social – o político, o econômico, o comunicacional, o social, etc. Para tanto, é preciso colocar a linguagem como central, pois um sistema de significação é intrínseco a um sistema econômico, político, de gerações e, de forma mais geral, social. Tudo existe, assim, não apenas como instituições, obras e sistemas, mas necessariamente como práticas e pensamentos.

A partir desse princípio, Williams (1992) defendeu que a dominação em uma sociedade não se dá apenas a partir da propriedade e do poder. A cultura vivida também exerce influência na nossa forma de pensar e sentir através de suas pressões e limites que promovem a (re)produção de uma ordem social profundamente arraigada. Dessa forma, a cultura também deve ser vista como um processo social real e material com consequências concretas para os sujeitos, os quais passam a ser entendidos enquanto agentes sociais ativos, responsáveis pelas lutas sociais. Dessa percepção, decorre a necessidade de estudá-la não só como produto, mas

também como produção material que articula de forma concreta a dinâmica da totalidade social. Por esse motivo, o autor criticou a proposição de Marx de que a sociedade seria composta por duas esferas fixas e separadas: a infraestrutura, que representaria a base social real, e a superestrutura, composta pelos processos intelectuais, políticos e sociais. Para o materialismo econômico, a economia determinaria a consciência dos homens, os quais estariam alienados do processo produtivo. Por outro lado, na visão dos estudos culturais, a cultura não é simplesmente determinada por uma base econômica, mas está em constante relação e tensionamento com as demais forças da sociedade.

Com bases no conceito de materialismo cultural (WILLIAMS, 1979), desenvolvido a partir da perspectiva dos estudos culturais, advém a análise cultural enquanto um procedimento que atenta para as conjunções estruturais e demandas localizadas, comprometendo-se com uma prática contextual, complexa e oposta a qualquer tipo de reducionismo (COIRO-MORAES, 2015). Trata-se de “aprender a aceitar a complexidade desde o início, a pensar com e por meio da complexidade” (GROSSBERG, 2015, p. 16). Tal análise tem como objetivo descobrir a natureza da organização que constitui o complexo das relações sociais, revelando identidades e correspondências, bem como descontinuidades. Segundo Cevasco (2003), a ênfase recai na produção de significados e valores por formações sociais específicas, descrevendo o funcionamento da cultura na sociedade e buscando sempre as formas do emergente, ou seja, das novas formações que estão por vir. Ao ser apropriada para o estudo da mídia, permite compreender os meios de comunicação de forma crítica, imersos no todo social, em relação permanente com questões sociais, econômicas e políticas. Isso significa que a análise cultural busca extrapolar os limites do texto, reconstituindo a dinâmica cultural para sua compreensão.

Williams (1992) defende a análise da constituição mútua entre projetos intelectuais/artísticos e formações sócio-históricas por meio de uma prática que dê conta de três níveis: a experiência concreta do vivido, as formalizações dessas práticas em produtos simbólicos/textos e as estruturas sociais mais amplas que determinam esses produtos. Nessa mesma perspectiva, Johnson (2010) pontua que fatores internos e externos, objetivos e subjetivos – implicados em processos e práticas culturais – mantêm relação de complementaridade e reciprocidade, isto é, estão imbricados em um campo de tensões e disputas no que diz respeito ao sentido. A análise da cultura deve considerar, assim, as relações sociais em sua dinamicidade, uma vez que sua organização mutável permite que sejam observados os diferentes sentidos produzidos entre as atividades sociais e suas inter-relações.

A partir desse entendimento, a visão sobre os meios de comunicação de massa sofre um deslocamento profundo, já que não são vistos como meros reprodutores da estabilidade social,

uma vez que também se adaptam às pressões da sociedade, integrando-as ao próprio sistema cultural, constituindo-se como modos de produção. O massivo deixa de ser o lugar da manipulação para transformar-se em um espaço de conflito e negociação de formações sociais de poder, atravessadas por tensões relativas à classe, gênero, raça e sexualidade. Assim, o campo rompe com as concepções passivas e indiferenciadas de público, partindo para a análise dos modos como as mensagens são decodificadas pelos diferentes receptores, conforme o contexto social e político (HALL, 2003). Tal perspectiva passa a defender que, no âmbito popular, não existe somente submissão, mas também há espaço para resistência e intervenção social. Dessa forma, compreende os meios de comunicação de massa como produtores culturais, agindo de forma dinâmica e ativa na construção e consolidação de ideologias e relações de poder. A partir de suas estruturas, sustentam, atualizam e reproduzem a estabilidade social e cultural.

Ao ser direcionada para a esfera midiática, a análise cultural permite pensar as relações humanas no contexto de inter-relação com as mídias, as quais ocupam um importante lugar na concepção e ação cultural dos sujeitos. Monteiro e Azambuja (2018) sinalizam que o esforço está em identificar modos de acessar conjuntamente as dimensões político-econômicas, as relações conjunturais e a articulação entre produção e consumo que constituem os produtos midiáticos, sendo a parte final composta pela interpretação de todos esses aspectos de forma integrada. Da mesma forma, para Kellner (2001), os modelos teóricos e metodológicos dos estudos culturais são caracterizados pela investigação das relações mútuas entre economia, política, sociedade, cultura e vida diária. Esses componentes são indissociáveis da teoria social contemporânea, que problematiza as diversas dimensões do meio social frente aos ambientes e processos midiáticos que, ao mesmo tempo, agem como mediadores da cultura, mas também são mediados por ela, articulando assim “ideologias, valores e representações [...] e o modo com que esses fenômenos se inter-relacionam” (KELLNER, 2001, p. 39). Nesse sentido, o autor defende a necessidade de uma crítica diagnóstica da cultura da mídia, uma vez que entendia os produtos midiáticos como vinculados a retóricas, lutas, programas e ações políticas. Assim, a análise das representações dos impactos das Olimpíadas Rio 2016 na série do *The Guardian* será realizada de forma integrada aos aspectos políticos, econômicos e sociais presentes na cultura vivida a fim de evidenciar os tensionamentos presentes no discurso jornalístico, atravessado por disputas ideológicas e relações de poder.

Corroborando tal ideia, Monteiro e Azambuja (2018) sinalizam a importância de se levar em conta nas análises tanto as dimensões internas quanto externas dos produtos: as produções em si e seus modelos de negócio; os gêneros e formatos diversos; os movimentos culturais que

têm influenciado a constituição da linguagem; as lógicas midiáticas que fazem mediação entre a indústria e os consumidores; os aspectos relacionados a disputas de poder e as possibilidades cada vez mais particularizadas de consumo e de atribuição de sentido. É necessário investir, assim, em um procedimento que permita observar os processos não apenas em sua abordagem intelectual, mas como vinculados aos aspectos de vivências particulares, no âmbito das experiências, das emoções, das desigualdades simbólicas e concretas.

Colocando em relação as esferas da produção, circulação e recepção, a análise cultural parte do entendimento de que os produtos não existem isoladamente e não devem ser pensados apenas a partir de suas características internas, mas que são, de fato, inteiramente interligados aos contextos que os abrigam. Coiro-Moraes (2016) aponta que essa articulação, no âmbito das pesquisas em comunicação, relaciona a esfera produtiva com suas representações midiáticas e também com as maneiras pelas quais os sujeitos se apropriam das mensagens e delas fazem uso em suas vidas privadas. Nesse sentido, tal metodologia insere os meios de comunicação em um contexto mais amplo, para além de si mesmos, incorporados na complexidade da cultura vivida do período em que foram produzidos, mostrando que são influenciados por tensões políticas, históricas, econômicas e sociais. Trata-se de uma estratégia teórico-metodológica que faz o contexto ganhar protagonismo, revelando bastidores que nem sempre estão explícitos e, por isso mesmo, evidenciam interesses e tensões sociais ocultos, responsáveis, muitas vezes, por explicar modelos e padrões sociais vigentes que perpetuam desigualdades e preconceitos (STEFFEN; HENRIQUES; LISBOA FILHO, 2018).

Para que a análise atinja uma profundidade crítica e de caráter político maior, torna-se imprescindível uma visão detalhada e abrangente dos aspectos que compõem o meio social, exigindo que se analise a mídia como elemento integrante da cultura de um período, fruto das suas condições de produção e tensionamentos sociais. Dessa forma, empreender uma análise cultural passa por um tipo de reflexão que inclui as inter-relações de todas as práticas, buscando suas regularidades, isto é, os padrões que nelas se repetem e também a evidência de rupturas nestes padrões. Para Escosteguy (2007), a análise da cultura atua na investigação dos modos pelos quais os processos sociais se transformam em formas culturais pela atividade prática. Através do processo analítico, é possível rastrear os padrões que marcam as práticas sociais em um dado contexto e as maneiras como são experimentados e reinventados pelos sujeitos.

Para definir a análise cultural, Williams (2003) parte de três categorias gerais que caracterizam a cultura. A primeira delas é a definição “ideal”, em que a cultura consiste em um estado de perfeição humana, com base em valores universais. Nessa categoria, a análise da cultura fundamenta-se na análise do descobrimento e da descrição de ordem atemporal. A

segunda definição concebe a categoria “documental”, considerando a cultura como o conjunto de obras intelectuais e de registros da experiência e do pensamento humano. Por essa definição, analisar a cultura é fazer uso da atividade crítica, que, além da obra em si, considera também as relações históricas, das tradições e das sociedades em que foram desenvolvidas. A coleta documental é, assim, parte integrante da análise da cultura, para que se compreenda as condições de produção de determinada prática cultural. Desse modo, iremos analisar diferentes categorias de documentos que registram aspectos contextuais das relações estabelecidas entre as favelas cariocas e as Olimpíadas Rio 2016, os quais incluem relatórios oficiais e de órgãos não-governamentais, pesquisas acadêmicas e notícias veiculadas nos meios de comunicação. Nessa perspectiva, Monteiro e Azambuja (2018) defendem que parte do trabalho do analista é fazer um levantamento detalhado do que, por exemplo, foi dito a respeito do produto, assim como a respeito dos contextos específicos de sua produção. Por fim, como terceira categorização, temos a cultura definida como “social”, que representa “a descrição de um modo determinado de vida, que expressa certos significados e valores não somente na arte e aprendizado, como também em instituições e no comportamento ordinário” (WILLIAMS, 2003, p.51). A partir dessa perspectiva, a análise da cultura, sob a visão social, apoia-se nos significados e valores dos modos de vida específicos de um contexto.

A análise cultural parte, assim, de uma necessidade imposta à teoria pela prática, ou seja, de se estudar a cultura como uma produção material de sentidos, percebendo que o debate sobre a cultura articula de forma concreta o movimento da totalidade social, tornando-se um espaço relevante de luta. Johnson (2010) destaca a importância de se partir de casos concretos, a fim de se discutir a teoria de forma contínua e contextualizada ao fazer conexões entre argumentos teóricos e experiências contemporâneas. Assim, o projeto da análise cultural é “abstrair, descrever e reconstituir, em estudos concretos, as formas através das quais os seres humanos vivem, tornam-se conscientes e se sustentam subjetivamente” (JOHNSON, 2010, p. 29). É preciso analisar a cultura do vivido do ponto de vista de suas pressões e tendências, especialmente seus lados contraditórios e suas modificações nas relações sociais a fim de trazer à tona a representação de uma realidade que precisa ser reconhecida. A representação de determinado contexto pode mobilizar discussões que incentivem a construção de políticas públicas, quebrando a barreira entre estudos de linguagem e relatos concretos ao levar em conta determinações históricas e estratégias de poder e de dominação. Na pesquisa, buscamos partir de um caso concreto, a série veiculada pelo *The Guardian* com a participação de jornalistas comunitários de favelas cariocas, para demonstrar como os sentidos construídos por meio da

linguagem são negociados no discurso entre as dinâmicas do jornalismo internacional e as experiências vivenciadas nessas comunidades.

A definição de quais procedimentos de análise serão utilizados depende da questão suscitada pela proposta analítica, uma vez que cada contexto de investigação vai demandar abordagens metodológicas específicas. Monteiro e Azambuja (2018) defendem que a combinação de procedimentos é fundamental, uma vez que a articulação entre produção, texto e relações sociais subjacentes ao processo depende que cada momento seja pormenorizado a seu tempo e em função de suas particularidades, sem deixar de considerá-lo em sua inter-relação com os demais. Nesta pesquisa, a análise cultural será acionada para descrever a cultura vivida no contexto da veiculação da série no jornal *The Guardian*: de um lado, detalharemos as relações políticas, sociais e econômicas entre as Olimpíadas 2016 e as favelas cariocas, presentes na série a partir da perspectiva dos jornalistas comunitários; de outro lado, discutiremos as mediações jornalísticas que contribuíram para a construção de representações sobre a competição esportiva.

Como forma de acessar as construções narrativas relacionadas aos aspectos contextuais do período de realização do megaevento esportivo, iremos em busca de seus registros em documentos oficiais, em relatórios publicados por órgãos não-governamentais e comitês populares, em pesquisas acadêmicas que investiguem as temáticas em questão e em matérias veiculadas na mídia na época da competição. Dessa forma, será possível detalhar as forças sociais mediadoras em disputa no momento de veiculação da série, as quais negociaram sentidos que culminaram na construção de representações dos impactos das Olimpíadas Rio 2016 no discurso jornalístico. São os tensionamentos entre as experiências vivenciadas pelas favelas cariocas no período e as mediações do *The Guardian* na série que movem a problemática principal da tese, sendo o destino final almejado por nosso percurso teórico-metodológico, pois, como afirma Grossberg (2012, p. 73), “o contexto é o começo e o final de nossas investigações”. Por fim, para atingir esse objetivo, a análise cultural será articulada com a análise de discurso a fim de possibilitar a investigação dos sentidos negociados no discurso jornalístico entre as diferentes esferas sociais, uma negociação permeada por disputas ideológicas e relações de poder. Na próxima seção deste capítulo, descreveremos os principais conceitos e recursos que serão acionados da perspectiva discursiva para a construção do protocolo analítico.

2.2 ANÁLISE DE DISCURSO: LUTAS IDEOLÓGICAS NA FORMAÇÃO DOS SENTIDOS

A análise de discurso (AD) procura compreender como a linguagem cria sentidos, enquanto trabalho simbólico constitutivo dos sujeitos e de sua história; entende a linguagem como uma mediação necessária entre os indivíduos e sua realidade social. Para Hall (1997), a linguagem não só relata os fatos do mundo, mas os constrói a partir de sistemas de classificação que lhes atribuem sentido e os diferenciam dos demais. Assim, não podemos falar em um sentido absoluto, como se as coisas possuíssem uma essência fixa previamente dada, uma vez que é a prática discursiva que forma sistematicamente os objetos de que fala. Como afirma Foucault (2012), o mundo não nos apresenta uma face legível que teríamos de decifrar apenas, ou seja, não é possível transformar a linguagem em um jogo de significações prévias. Trata-se de “uma violência que fazemos às coisas, como uma prática que lhes impomos em todo o caso” (FOUCAULT, 2012, p. 53), pois são as denominações que transformam os fatos em objetos do conhecimento, tornando-os visíveis e inteligíveis por estarem atravessados pela linguagem. Dessa forma, os impactos das Olimpíadas Rio 2016 são dotados de sentido na série do *The Guardian* por meio da linguagem em um processo de ordenação e categorização.

O ato de narrar, em forma de discurso, agencia o que parecia solto e fragmentado, tendo como função “fazer surgir o inteligível do acidental, o universal do singular, o necessário ou o verossímil do episódico” (RICOUER, 2010, p. 74). A ação só pode ser narrada, porque é simbolicamente mediada, isto é, por estar articulada em torno de signos, regras e normas, que definem as práticas do mundo vivido conforme as margens balizadoras da história e da cultura. Assim, a inteligibilidade do mundo só é possível porque há um repertório comungado culturalmente que permite transformar o objeto apresentado em objeto representado por meio do discurso, o que demonstra que a construção e a sustentação dos discursos estão ancoradas nas representações compartilhadas entre os interlocutores. Como afirma Hall (2016), a tradutibilidade dos códigos é criada socialmente como resultado de um conjunto de convenções sociais estabelecido em determinado contexto cultural. Os atores sociais fazem uso dos sistemas representacionais de sua cultura para construir sentido, para fazer com que o mundo seja compreensível e para comunicar algo sobre ele aos outros. Esses sujeitos utilizam o sistema simbólico do qual fazem parte em função da maneira na qual se colocam no mundo, isto é, sua ação simbólica está relacionada à posição que ocupam no contexto comunicativo (FERREIRA; SAMPAIO, 2018).

Desse modo, o significado reside não no objeto em si, mas é produto da forma como esse objeto é construído socialmente através da linguagem e da representação (DU GAY, 1997).

A língua é a condição material de base sobre a qual se desenvolvem os processos discursivos; ela é condição de possibilidade do discurso (ORLANDI, 2002), já que é por meio de jogos de linguagem e de sistemas de classificação culturais que a significação é construída. Nesse sentido, toda prática social depende e tem relação com o significado, sendo a cultura a dimensão constitutiva dessa prática e a linguagem a condição de sua construção enquanto discurso. Como conclui Hall (1997, p. 10), “o que consideramos fatos naturais são, portanto, também fenômenos discursivos”. Foucault (1999) acrescenta que a linguagem instaura uma ordem no espaço, nomeando e articulando as representações que ela transforma em discurso. Nesse processo, confere à perpétua ruptura do tempo a continuidade do espaço e, na medida em que analisa, recorta e articula a representação, ela tem o poder de ligar através do tempo o conhecimento das coisas. Os significados associados a um megaevento esportivo, por exemplo, residem na forma como são construídos pela linguagem de acordo com as normas e valores culturais presentes em determinado contexto. Dessa forma, é fundamental investigar a forma como as representações dos impactos das Olimpíadas Rio 2016 são construídas no discurso da série do *The Guardian* a partir da mobilização de determinados sentidos, pois elas se constituem enquanto um modo de conhecimento sobre esse acontecimento social.

Orlandi (2002) explica que a análise de discurso busca compreender a língua fazendo sentido, visto que seu interesse está no discurso, isto é, na palavra em movimento, na linguagem enquanto prática. Nesse sentido, a autora destaca que tal método está preocupado com a língua no mundo, considerando a produção de sentidos enquanto parte da vida material dos indivíduos, seja enquanto sujeitos ou membros de uma sociedade. Ricoeur (2018), ao desenvolver o círculo hermenêutico, ressaltou a importância de se suplantar as fronteiras da semiologia¹⁰, pondo como fundamental a análise dos elementos intralinguísticos e extralinguísticos constituintes do discurso, isto é, as suas condições de produção e de reconhecimento. Ao desenvolver uma hermenêutica aplicada, o autor deixou pistas para os estudos discursivos, pois, ao ultrapassar o círculo semiológico, passou a contemplar os aspectos extralinguísticos nas análises. Ferreira e Sampaio (2018) explicam que o autor já falava em processos de negociação entre as instâncias de produção e recepção: de um lado, alegava a existência de um processo de transmutação do mundo vivido em mundo narrado; de outro, postulava o processo de transações entre as

¹⁰ Desenvolvida inicialmente por Ferdinand de Saussure, a semiologia é a ciência que estuda os signos em suas diversas manifestações, sendo a linguística uma de suas ramificações. Nesta perspectiva, os signos são estudados a partir de suas relações internas na cadeia significante (LOPES, 2009). Dessa forma, o foco da tese não são os estudos semiológicos, pois busca analisar a construção dos sentidos no texto para além da linguagem, levando em conta também elementos exteriores, como a cultura, a história e a ideologia.

instâncias de produção e reconhecimento para a elaboração do discurso. Nessa perspectiva, a investigação do mundo configurado do discurso pressupõe o estudo da situação de comunicação e dos contratos comunicativos gerados nela e por ela. Essa abertura para além do texto deixa ver o caráter relacional do discurso, o qual ocorre na fricção, conexão e interseção entre as diferentes esferas envolvidas.

Para seu estudo, é preciso, assim, levar em conta os sujeitos inseridos na história, considerando os processos e as condições de produção da linguagem, em uma análise que leva em conta a língua e as situações que produzem o dizer. Em outras palavras, o discurso é compreendido como um objeto sócio-histórico, que tem a linguagem como seu pressuposto. Por esse motivo, Ricouer (2018) sustenta que só é possível entender o discurso se descobirmos as regras que condicionam sua prática, isto é, se mapearmos suas condições de produção. Como esclarece Orlandi (2002, p. 25), “a linguagem só faz sentido porque se inscreve na história”. Desse modo, é preciso passar às condições externas de sua possibilidade, àquilo que dá lugar à série aleatória desses acontecimentos e fixa suas fronteiras (FOUCAULT, 2012). Por meio de uma proposta em que o político e o simbólico são confrontados, a análise de discurso vai em busca da historicidade e coloca em questionamento a transparência da linguagem, pensando o sentido dimensionado no tempo e no espaço dos processos sociais a partir de uma leitura crítica e contextual. Foucault (2008) adverte que, ao longo da análise, os conjuntos que a história propõe devem apenas ser aceitos para logo serem questionados, para desfazê-los e recompô-los, dissipando sua aparente familiaridade.

Sobre a formação dos sentidos, Hall (1997, p. 10) complementa que a linguagem recorre aos sistemas de classificação e formações discursivas presentes em determinada cultura para dar significado aos fatos do mundo. O discurso se relaciona, assim, com “uma série de afirmações, em qualquer domínio, que fornece uma linguagem para se poder falar sobre um assunto e uma forma de produzir um tipo particular de conhecimento”. O jornalismo, enquanto um gênero do discurso, é também um modo de conhecimento: ele não só reproduz os conhecimentos gerados por outros atores, mas também produz um conhecimento particular sobre os fatos do mundo (BENETTI, 2007). Para esta autora, o jornalismo funciona como um eixo norteador dos parâmetros sociais de normalidade e anormalidade, indicando o que seria socialmente desejável ou adequado. O discurso atua, nesse sentido, na construção de saberes sobre determinados fatos do real por meio da linguagem e da representação, modelando práticas sociais e pondo novas em funcionamento. Logo, o significado é resultante de seu caráter discursivo, o qual, por sua vez, põe em circulação efeitos de sentido e representações simbólicas que serão sentidas de forma concreta na experiência material dos grupos ali representados ou

silenciados. Como afirma Ricoeur (2018), as formas simbólicas fornecem as regras em função das quais determinada conduta será interpretada e constitui a moldura que configurará as experiências sociais. Dessa forma, as representações dos impactos das Olimpíadas Rio 2016 construídas no interior do discurso jornalístico não têm apenas efeitos simbólicos nos moradores de favelas cariocas, mas também afetam de forma concreta o dia a dia dessas comunidades, podendo favorecer a conscientização social sobre tal realidade ou contribuir para o reforço de estigmas sociais em torno desses sujeitos.

Em meio a disputas ideológicas pela definição de sentidos sobre o real, o discurso jornalístico narra a sociedade para a própria sociedade, por meio de um texto construído a partir de elementos exteriores ou anteriores, como a história, o senso comum e a cultura. Nesse processo, o jornalismo faz uso de mapas culturais de significado que existem na sociedade e ajuda a reforçá-los ou silenciá-los, contribuindo para o estabelecimento de consensos a respeito de valores e práticas (BENETTI, 2007). Essa construção é permeada por constrangimentos e pressões, cujo estudo não é acessório, mas sim imprescindível para a compreensão da formação dos sentidos. A análise de discurso busca identificar onde esses elementos estão inseridos na linguagem e também procura mapear as vozes presentes no discurso jornalístico, que se diz polifônico, mas nem sempre possui enunciadores plurais que apresentam conhecimentos a partir de diversos pontos de vista. Como afirma Benetti (2008, p.120), “[...] apenas a pluralidade de perspectivas de enunciação pode configurar o jornalismo como um campo plural e representativo da diversidade social”.

No processo de construção discursiva, a ideologia atua na fixação das sucessões necessárias, no estabelecimento de limites e na manifestação de leis de composição e decomposição do discurso, formulando o saber das leis que organiza o espaço das representações (FOUCAULT, 1999). Para Orlandi (2002, p. 46), o trabalho da ideologia é construir transparências, naturalizando o que é produzido. “É como se a linguagem e a história não tivessem sua espessura, sua opacidade – para serem interpretadas por determinações históricas que se apresentam como imutáveis, naturalizadas”. Benetti (2007, p. 108) afirma que esse “efeito de literalidade” cresce proporcionalmente ao apagamento de uma ideologia, isto é, “quanto mais naturalizada a ideologia, mais as formações discursivas que dela derivam carregam sentidos que parecem literais”. Nessa mesma perspectiva, Pêcheux (1997) argumenta que a ideologia dissimula sua existência no interior de seu próprio funcionamento, produzindo um tecido de evidências subjetivas, que apagam seu caráter material e fazem ver como único aquilo que opera como dominante. O sentido aparece, dessa forma, com um interior sem exterioridade, dissipando-se da determinação do real, uma vez que a ideologia produz efeitos

que trabalham com a ilusão de transparência da linguagem. No entanto, nem a linguagem, nem os sentidos e nem os sujeitos são transparentes, pois têm sua materialidade e se constituem em processos permeados pela língua, pela história e pela ideologia. Assim, é fundamental desnaturalizar as representações construídas na série do *The Guardian*, evidenciando-as como resultado de construções sociais específicas permeadas por relações de poder e disputas ideológicas.

Além da ideologia, outra relação inerente ao funcionamento das condições de produção do discurso é a relação de forças. Orlandi (2002) explica que a sociedade é articulada em torno de forças hierarquizadas, que são sustentadas conforme o poder dos diferentes lugares do dizer, que se fazem valer no momento da comunicação. Portanto, o discurso adquire validades diferentes conforme as posições ocupadas pelos sujeitos que o proferem. O sentido, assim, não existe de forma individual, mas é determinado por posições ideológicas, o que faz com que as palavras mudem de sentido de acordo com a posição do sujeito que as emprega. Por essa razão, Bakhtin (2005) enfatiza que os textos devem ser vistos no seu estatuto pleno de objeto linguístico-discursivo, social e histórico, atravessado pelas tensões do mundo exterior. Assim, é fundamental analisar a relação de forças no discurso da série, discutindo em que medida o lugar concedido pelo *The Guardian* aos jornalistas comunitários de favelas cariocas favoreceu uma construção ativa e autônoma das representações dos impactos da competição nessas comunidades.

Dado seu caráter ideológico, a linguagem é compreendida como um instrumento simbólico repleto de possíveis equívocos, uma vez que não há neutralidade nem mesmo no uso aparentemente banal dos signos. Para Bakhtin (2005, p. 33), a linguagem não é ideologicamente neutra e sim complexa, pois “a partir do uso e dos traços dos discursos que nela se imprimem, instalam-se na língua choques e contradições”. Em outras palavras, confrontam-se, no discurso, índices de valor contraditório frutos de perspectivas ideológicas distintas. O discurso jornalístico, por exemplo, busca empregar uma linguagem supostamente objetiva, o que, na perspectiva da análise de discurso, mostra-se uma utopia, pois não há garantia de que haja convergência de interpretação entre os interlocutores. O jornalista pode apenas direcionar o sentido do seu texto, mas não pode controlar a sua compreensão.

Nesse sentido, Du Gay (1997) afirma que atribuir à linguagem os valores de objetividade e verdade absoluta se torna inviável ao compreendermos que os textos são resultado de uma prática discursiva classificatória, sendo histórica e contextualmente contingentes e, portanto, sujeitos a contínuas transformações de sentido. Complementarmente, Bakhtin (2005) evidencia que o texto é produto de uma criação ideológica, inserido no seu contexto histórico, social e

cultural, isto é, o texto não existe fora da sociedade, só existe nela e para ela e não pode ser reduzido a sua materialidade linguística. Trata-se, portanto, de um objeto único e não reiterável, uma vez que é fruto de um contexto singular e específico. É preciso, assim, não perder de vista o social, isto é, o fato de que a prática discursiva é atravessada historicamente por fatores institucionais, políticos, econômicos, espaciais e temporais. Logo, a análise do objeto empírico dessa pesquisa não se limita ao nível da linguagem, mas investiga as articulações políticas, sociais e econômicas com seu contexto de produção.

Se, como apontado, a linguagem é a materialidade do discurso, este, por sua vez, é a base material da ideologia (PÊCHEUX, 1997). Tal autor destaca que há uma relação de interdependência: não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia. O discurso, portanto, torna-se um lugar privilegiado para compreender a relação entre língua e ideologia, demonstrando como a língua produz sentidos por/para diferentes grupos sociais a partir das normas e valores presentes em determinada cultura. Para trabalhar a linguagem em sua forma material, a análise de discurso busca bases nos pressupostos do materialismo histórico desenvolvido pelo marxismo, de forma a se contrapor às análises em que a língua era entendida de forma abstrata (ORLANDI, 2002). O interesse se volta para a materialidade simbólica dos sentidos, ou seja, para seu aspecto linguístico-histórico. Assim, nos estudos discursivos, a língua não é vista como estrutura, mas como um acontecimento fruto de condições de produção específicas, isto porque “o texto é a parte visível ou material de um processo altamente complexo que inicia em outro lugar: na sociedade, na cultura, na ideologia, no imaginário” (BENETTI, 2007, p. 111).

Seguindo ângulo semelhante, Ricouer (2018) defende que o discurso não pode ser entendido como uma liberdade em ato, totalmente livre de seus condicionantes históricos, nem a língua pode ser entendida como totalmente fechada em si, sem equívocos. Por estar atrelado a continuidades e transformações de um momento específico, o discurso permite tanto a permanência quanto o deslocamento do homem e da realidade em que vive. Se o real da língua não fosse sujeito à falha e o real da história não fosse passível de ruptura, não haveria transformação, não haveria movimento possível dos sentidos. Não haveria, assim, motivos para investigar as representações dos impactos das Olimpíadas Rio 2016 se seus sentidos fossem sempre os mesmos. É justamente pela possibilidade de rupturas e descontinuidades conforme o contexto de produção do discurso jornalístico que analisamos os sentidos mobilizados, a fim de verificar se catalisam mudanças ou reverberam continuidades. Assim, Orlandi (2002) afirma que a incompletude é condição da linguagem: o discurso não está pronto e acabado; ele sempre pode ser outro, dadas as suas condições de produção e sua inscrição na história. Da mesma

forma, Ricoeur (2018) destaca que o caminho possível para trabalhar com os discursos é reconhecê-los como objetos históricos e, portanto, conviver com a constatação de que sua abordagem será sempre incompleta.

Dado o caráter transitório do discurso, Foucault (2008) afirma que é preciso questionar as sínteses acabadas, os agrupamentos que são aceitos antes de qualquer exame e os laços cuja validade é reconhecida desde o início. O autor defende que sejam desalojadas as formas e forças obscuras que habitualmente interligam os discursos na sociedade e, por questão de cuidado com o método, é preciso vê-las, em primeira instância, não em sua espontaneidade, mas apenas como uma série de acontecimentos dispersos de uma época. Assim, essas formas prévias de continuidade devem ser problematizadas, mostrando que elas não se justificam por si mesmas, mas que são efeito de uma construção que faz com que alguns dizeres sejam legitimados e outros reprimidos. É preciso atingir um nível de profundidade analítica em que o discurso se apresente, em todos os seus fragmentos, como a expressão das determinações históricas a que está interligado. “Tal unidade, longe de ser apresentada imediatamente, é constituída por uma operação; essa operação é interpretativa, já que decifra [...] a transcrição de alguma coisa que ele esconde e manifesta ao mesmo tempo” (FOUCAULT, 2008, p. 27).

Nesse processo de configuração de sentidos sobre a realidade, o discurso não gera apenas presenças, mas também ausências, isto é, a linguagem também serve para não comunicar. “Os sentidos têm a ver com o que é dito ali e em outros lugares, assim como com o que não é dito, e com o que poderia ser dito e não foi. [...] As margens do dizer também fazem parte do texto” (ORLANDI, 2002, p. 30). A prática de leitura discursiva procura também escutar o não-dito naquilo que é dito, como uma presença de uma ausência necessária. A análise de discurso não estaciona, assim, na interpretação, trabalhando também seus limites, seus mecanismos, seus silenciamentos, como parte dos processos de significação. Essa leitura, portanto, deve ir além do que se diz, do que fica na superfície das evidências. Para Foucault (2012), é preciso extrapolar o núcleo interior e escondido do discurso, concentrando-se nas margens de sua contingência, na circunscrição do lugar de seu acontecimento e nas condições de sua aparição. Logo, o sentido não existe de forma isolada, por ele mesmo, mas é definido pelas disputas ideológicas presentes no processo sócio-histórico específico em que as palavras são produzidas. No discurso da série do *The Guardian*, por exemplo, os sentidos são formados a partir da negociação entre as forças locais de sujeitos marginalizados e as forças de um jornal de alcance global. Para Benetti (2007), a intenção do método é justamente tornar visível a reunião, raramente aparente, dessas forças que compõem o texto.

Diante das tensões inerentes à conformação discursiva, Foucault (2012) afirma que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que buscam dominar seu acontecimento aleatório e reduzir o poder de sua materialidade. Existe, assim, uma vontade de verdade, que se modifica ao longo do tempo conforme os interesses e pressões dos grupos ideológicos em dominância, funcionando como uma estratégia de coerção e um sistema de exclusão. Ela está destinada a excluir todos aqueles que procuram contornar essa vontade de verdade e recolocá-la em questão. Essa operação, para Foucault (2012), apoia-se sobre aparatos institucionais e tecnológicos, isto é, é reforçada por um conjunto de práticas que definem como o saber deve ser aplicado, valorizado, distribuído e repartido em uma sociedade. Dentre esses aparatos, destacam-se as instituições jornalísticas, que detêm o poder não só de selecionar os fatos que merecem visibilidade pública, mas também de definir os enquadramentos a partir dos quais serão conhecidos pelo público.

Isso significa que o “verdadeiro” na sociedade se relaciona com a obediência às regras de uma fiscalização discursiva que deve ser reativada nos discursos produzidos. Como explica Hall (2016), cada sociedade tem seu regime de verdade, sua política geral de verdade, isto é, os tipos de discurso que ela acolhe como verdadeiros e a maneira como sanciona outros. O que se considera válido sobre um tema em um período particular influencia, por consequência, como regulamos, controlamos e punimos, estando seu regime de verdade assentado em uma específica formação discursiva, característica de determinada conjuntura. Assim, o regime de verdade em torno das favelas cariocas em um contexto específico, por exemplo, interfere na forma como essas localidades são compreendidas e valorizadas socialmente em um processo que busca excluir discursos dissonantes e reforçar aqueles que perpetuam a ordem dominante.

Esse processo recorta na experiência um campo de saber possível, define o modo de ser dos objetos que aí aparecem, arma o olhar do cotidiano de poderes teóricos e define as condições em que se pode sustentar sobre as coisas um discurso reconhecido como verdadeiro. Isso significa que há uma episteme (FOUCAULT, 1999), que define as condições de possibilidade de todo o saber. Assim, não se tem o direito de dizer tudo em qualquer circunstância, não há liberdade total para que qualquer sujeito fale qualquer coisa. O autor desenvolve este conceito para pontuar que existe, em uma determinada época, um paradigma geral segundo o qual se estruturam os múltiplos saberes científicos, que por esta razão compartilham, a despeito de suas especificidades e diferentes objetos, determinadas formas ou características gerais. Trata-se de uma visão de mundo, uma história comum a todos os conhecimentos que imporia a cada um as

mesmas normas e postulados, um estágio geral da razão a que estariam submetidos os sujeitos de determinada época.

Nesse sentido, essas interdições e delimitações tornam evidentes as relações intrínsecas do discurso com o desejo e o poder. “O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (FOUCAULT, 2012, p. 12). Há, assim, o desejo contínuo na sociedade de determinar as condições de seu funcionamento, de impor aos indivíduos que os pronunciam certo número de regras e assim não permitir que todos tenham acesso a ele. Para Foucault (2008), o poder não irradia de forma unidirecional nem vem de uma fonte específica, mas funciona como uma rede circular, que permeia todos os níveis da existência social. Hall (2016) explica que, nessa perspectiva, ele deve ser pensado não só no sentido negativo, mas também enquanto uma rede produtiva que penetra no corpo social, circulando através de circuitos localizados, táticas, mecanismos e efeitos. Tais efeitos são reais, tornam-se verdadeiros, levando à constrição, regulação e disciplinamento dos processos sociais. Ricoeur (2018) acrescenta, nesse aspecto, que existem circunstâncias que circunscrevem a intervenção dos sujeitos enquanto agentes históricos no curso dos acontecimentos, oferecendo à ação deles ocasiões favoráveis ou desfavoráveis. Em uma determinada sociedade, “ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo” (FOUCAULT, 2012, p. 37). Os moradores de favelas cariocas, por exemplo, dadas as circunstâncias de marginalização social em que vivem, raramente têm a oportunidade de ter acesso ao discurso jornalístico hegemônico. Na série do *The Guardian*, não é concedido espaço a todo e qualquer morador da favela, mas a três sujeitos específicos, que atendem as exigências de funcionamento desse discurso em particular, uma vez que já possuem familiaridade com as lógicas jornalísticas devido a sua atuação em veículos comunitários e por terem relativa qualificação por serem estudantes de jornalismo.

A investigação da conjugação dessas tensões e constrangimentos só é possível devido ao fato de o discurso possuir uma regularidade, ou seja, ele opera a partir de um funcionamento próprio que se torna apreensível se estudarmos de forma interligada o social e o histórico, o sistema e sua realização, o subjetivo e o objetivo, o processo e o produto (ORLANDI, 2002). O discurso revela, assim, uma ordem em seu aparecimento sucessivo, correlações em sua simultaneidade, posições assinaláveis em um espaço comum, com transformações ligadas e hierarquizadas. Essas condições de produção, constitutivas dos discursos, funcionam de acordo com a relação de sentidos, isto é, não há discurso que não se relacione com outros. Como afirma Foucault (2012), os discursos devem ser tratados como práticas descontínuas, que se cruzam,

por vezes, mas também se ignoram ou se excluem. Portanto, uma prática discursiva é um estado determinado de um processo discursivo mais amplo, sem começo nem ponto final específicos, pois tem sempre relação com outros dizeres. Hall (2016) pontua que o mesmo discurso aparecerá em uma gama de textos e como forma de conduta em um número de diferentes campos institucionais da sociedade. Como exemplo, é possível citar o discurso majoritariamente negativo e estigmatizante que classifica a favela como espaço de vagabundos e criminosos, recorrentemente enfatizado em diferentes representações midiáticas, sejam vinculadas ao campo do jornalismo ou ao do entretenimento (VALLADARES, 2008). Dessa forma, é possível compreender que os sentidos não estão nas palavras, mas estão “aquém e além delas” (ORLANDI, 2002, p. 42). Para efetivar essa busca pelo não-manifesto, é preciso reconstituir um outro discurso, descobrir a palavra muda e invisível que percorre o interstício das linhas escritas, uma vez que “o discurso manifesto não passaria [...] da presença repressiva do que ele diz; e esse não-dito seria um vazio minando, do interior, tudo o que ele diz” (FOUCAULT, 2008, p. 28).

A linguagem, portanto, deve ser compreendida como constitutivamente dialógica, podendo ser pensada como uma relação entre discursos e entre sujeitos. A primeira relação diz respeito à interdiscursividade, termo associado ao fato de que um texto é sempre atravessado por outros textos. Bakhtin (2005) explica que um texto é um tecido de muitos textos ou discursos, que se entrecruzam, se completam, respondem uns aos outros ou polemizam entre si. A segunda diz respeito à intersubjetividade, isto é, ao fato de que o discurso não existe por si mesmo, ele só existe em um espaço entre sujeitos (BENETTI, 2007). O discurso depende dos sujeitos para existir, o que significa que seu sentido é opaco e pleno de possibilidades de interpretação. Para Ferreira e Sampaio (2018, p. 51), “o discurso não é barco lançado em alto mar para ficar à deriva, ele tem endereçamentos e os interlocutores podem estabelecer contatos de cooperação, competição ou luta”. Nesse sentido, o discurso do *The Guardian* não é endereçado a quaisquer interlocutores, mas a uma audiência específica que corresponde aos seus leitores habituais. Assim, o discurso é construído levando em conta as características e interesses desses leitores, de forma a corresponder a suas potenciais expectativas ao longo do processo comunicacional. No entanto, essa correspondência não é garantida, uma vez que seu sentido não é construído exclusivamente pela instituição jornalística, mas também é negociado pelos seus leitores. Como afirma Benetti (2007), os sentidos não estão presos ao texto nem emanam do sujeito que lê; eles são resultado do processo de interação texto-leitor. Bakhtin (2005) complementa essa ideia ao defender que o sentido não está nas palavras, mas na relação entre os sujeitos, ou seja, o sentido se constrói na produção e na interpretação dos textos. Assim,

o dialogismo é, para este autor, o princípio constitutivo da linguagem e a condição do sentido do discurso, entendido como uma construção intersubjetiva e histórica, subordinada aos enquadramentos sociais e culturais.

Para a análise da construção dos sentidos, Benetti (2007) defende que se deve iniciar a partir do próprio texto, no movimento de identificação das formações discursivas. Para a autora, este conceito remete a “uma espécie de região de sentidos, circunscrita por um limite interpretativo que exclui o que invalidaria aquele sentido” (BENETTI, 2007, p. 112). Trata-se da identificação de sentidos nucleares, uma vez que a formação discursiva é constituída por pequenos significados que consolidam o sentido principal. Portanto, o que o sujeito diz significa porque se inscreve em uma formação discursiva e não em outra, o que irá determinar aquele sentido específico e não outro. Para Foucault (2008), a formação discursiva se trata de um sistema de dispersão semelhante, que define uma regularidade, ou seja, uma ordem para certo número de enunciados. Esses enunciados estão dispostos, assim, conforme certas regras de formação, que são condições de existência às quais se submetem os discursos. A formação discursiva mostra que qualquer objeto do discurso tem seu lugar e sua lei de aparecimento de acordo com um feixe complexo de relações, que definem sua especificidade. Orlandi (2002, p. 43) complementa, nesse sentido, que devemos investigar “aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica [...] – determina o que pode e deve ser dito”. Isso significa que foi concedida uma posição específica aos jornalistas comunitários na série do *The Guardian*, a partir da qual estão instados a dizer certas coisas e não outras, conforme as circunstâncias sociais, culturais e ideológicas desse contexto discursivo.

Foucault (2008, p. 30) pontua as interrogações principais que devem nortear a busca das unidades do discurso: “segundo que regras um enunciado foi construído e, conseqüentemente, segundo que regras outros enunciados semelhantes poderiam ser construídos? Como apareceu determinado enunciado e não outro em seu lugar?”. A análise do campo discursivo deve, portanto, compreender o enunciado na singularidade de sua situação, determinando suas condições de existência, fixando seus limites, estabelecendo correlações com outros enunciados e mostrando que outras formas de enunciação potencialmente exclui. Como esclarece Hall (2016), o discurso não só rege certas formas de falar sobre um assunto, mas também exclui, limita e restringe outros modos. É função do analista, portanto, questionar também que outras possibilidades o discurso abre no sentido de reanimar temas já existentes, de suscitar estratégias opostas, de dar lugar a interesses inconciliáveis e de permitir o desempenho de papéis diferentes. Dessa forma, a análise da série “Vozes do Rio: nossa odisseia olímpica” deve focar

não só nas formas de representação que o discurso jornalístico mobiliza, mas também naquelas que, dadas suas condições de produção, silencia e marginaliza.

No entanto, Foucault (2008) alerta que não é possível esgotar a descrição de todas as relações que se revelam no discurso, sendo necessário aceitar um recorte provisório, isto é, uma região inicial sobre a qual será feita uma primeira aproximação, cujos limites podem ser expandidos posteriormente por não serem definitivos. Essas relações são estabelecidas entre instituições, processos econômicos e sociais, formas de comportamento, sistemas de normas, técnicas, tipos de classificação e modos de caracterização. Por sua vez, não definem a constituição interna do objeto, mas o que lhe permite aparecer, justapor-se a outros objetos, definir sua diferença, isto é, é o que permitirá com que seja colocado no campo da exterioridade. A partir dessas relações dispersas e heterogêneas, é preciso investigar “o sistema que rege sua repartição, como se apoiam umas nas outras, a maneira pela qual se supõem ou se excluem, a transformação que sofrem, o jogo de seu revezamento [...]” (FOUCAULT, 2008, p. 39).

Por meio dessas articulações recíprocas, os sentidos são sempre determinados ideologicamente no discurso. Essa configuração ideológica do sentido só é tornada evidente a partir da aplicação do método, uma vez que está encoberta pela camada mais visível, a discursiva (BENETTI, 2007). Tal autora argumenta que a análise deve ser conduzida por um problema de pesquisa, sendo que são os sentidos nucleares referentes a este problema que o analista deve mapear. Dessa forma, para a pesquisa proposta na tese, a análise se concentrará na identificação dos sentidos nucleares referentes aos impactos das Olimpíadas Rio 2016 no discurso da série. Para isso, é preciso localizar as marcas discursivas do sentido rastreado, isto é, deve-se ressaltar as sequências discursivas (SD) mais representativas, que são recortadas para análise e utilizadas no relato de pesquisa. Como mencionado, a análise deve ainda atentar para a prática do silenciamento (ORLANDI, 2007): mapeados os sentidos presentes no discurso, deve-se identificar aqueles que estão silenciados e os motivos pelos quais estão ausentes na superfície discursiva.

No entanto, esse processo, que inicia no texto, não termina nele. Foucault (2012) afirma que a parte crítica da análise se conecta aos sistemas de redescobrimto do discurso, isto é, deve detectar os princípios de ordenamento, de exclusão e de rarefação dessas práticas. “A análise de discurso [...] não desvenda a universalidade do sentido; ela mostra à luz do dia o jogo da rarefação imposta, com um poder fundamental de afirmação” (FOUCAULT, 2012, p. 72). O analista deve, depois de reunir os sentidos em torno de formações discursivas, buscar fora do âmbito textual as relações com a exterioridade que atravessam esse discurso. Dessa forma, na tese, a análise não termina na identificação das formações discursivas encontradas no discurso

jornalístico, já que busca, em uma etapa final de nível interpretativo, tensionar as representações dos impactos das Olimpíadas Rio 2016 construídas na série com a cultura vivida nas favelas cariocas, a fim de desvendar relações nem sempre explícitas na camada mais visível do discurso.

Desse modo, os sentidos não estão predeterminados por propriedades da língua, mas são estabelecidos pelas relações no discurso, localizado em uma formação sócio-histórica específica. Portanto, as formações discursivas não são homogêneas, como se fossem blocos fechados e autônomos. Elas são compostas pela contradição e pela heterogeneidade, com fronteiras fluidas, que se reconfiguram continuamente (ORLANDI, 2002). Assim, palavras iguais podem significar de formas diferentes dependendo das formações discursivas em que se inscrevem, tendo em vista que a construção do sentido é tanto ideológica quanto material. Logo, deve-se estabelecê-las não em um isolamento que nada poderia superar, mas escrever, nelas e fora delas, jogos de relações.

Por fim, este trabalho utilizará a análise de discurso em seu percurso teórico-metodológico, porque ela se aplica ao propósito de desvendar sentidos, levando em consideração as disputas ideológicas que atravessam a materialidade discursiva. Dessa forma, alinha-se com um dos objetivos específicos dessa pesquisa de compreender os sentidos negociados na construção de representações dos impactos das Olimpíadas Rio 2016 no discurso da série “Vozes do Rio: nossa odisséia olímpica” do jornal *The Guardian*. A análise de discurso atende a esse propósito ao considerar o discurso jornalístico como uma forma de produção de conhecimento sobre a realidade que, através da linguagem, cria, reproduz e transporta sentidos. A partir da análise de discurso, mapearemos as regiões de sentidos dominantes, isto é, as formações discursivas encontradas no discurso jornalístico da série, revelando, por meio da exemplificação das sequências discursivas, que significados foram mobilizados para a construção das representações dos impactos do megaevento esportivo.

2.3 MEDIAÇÕES COMUNICATIVO-MIDIÁTICAS: A CONSTRUÇÃO DE REPRESENTAÇÕES NO DISCURSO JORNALÍSTICO

O discurso jornalístico funciona como um dos principais espaços de luta por sentidos na atualidade, constituindo-se em uma espécie de elo entre a instituição midiática e as demais esferas sociais. Trata-se de uma instância mediadora das complexidades e tensões geradas pelo funcionamento de outras instituições, que disputam interesses no seu interior (GIDDENS, 1991). Ele desempenha, assim, a tarefa de administrar as relações entre esses diferentes campos

sociais, tornando-se um espaço decisivo de visibilidade e reconhecimento público. Jacks e Schmitz (2018) acrescentam que os discursos midiáticos se constituem enquanto um espaço chave de condensação e intersecção entre a produção e o consumo cultural, catalisando algumas das mais intensas redes de poder. Fausto Neto (2017) argumenta que a cultura, as lógicas e as operações suscitadas pelas tecnologias comunicativas se expandiram para o manejo de toda a organização social. As práticas culturais são permeadas, assim, por novos fluxos comunicacionais, que movem os vínculos sociais entre os sujeitos. Para Martín-Barbero (1997), a comunicação está mediando todas as formas da vida cultural e política da sociedade, fazendo com que o foco de investigação se direcione para a teia complexa das mediações comunicativas da cultura.

Williams (1979) afirma que é preciso repensar o significado do conceito de mediação. O autor defende a necessidade de se superar a fórmula da infraestrutura-superestrutura, isto é, a ideia disseminada pelo marxismo de que a arte e o pensamento são um mero reflexo da base econômica, entendida como o campo material da sociedade. A partir da suposição de que a infraestrutura é a esfera verdadeira, o materialismo histórico concebe que a arte pode produzir um reflexo falso ou deformado, fruto de uma perspectiva ideológica que impediria o “verdadeiro” reflexo. Existiria, portanto, um conhecimento real do mundo material baseado nas leis científicas, o que seguia os pressupostos desenvolvidos pelo positivismo. Nessa perspectiva, a infraestrutura era entendida como um objeto, que deveria ser mostrado como realmente é pela arte, já que “conhecer a infraestrutura como processo complica o modelo objeto-reflexo que parecia tão poderoso” (WILLIAMS, 1979, p. 99). Desse modo, a arte era considerada uma esfera estática e objetivista, cujo valor era julgado pela conformidade ou não com o mundo material.

Signates (2003) explica que o entendimento da arte como reflexo alienava o caráter social e material da atividade artística, o que fez com que o conceito de mediação ganhasse força ao considerar o espaço da superestrutura como um processo ativo e material. No início, explica Williams (1979), a mediação foi entendida como uma intercessão, uma conexão indireta entre tipos separados, isto é, a relação entre sociedade e arte. Nesse processo, o conteúdo original da realidade social poderia ser modificado, sendo necessário remontar as suas formas originais. Novamente, a perspectiva marxista se faz presente, ao defender que era possível revelar a ideologia que deformava o estado inicial das coisas. Durante muito tempo, essa ideia prevaleceu, especialmente na visão dos meios de comunicação como espaços que distorciam a realidade de acordo com suas concepções ideológicas. Essa conotação negativa foi suplantada, com o passar do tempo, por um sentido positivo, relacionado ao fato de que “todas as relações

ativas entre diferentes tipos [...] são antes inevitavelmente mediadas, e esse processo não é uma agência separável – um ‘meio’ – mas intrínseco às propriedades dos tipos correlatos” (WILLIAMS, 1979, p. 101). Logo, a mediação passa a ser entendida não como uma esfera acrescentada à realidade social, mas inerente a todos os seus processos.

Apesar dos ganhos com o uso do conceito de mediação em termos da expansão da análise artística para o campo das relações sociais, Williams (2003) aponta que, naquele momento, ele ainda não era capaz de superar a visão dualista do mundo, pois mantinha um certo senso de ideias separadas e preexistentes, entre as quais o processo de mediação ocorreria. Para este autor, a linguagem e a significação devem ser vistas como elementos indissolúveis do processo social, envolvidos tanto na produção quanto na reprodução dos sentidos. Consequentemente, Williams (1979) sustenta que o conceito de mediação se torna produtivo apenas se nos afastarmos da ideia de intermediação, entendendo-o como relacionado à esfera constitutiva e constituidora inerente da sociedade, como um processo necessário para a construção de significados e valores.

Na América Latina, Martín-Barbero (1997) provocou uma profunda transformação no entendimento dos processos comunicacionais ao deslocar seu estudo dos meios de comunicação em direção às mediações, gerando uma ruptura no entendimento das novas complexidades nas relações entre comunicação, cultura e política. O objetivo passou a ser estudar a cultura a partir da comunicação, concedendo mais densidade epistemológica para se conhecer o que vem das práticas comunicacionais, entendidas enquanto um processo social. “O olhar não se inverte no sentido de ir das mediações aos meios, senão da cultura à comunicação. É a própria noção de comunicação que é repensada” (LOPES, 2018, p. 16).

O resultado pode ser sintetizado em um trabalho de construção teórico-metodológica conhecido como mapa noturno, uma cartografia para explorar as mediações comunicativas da cultura. Lopes (2018) explica que a teoria barberiana se concentra em compreender o inteiro processo da comunicação, pois se trata de uma perspectiva compreensiva tanto dos processos de produção, do produto, quanto da recepção, isto é, todas as práticas comunicativas são articuladas a partir das mediações. Como afirma Martín-Barbero e Sonia Munhoz (1992, p. 20), tal conceito se refere ao lugar de onde é possível compreender que “o que [a mídia] produz não responde unicamente a requerimentos do sistema industrial e a estratégias comerciais, mas também a exigências que vêm da trama cultural e dos modos de ver”. Os meios de comunicação são concebidos, assim, como instituições sociais que revitalizam a comunicação, a cultura e o conhecimento, na medida em que são vistos em relações de sentido com as audiências, de acordo com seus referenciais socioculturais. Dessa forma, o discurso produzido pelo *The*

Guardian não sofre interferências apenas das dinâmicas inerentes à instituição jornalística, mas também das demandas sociais, políticas e econômicas presentes na cultura vivida das favelas cariocas no período.

Jacks e Schmitz (2018) alertam que o fato de Martín-Barbero deslocar seu olhar para as mediações não significa que ele exclua os meios de comunicação de sua análise: o autor, na verdade, expande e equilibra sua visão, minimizando a centralidade dos meios, mas não a sua importância na configuração de sentidos sobre o real. Assim, a teoria barberiana busca “olhar para eles de maneira equilibrada, analisá-los em suas atuações e contradições, sem condená-los ou exaltá-los a priori” (JACKS; SCHMITZ, 2018, p. 116). Ao enfatizar as tonalidades intermediárias, o autor passa do conformismo a uma posição mais ativa com relação ao desenvolvimento tecnológico, rompendo, assim, com os determinismos ao dar atenção tanto à perspectiva tecnocêntrica quanto à sociocêntrica. O meio, assim, não se limita a veicular e traduzir representações existentes, mas se constitui enquanto cena fundamental da vida pública, alterando consideravelmente as formas de sociabilidade. O *The Guardian* tem, assim, o potencial, por meio da proposta aparentemente inovadora da série, de colocar em circulação representações alternativas sobre os impactos das Olimpíadas Rio 2016, favorecendo a pluralidade do discurso jornalístico e influenciando formas mais democráticas de convívio social.

A partir desse entendimento, o processo comunicacional não é visto apenas em termos de aparato tecnológico, como uma questão meramente instrumental, mas envolve a formação de saberes, a constituição de práticas produtoras de inovação discursiva, os modos de percepção social, ou seja, a comunicação está incrustada na estrutura mesma do conhecimento e da vida cotidiana. Consequentemente, para Orozco-Gómez (1997), é preciso ir muito além dos meios, pois a dimensão comunicacional abarca também linguagens, metáforas, cenários de poder, lógicas mercantis, dinâmicas de modelamento social e referência cotidiana e esferas de representação da realidade e de geração de legitimação política. Em outras palavras, essa dimensão assume a ideia de contorno, percorrendo todo o circuito sociocultural, modelando todas as relações entre os diferentes atores sociais. Por essa razão, Lopes (2014) argumenta que é preciso entender o lugar estratégico da comunicação como uma batalha política e não só mercadológica. Os meios, portanto, passam a ser vistos como operadores perceptivos e em termos de destrezas discursivas. “Essa é a situação que marca a sociedade contemporânea que, com sua [...] mutação tecnológica, passou a configurar um novo ecossistema sociocomunicativo [...]” (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 222).

Nessa nova configuração tecnocultural, as fontes de mediação são variadas, originando-se na cultura, na política, na economia, nas classes sociais, nas relações de gênero, nas condições situacionais e contextuais, nas instituições e nos movimentos sociais. Dada sua heterogeneidade, não há uma definição única de mediação, tratando-se de uma noção movente, que acompanha permanentemente as transformações da sociedade e especificamente as da comunicação. Por esse motivo, Lopes (2018) afirma que o conceito mediação deve ser compreendido como uma noção plural, sendo mais apropriado o uso do termo mediações. Nesse sentido, quando se estuda o discurso jornalístico, não se pode compreender a instituição midiática como uma mediação estruturadora monolítica, tendo em vista que se articula com as outras formas de mediações na sociedade, sendo apenas uma das forças que disputam pela definição de sentidos sobre a realidade. A audiência, por sua vez, não é vista enquanto uma entidade passiva, nem como uma categoria a priori, mas como um espaço que vai se transformando e se constituindo enquanto tal. A interação, nessa perspectiva, é vista como uma prática comunicativa em que se dão combinações específicas de mediação, das quais derivam resultados particulares.

Para Martín-Barbero (1997), investigar a comunicação a partir das mediações implica privilegiar os lugares dos quais provêm as construções que delimitam e configuram a materialidade social e a expressividade do meio, uma vez que deixam ver que entre a produção e a recepção há um espesso espaço de normas, crenças, costumes e valores configurando a cultura cotidiana. “É nessa tensão, entre as lógicas de mercado, as tecnologias da comunicação e as mediações histórico-culturais, que o pensamento crítico vislumbra uma possibilidade de refletir a relação da cultura com os meios de comunicação” (JACKS; SCHMITZ, 2018, p. 122). Dessa forma, é possível abarcar a agência cultural, social e política dos meios, sem desconsiderar as implicações econômicas que regem e circunscrevem sua ação. Para Signates (2003), essa visão expandida sobre os meios sinaliza que a mediação é a transformação da materialidade técnica em potencialidade socialmente comunicativa, ou seja, um processo de transformação cultural que viabiliza as modalidades de comunicação. “A mediação é, assim, definida como o processo pelo qual os meios de comunicação adquirem materialidade institucional e espessura cultural” (SIGNATES, 2003, p. 10). Enquanto um processo múltiplo e difuso, a mediação não é constituída por nenhuma ação singular ou significado particular. Orozco-Gómez (1997) esclarece que ela emerge de um processo complexo, multidirecional e multidimensional, abarcando vários momentos, cenários e negociações que transcendem os meios de comunicação. Por isso, torna-se fundamental mapear os elementos políticos, sociais e econômicos presentes na cultura vivida das favelas cariocas no período de realização do

megaevento esportivo, pois fazem com que a série não seja compreendida apenas em termos de aparato tecnológico, mas que seja estudada também a partir de sua textura sociocultural.

Assim, entre o espaço da produção e o da recepção, existem articulações de determinadas mediações, que se constituem em um processo sociocultural que segue alguns padrões ou combinações preferenciais, as quais são sempre dinâmicas. Para Signates (2003), esse dinamismo pode ser explicado pelas mudanças concretas nas relações de poder, já que nem todos os sujeitos participam do contexto com os mesmos recursos e possibilidades de influenciar os demais. Portanto, na articulação de sentidos sobre a realidade, as instituições se diferenciam entre si pelas disparidades no acúmulo de poder, autoridade, recursos e mecanismos de mediação, podendo competir entre si, ou seja, podendo ser percebidas como contraditórias ou neutralizantes. Martín-Barbero (1997) evidencia que, nessa disputa, há um conjunto de interações estruturadas pelos atores sociais em sua luta por apropriar-se criativamente da ordem social, transcendendo a simples ordem de racionalidade institucional, o que inclui as negociações cotidianas entre os membros da audiência e as lógicas midiáticas. É perceptível, por exemplo, a discrepância de poder entre um jornal global e hegemônico, como o *The Guardian*, e grupos sociais locais e marginalizados, como os moradores de favelas cariocas. Eles possuem, dadas as posições que ocupam na dinâmica cultural, níveis assimétricos de influência social. O compromisso ético do jornalismo reside justamente em dar visibilidade às demandas desses grupos minoritários para que possam ser respeitadas e reconhecidas no espaço público.

Nessa dinâmica social, o processo de produção de sentidos não está mais centrado apenas nas mãos dos jornalistas, mas é manejado também pelos receptores e pelas fontes, em um circuito que envolve todas as práticas sociais e suas políticas de significação. O sentido, portanto, é construído ao longo do largo e complexo processo de comunicação, constituindo-se no espaço entre a produção e a recepção. Em outras palavras, o sentido não está nem nos meios e nem na audiência, mas nas suas interações. Para Orozco-Gómez (1997), uma das principais perguntas nesse processo deve ser sobre as maneiras como as mediações conformam as negociações de sentido nos diversos âmbitos e níveis de influência da interação comunicativa. Fausto Neto (2017) defende, assim, que o desafio é compreender esse ambiente de diferentes interpenetrações discursivas que entrelaçam lógicas, valores e ideias. Logo, o foco deve recair nas estratégias viabilizadas entre instituições e atores sociais, as quais se misturam e deixam marcas de suas interações no discurso. No caso da série do *The Guardian*, os sentidos emergem de múltiplas redes de interação, representadas não só pelas mediações de uma instituição jornalística hegemônica, mas também pelas vozes locais dos jornalistas comunitários, que

trazem à tona, a partir de suas perspectivas, os impactos sociais, políticos e econômicos das Olimpíadas 2016 em suas comunidades. Assim, é fundamental investigar esse conjunto de mediações comunicativo-midiáticas presente na cultura vivida no contexto de produção da série, uma vez que disputam sentidos no interior do discurso jornalístico de acordo com seus interesses e visões de mundo, contribuindo para a construção de determinadas representações sobre a realidade.

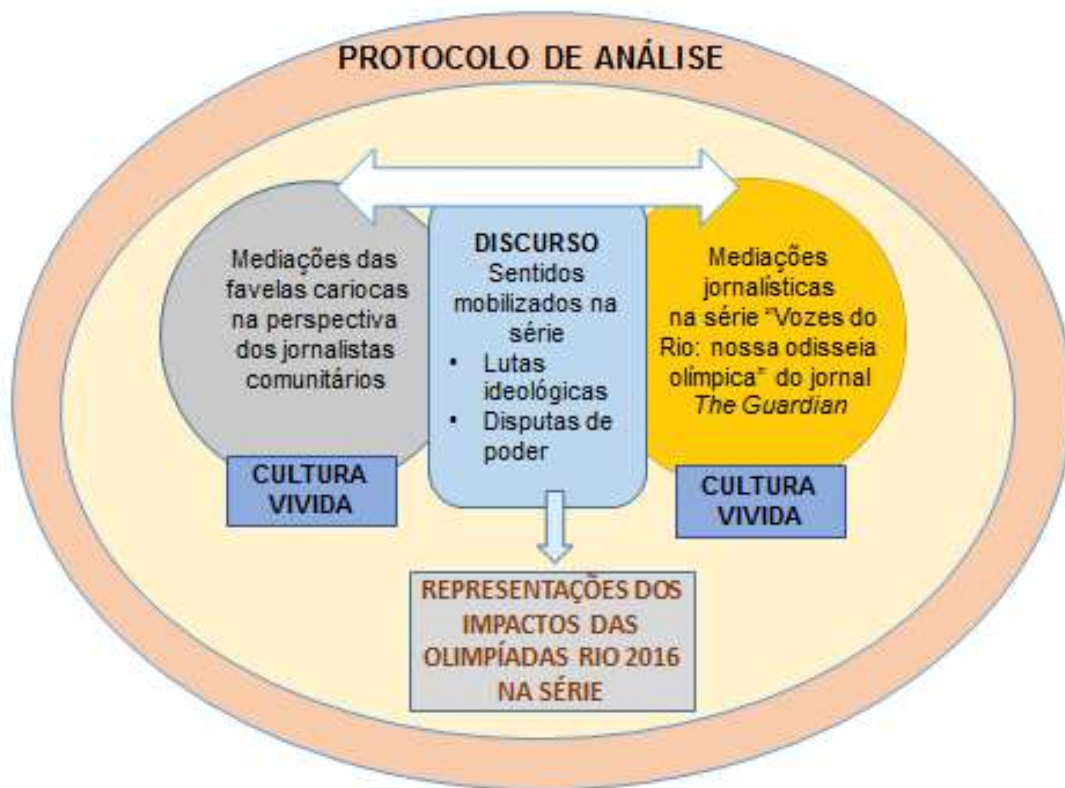
Como forma de superar o dualismo produção/recepção, a noção de mediação comparece, nesta pesquisa, não como aquilo que simplesmente une os polos, e sim como um elemento articulador, presente em todo o processo de comunicação. “Ela exige pensar ao mesmo tempo o espaço da produção, assim como o tempo do consumo, ambos articulados pela vida cotidiana e pela especificidade dos dispositivos tecnológicos e discursivos das mídias envolvidas” (LOPES, 2014, p. 17). Nesse contexto, a mediação é aquilo que está presente em ambos os processos, o que resulta em uma perspectiva integradora e compreensiva do processo de comunicação. É preciso, portanto, observar sua inserção multidimensional e plurideterminada em uma formação social concreta, entendendo, complementarmente, os processos de dominação e resistência enquanto processos de comunicação (MORAES, 2018). Tal autora afirma que o estudo das mediações possibilita a investigação dos processos culturais dos meios de comunicação em articulação não só com a cultura hegemônica, mas também com as matrizes culturais dos grupos que se pretende dominar. A mediação, nesse sentido, pode ser compreendida como a presença simultânea de tensões e contradições, como condição de emergência do novo nas mudanças sociais. Assim, o objetivo da tese é analisar os tensionamentos que se estabelecem entre as representações construídas no discurso jornalístico e a cultura vivida nas favelas cariocas no intuito de verificar as limitações e potencialidades da articulação de vozes locais em um espaço global e hegemônico, a qual pode significar a emergência de mais pluralidade no discurso jornalístico ou simplesmente a domesticação desses sujeitos marginalizados segundo os interesses da ordem dominante.

O interesse no conceito de mediação como categoria de análise nos estudos de comunicação consiste em dar visibilidade a esses deslocamentos de sentido ao longo dos processos interpretativos, dentro de repertórios culturais compartilhados. Tal perspectiva desloca o olhar da comunicação para os sentidos que a transcendem, vinculados à cultura e suas matrizes de significação complexa e múltipla. “A mediação, nesta visão, não articula um método específico e sim uma imbricação metodológica” (SIGNATES, 2003, p. 14), inserindo a comunicação em sentidos sociais mais amplos. A partir de um viés crítico, essa abordagem frequentemente segue a orientação típica dos estudos culturais, os quais são interdisciplinares

em sua essência e voltados a análises sócio-históricas e políticas da mídia, entranhadas na vivência cultural. Lopes (2018) explica ainda que a análise dependerá de uma específica estratégia metodológica, de modo que a escolha possa recair em determinadas mediações, e não em outras, de acordo com o destaque que irão receber na abordagem analítica.

Como síntese do protocolo investigativo, apresentamos a Figura 10, que articula as etapas do percurso teórico-metodológico propostas para a tese. Esta pesquisa, por estar situada no campo da comunicação midiática, fará uso do termo mediações comunicativo-midiáticas da cultura para articular a análise da cultura vivida: em uma primeira etapa, serão investigadas as mediações das favelas cariocas no contexto das Olimpíadas Rio 2016, as quais estão presentes na série a partir da perspectiva dos jornalistas comunitários; em seguida, serão analisadas as mediações jornalísticas na série “Vozes do Rio: nossa odisseia olímpica” do jornal *The Guardian*, objeto empírico selecionado para análise. Após a exploração desse tecido de processos e materialidades comunicativo-midiáticos no ambiente social e cultural (LOPES, 2018), serão identificados os sentidos mobilizados no discurso jornalístico pelas negociações entre os jornalistas comunitários de favelas cariocas e as dinâmicas jornalísticas do *The Guardian*, que ocorrem em meio a lutas ideológicas e disputas de poder. A partir do mapeamento desses sentidos nucleares, as representações dos impactos do megaevento esportivo serão, em uma última instância, tensionadas com a cultura vivida nas favelas cariocas neste período a fim de analisar as potencialidades e limitações da articulação do local no global evidenciada na série.

Figura 10 - Protocolo de análise



Fonte: Elaborado pela autora.

Nessa pesquisa, o conceito de representação torna-se central ao evidenciar o processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados entre os membros de uma cultura. Para Hall (2016), representar significa utilizar a linguagem para, inteligivelmente, expressar algo sobre o mundo, em um processo que conecta o sentido e a linguagem à cultura. Assim, “comete à linguagem poder articular, de uma forma ou de outra, a representação que ela transforma em discurso” (FOUCAULT, 1999, p. 118). Segundo este autor, a linguagem, tornada realidade histórica no discurso, constitui o lugar das tradições e dos hábitos mudos do pensamento. O reconhecimento dessas determinações presentes no discurso só se torna possível porque compartilhamos os mesmos mapas conceituais e a mesma linguagem, dotando o mundo de sentido de uma maneira semelhante, o que significa que pertencemos à mesma cultura (HALL, 2016). Portanto, por pertencermos ao mesmo quadro de referências culturais, somos capazes de traduzir os códigos criados socialmente, os quais são o resultado de um conjunto de convenções sociais a partir dos quais os sentidos são construídos e fixados. Desse modo, Hall (1997, p. 10) define que “a cultura não é nada mais do que a soma de diferentes sistemas de classificação e diferentes formações discursivas aos quais a língua recorre a fim de dar

significado às coisas”. Nesse jogo de semelhanças e diferenças, damos sentido a práticas e relações sociais, que alimentam nosso sentimento de pertencimento a determinado grupo.

No interior do discurso, tais significados são construídos em meio a disputas de poder e estão organizados conforme os sistemas classificatórios do contexto cultural em que estamos inseridos. Esses sistemas constituem diferentes maneiras de organizar, agrupar e categorizar as relações entre os sujeitos, o que evidencia que os processos sociais têm condições culturais e discursivas de existência, uma vez que dependem do significado para funcionarem e produzirem seus efeitos (HALL, 2016). Os significados, por sua vez, são produzidos a partir das palavras que usamos, das histórias que contamos, das imagens que produzimos, das emoções que associamos, ou seja, dos modos como representamos os acontecimentos aos outros. As representações servem, assim, como meio para estabelecer ligações e conexões entre os indivíduos, criando um quadro comum de referência a partir de determinados pressupostos ideológicos e culturais (JODELET, 1993). Dessa forma, as representações construídas no discurso do *The Guardian* a respeito dos impactos das Olimpíadas Rio 2016 contribuem na forma como essa realidade específica será conhecida e avaliada pelos diferentes membros de uma sociedade, levando ao reforço ou à desconstrução de preconceitos e estigmas.

Enquanto um fenômeno complexo que se caracteriza como uma espécie de saber sobre a realidade, a representação constitui-se como um sistema aberto e ativo, conectado de maneira íntima com as práticas sociais, com a estruturação comum de relevâncias e com os regimes de visibilidade pública. Nesse sentido, Moscovici (2005, p. 36) define que “as representações sociais são uma forma de conhecimento socialmente elaborado e compartilhado, que tem um objetivo prático e concorre para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”. Em outras palavras, essas definições partilhadas pelos membros de um mesmo grupo constroem uma visão consensual da realidade, tornando-se um guia para as ações e trocas cotidianas. Nesse processo, a cultura torna-se a esfera responsável por oferecer as categorias básicas a fim de manter a ordenação social, tendo em vista que o compartilhamento de significações serve à afirmação simbólica de uma unidade e de um pertencimento, uma adesão coletiva que contribui para o estabelecimento e para o reforço de uma ligação social (HALL, 2016).

Nessa dinâmica cultural, o sentido é resultado de uma prática significativa que se altera constantemente ao longo do tempo, definindo quem será incluído ou excluído em determinado momento histórico conforme os valores hegemônicos. Como afirma Minayo (1995, p. 94), “cada sociedade, para se manter, necessita ter concepções de mundo abrangentes e unitárias e que, em geral, são elaboradas pelos grupos dominantes”. Essas perspectivas se colocam como ideias gerais, comuns e universais a todos os membros da sociedade, as quais, na maioria das

vezes, são reforçadas pelos meios de comunicação. É nesse sentido que reside a importância do estudo das representações, uma vez que podem ser construídas para justificar práticas hegemônicas e exclusões simbólicas, mas também para criar e recriar novas formas de mobilização e participação coletiva. Constituem-se, assim, como uma das fontes para compreensão da realidade, pois estão profundamente interligadas a específicas formas de relações sociais, políticas e econômicas, moldando e regulando normativamente nossa conduta e nossas ações (HALL, 1997). Por estarem intrinsecamente relacionadas ao contexto de sua produção, as representações são atravessadas pelos efeitos das lutas sociais e também servem de instrumento e de material para a sua comunicação. “[..] Refletem e refratam conflitos e contradições próprios do sistema de dominação, onde a resistência está dialeticamente relacionada com a submissão” (MINAYO, 1995, p. 103).

Essas construções, para Foucault (1999), determinam o caráter que agrupa os indivíduos em unidades gerais, distinguindo-os uns dos outros e permitindo que se encaixem de maneira a que todos encontrem o seu lugar na ordem social em diferentes níveis de hierarquização. Por esse motivo, Hall (1997) afirma que todas as práticas de significação envolvem relações de poder, uma vez que existe uma desigualdade simbólica entre os grupos sociais quanto ao poder de legitimar suas concepções, o que faz com que muitas diferenças sejam apagadas ou marcadas a ponto de fixar fronteiras simbólicas, que repercutem no agravamento de disparidades sociais e desigualdades econômicas. Assim, os significados envolvidos nesses sistemas representacionais ajudam a compreender quais posições de sujeito eles produzem e como os diferentes grupos podem ser posicionados em seu interior (WOODWARD, 2000). Na própria proposta da série, ficam evidentes relações de poder assimétricas no processo de construção de sentidos, uma vez que os jornalistas comunitários estão subordinados às dinâmicas daquele espaço discursivo hegemônico, uma vez que cabe a *The Guardian* definir os critérios de produção, edição e circulação e aos colaboradores comunitários acatarem tais definições para garantir seu acesso ao discurso.

Em decorrência dessas múltiplas e complexas relações, “o movimento dos sentidos proporcionados pelos constantes envios e reenvios de informações provoca profundas tensões e a necessidade de efetivas negociações entre os campos e atores sociais envolvidos” (MORIGI, 2004, p. 8). Nesse processo, a função do discurso jornalístico, entendido como espaço de negociação de sentidos e conformação das representações, reside em dar legitimidade e visibilidade pública aos fatos sociais. Torna-se, assim, “o meio obrigatório de publicidade e da conseqüente geração de efeito de realidade” (RODRIGUES, 1997, P. 162). Os meios possibilitam, portanto, uma leitura dos acontecimentos, dotando-os de clareza e coerência em

um espaço e tempo limitados, fazendo com que as representações circulem a partir de seu discurso, mediadas por suas condições de produção. Por esse motivo, Jodelet (1993) coloca que os processos comunicacionais são condição de possibilidade e de determinação das representações e do pensamento sociais na atualidade, incidindo sobre os aspectos estruturais e formais da sociedade ao se engajarem nas dinâmicas de interação social, influência, consenso e dissenso culturais.

Diante desse cenário, Morigi (2004) defende que o senso de realidade construído por meio da proliferação de sentidos passa a ser de natureza discursiva e imagética na sociedade atual, uma vez que o discurso midiático atua na regulação cultural de práticas e condutas, constituindo-se em um instrumento poderoso para definir quem pertence a determinado grupo e quem é visto como o “outro”. Logo, é preciso verificar até que ponto a presença desses jornalistas comunitários no discurso da série significou, de fato, inclusão ou se esses sujeitos foram construídos como o “outro”, que está ali apenas para dar a aparência de uma imagem global e plural ao *The Guardian*. Nessa perspectiva, Morigi (2004) sustenta que as representações são resultado de relações entre os dispositivos tecnológicos e as condições específicas da produção de sentido, o que confirma a importância do conceito de mediações comunicativo-midiáticas para evidenciar como essas representações são construídas a partir das articulações entre o entorno social e as dinâmicas comunicacionais. Nesse processo, as representações que circulam pelos meios de comunicação se colocam como “discurso da atualidade”, exercendo um poder hegemônico, pois sua enunciação deriva de campos socialmente legitimados. Desse modo, passam a se constituir como realidades que integram o perfil da opinião pública, tornando-se parte do senso comum, isto é, envolvem conjuntos de abstrações, formalizações e generalizações, que são interpretados a partir do mundo do dia a dia (MINAYO, 1995).

As representações veiculadas por meio do discurso jornalístico produzem, assim, um enquadramento particular e parcial a partir do qual a realidade passa a ser compreendida, dando forma, direção e propósito à conduta e às práticas humanas (HALL, 1997). Minayo (1995) acrescenta que essas construções traduzem um pensamento fragmentário e se limitam a certos aspectos da experiência existencial, possuindo graus diversos de clareza e de nitidez em relação à realidade. Enquanto práticas culturais provocadoras de sentidos variados, tornam-se parte crucial da dinâmica social pela qual a sociedade se estrutura e se mantém em um processo constante de produção e reprodução, constituindo-se como um elo entre nossas crenças abstratas e nossas atividades concretas enquanto sujeitos. Nesse sentido, Moscovici (2005) defende que a representação funciona como uma preparação para a ação, uma vez que guia a

conduta e reconfigura os elementos do meio ambiente em que o comportamento deve ter lugar. As representações midiáticas de um megaevento esportivo podem, por exemplo, mobilizar uma revolta popular contra a realização da competição ou contribuir para a conquista da opinião favorável da população, dando visibilidade a sentidos emergentes ou atendendo aos interesses da ideologia dominante.

Dotadas de materialidade, elas podem inclusive exercer um poder de coerção e repressão das práticas e relações estabelecidas entre os indivíduos (HALL, 1997). No entanto, destaca Morigi (2004), nesse agendamento midiático, o sujeito não assume um posicionamento passivo, uma vez que existem apropriações, pactos de leitura e ressignificações de sentidos em função da experiência cotidiana e da posição social dos indivíduos. Portanto, apesar de frequentemente carregarem definições hegemônicas, as representações que circulam nos meios de comunicação não exercem um poder incontestável sobre os modos de ver, ser e sentir dos sujeitos, uma vez que estes podem contestar e resistir a tais construções, o que rompe com a lógica da existência de um sentido absoluto e estável. Desse modo, as representações veiculadas na série, mesmo que construídas por jornalistas comunitários de favelas cariocas, podem ser contestadas por outros moradores de favelas, que não se sentem representados pelas visões de mundo expressas por esses sujeitos.

Moscovici (2005) explica que, ao se entender a representação como uma ponte entre o mundo individual e o mundo social e ao associá-la à perspectiva de uma sociedade em transformação, não é mais possível compreendê-la a partir de uma tradição e uma vida social já feitas, mas sim como a inovação e uma vida social em vias de se fazer. Da mesma forma, Minayo (1995) argumenta que as representações possuem núcleos positivos de transformação e de resistência na forma de conceber a realidade, pois não há espaço só para a continuidade, mas também para o deslocamento no meio cultural. Enquanto formas dinâmicas, possuem um caráter móvel e plástico, o que significa que, ao mesmo tempo em que surgem, podem desaparecer (MORIGI, 2004). Por se caracterizarem como um modo particular de compreender a realidade, essas construções não são universais e nem são dadas à consciência a priori, pois são fruto de determinado contexto cultural e se transformam de acordo com os processos sociais.

Apesar de sua construção ocorrer no plano simbólico do discurso, seus efeitos são sentidos no mundo concreto da realidade social, influenciando como as ideias são postas em prática para regular e limitar a conduta dos sujeitos em sua experiência diária. Por isso, nesta tese, as representações são exploradas não só no plano discursivo, mas também a partir das influências encontradas no meio econômico, político e cultural em que se originam, a partir da

análise da cultura vivida. Jodelet (1993) afirma que, por sua vinculação dialética com a realidade, sua compreensão exige que se leve em conta as relações sociais que ela expressa. Nesse mesmo sentido, Foucault (1999, p. 265) reforça a necessidade de se interrogar as condições de relação entre as representações e aquilo que as torna em geral possível. “É preciso encarar essas visibilidades ao mesmo tempo manifestas e invisíveis, essas realidades que estão em recuo na medida mesma em que são fundadoras daquilo que se oferece e se adianta até nós”. Nessa análise, torna-se possível visualizar o regime de representação vigente em determinado momento histórico (HALL, 2016), isto é, o modo como uma sociedade específica organiza e dissemina formas de pensamento, constituindo-se como um repertório cultural na mediação de identidades sociais, de sociabilidade, de memória social e de práticas políticas, sociais e culturais em uma dada conjuntura.

Assim, a partir da investigação das representações dos impactos das Olimpíadas Rio 2016 no discurso da série do jornal *The Guardian*, buscaremos desvendar e compreender as disputas, os processos internos e as dinâmicas sociais da lógica da produção de sentidos que dão sustentação a determinadas formas de conceber o mundo, as quais definem e instituem modos de interação social. A partir do estudo, analisaremos se o jornal, de fato, permitiu a participação ativa e autônoma de vozes marginalizadas na série, colocando em circulação representações mais plurais e complexas do megaevento esportivo, ou se o *The Guardian* apenas usou os jornalistas comunitários como uma estratégia de diferenciação no cenário jornalístico internacional, visando atender seus interesses políticos, editoriais e mercadológicos. Para atingir esse objetivo, nos próximos dois capítulos, descreveremos as mediações presentes na cultura vivida que negociaram sentidos para a construção de tais representações no discurso jornalístico.

CERIMÔNIA DE ABERTURA

3 MEDIAÇÕES DAS FAVELAS CARIOCAS NO CONTEXTO DAS OLIMPÍADAS RIO 2016

Neste capítulo, desenvolveremos a primeira etapa de análise da cultura vivida a partir das mediações das favelas cariocas no contexto das Olimpíadas Rio 2016, presentes na série na perspectiva dos jornalistas comunitários. Para a realização dessa etapa do percurso analítico, iremos nos basear, metodologicamente, em documentos que abordam aspectos contextuais do período, divididos nas seguintes categorias: a) pesquisas desenvolvidas em âmbito acadêmico, incluindo trabalhos mapeados no estado da arte da tese; b) documentos oficiais publicados por instituições governamentais e entidades internacionais; c) relatórios de órgãos não-governamentais e comitês populares e d) notícias veiculadas na mídia hegemônica e na mídia alternativa. Por meio da discussão e do tensionamento dos dados compilados nos documentos, buscaremos descrever elementos que marcaram o cenário nacional nesse contexto, com foco para as repercussões políticas, os impactos econômicos e as tensões sociais do período.

No primeiro tópico, contextualizaremos a década de megaeventos esportivos no Brasil a partir de discussões teóricas e exemplos empíricos dos impactos que marcaram esse período. Assim, buscaremos mapear aspectos do contexto vivido no país quando, em 2016, os Jogos Olímpicos são realizados, encerrando a longa sequência de competições que se sucederam em solo brasileiro, conforme será descrito a seguir. Como afirmam Freitas, Lins e Santos (2016, p. 23), “um megaevento não se restringe ao tempo de sua duração. Começa muito antes de seu início e termina muito após seu encerramento”, tornando-se fundamental atentar para suas reverberações que atingem a coletividade de diferentes formas ao longo do tempo. No tópico seguinte, estudaremos, com mais profundidade, as relações sociais, políticas e econômicas entre as favelas cariocas e as Olimpíadas Rio 2016. Por fim, na última seção do capítulo, problematizaremos os jornalistas comunitários como representantes das vozes das favelas, atentando para o papel do jornalismo comunitário em comunidades marginalizadas e para as apropriações feitas por veículos jornalísticos hegemônicos.

3.1 UMA DÉCADA DE MEGAEVENTOS ESPORTIVOS NO BRASIL

Cotidianamente, os megaeventos são compreendidos como encontros de diferentes tipos, que ocorrem em intervalos regulares, curtos ou longos, e que atraem um amplo público,

real ou virtual (STRANGIO, 2016). No entanto, sua definição ainda não é consenso entre os pesquisadores da área, pois, como explicam Freitas, Lins e Santos (2016, p. 23), “cada autor leva em conta o contexto de seu país ao elaborar conceitos e tipologias”. Na visão dos autores, a principal característica dos megaeventos contemporâneos é seu impacto massivo na mídia, que se desdobra antes, durante e depois de sua realização. Nesse processo, a cidade se torna suporte comunicacional para o marketing, estimulando diversos negócios. “Temos a construção e fortalecimento da marca-país como um dos focos principais [...]” (FREITAS; LINS; SANTOS, 2016, p. 24). De acordo com essa perspectiva, o megaevento é compreendido como um fenômeno social midiático, uma vez que os meios de comunicação potencializam sua magnitude ao mesmo tempo em que se retroalimentam de suas reverberações, atuando na construção de representações e imaginários. Contrera e Moro (2008) associam os megaeventos a espetáculos de massa, que tem como cenário principal a cidade moderna. Já Bovy (2009), além de mencionar a cobertura midiática mundial que o megaevento suscita, caracteriza-o como um evento temporário, que pressiona a logística da cidade e exige que as estruturas efêmeras sejam entregues a tempo.

Butt (2010) ressalta a possibilidade de impactos positivos e negativos aos países-sede, destacando que os megaeventos só resultam em soluções se fizerem parte de uma estratégia a longo prazo, integrando um projeto amplo de reformas urbanas e sociais. Para Roche (2000), se bem-sucedidos, convertem-se em uma plataforma de projeção internacional de imagens positivas da nação, tornando-se uma vitrine em nível mundial. Esse foi o caso, por exemplo, das Olimpíadas de 1992, realizadas em Barcelona, na Espanha, as quais ficaram conhecidas por inspirarem diversas cidades ao redor do mundo a se candidatarem para sediar megaeventos, já que seus custos foram relativamente baixos e seus investimentos foram destinados a promover benefícios para a cidade a longo prazo, transformando e modernizando o espaço urbano.

Freitas, Lins e Santos (2016) explicam que o modelo dos megaeventos contemporâneos nasceu com as Exposições Universais do século XIX, famosas por atraírem milhões de pessoas de diversas partes do mundo para conhecer novos cenários, tecnologias e produtos. Essas exposições foram criadas para conquistar novos mercados de escoamento dos produtos fabricados pela França e pela Inglaterra, potências industriais na época. Assim, atuavam como verdadeiras feiras de comércio e indústria, tornando-se efêmeras e poderosas plataformas comunicacionais, que criavam cidades paralelas a fim de ofuscar o lado sombrio das comemorações, como as jornadas extenuantes de trabalho a que os trabalhadores eram submetidos nas fábricas (FREITAS; LINS; SANTOS, 2016). Portanto, desde seus primórdios,

havia um jogo de aparências e de sedução, em que apenas determinados aspectos eram revelados e outros deveriam ser escondidos.

De 2007 a 2016, o Brasil sofreu os impactos sociais, políticos e econômicos de um período conhecido como a “década de ouro dos megaeventos esportivos” no país (CAMPOS, 2016). Em 2007, o Rio de Janeiro foi sede dos Jogos Pan e Parapan-Americanos; em 2011, foi a vez dos Jogos Mundiais Militares serem realizados na capital carioca; em 2013, a Copa das Confederações teve como sede seis capitais brasileiras; em seguida, em 2014, foi a vez da Copa do Mundo ser realizada no país, movimentando um total de doze cidades-sede; por fim, em 2016, o Rio voltou a ser sede de dois megaeventos esportivos, os Jogos Olímpicos e Paraolímpicos, que “pela sua magnitude midiática, econômica e sociopolítica, em termos de disputas, lutas e irrupções de resistência travadas, representam o ‘*gran finale*’ dos megaeventos esportivos [...] no Brasil” (BIENENSTEIN; MASCARENHAS, 2017, p. 4).

Ao longo dessa década, os impactos não foram vivenciados apenas dentro das arenas de competição, mas também foram sentidos em outros espaços: na repercussão midiática de conteúdos espetaculares, nas interferências no cotidiano das cidades e das pessoas e no envolvimento de suporte legal e material do poder público. Essas modificações não foram acompanhadas de forma passiva pelos moradores das cidades, como foi o caso dos protestos ocorridos em junho de 2013 no Brasil, em que a população se mostrou indignada com a destinação de grandes somas de recursos públicos para estas competições, em vez de serem priorizadas demandas urgentes nas áreas da educação, saúde e segurança. Nessa perspectiva, os megaeventos podem se converter em motores de transformação social (FREITAS; LINS; SANTOS, 2016), gerando modificações positivas ou negativas para o país-sede. Seja por sua visibilidade midiática, seus impactos econômicos ou seu potencial de mobilização social, os megaeventos criam ondas imprevisíveis que variam entre o fascínio e a revolta. Os resultados dessa transformação podem gerar mudanças positivas para o país caso façam parte de uma estratégia coletiva de reformulações sociais e urbanas, em que a cidade seja vista em sua integralidade.

Sodré (2016) afirma que o megaevento está atrelado a uma transformação na visão da própria cidade – de dispositivo de produção industrial para lugar gestor de telefluxos e estética. Segundo o autor, essa mutação urbana apoia-se em uma rede de comunicação derivada da financeirização e dos fluxos de consumo, a qual, ao passo que possibilita o desligamento das tradicionais funções produtivas da cidade, também provoca o distanciamento dos projetos urbanos com relação ao enfrentamento das questões sociais vivenciadas nestes espaços. Como consequência, esses projetos espetaculares são desenvolvidos para atrair investimentos para as

idades, mas quase sempre negligenciam a vida cotidiana de seus habitantes. Nessa perspectiva, o megaevento “não é propriamente uma festa [...] ou a expressão do querer viver em comum, mas um esquema operativo a serviço de grandes corporações, destinado a reconfigurar o espaço urbano e a projetar sua imagem em termos de atratividade econômica” (SODRÉ, 2016, p. 17).

Nesse processo, os grupos diretamente afetados pelos impactos do megaevento raramente são seus maiores beneficiados, fazendo com que inevitavelmente sejam criados vencedores e perdedores. “Um megaevento nem sempre traz um aumento igualmente distribuído nesses fluxos e benefícios sobre toda a área e para todos os cidadãos” (STRANGIO, 2016, p. 47). Para a autora, os grupos marginalizados da sociedade vivenciam os efeitos mais negativos, como remoções forçadas que os obrigam a sair justamente das áreas que estão sendo remodeladas, fomentando a gentrificação¹¹ desses espaços urbanos. Por essa razão, Hiller (2000) argumenta que os Jogos Olímpicos, por exemplo, não são um projeto para o desenvolvimento humano, uma vez que seu objetivo principal não é mitigar as desigualdades sociais e econômicas de uma região, mas estimular principalmente esportes e negócios.

Freitas, Lins e Santos (2016) afirmam que o megaevento se torna um pretexto para a reconfiguração do espaço público em um curto espaço de tempo, tornando-se impossível não experienciá-lo, já que muda o cenário e a rotina das cidades. Segundo os autores, com o objetivo de aproveitar a oportunidade para atrair turistas e negócios, há um esforço para a construção da ilusão de uma cidade perfeita, que se desmantela no momento em que a competição termina, o que desperta a atenção não só para a magia do espetáculo em si, usufruída apenas por uma minoria, mas também para a dura realidade que extrapola esses espaços, a qual atinge de forma mais contundente as classes populares. Assim, esse momento utópico contrasta, muitas vezes, com o contexto vivido, em um jogo de revelações e ocultamentos comandado pelos interesses dominantes. Gaffney (2014) pontua que, assim que os contratos são assinados, discursos de desenvolvimento, transformação, segurança e esporte começam a surgir. “As demandas por trás de um megaevento esportivo revelam inumeráveis conflitos latentes e potenciais que são escondidos pelas representações construídas pelos promotores do evento” (GAFFNEY, 2014, p. 225).

¹¹ Nesta pesquisa, utilizamos o conceito de gentrificação aplicado ao contexto dos megaeventos esportivos, conforme proposto por Arantes (2012). Para a autora, a gentrificação é um dos desdobramentos do planejamento urbano estratégico que busca remodelar a imagem das cidades-sede. Nesse processo, ocorre a substituição da população de baixa renda por grupos sociais de maior poder aquisitivo em áreas de intensa especulação imobiliária, o que intensifica, como consequência, as práticas de segregação social nos grandes centros urbanos.

Em 2009, mais de 20 milhões de reais¹² foram gastos para a construção de um muro nas margens da Linha Vermelha, principal via de acesso ao Aeroporto Internacional do Rio de Janeiro. Do outro lado do muro, localiza-se um dos maiores conjuntos de favelas da cidade, o Complexo da Maré. A três semanas das Olimpíadas 2016, a paisagem urbana próxima à comunidade sofreu uma nova alteração: a Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro gastou 750 mil reais para adesivar o muro com ilustrações alusivas aos Jogos. Na época, as autoridades públicas afirmaram que a ação teve como funções principais o isolamento acústico, a segurança dos moradores das localidades próximas e o embelezamento da paisagem urbana¹³. No entanto, os moradores da comunidade reagiram contrariamente à construção do chamado “muro da vergonha”, denunciando o processo de segregação social das favelas que estava sendo posto em prática em função da realização dos megaeventos esportivos no país.

Esse processo de assepsia urbana evidencia a tentativa de homogeneização da cidade a fim de construir uma imagem positiva, favorecendo a atração de turistas e de investidores. As favelas cariocas foram alvo desse tratamento universalizante com vistas a esconder os problemas sociais urgentes que assolavam o país. Dessa forma, em vez de terem seus problemas solucionados, essas comunidades vivenciaram uma tentativa de obscurecimento de sua existência neste período, pois poderiam atrapalhar a “festa”, da qual, aliás, só sentiram os impactos dos preparativos, mas não foram convidados a participar. Para garantir o apoio da opinião pública, diversas promessas de remodelações no ambiente urbano passaram a ser incorporadas no discurso do poder público, especialmente com relação às vantagens propiciadas com a chegada dos megaeventos esportivos. “A cidade convertida em empresa e cenário [...] para os megaeventos submerge seus moradores em um mar de informações e produtos, a fim de convencer o público [...] das maravilhas daquela cidade e dos benefícios trazidos pelo ‘renascer’ a partir dos megaeventos” (FREITAS; LINS; SANTOS, 2016, p. 33).

Esses resultados, conhecidos como legados, são definidos como as heranças sociais, políticas, econômicas e físicas, “o que um evento deixa para trás e o que terá um impacto muito maior sobre a comunidade que o sedia do que quando o evento ocorreu” (STRANGIO, 2016, p. 49). Os legados podem se dar não só de forma tangível (material), como na construção de estádios e vilas olímpicas e na remodelação de sistemas de transportes, mas também em um nível intangível (imaterial), conferindo, por exemplo, maior visibilidade ao país-sede,

¹² Informações obtidas em <<http://www.marcelodamico.com/2017/11/apartheid-muros-no-complexo-da-mare-e.html>> . Acesso em 22 de julho de 2019.

¹³ Informações obtidas em <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/olimpiadas/rio2016/noticia/2016/07/muro-que-separa-linha-vermelha-de-favela-ganha-paineis-da-olimpiada.html>> . Acesso em 22 de julho de 2019.

legitimação política e fortalecimento da identidade local. No entanto, a autora alerta que, se um país sediar um megaevento com o intuito de melhorar sua posição no cenário internacional sem levar em conta seus problemas internos, pode acabar não obtendo os retornos esperados com a competição, podendo acentuar desigualdades ou fazer investimentos que seriam necessários para problemas mais urgentes. Portanto, as remodelações promovidas em nome dos megaeventos devem fazer parte de um planejamento que considere sua real utilidade e seu uso após a realização da competição.

O primeiro megaevento dessa década, os Jogos Pan-Americanos, foi realizado de 13 a 29 de julho de 2007, no Rio de Janeiro. A competição reuniu aproximadamente 5.600 atletas de 42 países. Essa foi a segunda vez em que uma cidade brasileira recebeu o campeonato, uma vez que, em 1963, São Paulo já tinha sido anfitriã da disputa. Para Bienenstein e Mascarenhas (2017), a realização do Pan em 2007 pode ser vista como um prêmio de consolação especial após o fracasso da candidatura do Rio para sediar as Olimpíadas de 2004, que acabou acontecendo em Atenas, na Grécia. Além disso, o Pan serviu para atestar que o Brasil estava preparado e qualificado para sediar megaeventos esportivos, o que se concretizou nos anos seguintes com a sequência de competições realizadas no país.

Segundo Gaffney (2014), a candidatura para os Jogos Olímpicos de 2004 foi a primeira iniciativa das autoridades políticas do Rio de Janeiro no processo de atração de megaeventos esportivos globais para a cidade. O Comitê Olímpico Brasileiro, em conjunto com o então prefeito do Rio de Janeiro, César Maia, contratou consultores catalães para desenvolver o primeiro plano urbano estratégico, publicado em 1995. Esse plano delineou um quadro para a governança urbana que tornaria a cidade competitiva a partir do acionamento de estratégias de marketing urbano, da implementação *top-down* de grandes projetos de renovação urbana e da busca de uma economia política baseada no empreendedorismo urbano. Assim, em 1996, o Rio de Janeiro decidiu submeter uma candidatura para os Jogos Olímpicos de 2004, mas, como referido anteriormente, não triunfou, falhando consideravelmente em áreas como segurança e infraestrutura de transportes. Pelos mesmos motivos, a candidatura para as Olimpíadas de 2012 também não teve sucesso. Gaffney (2014) explica que, depois desses fracassos, o Comitê Olímpico Brasileiro voltou-se para o nível regional e empregou a experiência de suas aplicações olímpicas para garantir, em 2003, o direito de sediar os Jogos Pan-Americanos de 2007.

Guanais e Fischer (1999) explicam que o Plano Estratégico elaborado para o Rio de Janeiro em 1995 foi um dos objetivos iniciais do consórcio de organizações públicas e privadas chamado de “Rio sempre Rio”. Um dos eixos desse projeto era justamente incentivar a tradição esportiva na cidade a partir do desenvolvimento de recursos naturais e humanos, aproveitando

a realização de competições esportivas para a transformação local. Por intermédio desses projetos, o Rio recebeu recentemente, em um curto espaço de tempo, grandes investimentos públicos que reconfiguraram a dinâmica socioespacial da cidade, trazendo inúmeros impactos para a população local. A construção de novos equipamentos esportivos, a revitalização da área portuária do Rio e a modernização do sistema de transportes geraram uma série de conflitos sociais, os quais foram ocasionados, principalmente, pelas desapropriações e remoções forçadas de famílias que residiam nestas áreas. Diante desse cenário, a mídia posicionava-se através de uma estratégia de omissão ou minimização das tensões sociais provocadas por essas intervenções, focando, na maioria das vezes, no apoio ao projeto de cidade conduzido até então (BIENENSTEIN; MASCARENHAS, 2017). Em outras palavras, operava discursivamente no intuito de legitimar as reconfigurações urbanas associadas a tais megaeventos esportivos, mascarando suas contradições e travando um debate silencioso a fim de aproveitar as oportunidades de negócios geradas neste período (VAINER, 2013).

No Dossiê do Comitê Popular da Copa e Olimpíadas do Rio de Janeiro, divulgado em novembro de 2015, consta que esse projeto de atração de investimentos teve como um dos principais componentes a expulsão dos pobres de áreas valorizadas, como os bairros da Barra da Tijuca e do Recreio, ou que foram contempladas com investimentos públicos. Nesses locais, “a Prefeitura Municipal atua como uma máquina de destruição de casas populares. A maioria das remoções está, portanto, localizada em áreas de extrema valorização imobiliária” (ANCOP, 2015, p. 19). Da mesma forma, investimentos na área de transportes, como a implantação do sistema BRT (*Bus Rapid Transit*), privilegiaram esses mesmos espaços ocupados pelas elites cariocas. Houve, desse modo, uma desigualdade na distribuição desses investimentos, os quais se concentraram especialmente na Zona Sul, em vez de atenderem às demandas existentes da população mais carente por serviços de transporte para outras direções da cidade.

Nesse sentido, Bienenstein e Mascarenhas (2017, p. 5) afirmam que o Rio de Janeiro pode ser “o modelo mais aperfeiçoado do que se poderia denominar de ‘urbanismo de oportunidades’, onde a produção do ambiente construído constitui um importante veículo de valorização”. Os autores acreditam que a implementação de megaeventos esportivos tem requerido iniciativas identificadas com um urbanismo que representa práticas vinculadas à expulsão dos pobres e a radicalização da racionalidade da forma-mercadoria por intermédio da privatização e da valorização do solo urbano. Freitas, Lins e Santos (2016) ratificam essa ideia ao afirmar que, ao sediar um megaevento, a cidade se transfigura em negócio no qual a gestão do espaço público pode ser compartilhada ou entregue a grupos de empresas.

Nessa mesma perspectiva, Gaffney (2014) aponta que a cidade se transforma em um laboratório para experimentações neoliberais durante a realização de tais acontecimentos, uma vez que cria ilusórias formas de inclusão a partir da exclusão de alguns cidadãos e da criação de espaços específicos que gozam de benefícios políticos e ganhos econômicos. O autor argumenta que a narrativa dominante de um megaevento é formada por determinados ideais, como a celebração de valores culturais partilhados (“globalização”), a construção de uma sociedade melhor através do esporte (“transformação”), a valorização do local no mercado global (“reconhecimento de marca”) e a chance de trazer mudanças duradouras ao espaço urbano e à cultura (“legado”). “Essas estruturas discursivas são consistentes com uma economia política neoliberal que promove o individualismo e o empreendedorismo gerando debates sobre as normas de cidadania e o valor da vida humana” (GAFFNEY, 2014, p. 218). Como consequência, as autoridades políticas veem o megaevento como uma oportunidade de projetar a cidade para uma audiência global com o exposto objetivo de atrair as forças do capital na forma de turistas internacionais, corporações multinacionais e empresas de mídia.

Strangio (2016) afirma que, especialmente em países emergentes, os megaeventos são utilizados como forma de elevar seu status e fazê-los emergir no cenário global. Gaffney (2014) corrobora com essa visão ao afirmar que os megaeventos se tornaram um mecanismo central para inserir cidades do Sul Global em circuitos globais de acumulação de capital. “Uma falha na captura desses eventos é equivalente a falhar em eliminar a ameaça competitiva representada por outras cidades” (GAFFNEY, 2014, p. 222). Consequentemente, as autoridades políticas e empresas de comunicação usam o risco de perder benefícios econômicos de curto, médio e longo prazo para outras cidades como uma estratégia para convencer a população a sediá-los.

Tal autor compara a chegada de um megaevento esportivo a um país com uma espécie de invasão a um estado soberano, uma vez que as semelhanças na fabricação do consentimento para os diferentes projetos são evidentes. “Ambos revelam alguma forma de competição geopolítica, oferecem resultados econômicos e sociais e são conduzidos a partir da criação voluntária de um estado de emergência permanente, fabricado por autoridades públicas em conjunto com uma empresa de comunicação” (GAFFNEY, 2014, p. 222). Assim, o estado de emergência criado pelo país-sede é uma escolha calculada e requer a criação de um estado de exceção que é condicionado pelas limitações de tempo do contrato esportivo.

Dessa forma, graças à construção dessa situação excepcional, são feitas concessões legais e financeiras a empresas estrangeiras e entidades esportivas internacionais, impactando de forma significativa na condução autônoma de uma nação. Esses megaeventos tornam-se, assim, uma oportunidade única para que as classes dominantes tomem decisões que, em

circunstâncias legais habituais, não seriam possíveis. Costa (2013) afirma que essas deliberações podem ter impactos significativos nos direitos dos cidadãos, como na forma de restrições em seu direito de circulação e de manifestação, não ficando restritas apenas ao período de realização do megaevento, mas podendo estender-se indefinidamente. Para o autor, seus custos sociais podem estar “relacionados à falta de transparência em decisões sobre a estrutura da cidade, a repressão aos protestos, a criminalização da pobreza e as mudanças nas regulamentações urbanas” (COSTA, 2013, p. 22). Grande parte da população local é, dessa forma, excluída das instâncias de decisão e participação, tornando-se um processo movimentado não pelas necessidades dos habitantes da cidade, mas de acordo com as estratégias mais eficientes de acumulação do capital.

Complementando a comparação feita por Gaffney (2014), é preciso ressaltar que essa “invasão” ao país-sede durante a realização de megaeventos não se dá apenas por entidades esportivas internacionais, interessadas em se beneficiarem da série de aberturas e concessões efetivada nesse período. A mídia internacional, por sua vez, também aproveita a oportunidade para satisfazer seus interesses político-econômicos, buscando ganhar vantagens competitivas no cenário jornalístico global. Nesse processo, um número expressivo de correspondentes internacionais e enviados especiais são acionados por veículos do mundo todo para desbravar o território e povoar o imaginário da audiência com representações sobre o país-sede. Essas construções seguem as lógicas mercadológicas e editoriais desses veículos hegemônicos, os quais, na maioria das vezes, aproveitam-se do momento para, estrategicamente, aumentar seu poder e influência, alienando, muitas vezes, desse processo os próprios atores locais, em uma postura marcadamente colonialista. Por meio dessa espécie de imperialismo midiático, meios de comunicação globais e hegemônicos aproveitam-se do cenário de abertura e flexibilidade propiciado pelos megaeventos esportivos para estender seu domínio de atuação, como se chegassem para mostrar o que e como deve ser feito, em um tom marcadamente de superioridade, já que ditam suas regras nesse processo de conformação simbólica, criando uma imagem positiva para si e consolidando seu modelo de exploração mundial.

Giulianotti e Klauser (2015) afirmam que, especialmente depois dos atentados terroristas registrados nos Estados Unidos em 11 de setembro de 2009, outra questão passou a merecer atenção durante a realização de megaeventos esportivos. A área da segurança foi a que apresentou maior crescimento em termos de orçamento ao longo dos últimos anos sob a justificativa de ameaças em escala global. Esse processo tem sido acompanhado por novos dispositivos de controle social e pelo desenvolvimento de técnicas refinadas de vigilância, isto é, um conjunto padronizado de estratégias em escala transnacional colocadas em prática

localmente nas cidades-sede. Os autores acrescentam que, quando esses megaeventos são realizados em países localizados no Sul Global, como o Brasil, o controle de questões internas relacionadas com a pobreza, as profundas divisões sociais e os elevados índices de violência urbana ganham relevância de modos mais significativos (GIULIANOTTI; KLAUSER, 2010), o que faz, por exemplo, com que seja colocada em prática uma espécie de “limpeza social” a partir da remoção forçada de grupos sociais indesejados de áreas próximas das competições. Esse processo de criminalização dos grupos sociais mais pobres faz com que sejam condenados ao exílio em sua própria cidade, expulsos de seus lares em nome de uma segurança elitizada e excludente.

O Dossiê do Comitê Popular da Copa e das Olimpíadas ressalta características muito similares do reforço do controle social durante a realização dos megaeventos esportivos no Brasil, criticando o modelo de segurança pública adotado, baseado no belicismo e na militarização, com vistas à expansão do poder punitivo e do aparato repressivo estatal. Essa “política de segurança pública atrelada aos cartões postais da cidade” criou bolsões de segurança para o desenvolvimento do capital em territórios próximos aos locais de competição, “o que na verdade vem se apresentando cada vez mais como bolsões de controle da população pobre” (ANCOP, 2015, p. 72). Tal processo enquadrou não só a população negra e periférica como alvo a ser combatido, mas também passou a criminalizar movimentos sociais, vistos como inimigos internos do Estado (ANCOP, 2015). Dessa forma, é possível afirmar que, no Brasil, a ameaça a ser monitorada não era só externa, representada por possíveis ataques de grupos terroristas, mas também se criou uma atmosfera de guerra para repelir um inimigo local: os grupos sociais minoritários.

Conforme as estatísticas apresentadas pelo Dossiê do Comitê Popular, o maior índice de letalidade foi registrado no ano de 2007, período em que 1.330 pessoas foram mortas pelos órgãos de segurança pública no Rio de Janeiro. Um exemplo desse recrudescimento da força policial foi o cerco da polícia às favelas do Complexo do Alemão, que se estendeu de maio até meados de julho de 2007. Essa ação policial, realizada em parceria entre os governos estadual e federal, envolveu mais de 1.300 policiais, três carros blindados, um helicóptero e uma dezena de viaturas. Conhecida como “a chacina do Pan”, essa ação resultou em 44 mortos e 78 feridos. Para Alvarenga Filho (2016), o dia 27 de junho de 2007 representou o ápice dessa megaoperação policial, quando 19 pessoas foram mortas no mesmo dia no complexo de favelas. A Comissão de Direitos Humanos da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) apresentou denúncias à imprensa e ao Ministério Público sobre evidências que apontavam para mortes sem confronto, isto é, execuções. Em outubro de 2007, o relatório feito pela Secretaria Especial de

Direitos Humanos da Presidência da República comprovou que houve execuções sumárias e arbitrárias no local.

Durante os cinco anos de preparação para o Pan-Americano de 2007, diversos locais de competição foram construídos ou reformados para atender as exigências da organização dos Jogos. Entre as novas instalações, destacam-se o Complexo de Deodoro, o Complexo Esportivo Cidade dos Esportes e o Estádio Olímpico João Havelange, a maior instalação construída para os Jogos, com custo estimado em mais de 300 milhões de reais¹⁴. As obras do Pan de 2007 foram entregues com atraso e geraram críticas da população brasileira devido ao gasto de dinheiro público. O investimento final, conforme divulgado pelo Ministério do Esporte, superou em mais de dez vezes o valor previsto inicialmente. No dia 13 de julho, horas antes da cerimônia de abertura, centenas de pessoas se concentraram em frente ao prédio da Prefeitura do Rio de Janeiro em uma manifestação contra os gastos públicos no evento. Orçado inicialmente em R\$ 409 milhões em 2002, o evento terminou com um orçamento de 3,2 bilhões de dólares¹⁵, isto é, um aumento de 684% para os cofres públicos, sendo considerada a edição mais cara na história do evento até então. O maior estouro foi nas contas do Estado do Rio de Janeiro, que saltou de um gasto inicial de R\$ 31 milhões para R\$ 500 milhões, o que equivale a um aumento de 1.513%. No entanto, apesar de todo o investimento, a maioria das instalações construídas para o Pan não foram aproveitadas posteriormente para as Olimpíadas devido às exigências específicas do Comitê Olímpico Internacional, gerando novos gastos para os cofres públicos brasileiros.

Em junho de 2009, quase dois anos após o Pan, o Tribunal de Contas da União (TCU) identificou um superfaturamento de 2,74 milhões de reais no serviço de hotelaria da Vila Pan-Americana¹⁶ e, três meses depois, divulgou o relatório final de acompanhamento dos Jogos, em que criticou os gastos e a gestão do dinheiro público. O Ministro dos Esportes na época, Orlando Silva Júnior, defendeu os gastos federais, sem os quais, segundo ele, a organização do Pan teria sido um vexame. Em outubro de 2009, o TCU condenou Ricardo Leyser, membro do Comitê da Candidatura do Rio de Janeiro para os Jogos Olímpicos de 2016,

¹⁴ Informações obtidas em <<https://pan.uol.com.br/pan/2007/sedes/sede9.jhtm>>. Acesso em 21 de março de 2019.

¹⁵ Dados encontrados em <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk0703200720.htm>>. Acesso em 21 de março de 2019.

¹⁶ Informações obtidas em <<https://congressoemfoco.uol.com.br/especial/noticias/tcu-aponta-superfaturamento-de-r-2-74-milhoes-no-pan-do-rio/>>. Acesso em 25 de agosto de 2019.

a devolver mais de 18 milhões de reais aos cofres públicos devido a irregularidades no Pan de 2007¹⁷.

Na visão de Gaffney (2014), sediar o Pan foi extremamente problemático para o país, mas deu à elite política e esportiva do Rio experiência valiosa na organização de um megaevento e credibilidade aos olhos de entidades esportivas internacionais. Assim, em outubro de 2007, a FIFA concedeu a Copa do Mundo de 2014 ao Brasil. Também no final desse mesmo ano, o projeto de candidatura olímpica para 2016 começou a florescer. O autor salienta que a Copa do Mundo de 2014 foi essencialmente “a concessão de um contrato sem licitação, já que a FIFA havia instalado temporariamente um sistema de rotação continental para o evento, prometendo a um anfitrião sul-americano a Copa do Mundo depois da África do Sul 2010” (GAFFNEY, 2014, p. 219). Ao indicar o Brasil como único candidato à sede do megaevento, a CONMEBOL, Confederação Sul-Americana de Futebol, garantiu sua escolha como anfitrião para a edição de 2014. Com essa definição, o país também seria automaticamente sede da Copa das Confederações um ano antes do Mundial, uma vez que tal competição é realizada justamente para testar as condições do país-sede antes do torneio principal.

O Brasil havia sediado pela primeira vez a Copa do Mundo em 1950, sendo derrotado pelo Uruguai na final, em pleno estádio do Maracanã, construído especialmente para a competição. Assim, em 2014, o país teve novamente nas mãos a chance de conquistar o título em casa. No entanto, com um placar de 7 a 1 para a Alemanha na semifinal, a Seleção Brasileira saiu apenas com o quarto lugar no campeonato. Para Chade (2015), o resultado deixou atônitos não só os jogadores, que se sentiam perdidos dentro de campo, mas também os torcedores, que esperavam que os gastos com dinheiro público nas obras da Copa fossem, em parte, justificados com a conquista de mais um título. A insatisfação no esporte veio em um momento político-econômico conturbado para o país, marcado pelos casos de corrupção nos poderes executivo, legislativo e judiciário, pela alta do dólar e da inflação e pelos altos índices de desemprego. Em 2015, Eduardo Cunha, presidente da Câmara dos Deputados, autorizou a abertura do processo de *impeachment* da então presidenta Dilma Rousseff, o que deixou o país em uma situação ainda mais delicada no cenário internacional diante de incertezas e conflitos de interesses.

Para Chade (2015), o Brasil perdeu o campeonato dentro e fora de campo: a democracia foi atacada com a modificação da Constituição por exigência da FIFA, que ficou livre do pagamento de impostos; o dinheiro público pagou, em grande parte, as obras do Mundial,

¹⁷ Informação obtida em <http://www.espn.com.br/noticia/78840_por-pan-tcu-condena-membro-da-rio-2016-a-devolver-r-184-milhoes>. Acesso em 21 de março de 2019.

deixando uma dívida financeira para o país e contribuindo para o enriquecimento dos cartolas e, por fim, o investimento público não deixou um legado social como haviam prometido os dirigentes da entidade máxima do futebol. O custo total do evento ultrapassou os 28 bilhões de reais¹⁸, tornando-se a edição mais cara da competição até então. Desse montante, apenas R\$ 5,6 bilhões vieram da iniciativa privada, o que revela que a maior parte do dinheiro para as obras veio de recursos estatais. Os estádios para o Mundial chegaram a custar mais de três vezes o valor que a CBF informou à FIFA quando apresentou o projeto de candidatura do país, somando R\$ 8,9 bilhões (CHADE, 2015).

A situação dos estádios brasileiros, um ano após a realização da Copa de 2014, já era caótica: dois terços das doze arenas do Mundial completaram o primeiro ano com prejuízos, em um total de R\$ 120 milhões, e sem perspectivas de recuperar o dinheiro investido (CHADE, 2015). Em 2019, cinco dos 12 palcos da competição apresentavam aproveitamento inexpressivo ou geravam prejuízos aos cofres públicos¹⁹: a Arena Pernambuco, no Recife, a Arena da Amazônia, em Manaus, o Mané Garrincha, em Brasília, a Arena Pantanal, em Cuiabá, e a Arena das Dunas, em Natal. O Mundial ainda foi marcado por suspeitas de esquemas ilícitos envolvendo agentes públicos e construtoras como Odebrecht, Andrade Gutierrez e OAS. Em junho de 2015²⁰, o empreiteiro Marcelo Odebrecht foi detido e acusado pelo pagamento de propina em troca de favorecimentos em diversos projetos. Além disso, muitas promessas jamais saíram do papel ou não foram cumpridas a tempo, embora o Brasil tenha tido mais de sete anos para se preparar para a Copa.

A FIFA, que arrecadou um valor total de US\$ 1,5 bilhão durante a competição, ainda interferiu de modo significativo no cotidiano das principais cidades do Brasil, levando Rio de Janeiro e São Paulo a decretar feriados em dias de jogos para garantir que os torcedores chegassem aos estádios, fazendo com que mais de sete milhões de veículos deixassem de circular (CHADE, 2015). Segundo o IBGE, os dias de folga e as jornadas de trabalho reduzidas durante a Copa foram traduzidos em uma contração de 1,4% na economia. O PIB do país cresceu apenas 0,1%, taxa inferior à de países europeus e dos Estados Unidos, registrando uma estagnação da economia justamente no ano em que o megaevento esportivo havia acontecido.

¹⁸ Informações obtidas em <<https://congressoemfoco.uol.com.br/especial/noticias/custo-da-copa-do-mundo-passa-de-r-28-bilhoes/>>. Acesso em 25 de agosto de 2019.

¹⁹ Informações obtidas em <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/noticia/2019/07/cinco-anos-depois-da-copa-dos-12-estadios-construidos-para-o-mundial-cinco-geram-prejuizos-aos-cofres-publicos-cjy56uc9m023e01mss6g75hii.html>>. Acesso em 27 de agosto de 2019.

²⁰ Informações obtidas em <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/06/150620_perfil_odebrecht_jf_cq> Acesso em 29 de agosto de 2019.

A “Copa das Copas” parece ter sido uma vitória somente para a FIFA, já que o retorno financeiro e social ao Brasil, o tão discutido legado do Mundial, não se concretizou. Desse modo, o país perdeu a oportunidade de passar por uma transformação diante dos olhos do mundo todo.

Na visão de Chade (2015), a principal contribuição da Copa do Mundo foi dada pelo torcedor, que assumiu seu poder como cidadão ao ir às ruas se manifestar um ano antes da realização do Mundial. Em junho de 2013, durante a realização da Copa das Confederações, milhares de pessoas tomaram as ruas das principais cidades do país questionando a realização da Copa do Mundo com o uso de dinheiro público, investimento que poderia ter sido usado para a construção de escolas e hospitais e para a modernização do setor de transportes. As manifestações, que começaram em função do aumento do preço do transporte público, logo mostraram ao mundo a insatisfação popular diante de decisões políticas do governo brasileiro que não levavam em conta o bem-estar social. Para Freitas, Lins e Santos (2016), os protestos significaram uma polifonia que envolveu os custos da Copa, o aumento das passagens do transporte coletivo e os sucessivos escândalos de corrupção.

Vainer (2013) defende que não há como não reconhecer uma estreita conexão entre os protestos e o contexto propiciado pelos maciços investimentos urbanos associados à Copa do Mundo de 2014 e aos Jogos Olímpicos de 2016. Para o autor, houve inclusive uma demora na explosão desses movimentos diante da gravidade dos problemas presentes nas cidades brasileiras, como “favelização, informalidade, serviços precários ou inexistentes, desigualdades profundas, degradação ambiental, violência urbana, congestionamento e custos crescentes de um transporte público precário e espaços urbanos segregados” (VAINER, 2013, p. 39). Para Freitas, Lins e Santos (2016), pela primeira vez, questionou-se a capacidade e o desejo do país de sediar um megaevento internacional. Na visão de Castells (2013), os megaeventos até suscitaram o interesse da população em um primeiro momento, mas a divulgação dos casos de corrupção e do uso desenfreado de recursos públicos levou os brasileiros ao esgotamento. Esse fato comprova que “a fogueira que eles acendem espalha-se facilmente, seduzindo ou incendiando a multidão, pulsando no coração das cidades” (FREITAS; LINS; SANTOS, 2016, p. 35).

Na abertura do primeiro jogo da Copa das Confederações, a presidenta Dilma Rousseff recebeu vaias de uma torcida composta por 70 mil torcedores, cena que foi transmitida para o mundo inteiro através da televisão. Chade (2015) aponta que o povo brasileiro tinha motivos reais para criticar o uso de dinheiro público para o financiamento do evento, questionando a legitimidade da realização da Copa do Mundo nestas circunstâncias no ano seguinte:

Com o dinheiro usado nos estádios, cerca de R\$ 8 bilhões, poderiam ter sido financiadas 2,4 milhões de bolsas-atleta para esportistas olímpicos ou 10 mil quadras poliesportivas pelo país. Em termos sociais, o impacto seria profundo. O valor é suficiente para erguer 130 mil casas populares ou 9 mil creches. O investimento também permitiria abrir quase 50 mil escolas rurais (CHADE, 2015, p. 300).

Além disso, reverberavam na mídia diversos casos de corrupção envolvendo a FIFA e a CBF, como a venda ilegal de ingressos, o pagamento de propina para a escolha dos países-sede da competição e o favorecimento ilícito nos contratos de marketing e transmissão dos jogos. A pior crise moral da história da entidade coincidia, no entanto, com seu momento de maior expansão financeira. A FIFA declarou no Congresso uma receita recorde de US\$ 5,7 bilhões, graças ao sucesso comercial da Copa no Brasil (CHADE, 2015). No mesmo período, o FBI, unidade de polícia do Departamento de Justiça dos Estados Unidos, juntamente com a polícia suíça, desmontou um esquema de corrupção envolvendo a entidade suspeito de ter desviado pelo menos US\$ 150 milhões em 24 anos.

Diante desse cenário de negociações obscuras e enriquecimentos ilícitos, um movimento de países, liderado por Suíça, Áustria, Alemanha e Suécia, pediu que o COI e a FIFA modificassem seu critério de escolha das sedes para não premiar apenas os países que oferecessem possibilidades de mais gastos, mas principalmente os que mais poderiam fazer a diferença com um evento socialmente responsável, sustentável e dentro de um equilíbrio orçamentário (CHADE, 2015). Depois da experiência no Brasil e dos “elefantes brancos”²¹ espalhados pelo país, esse movimento contrário à realização de megaeventos esportivos se espalhou, especialmente entre países economicamente desenvolvidos. A cidade de Boston, nos Estados Unidos, por exemplo, anunciou no dia 27 de julho de 2015, a menos de três meses do encerramento do prazo para formalização do registro junto ao Comitê Olímpico Internacional, o abandono definitivo de sua candidatura para sediar os Jogos Olímpicos de 2024²². O anúncio ocorreu depois de o prefeito da cidade, Martin Walsh, se recusar a assinar um documento que obrigaria os contribuintes a arcarem com alterações nos custos das Olimpíadas. Segundo o prefeito, ele não poderia “hipotecar o futuro da cidade” nem “colocar os contribuintes em risco”. Além da postura contrária do prefeito, a própria população da cidade demonstrou baixa adesão ao projeto olímpico, intensificando, assim, o cenário desfavorável para a candidatura. Conforme

²¹ Popularmente, a expressão “elefantes brancos” se refere a obras que demandam grandes investimentos públicos e que, por falta de planejamento, ficam sem utilidade após a realização de megaeventos, gerando um alto custo de manutenção aos cofres públicos.

²² Informações obtidas em <<http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/noticia/2015/07/boston-desiste-de-ser-candidata-sede-das-olimpiadas-de-2024.html>>. Acesso em 27 de agosto de 2019.

aponta Mascarenhas (2016), esses casos têm em comum as recorrentes críticas a construções subutilizadas, aos gastos públicos exorbitantes e incontroláveis, às promessas de legado jamais cumpridas e aos impactos indesejados, geralmente de natureza ambiental ou relativos às remoções forçadas provocadas pelas obras.

Nesse cenário, o autor indica atualmente um deslocamento espacial dos megaeventos esportivos para a periferia emergente do sistema mundial, notadamente para os chamados BRICS²³ e, mais recentemente, para o mundo asiático.

Esse deslocamento não sinaliza apenas a predisposição de determinados países de rápido crescimento econômico a alcançar maior projeção internacional pela exibição de seu poderio emergente, mas também a estratégia da FIFA e do COI de recorrer a países nos quais, supostamente, encontrarão menos resistência por parte da sociedade civil, sobretudo por questões de cultura política ou por contar com governos autoritários desejosos de legitimação no cenário global e mesmo no plano interno (MASCARENHAS, 2016, p. 58)

Mascarenhas (2016) explica que o COI estabelece um rigoroso pacote de exigências às cidades que se candidatam à sede das Olimpíadas, demandas que muitas vezes ferem a própria soberania nacional dos países em que se encontram. Diante de um forte movimento anti-olímpico global, a entidade aprovou, durante sua 127^a sessão ordinária, realizada em Mônaco, em dezembro de 2014, a Agenda 2020²⁴, que flexibiliza, ainda que timidamente, algumas de suas exigências e sinaliza claramente a possibilidade de reduzir os custos do evento em edições futuras. No documento, ainda não fica estabelecida a obrigatoriedade de consulta popular em cada candidatura, mas já há a indicação de uma maior aproximação com a sociedade civil. Além disso, com a possibilidade aberta de se utilizar mais de uma localidade como sede da competição, os projetos podem ser elaborados de forma mais abrangente, propondo benefícios a uma extensão geográfica maior em vez de concentrarem os investimentos em uma única cidade-sede. No entanto, as mudanças só passariam a valer a partir dos Jogos de 2024, o que deixava o Brasil ainda refém das ultrapassadas e exigentes normas da instituição.

Com todas essas reverberações no cenário nacional e internacional, o Brasil chega, em 2016, com mais um desafio: sediar o maior evento multiesportivo do mundo no Rio de Janeiro. De 5 a 21 de agosto daquele ano, o país recebeu mais de 11 mil atletas de 206 países. O percurso, no entanto, iniciou em 2009, com a eleição da capital carioca como sede olímpica, processo que envolveu uma intensa remodelação urbana e que trouxe diversas consequências sociais,

²³ BRICS é um termo utilizado para designar o grupo de países de economias emergentes formado por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul.

²⁴ Disponível em <<https://www.olympic.org/olympic-agenda-2020>>. Acesso em 29 de agosto de 2019.

políticas e econômicas, afetando especialmente os grupos sociais minoritários. No próximo tópico, analisaremos mais detalhadamente o contexto vivenciado no país durante as Olimpíadas Rio 2016, com o foco direcionado para os impactos experienciados nas favelas cariocas neste período.

3.2 AS OLIMPÍADAS RIO 2016 E AS FAVELAS CARIOCAS

Segundo o Censo 2010 do IBGE²⁵, o Brasil tinha cerca de 11,4 milhões de pessoas morando em favelas, sendo que cerca de 12,2% delas estavam no Rio de Janeiro. Apesar de São Paulo ter o maior número de favelas no país, a capital carioca se caracteriza como a cidade com a maior população vivendo em aglomerados subnormais²⁶ em território nacional. Aproximadamente 1,4 milhão de pessoas residem nas 763 favelas do Rio, ou seja, representam 22,03% dos cerca de 6,4 milhões de moradores da cidade. Isso significa que praticamente um em cada cinco moradores da capital carioca vive em favelas. Se fosse uma cidade, a favela mais populosa do Brasil, a Rocinha, seria maior que 92% dos municípios brasileiros. Segundo a ONG ComCat - Comunidades Catalisadoras (2016)²⁷, a estimativa é que cerca de um terço da população mundial esteja vivendo em assentamentos urbanos informais até 2050. A partir desse cenário, é possível visualizar a importância das favelas para a compreensão da cultura vivida no Rio de Janeiro, pois integram a realidade histórica, social e cultural da cidade e de seus moradores. Portanto, para discutirmos os impactos das Olimpíadas 2016 na capital carioca, é fundamental analisarmos as diferentes formas como esses grupos sociais minoritários vivenciaram essas transformações.

Fernandes (2019) explica que as favelas são uma das heranças do período escravista brasileiro, formando-se a partir do final do século XIX, “como uma das poucas alternativas de habitação em áreas urbanas não só para ex-escravos, mas também para imigrantes que chegavam da Europa [...] e da região Nordeste do Brasil” (FERNANDES, 2019, p. 16). Valladares (2008) complementa que esses redutos de negros, libertos após a promulgação da

²⁵ O IBGE realiza estudo sobre a população que vive em favelas no país a cada dez anos.

²⁶ Nomenclatura utilizada pelo IBGE para se referir aos diversos tipos de assentamentos irregulares existentes no Brasil, como favelas, invasões, grotas, baixadas, comunidades, vilas, rещaccas, mocambos, palafitas, entre outros.

²⁷ A Comunidades Catalisadoras (*Catalytic Communities*) é uma organização sem fins lucrativos dos Estados Unidos e uma ONG com base no Rio de Janeiro. Sua missão é desenvolver modelos para uma integração efetiva entre assentamentos informais e formais em cidades do mundo todo a partir da experiência vivida na capital carioca. Em 2010, a ComCat lançou o site de notícias *RioOnWatch* com o objetivo de dar mais visibilidade às vozes das favelas ao longo das Olimpíadas 2016.

Lei Áurea em 1888²⁸, passaram progressivamente a atrair um grande contingente de pessoas economicamente desfavorecidas, as quais se deslocavam em busca de oportunidades de trabalho e de melhores condições de vida. Pereira (2010) elucida que os primeiros aglomerados tiveram origem na área central do Rio de Janeiro devido à proximidade com a maior parte dos locais de trabalho, somado ao fato de que a rede de transportes ainda era ineficiente e cara nesta época, motivando, portanto, a permanência desses grupos nessa zona. O autor argumenta que os grupos sociais dominantes precisavam da mão-de-obra oriunda da população de baixa renda, o que fez com que esses sujeitos permanecessem próximos para facilitar seu deslocamento. Por isso, já na primeira década do século XX, as favelas começaram a ocupar as zonas sul e norte da cidade.

Valladares (2008) exemplifica esse processo com a formação do Morro da Providência, primeira favela carioca, que recebeu, em seus primórdios, além de negros, soldados vindos da Guerra de Canudos²⁹ e cidadãos que perderam suas moradias após a derrubada dos cortiços no centro da cidade devido à implementação da política do então prefeito do Rio de Janeiro, Pereira Passos³⁰. Androvandi (2010) explica que os ex-combatentes de Canudos chegaram ao Rio de Janeiro sem um lugar para viver e sem o soldo prometido pelo governo após o combate. Assim, em 1897, receberam autorização do governo para se instalar no morro. Conde e Magalhães (2004) afirmam que esses primeiros grupos denominaram o local de Morro da Favela devido à semelhança com a vegetação rasteira da região nordestina que serviu de base para o acampamento dos soldados em Canudos. Assim, em sua primeira acepção, a palavra “favela” não tinha a conotação negativa que possui atualmente. O primeiro registro do termo está na obra “Os Sertões”, de Euclides da Cunha, referindo-se a uma espécie de planta leguminosa, típica de clima árido. O significado pejorativo do termo só foi adquirido posteriormente com sua associação a locais de moradia precária e sem infraestrutura.

Em 1902, com a posse de Pereira Passos no governo do Rio de Janeiro, então capital da República, iniciou-se uma série de modificações urbanas com vistas à revitalização e

²⁸ A Lei Áurea foi assinada em 13 de maio de 1888 pela Princesa Isabel, um marco legal que colocou fim ao período de escravidão no Brasil.

²⁹ A Guerra de Canudos foi um conflito armado que envolveu o Exército Brasileiro e membros da comunidade sócio-religiosa liderada por Antônio Conselheiro, em Canudos, no interior da Bahia. Os confrontos ocorreram entre 1896 e 1897, com a destruição da referida comunidade e a morte da maior parte dos 25 mil habitantes da cidade.

³⁰ Ao assumir a presidência da República, Francisco de Paula Rodrigues Alves instituiu como meta governamental o saneamento e a reurbanização da capital da República, então localizada no Rio de Janeiro. Para comandar as reformas, nomeou Francisco Pereira Passos para o governo municipal. A cidade passou a sofrer profundas mudanças, com a derrubada de casarões e cortiços e o consequente despejo de seus moradores a fim de dar lugar a amplas avenidas e prédios suntuosos. Popularmente, o movimento ficou conhecido como o "bota-abaixo".

modernização da cidade, tendo Paris como inspiração. Silva (2018) destaca que esse processo levou à demolição dos cortiços e à construção de largas avenidas, parques e prédios. Para a autora, as reformas foram “o meio para proporcionar a renovação urbana [...] e excluir um conjunto social específico – no caso as classes populares, formada por operários, pequenos comerciantes – para que esse novo espaço fosse ocupado por parcelas das classes abastadas” (SILVA, 2018, p. 28). Essa segregação não se deu apenas por meio das demolições, mas também pelo aumento do preço dos aluguéis, que dificultou a permanência dos grupos populares na região central do Rio de Janeiro. Essa profunda transformação no cenário urbano resultou em uma legião de desabrigados, os quais, sem alternativa, passaram a ocupar os morros da cidade.

Durante a ditadura militar, a repressão contra essas comunidades foi intensificada por meio da implementação de uma política sistemática de erradicação das favelas, a qual foi acompanhada de uma série de demolições. Segundo Ribeiro e Lago (1991), em 1960, 335 mil pessoas já moravam em favelas na capital carioca, um número alarmante para os que a consideravam um mal a ser combatido. Brum (2013) coloca que as remoções e demolições foram implementadas nesse período sob a justificativa de que esses aglomerados irregulares não integravam o complexo sistema habitacional da cidade, pois não contribuíam com tributos e, assim, não mereciam usufruir dos mesmos benefícios do resto da população. Em 1968, o governo criou a Coordenação da Habitação de Interesse Social da Área Metropolitana do Grande Rio (CHISAM), cuja meta era a remoção completa de todas as favelas do Rio de Janeiro, o que deu início a um dos capítulos mais violentos da longa história de repressão e exclusão dessas localidades (PEREIRA, 2010). Cerca de 60 favelas e 100 mil pessoas foram removidas. Em grande parte, estas favelas estavam localizadas em áreas de interesse do setor imobiliário, em especial na zona sul. Fica claro, assim, que a estigmatização das favelas vem sendo forjada desde seu surgimento na medida em que são consideradas indesejadas e degradantes, sendo alvo de reiteradas tentativas de segregação e erradicação.

Nos anos 1980, com o processo de redemocratização do país, procurou-se implementar uma política inclusiva para as favelas. Em 1993, o então prefeito do Rio de Janeiro, César Maia, colocou em prática o programa “Favela-Bairro”, que incluía políticas de urbanização e regularização fundiária, além de projetos educacionais. Segundo o site da Prefeitura do Rio³¹, o objetivo do programa, financiado pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), é

³¹ Informações obtidas em <http://www0.rio.rj.gov.br/habitacao/favela_bairro.htm>. Acesso em 23 de setembro de 2019.

integrar a favela à cidade por meio da implantação de infraestrutura urbana, serviços, equipamentos públicos e políticas sociais nas comunidades beneficiadas. Ainda em vigor atualmente, o programa encontra-se em seu terceiro contrato, com um investimento previsto de US\$ 300 milhões, os quais beneficiarão cerca de 30 mil domicílios. No entanto, apesar de aparentemente positiva, a iniciativa vem sendo alvo de críticas desde sua implantação, as quais envolvem a falta de participação da população local na tomada de decisões, a prevalência de obras de infraestrutura em detrimento de ações de integração social, a ausência de valorização dos aspectos sociais e o completo abandono do poder público após a realização das obras (PEREIRA, 2010). Na visão da ComCat³², o programa de fato colocou em prática uma mudança em relação ao estigma das favelas, tratando-as como comunidades dignas e merecedoras de fundos públicos em larga escala, mas, ao mesmo tempo, vários projetos se deterioraram rapidamente por falta de manutenção e pela qualidade inferior dos materiais utilizados.

Com o processo de preparação para os megaeventos esportivos no país, Brum (2013, p. 194) afirma que, contrariamente à via urbanizadora do programa “Favela-Bairro”, “vemos uma inflexão a partir da preparação dos Jogos Pan-Americanos 2007, em que preparar a cidade para os Grandes Eventos, em conjunto com a acusação sobre a favela ser um pólo irradiador de violência, começa a ser a justificativa para as remoções”. Em 2007, o governo federal implementou o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC)³³ com o objetivo de promover o crescimento econômico, aumentar as taxas de emprego e melhorar as condições de vida da população. Para isso, algumas medidas estavam previstas, como o incentivo ao investimento privado, o aumento do investimento público em infraestrutura e a remoção de obstáculos ao crescimento. Segundo matéria publicada pelo jornal Folha de São Paulo³⁴, tratou-se da maior proposta de intervenção em favelas da cidade, destinando-se mais de um bilhão de reais para obras de saneamento e urbanização. No entanto, em 2016, nove anos após sua implantação, das dez maiores obras anunciadas, apenas duas tinham sido concluídas³⁵. No Complexo de Favelas do Alemão, por exemplo, apenas 53% das unidades habitacionais prometidas tinham sido entregues. Além disso, o teleférico, obra construída para dar mais mobilidade e conforto aos moradores, tinha sido fechado 11 vezes só no ano de 2015 em função dos recorrentes tiroteios

³² Informações obtidas em <<https://rioonwatch.org.br/?p=5042>>. Acesso em 23 de setembro de 2019.

³³ Informações obtidas em <<http://www.pac.gov.br/sobre-o-pac>>. Acesso em 23 de setembro de 2019.

³⁴ Informações obtidas em <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2007/12/352932-pac-adota-favelas-do-rio-como-vitrines.shtml>>. Acesso em 23 de setembro de 2019.

³⁵ Informações obtidas em <<https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,nova-noticia,1824792>>. Acesso em 23 de setembro de 2019.

na região. Desde 14 de outubro de 2016³⁶, o serviço, que custou mais de R\$ 250 milhões, está inoperante por causa da falta de pagamento do governo ao consórcio responsável e da necessidade de manutenção de um dos cabos de tração.

Em janeiro de 2010, a Prefeitura do Rio de Janeiro, sob o comando de Eduardo Paes, anunciou a retomada da política de remoções, a qual passou a ser vendida como algo positivo, tendo como justificativa três pilares principais: a necessidade de restaurar áreas legalmente preservadas e degradadas diante do excessivo desmatamento, a crescente violência nessas localidades em função do difícil acesso do poder público e a adequação às exigências do Plano Olímpico (BRUM, 2013). Segundo a ComCat, no Plano Estratégico da Cidade 2013-2016, anunciado durante a campanha para reeleição, Eduardo Paes defendeu tanto uma redução de 5% das favelas da cidade quanto a eliminação de residências em áreas de proteção ambiental e áreas de risco, gerando angústia nos moradores diante da ameaça iminente de um novo período de remoções.

Para a Articulação Nacional dos Comitês Populares da Copa e das Olimpíadas, no período de preparação para os megaeventos esportivos, a coalizão de forças políticas somada aos interesses de grandes empreiteiras acelerou a limpeza social de áreas valorizadas da cidade e de áreas periféricas, convertidas em novas frentes lucrativas para empreendimentos de classe média e alta renda. “Trata-se de uma política de realocação dos pobres na cidade a serviço de interesses imobiliários e oportunidades de negócios, acompanhado de ações violentas e ilegais” (ANCOP, 2015, p. 19). Assim, um dos principais componentes desse período foi a expulsão dos pobres de áreas valorizadas, como os bairros da Barra da Tijuca e do Recreio, ou de regiões contempladas com investimentos públicos.

A maioria das remoções está, portanto, localizada em áreas de extrema valorização imobiliária. Os investimentos públicos realizados em transporte (BRTs) privilegiaram esses mesmos espaços, multiplicando as oportunidades de outros investimentos e de retorno financeiro na produção habitacional para classes média e alta e na produção de imóveis comerciais. Já as construções destinadas aos atletas e equipamentos esportivos – Vila dos Atletas no Riocentro e Parque Olímpico – serão transformadas após os jogos em empreendimentos residenciais de luxo, comercializados pelas empreiteiras “parceiras” dos governos municipal e estadual (ANCOP, 2015, p. 20).

Segundo o dossiê da Ancop, entre 2009 e 2015, mais de 22 mil famílias tinham sido removidas na cidade do Rio de Janeiro, totalizando cerca de 77.206 pessoas. Esses grupos foram deslocados, por sua vez, para regiões com baixa cobertura de serviços públicos e precária infraestrutura urbana, ou seja, para longe dos empreendimentos construídos com a promessa de

³⁶ Informações obtidas em <<https://oglobo.globo.com/rio/fechado-para-troca-de-um-cabo-teleferico-do-alemao-completa-1-ano-sem-funcionar-21829917>>. Acesso em 23 de setembro de 2019.

melhorar a vida da população local. Somente para a construção do BRT Transcarioca, responsável por fazer a ligação entre a Barra da Tijuca e o Aeroporto Internacional Tom Jobim, foram demolidas quatro comunidades inteiras e uma foi parcialmente removida, totalizando 349 famílias atingidas. Dessa forma, as classes populares sofreram duplamente: primeiro, por serem removidas de suas casas e, adicionalmente, por não usufruírem das áreas que receberam os maiores investimentos, as quais coincidiram, na maioria das vezes, com os locais onde ocorreram as remoções.

Um dos casos mais emblemáticos de resistência às remoções nessa época foi registrado na Vila Autódromo. A construção do Parque Olímpico, principal área de competição das Olimpíadas, ao lado da comunidade, foi o principal motivo para a tentativa de remoção dos moradores e para a destruição de parte das casas do local. Desde 2013, o poder público municipal exerceu pressão para retirar os moradores da área, alegando a necessidade de construir pistas para a locomoção entre o Centro de Imprensa, a Vila Olímpica e o Parque Olímpico para atletas e jornalistas (CALDAS, 2017). Segundo dados da Secretaria Municipal de Habitação (SMH), entre 2009 e 2013, mais de 20 mil famílias foram removidas de suas casas pela Prefeitura devido às intervenções olímpicas no espaço urbano ou ao argumento de que se localizavam em zonas de risco. Mesmo em meio aos escombros da destruição da maior parte das casas pelo poder público e de ameaças psicológicas e físicas, 192 famílias permaneceram no local, um ato de resistência que ganhou repercussão na mídia internacional (ANCOP, 2015).

Para Caldas (2017), esse processo de fragmentação do espaço urbano, em camadas sociais, levou à gentrificação da cidade, recortando-a geográfica e socialmente entre beneficiados e desfavorecidos, acentuando, ainda mais, a periferização das minorias no país. O Dossiê do Comitê Popular da Copa e das Olimpíadas chama atenção para um padrão específico adotado pelo poder público ao longo das remoções, caracterizado pela falta de diálogo com as comunidades atingidas, por procedimentos de força e coação, pela precariedade ou ausência de transparência do processo, além da concessão de indenizações incapazes de garantir o acesso a novas moradias no mesmo local ou nas proximidades. “O padrão de relacionamento dos agentes públicos é de desrespeito com a população de baixa renda, tratada como cidadãos de segunda classe. Assim, como são moradores sem propriedades, estes não teriam direitos” (ANCOP, 2015, p. 38).

A área da segurança pública foi um dos pontos principais destacados no projeto de candidatura olímpica do Rio de Janeiro, recebendo altos investimentos do poder público. Nesse contexto, as Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs) foram apresentadas como o principal programa de segurança pública no Estado do Rio de Janeiro. Em novembro de 2008, a primeira

UPP foi instalada na Favela Santa Marta, no Rio de Janeiro. O projeto foi idealizado pela Secretaria Estadual de Segurança Pública com o objetivo de instituir polícias comunitárias nas favelas como forma de desarticular gangues de traficantes de drogas que detinham o domínio das comunidades. Assim, aproximando-se do cidadão, a meta era abrir caminho para a prestação de serviços públicos por parte do Estado nessas localidades. Em março de 2018, 38 UPPs já tinham sido instaladas no Rio de Janeiro³⁷. Apesar do sucesso inicial do processo de pacificação das favelas, a intervenção foi fortemente criticada por quem estava inserido nessas comunidades. Para a Ancop (2015, p. 101), a lógica bélica prevaleceu ao longo da aplicação do projeto, o qual consistiu em “um instrumento da política de genocídio negro e repressão de favelas e periferias, acentuando ainda mais a criminalização dos movimentos sociais”. Conforme o dossiê, a ocupação militar das favelas cariocas marca a escolha por um modelo repressivo e de controle adotado pelas autoridades de segurança pública brasileiras. Em apenas 15 meses de ocupação, o governo federal havia gastado R\$ 599,6 milhões com as operações, um valor que é o dobro do que foi destinado para projetos sociais em seis anos.

Durante a ocupação do Exército, moradores denunciaram inúmeras e graves violações de direitos humanos por parte dos militares, além dos relatos diários de tiroteios entre a polícia e traficantes. Segundo a Ancop (2015), tais operações foram marcadas por abusos dos agentes de segurança pública, prisões e detenções arbitrárias, tortura, ameaças, mandados de busca e apreensão coletivos e, principalmente, execuções autorizadas através do dispositivo do auto de resistência³⁸. O jornal Voz das Comunidades relatou ainda outra consequência da convivência diária com a violência: a interferência no dia a dia das favelas, com a interrupção de aulas nas escolas e o fechamento de estabelecimentos comerciais devido a confrontos e tiroteios³⁹.

Conforme o Dossiê do Comitê Popular da Copa e Olimpíadas do Rio de Janeiro, o índice de letalidade subiu expressivamente durante a instalação das UPPs, especialmente nos anos marcados por megaeventos. No Complexo da Maré, por exemplo, apenas nos primeiros seis meses de ocupação, foram contabilizados 28 homicídios na região (ANCOP, 2015). Assim, apesar da repressão e da violência terem marcado a relação entre o poder público e as favelas desde seu surgimento, esse ciclo de militarização da segurança pública e de genocídio de negros

³⁷ Informações obtidas em <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/11/politica/1520769227_645322.html>. Acesso em 01 de outubro de 2019.

³⁸ O auto de resistência, amparado pelo Código de Processo Penal, concede à autoridade competente o direito de usar dos meios necessários para vencer à resistência do infrator ou para defender-se, sob a alegação de legítima defesa.

³⁹ Informações obtidas em <<http://www.vozdascomunidades.com.br/casos-de-policia/operacao-na-cidade-de-deus-tem-tiroteio-e-escolas/>>. Acesso em 01 de outubro de 2019.

se agravou no marco dos megaeventos, como um dos pontos principais da agenda política de segurança brasileira. Para a Ancop (2015, p. 102), “o contexto da preparação para os Jogos Olímpicos traz consigo o agravamento do militarismo com a subsequente ampliação do Estado policial e, logo, da letalidade policial”. Assim, a manutenção dessa política, na visão da Associação, significou um dispositivo de gestão militarizada das favelas, representando não apenas um projeto de controle urbano, mas também um fator de justificativa para o homicídio de negros e pobres no país.

Esse processo, no entanto, não foi acompanhado de forma passiva pelos moradores das favelas, os quais se uniram em diferentes frentes com o objetivo de resistir às interferências arbitrárias vivenciadas nesse período. Na resistência, surgem diversos movimentos, dentre os quais muitos são protagonizados pelas mães de vítimas. “As mães se organizam e criam uma rede de apoio para transformar o luto em luta. Juntas, ganham força para resistir e para lutar por um futuro diferente” (ANCOP, 2015, p.124). O próprio Comitê Popular da Copa e das Olimpíadas surgiu como uma forma de divulgar e denunciar as inúmeras violações e interferências ocorridas na época dos megaeventos esportivos, especialmente no que se refere às classes populares. Nesse sentido, o Comitê atuou com a finalidade de fortalecer as lutas sociais através da realização de plenárias quinzenais, cursos de formação para lideranças populares, produção de material informativo, divulgação de denúncias, realização de atos públicos e publicação de dossiês.

O processo de higienização da cidade, em uma tentativa de homogeneização da paisagem urbana, também atingiu os moradores de rua, os quais foram alvo de diversas ações do poder público. Conforme consta no dossiê da Ancop, as principais violações contra as crianças e adolescentes em situação de rua ocorreram através do recolhimento compulsório destes grupos durante a operação denominada Choque de Ordem, criada em 2009 pela gestão do então prefeito do Rio de Janeiro, Eduardo Paes. “Tal operação do governo se intensificou no contexto dos megaeventos na medida em que seu principal objetivo é fazer uma ‘limpeza das ruas’ e preparar a cidade para os visitantes e para a visibilidade na mídia” (ANCOP, 2015, p. 130). Para a entidade, a atuação das forças de segurança pública em favelas e territórios populares durante os megaeventos esportivos colaborou para o processo de criminalização destas áreas e de seus moradores, incluindo crianças e adolescentes. Essa postura contrasta com

os princípios fundamentais do Olimpismo, expressos na Carta Olímpica⁴⁰, documento que estabelece os valores e as regras que devem nortear a realização dos Jogos Olímpicos. Entre eles, destacam-se a responsabilidade social, a preservação da dignidade humana e o respeito a princípios éticos universais.

Outro setor que recebeu especial atenção durante a preparação para os megaeventos esportivos foi o de mobilidade urbana, totalizando um investimento de cerca de R\$18 bilhões. No entanto, segundo a análise da Ancop (2015), estes recursos não foram destinados para o atendimento das áreas mais necessitadas, que apresentam os piores indicadores de mobilidade. “A mesma população que continua a desembolsar mais recursos para circular pela cidade é a mesma que sofre com os ônibus em péssimo estado, principalmente nas regiões mais distantes do centro, e com as panes nos transportes públicos de massa” (ANCOP, 2015, p. 48). Assim, as classes populares seguiram vivenciando, nesse período, o resultado do abandono do poder público, além de uma gestão urbana que privilegiava os interesses empresariais em detrimento do bem-estar da população local. Desse modo, a renovação proposta para a área de transportes, em vez de atender as demandas já existentes desses grupos sociais minoritários, promoveu a ocupação de áreas vazias ou pouco densas da cidade, visando à valorização imobiliária dessas localidades. A Ancop denunciou em seu dossiê a desigualdade na distribuição desses investimentos, evidenciada pela concentração territorial maciça na Zona Sul e na Barra da Tijuca, ignorando áreas menos privilegiadas e municípios da Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Desse modo, “a oportunidade de superar o desafio de planejar e financiar infraestruturas na escala metropolitana pode estar sendo desperdiçada [...], reproduzindo, mais uma vez, práticas políticas concentradoras e antidistributivas, que tendem a acentuar as disparidades” (ANCOP, 2015, p. 51).

O poder público também utilizou em seu discurso, como forma de convencer a opinião pública quanto aos benefícios de sediar megaeventos esportivos no país, a geração de emprego e renda. Um estudo encomendado pelo Ministério dos Esportes em setembro de 2009 estimava que a competição poderia movimentar US\$ 51 bilhões e gerar 120 mil empregos⁴¹. No entanto, especialmente para as classes populares, esse período foi marcado pela repressão ao trabalho ambulante e por práticas de exploração abusiva dos trabalhadores. O Dossiê do Comitê Popular

⁴⁰ A última atualização da Carta Olímpica, divulgada em 26 de junho de 2019, está disponível em <<https://stillmed.olympic.org/media/Document%20Library/OlympicOrg/General/EN-Olympic-Charter.pdf>>. Acesso em 24 de setembro de 2019.

⁴¹ Informações disponíveis em <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/08/150803_olimpiada_ru>. Acesso em 25 de setembro de 2019.

da Copa e das Olimpíadas aponta uma onda de repressão e criminalização contra os camelôs e os trabalhadores informais da cidade, empreendida em nome do embelezamento urbano e do incentivo ao turismo, mas que foi motivada, em grande medida, pela necessidade de garantir a proteção aos patrocinadores do evento (ANCOP, 2015). As empresas patrocinadoras da Rio 2016, como Coca-Cola, McDonald's e P&G, investiram cerca de 100 milhões de dólares⁴² para poderem associar sua marca aos Jogos e exibi-la durante a competição. Dessa forma, todas as demais marcas estavam expressamente proibidas de mencionarem diversos termos relacionados aos Jogos Olímpicos ou de fazerem uso de sua marca registrada em produtos e peças de publicidade.

Conforme exposto na Carta Olímpica, o COI é o proprietário exclusivo de todos os direitos relacionados aos Jogos Olímpicos, os quais devem estar sob máxima proteção e só podem ser explorados mediante autorização da entidade esportiva. Isso significa que a marca olímpica também está sob a tutela do Comitê, o qual possui todos os direitos relacionados à sua divulgação, incluindo o registro, a captura e a reprodução ao público. Assim, a entidade arrecada receitas com a exploração de qualquer um dos direitos relacionados à competição, incluindo contratos de transmissão, patrocínios, licenças e propriedades olímpicas, além da celebração da competição em si. Apesar de se beneficiar de toda a renda proveniente da exploração da marca, o COI se diz uma entidade não-governamental e sem fins lucrativos, além de deixar explícito na Carta Olímpica que se isenta de qualquer responsabilidade financeira com relação à organização e à realização dos Jogos Olímpicos.

O referido documento também proíbe qualquer forma de publicidade dentro e nas imediações de estádios, locais e outras áreas de competição que são consideradas como parte das instalações olímpicas. Dessa forma, estabelecimentos comerciais e peças publicitárias sem autorização não são permitidos nessas áreas. Em 2009, a Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro sancionou uma lei que proibiu qualquer camelô de trabalhar em um raio de 2 km dos estádios e outras localizações de competições, de hospedagem dos atletas e de eventos relacionados. Em 2014, com a regulamentação da Lei Geral da Copa e do estabelecimento da Área de Restrição Comercial do Rio de Janeiro, a repressão aos trabalhadores informais se intensificou ao determinar que o comércio nas áreas restritas somente poderia ser praticado pela FIFA ou por pessoas físicas e jurídicas autorizadas pela entidade (ANCOP, 2015). O próprio comércio informal dentro dos trens na capital carioca foi alvo de perseguição pelos órgãos fiscalizadores

⁴² Informações disponíveis em <<https://exame.abril.com.br/marketing/rio-2016-nao-patrocinadores-proibidos-de-usar-17-palavras/>>. Acesso 25 de setembro de 2019.

durante a preparação para as Olimpíadas, especialmente nas estações mais próximas aos locais de competição, afetando consideravelmente o sustento de diversas famílias dependentes do trabalho como ambulantes. Segundo a Supervia⁴³, concessionária com direito a explorar o transporte ferroviário no Estado do Rio de Janeiro, somente no primeiro semestre de 2016, mais de 18.400 ambulantes ilegais foram retirados dos trens, casos em que tiveram suas mercadorias recolhidas e entregues à Guarda Municipal ao final da operação.

Além da repressão ao trabalho informal, esse período também foi marcado pela precarização das condições de trabalho, especialmente dos trabalhadores contratados para prestarem serviços nas obras olímpicas. Segundo o relatório divulgado pela Ancop, a pressão exercida pelo COI e a necessidade de entregar as obras a tempo do megaevento “facilitam e legitimam a adoção de padrões de relação de trabalho fundados na precarização e criam justificativas para que ocorram processos de violações aos direitos dos trabalhadores” (ANCOP, 2015, p. 60). Durante a reforma do estádio do Maracanã, por exemplo, as obras foram paralisadas devido a reivindicações dos trabalhadores por melhores condições de trabalho e pelo aumento de seus benefícios⁴⁴. Da mesma forma, paralisações foram registradas durante a construção do Parque Olímpico e da Vila Olímpica. Porém, segundo o Dossiê do Comitê Popular da Copa e das Olimpíadas, a situação mais grave de violação aos direitos humanos foi identificada em agosto de 2015 pelo Ministério Público do Trabalho do Rio de Janeiro. Foram encontrados 11 trabalhadores em situação análoga às de escravidão na empreiteira Brasil Global Serviços, responsável pelas obras no complexo residencial Ilha Pura, local onde se encontra a Vila Olímpica e que serviu de alojamento para atletas e organizadores durante os Jogos. Os trabalhadores vinham dos estados do Maranhão, Paraíba, Bahia e Espírito Santo e estavam submetidos a condições degradantes nos alojamentos da empresa justamente na área mais nobre da cidade e na parte mais central da competição, a Barra da Tijuca (ANCOP, 2015).

Na Carta Olímpica, o COI estabelece diversas medidas que, em muitos casos, contrastam com a legislação vigente no país-sede, interferindo em sua autonomia. Segundo o documento, por exemplo, “nenhum protesto ou propaganda política, religiosa ou racial é permitida nos estabelecimentos olímpicos” (COI, 2019, p. 90). Frente às exigências do COI, no dia 10 de maio de 2016, a três meses da competição, foi aprovada a Lei nº 13.284, que dispõe sobre as medidas relativas aos Jogos Olímpicos e Paralímpicos no país. No Artigo 28, diversas

⁴³ Informações disponíveis em <<https://www.terra.com.br/esportes/ambulantes-vao-sumir-dos-trens-do-rio-durante-a-olimpiada,75aaff8218d1a3a1c412918c45a4f0fciq3f0zgh.html>>. Acesso em 25 de setembro de 2019.

⁴⁴ Informações disponíveis em <<https://www.aecweb.com.br/revista/noticias/greve-dos-trabalhadores-do-maracana-continua/4561>>. Acesso em 25 de setembro de 2019.

restrições são impostas para o acesso e a permanência dos torcedores nos locais oficiais dos Jogos, entre elas a proibição de porte de cartazes, bandeiras, símbolos ou outros sinais com mensagens ofensivas e a entoação de xingamentos discriminatórios. Em meio a uma crise política, que culminou no afastamento da então presidenta Dilma Rousseff do poder, diversos protestos foram registrados nas arenas olímpicas, fazendo inclusive com que o presidente em exercício na época, Michel Temer, fosse recebido com vaias das arquibancadas durante a cerimônia de abertura dos Jogos. Torcedores que se manifestaram contra a posse de Temer na presidência, portando faixas e cartazes, foram reprimidos pelos agentes de segurança e retirados dos locais de competição⁴⁵. Essa postura das autoridades olímpicas contrasta com o que está exposto na Constituição Federal como um dos direitos fundamentais dos cidadãos brasileiros, isto é, a garantia à livre manifestação do pensamento, independentemente de crença religiosa, convicção política ou filosófica⁴⁶.

Para a construção das diversas obras previstas no projeto olímpico, foi proposto um modelo de financiamento baseado em parcerias público-privadas (PPP). De acordo com o COI, 40% do valor total do evento seria financiado com recursos públicos e os outros 60% teriam origem na iniciativa privada. No entanto, conforme dados da ONG Politize!⁴⁷, não foram incluídas despesas extras com as quais o governo brasileiro teve que arcar, como aquisição de móveis para os apartamentos das Vilas Olímpicas, realização de obras de saneamento na Marina da Glória, compra de materiais esportivos e contratação de seguranças privados por exigência do COI. Segundo a ONG, as contas foram maquiadas, sendo omitidos gastos vitais para a realização dos Jogos. A Ancop reforça essa visão ao se referir às contraprestações mensais do governo ao Consórcio Rio Mais, formado pelas empreiteiras Odebrecht, Hosken e Gutierrez, e à concessão de terras públicas subvalorizadas a fim de garantir às construtoras expressivos ganhos fundiários baseados em investimentos públicos.

Dessa forma, houve um intenso processo de privatização do espaço público durante o período olímpico, levando à concessão de inúmeros benefícios às construtoras responsáveis pelas obras e retirando da população local o direito de usufruir desses espaços pagos com verbas públicas. No dossiê elaborado pela Ancop, estima-se que 75% da área do Parque Olímpico

⁴⁵ Informações disponíveis em <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/olimpiada/noticia/2016/08/na-olimpiada-do-rio-e-proibido-protestar-7216893.html>>. Acesso em 29 de setembro de 2019.

⁴⁶ A Constituição Federal está disponível através do site <https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988_03.07.2019/art_5_.asp>. Acesso em 30 de setembro de 2019.

⁴⁷ Informações disponíveis em <<https://www.politize.com.br/olimpiadas-rio-2016-polemicas/>>. Acesso em 25 de setembro de 2019.

tenha sido convertida em empreendimento residencial de alto padrão privado, estimulando a valorização imobiliária da região e, conseqüentemente, aumentando os lucros das empresas consorciadas. A Ancop também aponta, como consequência do modelo adotado, o fato de que as arenas deixaram de ser espaços democráticos de participação e encontro popular devido aos valores exorbitantes dos preços dos ingressos, que inviabilizaram o acesso das classes mais desfavorecidas da população. O valor do ingresso⁴⁸ mais barato durante as Olimpíadas 2016 foi de R\$ 40, o que impossibilitou o acesso da maior parte dos brasileiros às arenas. Os ingressos para a cerimônia de abertura chegaram a custar R\$ 4.600, contrastando ainda mais com as condições financeiras da maioria dos brasileiros na época.

As Olimpíadas 2016 também foram marcadas pela presença de corrupção em diversos níveis, sendo que alguns casos ainda se encontram em investigação na Polícia Federal atualmente. Em setembro de 2017, a operação Lava-Jato⁴⁹ deflagrou a operação *Unfair Play* para investigar os bastidores da escolha do Rio de Janeiro como sede do megaevento. O ex-presidente do Comitê Olímpico Brasileiro, Carlos Arthur Nuzman, foi preso após ser condenado pelo Ministério Público pela compra de votos de membros africanos do COI para favorecer a escolha da capital carioca. Em outubro de 2017, Nuzman renunciou ao cargo de presidente do COB após 22 anos no comando da entidade⁵⁰. Em fases anteriores da Lava-Jato, os agentes federais já haviam colocado na prisão diretores de algumas das maiores construtoras do país, suspeitos de integrarem um esquema de corrupção na Petrobras. As empresas sob a mira da Polícia Federal foram responsáveis por 73% dos investimentos em infraestrutura para os Jogos Olímpicos. Em 2016, as investigações levaram à prisão o ex-governador do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral, acusado de corrupção passiva, lavagem de dinheiro e evasão de divisas. Luiz Fernando Pezão, que assumiu o governo após Cabral, também foi preso no final de 2018 acusado de seguir acobertando o esquema de corrupção para beneficiamento das empreiteiras em troca do recebimento ilícito de valores mensais⁵¹. Em setembro de 2017, o ex-prefeito do

⁴⁸ Informações obtidas em <<http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/noticia/2014/09/confira-tabela-de-precos-do-rio-2016.html>>. Acesso em 30 de setembro de 2019.

⁴⁹ A Operação Lava-Jato foi deflagrada em março de 2014 pela Polícia Federal com o objetivo de investigar casos de corrupção, pagamento de propina e lavagem de dinheiro envolvendo empreiteiras, funcionários do alto escalão da Petrobras e políticos de diversos partidos brasileiros. Conforme a investigação, as empreiteiras se organizavam em cartel para vencer licitações e se beneficiar de aditivos aos contratos por meio do pagamento de propina. O prejuízo nas contas da Petrobras devido às irregularidades ultrapassou os R\$ 42 bilhões. Em 18 de dezembro de 2019, a Polícia Federal deflagrou a 70ª fase da operação, a qual teve o objetivo de apurar suspeita de fraude em contratos de afretamento de navios celebrados pela Petrobras, um prejuízo calculado em mais de R\$ 6 bilhões.

⁵⁰ Informações obtidas em <<https://globoesporte.globo.com/olimpiadas/noticia/afastado-e-na-prisao-nuzman-renuncia-a-presidencia-do-comite-olimpico-do-brasil.ghtml>>. Acesso em 30 de setembro de 2019.

⁵¹ Informações obtidas em <<https://exame.abril.com.br/brasil/governador-do-rio-de-janeiro-pezao-e-presos-pela-policia-federal/>>. Acesso em 30 de setembro de 2019.

Rio de Janeiro, Eduardo Paes, também entrou na mira do Ministério Público, acusado de receber propina da construtora Odebrecht para garantir a escolha da empresa como responsável pela construção do BRT Transoeste, via expressa inaugurada em 2012 na cidade⁵². O COI também não saiu ileso da série de irregularidades que marcaram o período. Um de seus membros, Patrick Hickey, foi preso em agosto de 2016 pela polícia do Rio de Janeiro, acusado de vender ilegalmente ingressos para as Olimpíadas⁵³.

Diante da crise financeira gerada pelo rombo nos cofres públicos, o Estado do Rio de Janeiro decretou estado de calamidade pública a 49 dias do início dos Jogos Olímpicos⁵⁴, alegando que tal situação estava impedindo o cumprimento dos compromissos para a realização da competição, bem como gerando dificuldades para a prestação de serviços públicos, como saúde e educação. Com o decreto, as autoridades competentes ficaram autorizadas a adotar medidas excepcionais necessárias à racionalização de todos os serviços públicos essenciais para a realização das Olimpíadas no Rio. Além disso, a medida serviu para justificar o socorro financeiro da União ao Estado do Rio de Janeiro sem necessidade de cumprimento das exigências do Ministério da Fazenda, levando à liberação emergencial de, pelo menos, R\$ 3 bilhões.

O período também foi marcado por uma série de atrasos no término das obras, gerando preocupação por parte dos membros do COI. A cem dias da competição, diversas obras ainda não tinham sido entregues, como o Velódromo, o Engenhão e a linha 4 do Metrô. A urgência para finalizar as estruturas a tempo da competição resultou em diversos casos de negligência, demonstrando que o foco do poder público estava voltado para atender com urgência os prazos exigidos pelo COI, mesmo que a pressa para acelerar os projetos pudesse colocar em risco a segurança da população local. Em abril de 2016, já tinham sido registradas 11 mortes no Rio em decorrência de acidentes de trabalho nas instalações olímpicas⁵⁵. Uma das consequências mais emblemáticas do descaso do poder público nesse período foi o desabamento de um trecho de 20 metros da Ciclovía Tim Maia⁵⁶, em abril de 2016, gerando duas vítimas fatais. Inaugurada em janeiro do mesmo ano, com um custo total de R\$ 44 milhões, a estrutura da ciclovía não

⁵² Informações obtidas em <<https://oglobo.globo.com/brasil/investigacao-de-eduardo-paes-baseada-na-delacao-da-odebrecht-voltara-para-stf-21843984>>. Acesso em 30 de setembro de 2019.

⁵³ Informações obtidas em: <http://www.espn.com.br/noticia/623131_policia-do-rio-vai-a-hotel-e-prende-executivo-do-coi-por-mafia-de-ingressos>. Acesso em 01 de outubro de 2019.

⁵⁴ Informações disponíveis em: <<https://epocanegocios.globo.com/Economia/noticia/2016/06/rj-decreta-estado-de-calamidade-publica-49-dias-da-olimpiada.html>>. Acesso em 30 de setembro de 2019.

⁵⁵ Informações disponíveis em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-04/obras-olimpicas-registraram-11-mortes-no-rio-de-janeiro>>. Acesso em 30 de setembro de 2019.

⁵⁶ Informações obtidas em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/04/parte-da-ciclovía-desaba-em-sao-conrado-zona-sul-do-rio.html>>. Acesso em 30 de setembro de 2019.

suportou a força excessiva das ondas no local devido a uma falha técnica no planejamento do projeto.

Na área da saúde, o anúncio do primeiro caso de Zika vírus no país em maio de 2015 gerou preocupação tanto para os atletas quanto para as autoridades olímpicas. Alguns meses depois, a situação se tornou ainda mais alarmante, uma vez que os médicos começaram a alertar para o alto número de nascimentos de bebês com microcefalia em diversos estados brasileiros. A confirmação da relação entre tais casos e a contração do vírus Zika durante a gestação foi confirmada em novembro do mesmo ano, o que levou o Ministério da Saúde a decretar Situação de Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional. Em janeiro de 2016, a Organização Mundial da Saúde (OMS) estimou que 1,5 milhão de casos de Zika vírus tinham sido registrados no país até então. Diante da gravidade da situação, o COI publicou um comunicado informando que estava monitorando de perto os casos e que um plano de ação estava sendo colocado em prática pelas autoridades sanitárias locais. Nesse período, com os esforços voltados para preservar a imagem do país e garantir a realização da competição, milhares de brasileiros, pertencentes principalmente às camadas mais desfavorecidas, sofreram com a precariedade do sistema público de saúde, com a escassez de médicos e com a falta de recursos para o tratamento da doença. Conforme dados da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz)⁵⁷, no Complexo do Alemão, por exemplo, a cada 100 mil habitantes, 1.922 foram infectados pela dengue nos meses de janeiro a abril de 2016, enquanto que em todo o município do Rio de Janeiro, a proporção foi de 272 por 100 mil habitantes, isto é, sete vezes menor que no conjunto de favelas cariocas.

A questão ambiental também integrou o discurso do poder público como uma das formas de justificar o investimento realizado na competição. Brondani e Marques (2019) afirmam que o termo “legado” foi empregado na divulgação dos Jogos Olímpicos para ressaltar as melhorias que ficariam como herança para a população local, incluindo melhorias nas áreas econômica, social e ambiental. No Plano de Gestão de Sustentabilidade dos Jogos Rio 2016, o Comitê Organizador se compromete a criar transformações positivas duradouras, maximizando o benefício social, econômico, esportivo e ambiental dos Jogos. Dessa forma, a sustentabilidade envolvia não só uma agenda ambiental, abarcando temas como reflorestamento e tratamento da água, mas também perpassava questões sociais e econômicas, buscando equilíbrio entre considerações econômicas, redução do impacto ambiental negativo e promoção de benefício social. No entanto, para Bertolli Filho e Frigeri (2018), o compromisso de um legado

⁵⁷ Informações obtidas em <<https://rededengue.fiocruz.br/noticias/524-habitacao-saneamento-basico-e-a-proliferao-de-dengue-zika-e-chikungunya-nas-favelas>>. Acesso em 30 de setembro de 2019.

sustentável se transformou em uma promessa vazia, ganhando contornos concretos apenas no campo político-administrativo. Na visão dos autores, o termo foi utilizado de forma superficial justamente para tirar parte da responsabilidade dos comitês organizadores com relação ao efetivo cumprimento de transformações concretas e duradouras para a população como um todo.

Um caso emblemático do falso discurso de sustentabilidade ecoado ao longo dos Jogos foi a construção de um campo de golfe em uma área de proteção ambiental na Barra da Tijuca, o que demonstra, assim, a prevalência dos interesses econômicos sobre questões ambientais. Apesar de a cidade já contar com dois campos de golfe, a Prefeitura do Rio de Janeiro decidiu construir um terceiro, situado em uma Zona de Conservação da Vida Silvestre (ZCVS), no âmbito da Área de Proteção Ambiental (APA) de Marapendi, localizada nos bairros da Barra da Tijuca e Recreio dos Bandeirantes. Na apresentação do projeto olímpico como cidade candidata aos jogos, o governo do Rio também prometeu despoluir 80% da Baía de Guanabara, o que seria feito com um orçamento inicial de R\$ 2 bilhões. Contudo, em agosto de 2016, a meta não tinha sido cumprida, o que levou o governo a reconhecer que o projeto tinha sido muito ambicioso, já que o processo levaria no mínimo 25 anos para ser concluído.

Outra promessa feita diante dos olhos do mundo todo foi a plantação da Floresta dos Atletas. Conforme Brondani e Marques (2019), na cerimônia de abertura dos Jogos, os atletas colocaram em pequenos tubos sementes de 207 espécies de plantas nativas da Mata Atlântica, as quais deveriam ter sido plantadas no Parque de Deodoro após o evento. No entanto, o orçamento previsto incluía apenas a cerimônia de abertura e não o plantio, o que fez com que o fornecedor permanecesse com as cerca de 13.250 mudas de árvores, gerando uma série de prejuízos. Assim, para a Ancop (2015, p. 96), “essa apropriação do discurso ambiental no projeto olímpico mostra-se uma estratégia de marketing atrelada à promoção da cidade no âmbito internacional e do megaevento em si, não contribuindo para a promoção de um legado socioambiental efetivo”. Nessa perspectiva, Brondani e Marques (2019, p. 21) concluem que “existe sim um legado, um legado de uma sustentabilidade insustentável, um legado que deixou mais problemas do que soluções, um legado que está longe de ser o que foi prometido e mais longe ainda de ser o que a população precisava”.

Na área financeira, a gestão também deixou a desejar, tanto em termos de despesas excessivas quanto em termos de transparência pública. Com um gasto total que ultrapassou os R\$ 40 bilhões, as Olimpíadas 2016 foram consideradas a edição mais cara da história. Para agravar a situação, tais gastos não foram geridos de forma transparente e democrática de modo a facilitar o acesso público às informações. Conforme o estudo “Rio 2016: Violações ao acesso

à informação no caso do BRT Transolímpica”, realizado pela ONG Artigo 19, menos de 80% das solicitações foram devidamente respondidas pela Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro no período de março a junho de 2015. Além disso, Brondani e Marques (2019) apontam que ainda existem fornecedores não pagos, dívidas trabalhistas e instalações esportivas que precisam ser entregues. Se por um lado houve um intenso processo de privatização dos espaços públicos, também houve, de outro, um prejuízo sem precedentes para o governo com relação à manutenção de arenas e outros equipamentos esportivos. Em 2018, a Arena Pantanal em Cuiabá, por exemplo, gerava um custo de manutenção de R\$ 300 mil por mês aos cofres públicos, o que equivale a R\$ 4 milhões por ano. Com times pequenos, nas séries B e C do Campeonato Brasileiro, os jogos realizados na arena não conseguem atrair número suficiente de torcedores pagantes, nem mesmo os shows nacionais são capazes de lotar o espaço.

Para o site RioOnWatch, apesar da pressão positiva inicial por políticas de intervenção nas favelas da cidade e um trabalho significativo por parte da prefeitura para gerar uma imagem positiva diante da opinião pública internacional, os conflitos crescentes vivenciados no período nas esferas política, social e econômica comprovaram que o megaevento esportivo exacerbou ainda mais a desigualdade já existente na cidade. O Rio de Janeiro foi vendido para turistas e autoridades internacionais como a “Cidade Maravilhosa”, mas os habitantes locais, especialmente os grupos marginalizados, seguiram vivendo na “Cidade Dividida”, compartilhada, em níveis desiguais, entre ricos e pobres. Levando-se em conta as diversas interferências sociais, políticas e econômicas empreendidas no período olímpico, é possível perceber que os Jogos fizeram parte de um projeto de cidade que beneficiou certas áreas em detrimento de outras, constituindo-se em um instrumento para acelerar e legitimar intervenções urbanas com grande impacto social, o que acentuou ainda mais a marginalização das classes populares no país.

No próximo tópico do capítulo, iremos desenvolver o último ponto relacionado com as mediações das favelas cariocas. Abordaremos as principais características do jornalismo comunitário e sua importância para a expressão de demandas e anseios de grupos sociais marginalizados, problematizando, especialmente, o papel de jornalistas comunitários enquanto representantes das favelas cariocas.

3.3 OS JORNALISTAS COMUNITÁRIOS COMO AS VOZES DAS FAVELAS CARIOCAS

Diante da centralidade do discurso jornalístico na legitimação de pautas sociais, a ação de atores e movimentos sociais se constrói cada vez mais tensionada pela exigência de um tipo

de visibilidade pública atribuída pela lógica dos meios de comunicação. Ao mesmo tempo, estes atores também absorvem e reelaboram tais lógicas, transformando a esfera jornalística em um espaço simbólico de conflitos e negociações, submetido permanentemente às tensões contraditórias dos interesses econômicos e políticos que circulam na sociedade (COGO, 2004). Para a autora, através da busca dessa visibilidade, essas micropolíticas cotidianas vão demandando a inclusão de uma multiplicidade de demandas simbólicas e materiais na agenda pública.

No entanto, essa luta por espaço e reconhecimento nos meios de comunicação é caracterizada por poderes desiguais de legitimação social. Logo, a cidadania compreende manifestamente uma dimensão política, uma vez que o problema está em quem pode exercê-la e em que termos. Para Nunes (2007), a questão está, de um lado, na cidadania como direito e, de outro, na (in)capacitação política dos cidadãos, em razão do grau de acesso aos meios sociais de participação. A assimetria que marca a distribuição dos recursos materiais e simbólicos, inclusive os comunicacionais, faz com que determinados grupos sejam excluídos ou desproporcionalmente incluídos nos processos midiáticos. “A exclusão na produção social de informação e, logo, de comunicação destitui esses grupos do direito de decisão, participação e exercício da cidadania” (NUNES, 2007, p.113). Nessa perspectiva, Brignol (2018) argumenta que a multiplicidade de modos de apropriação das mídias é marcada pela capacidade de produção de sentido dos sujeitos, estando condicionada pelas restrições tecnológicas e pela desigualdade econômica e social no acesso, cada vez mais presentes em novas formas de exclusão em um contexto de centralidade da mídia na significação do mundo. Assim, além de não estarem à disposição de todos os sujeitos da mesma forma, os espaços hegemônicos de mídia configuram os sentidos de acordo com suas lógicas, interesses e estruturas de produção.

Nesse cenário, o jornalismo comunitário torna-se um espaço alternativo para a vazão de reivindicações sociais urgentes de grupos marginalizados pela grande mídia. Para Pena (2005), ele atende às demandas de cidadania e serve como instrumento de mobilização social, afastando-se de uma abordagem simplificada sobre a realidade. Desse modo, o jornalista de um veículo comunitário procura enxergar com os olhos da comunidade, esforçando-se para que haja uma real apropriação do grupo nos processos de mediação social. Marques de Melo (2006) acrescenta que deve se estruturar e funcionar como um meio de comunicação autêntico de um grupo, isto é, deve ser produzido pela e para a comunidade. Assim, o veículo comunitário não deve ter dono, pois pertence à comunidade, a qual o reconhece como sendo seu e, por isso, protege-o e dele participa ativamente (PERUZZO, 2007). Dessa forma, a autora defende que é recomendável que alguns princípios norteadores sejam levados em conta para sua prática, como

a participação ativa e democrática, o caráter público, a autonomia, a gestão coletiva, o vínculo com a cultura local e a inexistência de interesses financeiros. Ainda na visão de Peruzzo (2007), como a mídia comercial se torna cada dia mais globalizante e universalista, o tratamento dos assuntos passa a ser genérico e nada específico, fazendo com que o local e o regional sejam pautados apenas caso se enquadrem em certos critérios, como os de originalidade, repercussão, conflito e raridade. Cabe, na maioria das vezes, à mídia comunitária encontrar as tonalidades locais para repercutir assuntos da atualidade.

Levando em conta esses aspectos, não é possível afirmar que a iniciativa do *The Guardian* apresente as mesmas características do jornalismo comunitário, uma vez que utiliza as vozes locais como fontes de informação, mas não são elas que estão à frente da produção da série, nem são elas seu público-alvo. Na produção comunitária, o público deixa de ser um depositário de informações e passa a ser visto como protagonista, isto é, composto por sujeitos ativos na construção do discurso jornalístico. Em outras palavras, constitui-se como a expressão de uma comunidade por meio da qual os próprios indivíduos possam manifestar seus interesses comuns e suas necessidades mais urgentes, isto é, uma comunicação que tem o povo como protagonista e como destinatário. “Trata-se não apenas do direito do cidadão à informação, enquanto receptor [...], mas do direito ao acesso aos meios de comunicação na condição de produtor e difusor de conteúdos” (PERUZZO, 2006, p. 10). Nesse sentido, a autora argumenta que esses meios têm grande potencial para contribuir com o desenvolvimento da cidadania: tanto pelos conteúdos que difundem, como pela participação dos cidadãos na própria feitura do processo comunicacional. Dessa forma, é fundamental verificar em que medida a série oportunizou aos jornalistas comunitários uma real apropriação discursiva, permitindo a eles um espaço ativo para a construção de suas próprias representações ou se apenas os utilizou como uma estratégia editorial, mercadológica e política para se diferenciar no cenário jornalístico.

Esse jornalismo que dá vazão às demandas de um contexto específico se torna um instrumento de resistência e de organização, impondo-se como garantia de espaço e de voz para grupos socialmente excluídos. Para Peruzzo (2006), seu sentido político reside no fato de ser uma expressão de segmentos marginalizados da população, mas que estão em processo de mobilização visando suprir suas necessidades de sobrevivência e de participação política a fim de lutar por justiça social. Portanto, a proximidade entre as pessoas do local é uma característica fundamental do meio comunitário, uma vez que as pessoas devem se conhecer e se reconhecer nos seus problemas, angústias, alegrias e ritos cotidianos (SEQUEIRA; BICUDO, 2007). A

linguagem, por sua vez, reflete essa vivência mais próxima, sendo comumente mais coloquial, de fácil entendimento, reconhecível em suas gírias e expressões.

No caso do *The Guardian*, não há esse nível de proximidade e familiaridade com as adversidades locais. Pelo contrário, existe um considerável distanciamento do jornal e de seus leitores com relação ao contexto das favelas cariocas, constituindo-se, portanto, em um olhar estrangeiro sobre essas comunidades. Os jornalistas comunitários na série parecem ser acionados como uma “ponte” entre o jornal e as mazelas vividas nessas localidades, buscando nessas vozes nativas as informações e detalhes que, de outra forma, estariam fora de seu alcance. Trata-se de uma tentativa de aproximação do jornal com questões estranhas ao seu contexto de origem, a qual é mediada por esses jornalistas comunitários. Esses colaboradores locais, por sua vez, constroem seus relatos não para seus conterrâneos, mas para um público leitor distante, majoritariamente branco e europeu.

No que diz respeito à linguagem, se a série fosse direcionada a moradores de favelas cariocas, ela não estaria disponibilizada em língua inglesa nem haveria a preocupação com relação ao uso de gírias e expressões locais. Sequeira e Bicudo (2007) acrescentam que a prática comunitária se caracteriza ainda pela valorização da realidade local, pela participação da comunidade durante todo o processo de produção, pela consagração das ideias de mobilização e transformação, pelo resgate do viés pedagógico e educativo e, por fim, pela articulação com a produção independente e de resistência. Essa participação ativa e autônoma durante todo o processo de produção também não parece ser o caso da série veiculada pelo jornal britânico, uma vez que há mediações da própria esfera jornalística no que diz respeito às suas condições de produção, edição e circulação. Portanto, as decisões editoriais não são tomadas de acordo com as necessidades da comunidade, mas conforme os interesses do próprio veículo. O jornalista comunitário, pelo contrário, sente-se responsável pelo produto final, desde a sua idealização.

Comparando com a mídia hegemônica, que aborda preferencialmente assuntos gerais e temas globais, o jornalismo comunitário assume a tarefa de focar em pautas mais localizadas e restritas, que se relacionam com grupos específicos. Como afirma Paiva (1998), o veículo comunitário surge como resposta prática às necessidades que tem a região de conhecer seus problemas a partir de um discurso próprio, em que os temas de interesse são ditados pelas demandas da comunidade. Dessa forma, não basta se dirigir a uma audiência próxima, usar a mesma linguagem ou falar das coisas do lugar, pois estas tarefas também poderiam ser reproduzidas pelos padrões da mídia hegemônica. A diferença da comunicação comunitária está no vínculo identitário com a comunidade na qual está inserida, o que promove o sentimento de

pertencimento, o espírito de cooperação e a reciprocidade de interesses e de reivindicações (PERUZZO, 2006). Seu objetivo final é, assim, contribuir para o empoderamento social progressivo da mídia e a ampliação da cidadania. Paiva (1998) complementa que o veículo comunitário reforça as relações de pertencimento entre os membros do grupo e seu poder reivindicatório, vendo a informação não com um propósito meramente promocional, mas de melhoria da condição de vida do indivíduo.

Apesar de operar através de recortes da realidade, a mídia tradicional não tem como falar a linguagem de todos os locais sobre os quais se refere. Cabe ao comunitário ocupar este espaço vazio e se constituir como eco dos verdadeiros problemas, frustrações e esperanças de uma comunidade (NUNES, 2007). Essa visão mais detalhada sobre um segmento específico faz com que se aproxime de seu público, dialogando com ele com mais profundidade. Isso não significa que o jornalismo comunitário não possa abordar temas mais amplos, como o caso das Olimpíadas 2016, mas busca, nesse percurso, encontrar as conexões e consequências em nível local. Por isso, afirma Paiva (1998), o destaque aos assuntos é dado em função da sua importância para o grupo social, em uma relação direta com o cotidiano das pessoas. Nesse sentido, o *The Guardian* pode ter acionado jornalistas comunitários de favelas cariocas justamente por já desempenharem a função como “vozes locais” em suas comunidades e por se preocuparem em enxergar os fatos a partir das possíveis repercussões nestes locais específicos.

Para Sequeira e Bicudo (2007, p. 11), a narrativa se constitui em um meio eficaz para “estimular a reflexão crítica sobre os mais diversos assuntos, transformando informação em conhecimento e garantindo ao cidadão [...] o direito de participar com consistência dos debates [...] na arena pública”, o que instiga a democratização da informação e a promoção de ações de cidadania. Nessa perspectiva, Paiva (2007) visualiza a narrativa como peça central de uma estratégia de comunicação inclusiva na luta contra-hegemônica empreendida pelas minorias na atualidade. Dessa forma, o jornalismo comunitário pode ser enquadrado no conjunto de práticas alternativas e contestatórias, que abrem espaço para temas não costumeiramente tratados pela grande imprensa, buscando um olhar “de baixo para cima” que culmine em um novo ordenamento informativo e social. Ao dar voz a quem geralmente não é reconhecido, “ele cria a resistência e o contraponto, elementos de garantia de pluralidade” (SEQUEIRA; BICUDO, 2007, p. 12). Esse compromisso ético, que deveria ser inerente não só ao meio comunitário, mas a qualquer prática jornalística, muitas vezes, é esquecido em função da prevalência dos interesses do mercado sobre o interesse público (KARAM, 2014). O jornalismo comunitário deve possibilitar, assim, “o rompimento com as práticas discursivas que impõem o silêncio e a hegemonia de opinião como é feito comumente na mídia comercial, cuja maioria é

declaradamente descompromissada com o interesse coletivo, e indicar novas formas de construção da agenda pública” (NUNES, 2007, p. 112).

Para Williams (1979), a hegemonia é sempre um processo que é constantemente ameaçado e, por isso, precisa ser reforçado. Trata-se do resultado da medição de forças em determinado momento histórico, podendo ser reelaborada, revertida e modificada, em um longo processo de lutas e contestações (MORAES, 2010). Em outras palavras, ela não existe passivamente como forma de dominação, mas atua ativamente por meio da fixação de limites e pressões. Dessa forma, uma hegemonia, embora por definição seja sempre dominante, jamais será total ou exclusiva, pois sofre um efeito significativo de formas alternativas (WILLIAMS, 1979). Nesse sentido, a função da hegemonia é controlar, transformar e incorporar forças opostas. A realidade do processo cultural deve, portanto, atentar para as contribuições daqueles que estão às margens, pois todas as iniciativas, inclusive as alternativas e opostas, integram o hegemônico. Como afirma Williams (1979), a cultura dominante produz e limita suas próprias formas de contracultura. Contudo, nem todas as iniciativas alternativas devem ser vistas como simplesmente adaptativas à cultura hegemônica, porque muitas podem levar a uma atividade revolucionária real.

Moraes (2010) afirma que, para Gramsci, o processo revolucionário da luta de classes não está relacionado apenas às dimensões econômicas e políticas, mas perpassa também uma dimensão cultural potencializada pelos meios de difusão, os quais podem ser capazes de denunciar as estruturas de dominação, aprofundar a consciência das classes oprimidas e demandar a transformação das relações sociais. Dessa forma, Gramsci criticou o alinhamento da grande imprensa na época com o poder, bem como a verticalização do controle das notícias e da opinião pública. Para o autor, a dimensão cultural deveria ser compreendida como uma arena de luta, ressaltando a necessidade de sintonia da imprensa com as causas e anseios do proletariado. Assim, os conteúdos deveriam fazer pensar concretamente e transformar de acordo com um processo que conduziria do senso comum ao pensamento crítico e sistemático (MORAES, 2010, p. 66).

Em síntese, a hegemonia inclui também a disputa pelo monopólio dos órgãos formadores de consenso, como os meios de comunicação. Dessa forma, a existência de veículos comunitários e ainda a participação de jornalistas comunitários na grande mídia é fundamental para o processo hegemônico, na medida em que o desafia e limita. Segundo Moraes (2010), a maior parte da mídia quer reduzir o fluxo de ideias contestadoras, exercendo um controle ideológico que dificulta a participação de outras vozes. Segundo o autor, a assimetria comunicacional - uma ínfima parcela da população é proprietária dos veículos, enquanto a

maior parte é apenas destinatária – impõe limitações e obstáculos a grupos dissidentes. No entanto, o campo midiático não é um todo homogêneo, mas é atravessado por sentidos alternativos e contrastantes. São essas ações contra-hegemônicas que instituem o contraditório e a tensão no que parecia uma simples harmonia, podendo reorientar as percepções sobre o mundo vivido e combater racionalidades hegemônicas. O jornalismo comunitário, por exemplo, pode exercer pressão sobre as concepções de mundo difundidas pela mídia hegemônica, buscando alargar a visibilidade pública de diferentes repertórios ideológicos com vistas a alterar gradualmente as relações de poder na sociedade.

Moraes (2010) defende, assim, a importância de se descentralizar e democratizar os meios de comunicação, bem como incentivar a produção independente de meios comunitários e locais. O autor também vê que existem pontos de resistência nos próprios discursos hegemônicos que abrem horizontes de contestação, valorizando a consciência social, as causas comunitárias e os direitos da cidadania, sobretudo nas redes sociais digitais. “A diversificação dos sistemas de comunicação insere-se numa moldura mais ampla, de revigoração da esfera pública” (MORAES, 2010, p. 74), o que pode contribuir para uma comunicação mais plural e fundada na justiça social. Peruzzo (2007, p. 89) sinaliza que

Democratizar a comunicação implica a ampliação da geração de conteúdos dos setores não-dirigentes e dominantes da sociedade, no aumento do número de emissores, no incentivo à propriedade coletiva, não se restringindo, portanto, à propriedade privada da mídia, dar voz à população. Significa ainda potencializar mecanismos para que qualquer cidadão possa sair da condição de receptor para a de emissor, como sujeito da produção e difusão de conteúdos.

A partir dos anos 2000, com a popularização da Internet, jornalistas comunitários passaram a atuar não só em meios de comunicação alternativos, mas também como colaboradores da mídia tradicional, que passou a abrir espaços pontuais para assuntos antes restritos a determinadas comunidades, o que pode favorecer uma abordagem mais crítica e sensível a essas demandas. No entanto, Paiva (1998) alerta que, em alguns casos, a mídia incorpora essa tendência e cria seções destinadas a essas partículas comunitárias, construindo um discurso que simula uma intimidade inexistente e propicia ainda uma impressão de apropriação do real. A participação desse segmento ainda ocorre de forma tímida e limitada, estando subordinada, em grande medida, às exigências editoriais dos jornais tradicionais. Desse modo, esses relatos, apesar de potencialmente oxigenarem o discurso jornalístico hegemônico com novas visões, seguem, na maioria das vezes, as lógicas da grande mídia e não a de meios comunitários produzidos no interior desses contextos subalternos. “Em alguns casos, a introdução de ordens contrárias visa basicamente o prosseguimento do *status quo*. Isso pode ser

comprovado através das novas estratégias de manutenção e ampliação do capital, que pretendem utilizar facetas do esquema comunitário” (PAIVA, 1998, p. 61).

Saback (2016) investigou o quadro Parceiro do RJ exibido de 2011 a 2015 no telejornal RJTV – 1ª Edição da TV Globo. O quadro era composto por reportagens produzidas por jovens moradores de comunidades do Rio de Janeiro. O projeto nasceu em 2008, com a instalação da primeira Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) na Favela Santa Marta, em Botafogo, Zona Sul da cidade. A primeira turma atuou no programa em 2011 e 2012 e cobriu nove regiões. Já a segunda atuou em oito regiões, sendo que algumas já estavam na primeira turma, como Rocinha, Vidigal, Complexo do Alemão e Duque de Caxias. A autora explica que a Rede Globo selecionou dezesseis jovens de 18 a 30 anos, com formações e experiências em diversas áreas, oriundos de diferentes comunidades, para integrar a equipe de jornalistas do quadro. “Depois de passarem por um intensivo treinamento de apenas um mês, onde aprenderam questões técnicas e teóricas sobre telejornalismo, os jovens trabalharam como repórteres na comunidade onde viviam” (SABACK, 2016, p. 149).

O objetivo da autora ao pesquisar o quadro Parceiro do RJ foi avaliar se o legado deixado pela emissora foi o da pluralidade de ideias e opiniões ou se o projeto foi apenas uma estratégia oportunista para alavancar a audiência do veículo. A autora afirma que “pode até haver democratização da comunicação ao abrir espaço para a comunidade, mas o objetivo da emissora não é esse: é aumentar a audiência para lucrar mais” (SABACK, 2016, p.150). Ao analisar o mesmo objeto, Becker (2012) pontuou que a democratização foi apenas aparente. “Os âncoras, os comentaristas, os repórteres e os Parceiros do RJ já estão todos misturados na tela da tevê, mas cada um no seu quadrado. Afinal, a mídia não deixa de reproduzir as desigualdades, as exclusões, os pré-conceitos e as disputas de poder do mundo real” (BECKER, 2012, p. 13). Guimarães (2012), em artigo publicado sobre o mesmo tema, pontuou que as matérias desses parceiros comunitários estavam deslocadas do corpo de matérias “legítimas” do telejornal. Para ela, “a voz da comunidade apareceu emoldurada pelos filtros de outras instâncias enunciativas” (GUIMARÃES, 2012, p. 14). Frazão (2013) também pesquisou o Parceiro do RJ em sua dissertação de mestrado e concluiu que “tanto o quadro quanto o próprio discurso adotado servem como meio mercadológico de promover não só o jornalismo da emissora como também ela própria (enquanto empresa), podendo cativar, deste modo, a audiência” (FRAZÃO, 2013, p. 135).

Freitas (2014) estudou a tematização e o agendamento das pautas produzidas pelos parceiros na tentativa de compreender “como a emissora se utiliza desses novos agentes para a construção e legitimação de seus discursos de cidadania” (FREITAS, 2014, p. 21). A autora

apontou que o quadro, apesar de trazer, de fato, falas autênticas da comunidade, segue as mesmas orientações de produção relacionadas a todos os produtos jornalísticos da emissora. Dessa forma, não resulta em diversidade de pensamento, criação e produção, pois “o enquadramento das questões sugeridas pelos parceiros passa por processos de avaliação, autorização e veiculação, que podem ser entendidos como uma pré-censura” (FREITAS, 2014, p. 124).

Saback (2016) entrevistou o coordenador geral do Observatório de Favelas, Jaílson de Souza e Silva, a respeito do quadro. Para ele, a Globo não criou uma mídia comunitária, mas buscou justamente impedir seu crescimento, já que não tem interesse em desenvolver meios alternativos e independentes. Para ele, “a Globo não contribui em nada, por exemplo, para surgir mídias comunitárias mais ordenadas, sistemáticas [...]. Ela não tem interesse, pelo contrário, ela continua querendo manter o monopólio” (SABACK, 2016, p. 152). Desse modo, é como se a emissora se apropriasse desses novos atores a fim de manter seu controle sobre as informações, fazendo com que o comunitário também esteja submetido às suas lógicas. Não há o interesse de que esses sujeitos se fortaleçam e se tornem independentes, posicionando-se como um meio concorrente de mídia. Especialmente diante das novas tecnologias digitais, que permitem a divulgação de informações em tempo real por qualquer indivíduo, Jaílson destacou à autora que a mídia hegemônica não quer perder sua legitimidade e, para isso, precisa se aproximar dos setores populares. Ao mesmo tempo, essa aproximação é sempre ressignificada de forma a não perder seu controle no campo midiático. Como ratifica Saback (2016, p. 162),

A Globo tinha interesse em vencer um impasse, pois estava perdendo espaço para a comunicação comunitária nas redes. Precisava resgatar sua legitimidade, aproximar-se da comunidade e ressignificar seu modo de comunicar. A crise da queda de audiência foi um fato que contribuiu para a criação da série também. Há, assim, a estratégia de criação de “nichos de audiência”, como o quadro com os moradores de favelas.

O ativista comunitário da Rocinha Antônio Carlos Firmino, em conversa com Saback (2016), revelou que uma das grandes questões do quadro é a representatividade. “O parceiro representa uma instituição, mas ele não foi eleito pela comunidade para ser o interlocutor [...]” (SABACK, 2016, p. 153). Desse modo, Firmino destacou que não identificava como representantes da comunidade os jovens selecionados para atuarem no projeto, uma vez que tinham sido eleitos pela própria emissora. Assim, a questão da representatividade vai muito além de colocar um morador da favela dentro de um quadro específico de um veículo de comunicação, especialmente se os critérios de seleção desse sujeito forem definidos pela

própria emissora. Além disso, o ativista destacou que esses parceiros não tinham liberdade para criar, mas seguiam um padrão viciado e repetitivo ditado pela Rede Globo, o que pode construí-los muito mais como parceiros do RJ/TV do que, de fato, como parceiros de suas comunidades.

Saback (2016) alerta que o fato de se tornarem parceiros da emissora não faz automaticamente a emissora ser parceira desses grupos sociais. Da mesma forma, os jornalistas comunitários das favelas cariocas, ao se tornarem colaboradores locais do *The Guardian* nessas localidades ao longo da série, não transformaram o jornal em um colaborador britânico dos anseios e desejos dessas comunidades. O jornal, mesmo querendo dar voz às favelas, permanece invisível a essas comunidades, pois esses moradores não são seus leitores. Trata-se, muito mais, por parte do jornal, de uma estratégia pontual e momentânea, motivada pela realização de um megaevento esportivo de visibilidade global, na tentativa de vender um discurso inclusivo e plural, mostrando-se inovador, quando, na verdade, a mídia hegemônica brasileira, mesmo que em outros momentos, já havia colocado em prática formatos jornalísticos semelhantes. Da mesma forma, não é possível desconsiderar o trabalho dos próprios veículos comunitários ao longo da realização dos megaeventos esportivos no país, os quais desenvolveram a tarefa permanente de denúncia e crítica das atrocidades vivenciadas em suas comunidades.

O *rapper* Flávio “Pé”, entrevistado por Saback (2016), afirma que, além da Rede Globo não os representar, também não colabora para o crescimento da mídia comunitária. “Eu acredito que o futuro da comunicação é local, só que a grande mídia tolhe isso. Então, para ela transparecer que ela está ligada nisso ela cria esse tipo de ferramenta, e para ela é interessante porque ela continua com esse discurso que ‘nós estamos próximos’” (SABACK, 2016, p. 154). Trata-se, portanto, do modelo ditado pela Rede Globo de dar voz às comunidades, tornando esses moradores seus colaboradores através de processos de treinamento e controle. Em outras palavras, só há “voz e vez” para as comunidades se respeitarem os limites impostos pela grande mídia. Como conclui Saback (2016, p. 158), “é diferente ser favela e falar da favela ou ser Globo e falar na Globo. O repórter parceiro entende que o momento é de ajuste, de tolerância para ser ouvido com dignidade”.

Essas iniciativas poderiam ser uma oportunidade para a mídia hegemônica oferecer conhecimento técnico e teórico sobre as práticas jornalísticas a fim de capacitar esses sujeitos, auxiliando no desenvolvimento dos meios de comunicação comunitários. No entanto, não parece haver interesse em criar novos canais potenciais de comunicação que estejam fora do alcance da grande mídia, promovendo não a descentralização da informação, mas absorvendo o alternativo na tentativa de fazê-lo funcionar conforme as regras do hegemônico a fim de que não se constitua como uma ameaça. Nesse sentido, é possível associar essa relação com o

funcionamento da hegemonia defendido por Williams (1979), que a vê não como uma dominação passiva, mas como uma força que estabelece limites e pressões, produzindo e controlando as próprias formas contra-hegemônicas que coexistem no meio cultural.

Por outro lado, alguns moradores entrevistados por Saback (2016) viram no quadro uma solução para a falta de visibilidade do cotidiano das favelas na grande mídia, já que esses parceiros poderiam funcionar como testemunhas dos problemas de suas comunidades. Acreditam que a mídia hegemônica pode ser um meio de atingirem as autoridades responsáveis, de serem ouvidos e lembrados. Além disso, criticam que a mídia, até então, só cobria as comunidades quando havia algum caso de violência, mas nunca vinha para divulgar suas demandas e necessidades. No entanto, Saback (2016) ressalta que a relação entre o jornalista profissional, representante da instituição Rede Globo, e o morador de favela, representante da comunidade, ocorre, de fato, no quadro, mas com vários pesos e diversas medidas, tratando-se de uma nova forma de pensar a hegemonia da emissora no campo do jornalismo comunitário. “A TV Globo abriu espaço no seu padrão de jornalismo para uma narrativa inclusiva, que dialoga com a técnica, mas não perde a essência da realidade onde vivem seus produtores” (SABACK, 2016, p. 162).

A autora vê o quadro Parceiros do RJ como uma estratégia de mão-dupla: se, por um lado, existiu o oportunismo da Rede Globo em atrair a audiência, também houve a oportunidade para que os moradores da comunidade se expressassem na grande mídia. Isso significa que os parceiros “estão no projeto cientes dos interesses da emissora em obter mais audiência [...]. Em outras palavras: o oportunismo é permitido com o objetivo de democratizar a comunicação. Eles têm consciência do alcance da emissora e de que podem atingir outros públicos por este meio” (SABACK, 2016, p. 160). Para a autora, o mais importante nessas iniciativas é a oportunidade de sinalizar que as favelas em que esses sujeitos vivem não se resumem apenas ao que é divulgado pela grande mídia. Além disso, o quadro pode auxiliar os parceiros a verem seus problemas locais de modo mais crítico e abrangente, fazendo com que enxerguem situações cotidianas a partir de outros ângulos.

Para viabilizar tais iniciativas, as ONGs podem contribuir de forma significativa ao serem acionadas pelos veículos de comunicação hegemônicos para sugerirem pautas e indicarem fontes oriundas destas comunidades, já que estas organizações estão em contato direto com esses grupos, atuando de forma conjunta pela defesa de seus direitos. A ComCat, por exemplo, exerceu, diversas vezes, esse papel de intermediação para a imprensa estrangeira durante a realização das Olimpíadas 2016 no país, já que, conforme o relatório divulgado, pelo menos 56 reportagens dos veículos pesquisados foram produzidas com o apoio de sua equipe.

Além disso, a organização promoveu uma série de iniciativas voltadas à conscientização da mídia, como a preparação do Guia de Recursos Olímpicos para Jornalistas e a organização de “*tours* de realidade” na cidade para 25 profissionais.

Peruzzo (2006) defende que líderes e representantes comunitários sejam indicados como fontes a fim de evitar distorções que são muito comuns quando a participação é estritamente individual. Assim, há uma garantia maior que a pessoa não esteja falando a partir de interesses particulares, mas se responsabilizando, naquele momento, enquanto representante de todo o grupo social. O acionamento desse representante permite ainda vínculos mais orgânicos com organizações e movimentos populares, facilitando a atualização dos assuntos conforme sua relevância na comunidade. Nesse sentido, a autora explica que esses representantes comunitários, enquanto fontes para pautas jornalísticas, devem falar não a partir de uma perspectiva individual, mas precisam defender interesses coletivos. Os três jornalistas comunitários que participaram da série do *The Guardian*, por exemplo, têm uma responsabilidade social e um compromisso ético frente às suas comunidades, pois devem aproveitar esse espaço de visibilidade pública global para dar voz não a demandas privadas, mas para representar as reivindicações de toda uma coletividade. Mesmo que não tenham sido eleitos pela comunidade, mas selecionados pelo próprio jornal para representar “as vozes das favelas cariocas” na série, é inegável a oportunidade que possuem para alertar e conscientizar a sociedade sobre os impactos diários sofridos pelas classes populares em decorrência da realização do megaevento esportivo.

Por fim, é preciso deixar claro que, quando um jornal de magnitude global como o *The Guardian* convida jornalistas comunitários de três favelas cariocas para participarem de uma série específica sobre os impactos dos Jogos Olímpicos 2016 em sua rotina diária, ele não está deixando de fazer parte da mídia hegemônica e atuando como mídia comunitária, pois não é pautado original e intrinsecamente pelas demandas de uma comunidade específica. Como defende Paiva (1998, p. 154), “não obstante a ampliação no quadro de emissores, isso não assegura que os veículos e os processos tornem-se comunitários”. Da mesma forma, esses sujeitos convidados pelo jornal não atuam como jornalistas comunitários na série, uma vez que seguem as lógicas do *The Guardian* e não a dos meios comunitários nos quais trabalham em suas comunidades. Além disso, não possuem autonomia total no processo de criação, produção e divulgação desses conteúdos.

Com essa estratégia, o *The Guardian* parece buscar um caminho para que pautas marginalizadas sejam retratadas a partir de um ângulo local na imprensa internacional, abrindo, ao que tudo indica, uma brecha, controlada e demarcada, para representações alternativas dentro

desse espaço jornalístico dominante. Por um lado, reconhece a relevância do papel desses jornalistas comunitários em suas comunidades e sua possível capacidade de retratar de forma mais plural e complexa temas tão particulares, concedendo espaço a vozes locais em um ambiente jornalístico predominantemente global e hegemônico. Por outro lado, a escolha deliberada de três jornalistas comunitários, com a finalidade de relatar na série os impactos do megaevento esportivo no dia a dia dos moradores do Rio de Janeiro, pode ter sido motivada pela própria familiaridade que esses sujeitos possuem com as lógicas jornalísticas, o que facilita a adaptação e a adequação de seus relatos aos padrões do próprio jornal. Por meio dessa estratégia, o *The Guardian* consegue cumprir seu objetivo de forma mais produtiva e eficiente, otimizando tanto seus recursos humanos quanto seus recursos financeiros. Essa intersecção do local no global, por meio da participação desses jornalistas comunitários, torna a série um objeto híbrido e aparentemente inovador, o que exige, ao mesmo tempo, um olhar crítico e aprofundado para seus interesses editoriais e suas motivações político-econômicas.

PERFORMANCE DAS EQUIPES

4 MEDIAÇÕES JORNALÍSTICAS NA SÉRIE “VOZES DO RIO: NOSSA ODISSEIA OLÍMPICA”

Nesse capítulo, desenvolveremos a segunda etapa de análise da cultura vivida a partir da investigação das mediações jornalísticas presentes na série “Vozes do Rio: nossa odisséia olímpica”, veiculada no portal do jornal *The Guardian*. Primeiramente, analisaremos os processos envolvidos na cobertura jornalística de fatos internacionais, detalhando as principais características e formatos adotados. Em seguida, abordaremos o lugar ocupado pelas favelas cariocas na cobertura das Olimpíadas Rio 2016, as quais foram representadas a partir de determinados enquadramentos, seleções e silenciamentos. Na sequência, discutiremos a representatividade do jornal *The Guardian* no cenário jornalístico internacional, destacando aspectos de sua história e de seu perfil editorial. Por fim, detalharemos as características específicas do objeto empírico da tese, evidenciando suas condições de produção, critérios de edição e espaços de circulação.

Para a realização dessa etapa da análise, iremos recorrer a diferentes fontes de investigação, como pesquisas acadêmicas, relatórios de organizações não-governamentais, matérias jornalísticas e informações disponíveis no próprio site do *The Guardian*. Como forma de complementar a análise sobre as condições de produção e os critérios de edição da série, também consideramos pertinente realizar entrevistas com os jornalistas comunitários que participaram do projeto. O primeiro contato foi realizado com Daiene Mendes pelo fato de ter sido encontrada nas redes sociais *Facebook* e *Instagram*. No dia 16 de agosto de 2019, a pesquisadora enviou uma mensagem privada à jornalista comunitária, apresentando-se e explicando os objetivos da pesquisa. Daiene respondeu prontamente em um primeiro contato pelo *Instagram*, demonstrando interesse em participar e fazendo algumas perguntas sobre o tema e os objetivos da pesquisa.

A jornalista comunitária aceitou conceder a entrevista por *Skype*, a qual foi realizada no dia 20 de agosto de 2019. A entrevista durou cerca de trinta minutos com base em um questionário composto por 18 perguntas (Apêndice A). Daiene respondeu a todas as questões, enfatizando as qualidades do projeto proposto pelo jornal e pontuando reiteradamente aspectos positivos sobre a série e sobre seu relacionamento com o correspondente do *The Guardian* no Brasil na época, Jonathan Watts. Quando questionada sobre possíveis aspectos negativos da série, não houve críticas por parte da entrevistada, que se mostrou agradecida pela oportunidade

de ter aprendido com as dicas de Jonathan e de ter participado de um projeto diferenciado e relevante. Após a entrevista, solicitamos, por meio do *WhatsApp*, a autorização de Daiene para poder utilizar o material na pesquisa, a qual respondeu que só autorizaria depois de verificar como a citação seria utilizada no texto. A pesquisadora estranhou a resposta, uma vez que se constituiria em uma pré-censura, restringindo sua liberdade de interpretação dos dados. Ficou claro, assim, pelo posicionamento claramente positivo da entrevistada com relação à série e pela ausência de críticas ao papel do *The Guardian* ao longo do processo, que ela não permitiria o uso de sua fala em uma análise que se revelasse contrária às suas opiniões. Dessa forma, caso a pesquisa apontasse perspectivas mais críticas e negativas sobre a iniciativa do jornal britânico, fazendo uso de citações da entrevistada, ela provavelmente não concederia a autorização.

Mesmo assim, a pesquisadora transcreveu toda a entrevista e enviou à Daiene para que ela pudesse ler suas respostas na íntegra e confirmar se estava de acordo com o relato final. Contudo, a jornalista comunitária não respondeu as mensagens de *WhatsApp* enviadas pela pesquisadora. Dessa forma, o uso da entrevista se tornou inviável, primeiramente, pelo fato de ter sido concedida apenas uma autorização condicionada, que restringia a liberdade de interpretação dos dados ao longo da análise, o que se constituiria em um óbice à autonomia da pesquisadora, essencial ao desenvolvimento de uma pesquisa séria, comprometida e crítica. Em segundo lugar, o silêncio da jornalista comunitária após o envio da transcrição da entrevista revela seu desinteresse em participar da pesquisa, podendo até ser interpretado como uma espécie de receio em ter sua fala utilizada na análise como uma forma de crítica ao jornal.

Apesar de não podermos utilizar a entrevista de Daiene Mendes pelos fatos mencionados, é preciso refletir sobre sua reação após a entrevista, já que a resistência e o silêncio também carregam significados. No primeiro contato, a jornalista comunitária fez diversas perguntas sobre os objetivos da pesquisa antes de concordar em colaborar. Ao longo da entrevista, Daiene proferiu, reiteradamente, elogios ao *The Guardian*, sem apontar quaisquer aspectos negativos sobre a iniciativa do jornal britânico, inclusive demonstrando certo estranhamento quando questionada sobre possíveis interferências editoriais do jornal britânico ao longo da série. Além disso, demonstrou, em diversos momentos, um sentimento de gratidão ao correspondente do *The Guardian* pela oportunidade de poder participar da série e aprender com um jornalista experiente e renomado. Em várias respostas, a entrevistada fez questão de enfatizar que não houve interferências nem orientações do jornal, sem atentar para o fato de que, em todas as etapas de produção, desde a própria idealização da série, a influência do correspondente foi constante e determinante.

O posicionamento de Daiene após a entrevista pode evidenciar inclusive o medo da jornalista de estar associada a uma postura mais crítica sobre a série, como se isso pudesse comprometer frente ao *The Guardian* ou ao correspondente, mesmo que seu vínculo como colaboradora do jornal já tenha terminado. É como se tivesse uma espécie de “dívida” com o veículo depois da oportunidade concedida nesse espaço hegemônico. Parece que, como são raras as chances de participação desses grupos sociais minoritários na mídia *mainstream*, especialmente em um jornal de alcance global como o *The Guardian*, a única atitude possível é a de reconhecimento e gratidão. Não há espaço de reflexão sobre uma possível posição submissa e passiva desses sujeitos marginalizados no espaço da série, o que revela ainda mais o quanto o jornal, por meio de uma atitude colonialista, pode ter vendido o projeto da série de forma tão positiva a ponto de convencer esses sujeitos a participarem sem sequer questionarem a proposta. Em outras palavras, o *The Guardian* pareceu construir uma imagem positiva não só frente a seus leitores e apoiadores, mas também diante desses colaboradores comunitários, que apenas aceitaram a função delegada a eles pelo jornal, sem reivindicar maior participação ao longo do processo. Daiene, por exemplo, não soube explicar quais foram os critérios utilizados para a seleção dos três jornalistas comunitários nem se outros moradores de favelas receberam o convite para participar da série, além de desconhecer detalhes mais aprofundados sobre o projeto como um todo, limitando-se a contar como se deu a sua participação.

Mayer (2016) salienta que essas articulações de poder integram a economia política da produção de mídia, estabelecendo relações que reproduzem hierarquias e apenas prometem igualdade. Na maioria das vezes, setores subordinados, em vez de resistirem, acomodam-se diante dos ditames hegemônicos, em uma atitude de subserviência e alienação, em que tomam consciência apenas de parte do processo de produção. Esses veículos globais aproveitam-se da posição privilegiada que ocupam para buscar vantagens competitivas por meio da criatividade e da inovação, uma busca que, na maioria das vezes, explora os grupos subordinados de modo que “mesmo com todo seu esforço, o produto final já não contém sua marca, já não contém qualquer resquício seu” (MAYER, 2016, p. 182). Da mesma forma, é possível perceber que, na série do *The Guardian*, por mais que haja o empenho desses jornalistas comunitários na elaboração dos relatos para a série, eles são excluídos da totalidade do processo de produção. Para a autora, essa vontade de fazer parte da mídia *mainstream* é provocada pelo seu fascínio, fazendo com que a exploração das minorias seja justificada em nome do status social gerado. Assim, é possível que esses jornalistas comunitários não critiquem a série proposta pelo jornal justamente porque querem se sentir parte desses grandes conglomerados de mídia, querem se sentir integrados mesmo que isso signifique se adequar a um modelo político e econômico

excludente. Nesse sentido, Mayer (2016) destaca que a mídia busca envolver as subjetividades para persuadir seu modelo produtivo, tornando cada interação uma oportunidade para reforçar seu poder e consolidar suas estratégias de expansão do capital.

Apesar da primeira experiência frustrada com Daiene Mendes, resolvemos fazer mais uma tentativa de contato com um dos outros jornalistas comunitários da série. Conseguimos localizar Thaís Cavalcante por meio de seu perfil no *Facebook* e no *Instagram*. Essa insistência em conseguir a entrevista com um dos participantes se deve ao fato de considerarmos uma etapa complementar de grande valia para a pesquisa, uma vez que poderia trazer novas informações sobre o processo de produção da série a partir da visão de seus colaboradores, evidenciando inclusive detalhes mais específicos sobre as funções assumidas pelo jornal ao longo de sua realização. Thaís respondeu à mensagem privada enviada no dia 22 de agosto de 2019 em seu *Instagram* e aceitou participar da pesquisa. O contato se deu, a partir de então, por meio de e-mail. A jornalista questionou, inicialmente, as motivações para a realização da pesquisa. Além disso, indagou se poderia ter acesso a outras publicações já realizadas pela autora. Respondemos às dúvidas enviadas por Thaís e também disponibilizamos o link do currículo Lattes da pesquisadora, onde estão todos os trabalhos já publicados ao longo de seu percurso acadêmico.

Dessa vez, a fim de garantir a realização da entrevista e a autorização da jornalista comunitária para que pudesse ser utilizada como material de pesquisa, resolvemos fazer o contato integralmente por e-mail, enviando as perguntas juntamente com o documento de autorização de uso (Apêndice B). A fim de tornar a entrevista mais objetiva, resumimos o questionário a apenas oito perguntas dessa vez (Apêndice C), já que questionamentos extensos por e-mail poderiam ser menos atrativos à entrevistada. Thaís pediu inicialmente uma semana para enviar as repostas, prazo com o qual concordamos. Passada uma semana e sem retorno da jornalista, entramos em contato novamente por e-mail e pelo *Instagram*. Inicialmente, Thaís se desculpou pela demora e disse que já tinha começado a responder as perguntas. Afirmou que enviaria as respostas até o fim do dia 29 de agosto de 2019, o que não foi feito. Após nova insistência da pesquisadora, a jornalista comunitária solicitou o e-mail novamente para enviar as respostas. Apenas no dia 06 de setembro de 2019, Thaís respondeu, dizendo que não conseguiria participar da pesquisa por estar envolvida com várias atividades, como trabalho, projetos e a monografia do curso de graduação. Mais uma vez, portanto, não conseguimos a colaboração da jornalista comunitária, que, por motivos de tempo, argumentou que não conseguiria enviar o questionário completo. Essa mudança repentina na postura de Thaís causou estranhamento, pois mostrou-se interessada e disposta em participar da pesquisa desde o início,

inclusive afirmando que já tinha começado a responder as perguntas quando questionada e que as enviaria no mesmo dia. Ao entrarmos em contato pelo *Instagram* diante da ausência de retorno, a jornalista ainda pediu o e-mail da pesquisadora novamente para que pudesse enviar as respostas. No entanto, como referido, o e-mail enviado não era composto pelas respostas do questionário, mas sim com a recusa em participar da entrevista.

A fim de esgotar todas as possibilidades de entrevista com os três jornalistas comunitários que participaram da série, entramos em contato com Michel Silva, da favela da Rocinha. Enviamos mensagem privada pelo *Facebook* e pelo *Instagram* no dia 8 de setembro de 2019. Sem retorno, resolvemos enviar mais uma mensagem para o jornalista pelo *Instagram*, já que se mostrava ativo na rede social, tendo publicado recentemente. Michel respondeu no dia 12 de setembro de 2019, afirmando que estava em São Paulo e que iria ler a mensagem, a qual foi, de fato, visualizada por ele posteriormente. No entanto, nunca recebemos seu retorno. Dessa forma, diante de três tentativas frustradas, tivemos que buscar outros meios para investigar o processo de produção da série, dando-se a partir da análise de relatórios de órgãos não-governamentais, do próprio site do *The Guardian* e de reportagens divulgadas nos meios de comunicação.

4.1 A COBERTURA JORNALÍSTICA DE FATOS INTERNACIONAIS

O jornalismo internacional é uma das diversas especialidades dentro do campo jornalístico. Sua especificidade reside em cobrir eventos que ocorrem em diferentes lugares do globo para uma população local que nem sempre tem acesso físico ou conhecimento geopolítico e cultural sobre os fatos ocorridos nessas localidades (VIANA; LIMA, 2012). Essa característica faz com que seja uma das áreas jornalísticas com maior abrangência temática, exigindo do jornalista um alto grau de especialização em assuntos como política, economia, cultura e história. “Ele lida com uma diversidade imensa de assuntos, com uma complexidade incrível de conflitos. É normal que se exija dele uma qualificação diferenciada” (CASTRO, 2006, p. 30).

No contexto contemporâneo de intensas trocas de informação em escala mundial, o jornalismo internacional exerce grande influência na forma como compreendemos e julgamos o mundo. Viana e Lima (2012, p. 1) afirmam que “a realidade do Outro para a população local é acessada através do conteúdo produzido pelo jornalismo internacional”. McCombs (2009) corrobora essa afirmação ao defender que muito do conhecimento que um país possui sobre o outro está ligado ao jornalismo, uma vez que a maioria dessas temáticas não está disponível ao

público por meio da experiência direta e pessoal. Dessa forma, os temas destacados nas notícias internacionais ganham relevância no espaço público e passam a configurar um quadro comum de referência sobre determinadas partes do mundo.

Para Aguiar (2008), a distância em relação ao objeto é, de fato, a característica mais visível do jornalismo internacional. O redator dessa editoria, por exemplo, depende de mediações tecnológicas para ter acesso às informações ou às fontes primárias. Mesmo no caso do correspondente que possua contato direto com suas fontes no local, haverá a distância física com relação à redação do jornal para o qual trabalha, precisando necessariamente enviar seu material por meio de algum dispositivo eletrônico. Quanto ao público leitor, a distância física com relação ao objeto da notícia demanda maior contextualização dos fatos narrados, visto que muitos indivíduos podem não ter a necessária bagagem cultural e informativa para a compreensão de determinado acontecimento em outro país. Dessa forma, a editoria está sempre descrevendo a alteridade a partir de um olhar estrangeiro. Conforme concluem Viana e Lima (2012, p. 1), “tudo o que é doméstico ou natural em um país, é internacional em todos os demais”.

A respeito do papel do jornalismo internacional, Thompson (1999) explica que ele ajuda a criar a percepção de um mundo de acontecimentos muito distantes do ambiente imediato da população local, os quais têm, de alguma forma, relevância potencial para as suas vidas. Dessa forma, as Olimpíadas 2016 foram pauta da cobertura internacional realizada pelo *The Guardian*, por exemplo, pois, apesar de acontecerem em outro continente, afetavam indiretamente o público leitor do jornal, seja pela participação de atletas e turistas oriundos de seu país, pelas reconfigurações ocasionadas pela possível emergência do país-sede como potência no cenário mundial ou pela simples curiosidade pelos impactos gerados pelo megaevento esportivo no cenário brasileiro, especialmente no caso dos britânicos, que já haviam vivenciado esse mesmo contexto ao sediarem os Jogos Olímpicos em 2012. Era, enfim, uma forma de dar visibilidade aos gastos, conflitos e consequências da realização de um megaevento esportivo em outro país, trazendo uma nova perspectiva a seus leitores a partir da qual poderiam, inclusive, avaliar os próprios erros e acertos cometidos na edição realizada em solo britânico.

A editoria internacional depende basicamente do trabalho de dois tipos de profissionais: aqueles que trabalham dentro da redação e aqueles que foram deslocados para outros países. Existem várias formas de cobertura internacional, seja por meio de correspondentes fixos, enviados especiais e *freelancers*, ou a partir de materiais enviados por agências de notícias e outros jornais internacionais dos quais o veículo seja assinante. Com relação a esse último caso, Castro (2006) afirma que jornais tradicionais brasileiros, como a Folha de São Paulo e O Globo,

são assinantes e compram matérias e colunas de articulistas de jornais e revistas mundialmente conceituados, adquirindo o direito de publicá-las mediante contrato. Entre os principais fornecedores de matérias aos veículos brasileiros, configuram os jornais norte-americanos *The New York Times* e *The Washington Post* e os britânicos *The Independent* e *The Guardian* (CASTRO, 2006).

Agnez (2015) menciona ainda a contratação de “nativos” como uma forma de cobertura da editoria internacional, isto é, quando veículos têm a opção de contratar pessoas de outros países para a produção de conteúdos jornalísticos em determinadas localidades. No caso da série do *The Guardian*, os “nativos”, isto é, os jornalistas comunitários de favelas cariocas não foram contratados para serem os responsáveis por cobrir integralmente as Olimpíadas em nome do jornal, mas foram selecionados para colaborar somente na série especial, tendo em vista que o jornal já contava com um correspondente no país, o qual assinava as matérias referentes à competição. Dessa forma, não é possível afirmar que o *The Guardian* utilizou correspondentes nativos ou comunitários para realizar toda a cobertura do megaevento esportivo, mas os acionou delimitada e esporadicamente enquanto fontes, deixando a cobertura oficial do evento para seu correspondente no Brasil.

Natali (2004) afirma que há uma diferença entre o correspondente e o enviado especial. O correspondente tem residência fixa no país, com base, na maioria das vezes, em capitais, tendo o dever de regularmente enviar matérias sobre o país em que está situado ou, em alguns casos, sobre um continente inteiro, dependendo da abrangência da área que precisa cobrir. Conforme Los Monteros (1998), o correspondente é o típico habitante da diáspora jornalística, destinado a trabalhar em um dos lugares onde o jornal concentra seus esforços informativos, possuindo inclusive certo status dentro do jornalismo. Já o enviado especial tem a missão de fazer a cobertura específica de algum assunto previamente combinado ou fora do comum. Dessa forma, na época das Olimpíadas 2016, diante da importância mundial do evento, alguns veículos internacionais mandaram enviados especiais ao país com o intuito de cobrir pontualmente o megaevento esportivo. Outros veículos, como é o caso do *The Guardian*, já contavam com correspondentes no Brasil na época das Olimpíadas 2016. Jonathan Watts exerceu o cargo de correspondente do jornal britânico na América Latina, com base no Rio de Janeiro, de 2012 a 2017. Isso significa que, no ano da realização dos Jogos, Jonathan já possuía familiaridade com a realidade brasileira e presenciava os impactos da competição no cenário urbano, o que pode ter favorecido um olhar mais aprofundado e contextualizado sobre a realidade vivenciada no país.

Nesse sentido, a presença de um correspondente no país pode ter possibilitado ao jornal realizar uma cobertura diferenciada, motivando inclusive a produção da série “Vozes do Rio: nossa odisseia olímpica”, a qual contou com a colaboração de jornalistas comunitários de favelas cariocas. Esse modelo colaborativo proposto na série não foi encontrado em nenhum outro jornal, seja nacional ou internacional, na época de realização do megaevento esportivo, o que demonstra o esforço do jornal britânico em buscar um outro olhar para o megaevento esportivo. Essa cobertura diferenciada, em grande parte, pode ter sido impulsionada pela familiaridade do correspondente do *The Guardian* com a realidade carioca, pelo fácil acesso a essas fontes comunitárias e pela proximidade geográfica com os fatos que estavam acontecendo diariamente no Brasil na época. Essa série dificilmente teria sido produzida por uma agência de notícias, tendo em vista que seu objetivo é enviar materiais jornalísticos em larga escala e de forma uniformizada a diversos meios de comunicação.

Por esse motivo, Viana e Lima (2012, p. 6) defendem que “os veículos que têm correspondentes possuem um diferencial, já que, estando no exterior, conseguem ter um olhar peculiar acerca de um fato e produzir uma notícia que não será oferecida pelas agências”. Além disso, um editor pode pautar um correspondente, mas não pode pautar, em geral, uma agência, o que torna o correspondente uma peça fundamental para diversificar o discurso do jornalismo internacional. Castro (2006) salienta que o jornalista no exterior deve sempre manter o “olhar estrangeiro”, pois é esse ponto de vista, essa curiosidade que irá distinguir o seu relato dos textos enviados por agências de notícias, permitindo a contextualização do fato externo à realidade de seus leitores. Assim, o correspondente busca narrar o fato do ponto de vista do seu país, explorando a perspectiva mais pertinente para a sociedade que irá ler a sua narração. Portanto, mais do que informar, esses profissionais devem realizar uma cobertura diferenciada, propondo novos formatos e fontes e construindo um relato mais personalizado, conforme as exigências editoriais do jornal e as necessidades de seu público leitor. Diante da velocidade e da padronização das informações, contribuem no sentido de conferir mais aprofundamento e singularidade aos relatos jornalísticos.

Waldheim Montoya, correspondente-chefe da agência de notícias EFE, em entrevista a Vieira (2017), afirma que aposta nas crônicas como uma forma de contar as histórias de um jeito diferente, com menos estilo de agência. Além disso, ele exemplifica esse olhar diferenciado necessário a um correspondente a partir da cobertura das favelas do Rio de Janeiro:

Vamos supor: no Rio de Janeiro, você pode entrar na favela, você visita. É um outro olhar, outra perspectiva. Diferente do que qualquer outra pessoa possa pesquisar ou ver na mídia brasileira sobre a favela. O correspondente estrangeiro pode fazer um trabalho diferenciado e isso justifica o trabalho dele. Porque, se for só replicar a mídia local, não justifica o trabalho (MONTROYA, 2017, p. 174).

Castro (2006) acrescenta que o correspondente se envolve com todo o processo de produção da notícia: apura, produz e procura fontes. De acordo com essa perspectiva, não é possível caracterizar os jornalistas comunitários da série do *The Guardian* como correspondentes, uma vez que não participam de todas as etapas de produção do produto jornalístico, limitando-se a escrever os relatos de acordo com o formato estabelecido pelo jornal. Diferentemente, Viana e Lima (2012) explicam que o correspondente raramente recebe pautas prontas da redação, precisando buscar tudo o que pode ser notícia na região onde trabalham, seja uma cidade, um país ou um continente inteiro. Segundo os autores, nessa busca, esse profissional precisa, muitas vezes, se amparar na imprensa e nos meios locais, especialmente quando se trata de um país de dimensões continentais como o Brasil. Dessa forma, a série do *The Guardian* pode ter sido uma iniciativa do próprio correspondente do jornal no país, Jonathan Watts, na busca de um formato alternativo para relatar os impactos dos Jogos Olímpicos no contexto nacional. A ideia de selecionar jornalistas comunitários de favelas cariocas pode refletir, inclusive, a percepção do correspondente da baixa visibilidade das classes populares no discurso jornalístico nacional no período, constituindo-se, portanto, em uma oportunidade estratégica para o *The Guardian* se destacar por meio de uma cobertura diferenciada do megaevento esportivo. Essa perspectiva é corroborada pela afirmativa de Hohenberg (1981, p. 377) de que, apesar de os correspondentes se apoiarem nas facilidades locais de comunicação, “aos poucos, devem obter e desenvolver suas próprias fontes de informação, suas próprias ideias para matérias e reportagens, seus próprios métodos de trabalho [...]”.

Nesse processo, os correspondentes não têm a intenção de dizer tudo sobre um país, mas aquilo que observam e registram em um momento determinado na história. Para Los Monteros (1998, p. 422), “devem explicar ao leitor como funciona o país observado, quais são os valores essenciais que conformam seu sistema”. Em algumas matérias, inclusive, os correspondentes são utilizados como fontes pelos veículos, casos em que não assinam os textos, mas apenas repassam as informações obtidas aos redatores (AGNEZ, 2015). Apesar de ser um diferencial, a decisão de enviar um correspondente para determinado país envolve questões econômicas, uma vez que sua manutenção demanda altos custos para o veículo de comunicação. Portanto, o fato de contar ou não com correspondentes internacionais envolve uma decisão editorial do

próprio jornal, revelando suas prioridades políticas e possibilidades econômicas naquele momento. No caso do *The Guardian*, a existência de um correspondente no Rio de Janeiro pode ser uma forma de obter maior aproximação política e visibilidade pública no cenário nacional, o que demonstra seus interesses estratégicos no país.

Como o envio de correspondentes a outros países exige alto investimento, as agências de notícia surgem como uma alternativa no cenário jornalístico mundial, oferecendo informações sobre países onde os veículos não possuam correspondentes ou sobre fatos que esses veículos não consigam apurar por si mesmos (VIANA; LIMA, 2012). Atendendo uma variedade expressiva de clientes, as agências buscam produzir textos mais neutros e abstratos, sem um claro posicionamento explicitado, a fim de que possam ser aproveitados em diferentes contextos nacionais. Hohenberg (1981, p. 189) explica que “a agência deve satisfazer os padrões de milhares de jornais das mais variáveis religiões, nacionalidades e simpatias”, focando em um público abstrato e homogêneo.

Viana e Lima (2012) defendem que a dependência e o uso indiscriminado de informações advindas de agências de notícias têm conduzido à homogeneização do texto noticioso, uma vez que tais materiais são produzidos de forma padronizada e em larga escala. Castro (2006) ratifica essa tendência ao afirmar que não há um olhar crítico ou ponto de vista diferenciado nos textos produzidos pelas agências, as quais mobilizam, com frequência, as mesmas fontes. A autora pontua ainda que, como a maioria dos veículos publicam os materiais enviados pelas agências na íntegra, sem qualquer alteração, é possível ler os mesmos textos em diferentes veículos. Mesmo contando com um correspondente no Rio de Janeiro na época de realização das Olimpíadas 2016, o *The Guardian*, por exemplo, recorreu ao banco de imagens de agências de notícias para ilustrar alguns relatos da série analisada nesta tese. Essas fotos, por sua vez, foram compartilhadas por tais agências com uma quantidade expressiva de veículos de comunicação, que poderiam, por sua vez, reproduzir as mesmas fotos em suas matérias.

As agências de notícias enviam diariamente um grande volume de conteúdo aos veículos de mídia, com novos assuntos ou com atualizações sobre fatos anteriormente enviados, várias vezes por dia. Como exemplificam Soares e Carvalho (2010), a agência *France Press* chega a enviar, diariamente, cerca de cinco mil conteúdos para 165 países, os quais, por sua vez, transmitem informações em seis idiomas diferentes. Dessa forma, os profissionais da editoria enfrentam dificuldades específicas para produzir o noticiário internacional nas redações, que envolvem a diversidade de informações recebidas diariamente, a distância com relação ao objeto da notícia, a dependência de agências de notícias e a necessidade de mediações tecnológicas para entrar em contato com correspondentes e fontes. Além disso, como

funcionários de uma determinada instituição jornalística, precisam seguir as regras impostas pelas empresas onde trabalham, isto é, devem respeitar a linha editorial e atender as expectativas do público-alvo do veículo (ASSIS; GOMES, 2018).

Diante da diversidade de informações, Natali (2004, p. 10) afirma que “nenhuma editoria do jornal põe no lixo uma quantidade tão incrível de informações. O que é também uma maneira de dizer que nenhuma outra editoria precisa utilizar critérios tão refinados e qualificados de seleção”. Assim, é evidente que os meios de comunicação não conseguem publicar todas as informações recebidas, precisando estabelecer critérios precisos para selecionar o que será notícia nesse universo informativo diário. Para Natali (2004), esse processo não deve ser entendido como censura, mas como uma seleção que envolve hierarquizar a fim de escolher ou excluir temas que sejam circunstancialmente menos importantes. Castro (2006) afirma que um determinado problema pode ser descartado por ter uma pertinência pequena na escala de interesses mundiais, uma classificação que deve ser construída diariamente pela editoria a fim de selecionar os principais fatos do dia. Dessa forma,

Nem tudo o que é notícia aparece no noticiário internacional. O noticiário não constrói um retrato do mundo com determinado grau de exatidão. Muita coisa que será vista no futuro como de capital importância histórica é diariamente deixada de lado. E, ao mesmo tempo, certos temas sem importância histórica nenhuma acabam virando notícia porque interpelam a mitologia de nosso mundo cotidiano (NATALI, 2004, p.6).

Segundo Castro (2006), a figura do redator e do editor de internacional se tornam vitais nesse processo, pois são os responsáveis por decidir qual notícia será dada e com que enfoque será feita a cobertura de um fato. A autora afirma que a função de um redator é trabalhar melhor o material recebido, proporcionando uma visão historicamente mais ampla do fato. Assim, cabe a ele “complementar e aprimorar os despachos, através da consulta em bancos de dados e informações, entrevistas com especialistas ou, até mesmo, debater o fato e suas consequências” (CASTRO, 2006, p. 31). Por se encontrar na redação, o redator possui pouco acesso direto às fontes que estão na origem da informação publicada, dependendo da intermediação de agências, comentaristas estrangeiros e correspondentes enviados para os locais. A autora aponta que, de cerca de 70 despachos e pautas relativos à política internacional enviados pelas agências e pelos correspondentes, somente um é aproveitado. Nessa seleção, os redatores se baseiam em alguns critérios relacionados, por exemplo, com a importância do país para a geopolítica mundial ou com sua visibilidade em acordos comerciais. Para Agnez (2015), o conceito de notícia estrangeira pode se referir tanto a algo que tenha acabado de acontecer em outra localidade ou a algo que pode ser noticiável simplesmente porque nos é desconhecido e incomum. Dessa

forma, a autora sinaliza que “a decisão sobre as *hard news* (as notícias fortes, factuais, de grande atualidade), as *features* (notícias mais leves, amenas, sobre hábitos ou curiosidades) ou as chamadas ‘notícias de interesse humano’ vai depende de posturas editoriais” (AGNEZ, 2015, p. 315).

Natali (2004) resume os critérios que levam a valorizar um número reduzido de temas no noticiário internacional a quatro tópicos específicos. Guerras e conflitos ganham sempre espaço na editoria, apesar de algumas serem mais importantes que outras, conforme a posição assumida pelo país na geopolítica mundial. Eleições é outro tema recorrente, especialmente quando acontecem em países influentes no cenário mundial ou em países vizinhos. Epidemias, com seus efeitos humanos, demográficos e econômicos estão sempre na pauta. Há ainda, por fim, a dramaticidade das tragédias inesperadas, capazes de comover o público diante da fragilidade humana frente aos imprevistos da vida. Agnez (2015), por meio da análise das editorias de internacional da Folha de São Paulo e de O Estado de São Paulo em um intervalo de 20 anos (1993 e 2013), constatou que a política foi a temática que dominou o noticiário internacional nesse período e que os critérios de noticiabilidade mais recorrentes podem ser enquadrados nesse tópico, tais como governo, conflito e proeminência dos atores envolvidos.

Los Monteros (1998) afirma que, alguns relatos da editoria, constituem-se como dramas intermináveis em que há vítimas e vilões. “Desde a criação dos serviços noticiosos internacionais, as notícias rentáveis em termos de comercialização foram os desastres naturais e as crises sociais e políticas” (LOS MONTEROS, 1998, p. 422). Desse modo, Viana e Lima (2012) defendem que a característica da editoria que se mantém ao longo do tempo é justamente o interesse por guerras, conflitos e violência. Assim, a maioria dos conflitos que se tornam notícia tem como característica comum a violência, “movida pelo desejo de agregar valor dramático à crônica diária que faz do mundo” (WAINBERG, 2005, p. 14). A morte, nesse contexto, ganha cobertura especial, principalmente quando é decorrente de conflitos diversos. Como consequência, alguns veículos exploram a miséria humana e justificam tais práticas no princípio de noticiar o fora do comum, o insólito (VIANA; LIMA, 2012). Angrimani (1985, p. 54) complementa ao afirmar que a morte, por estar fora do controle humano, inconscientemente desperta a atenção do público, o qual “prefere ver o cadáver morto a ele mesmo estar ali naquele estado”.

A série do *The Guardian* aborda os critérios de noticiabilidade mencionados, uma vez que explora os conflitos sociais gerados pelos impactos das Olimpíadas 2016 nas favelas cariocas, destacando, com frequência, a intensificação da violência e o aumento do número de mortes nessas localidades. A dramaticidade do cotidiano é construída, em parte, por meio dos

relatos de tiroteios e assassinatos, que se tornam fatos corriqueiros e diários. Desse modo, a série sacia a curiosidade do público pelo desconhecido, possibilitando que a morte seja consumida de forma “segura” por seus leitores, a uma distância que permita se aproximar e, ao mesmo tempo, não se sentir afetado por ela, como se estivesse restrita ao Outro, distante e marginalizado. Essa diferenciação demarca uma fronteira simbólica a partir da qual os leitores do *The Guardian* entram em contato com as favelas cariocas como uma realidade que precisa ser conhecida a fim de que seja evitada.

Com a Internet, o jornalismo internacional se transformou consideravelmente ao facilitar a comunicação instantânea entre redações e a checagem dos fatos com maior velocidade e eficiência. Agnez (2015) explica que manter escritórios e correspondentes em diferentes regiões do mundo tem um custo muito elevado para as redações, ao passo que as tecnologias digitais possibilitam um acesso mais prático e barato às informações, algumas vezes até produzidas gratuitamente pelos próprios cidadãos do local, que divulgam os acontecimentos por meio de blogs pessoais e redes sociais. Como consequência, segundo a autora, os benefícios do meio digital levaram à redução do número de correspondentes pelas empresas de mídia, as quais passaram a se basear, cada vez mais, nas mesmas fontes virtuais e agências de notícias. Por outro lado, Natali (2004) contesta essa visão ao apontar que, ao invés de aumentar a dependência com relação às agências de notícias, os veículos de comunicação se tornaram mais independentes com a chegada das tecnologias digitais, mesmo com a redução do número de correspondentes, uma vez que o jornalista passou a ter mais autonomia para intervir na construção da notícia, obtendo facilmente as informações desejadas e entrando em contato com as fontes necessárias diretamente da redação.

Nesse cenário de mudanças, em que ter uma produção autônoma de notícias internacionais por meio de correspondentes próprios se tornou um luxo, Moore (2010) aponta novas tendências economicamente viáveis adotadas gradativamente pela editoria de internacional, como o predomínio de *freelancers* ou de jornalistas *one-man bureau*, que realizam sozinhos o trabalho de uma equipe com o apoio de tecnologias mais baratas e portáteis. Com equipes cada vez mais enxutas, Bahia e Riguera (2009) apontam que a maioria dos relatos tendem a ser mais curtos e tradicionais na editoria de internacional, com o foco voltado para a produção de notícias em vez de grandes reportagens. O correspondente do *The Guardian*, Jonathan Watts, mesmo contando com o apoio de uma redação estruturada na matriz do jornal, trabalhava sozinho no Rio de Janeiro na época das Olimpíadas, o que leva a supor que a colaboração dos jornalistas comunitários de favelas cariocas foi determinante para a existência da série “Vozes do Rio: uma odisséia olímpica”, tendo em vista que, sozinho, Jonathan não

teria a capacidade de apurar as informações, entrar em contato com as fontes e redigir os relatos que compõem a série com o mesmo nível de detalhamento e frequência. Provavelmente, Watts teria produzido relatos mais sucintos e objetivos sobre o megaevento esportivo, em vez de produzir grandes reportagens ou séries especiais.

Para Bahia e Riguera (2009), a Internet veio ao encontro das necessidades do jornalismo internacional, tendo em vista que as principais temáticas abordadas nessa editoria demandam contextualizações e explicações sobre o país onde ocorreu o fato a seus leitores. “A editoria de internacional abarca temas que envolvem questões mundiais [...]. A Internet, por sua vez, é o meio que lida com a desterritorialização da informação e com a descompressão do tempo” (BAHIA; RIGUERA, 2009, p. 88). Dessa forma, o meio online permite uma cobertura mais detalhada, com infinitas possibilidades de acesso, permitindo que o leitor realize o percurso de leitura que considerar mais adequado para o entendimento da notícia. A instantaneidade do meio digital, por exemplo, possibilitou que a informação seja atualizada várias vezes em um mesmo dia, o que vai ao encontro da necessidade de rápida atualização, especialmente quando se trata de fatos inesperados e em constante transformação, como os que ganham destaque na editoria internacional. A hipertextualidade, por sua vez, possibilitou que em uma só notícia sejam reunidas várias outras, por meio de links, dando espaço para maior aprofundamento e contextualização aos leitores menos familiarizados com os fatos. Na série do *The Guardian*, por exemplo, o uso de hiperlinks é frequente ao longo de todas as matérias, possibilitando ao leitor acessar matérias sobre acontecimentos anteriores que são mencionados pelos jornalistas comunitários e, assim, compreender com mais densidade o contexto narrado.

Outra característica da Internet que facilita o trabalho desenvolvido pela editoria internacional é a possibilidade de reunir diferentes mídias em uma mesma notícia, como vídeos, áudios e fotos. Assim, um dos principais temas da editoria, guerras e conflitos, pode ser apresentado não só por meio do texto verbal, mas pode ser explorado por meio de diferentes suportes. A série analisada na tese envolve diferentes recursos multimídia: além do texto verbal, é constituída por vídeos e fotos, possibilitando ao leitor uma maior interação com o que está sendo noticiado. No entanto, como apontam Bahia e Riguera (2009), essa potencialidade da Internet exige um elevado nível de conhecimento das mídias envolvidas. Na série do jornal britânico, as fotos e vídeos foram produzidos por jornalistas do *The Guardian* e de agências de notícias, permitindo aos jornalistas comunitários apenas a produção do texto verbal, o qual, por sua vez, também sofreu edições. Assim, parece que o *The Guardian* assumiu a produção dos materiais que exigiam conhecimento mais especializado, deixando apenas a produção dos relatos verbais para os jornalistas comunitários, uma vez que não exigiam o domínio de técnicas

específicas nem a posse de recursos tecnológicos. Dessa forma, em vez de o jornal potencializar a participação desses colaboradores das favelas por meio de treinamentos, por exemplo, capacitando-os a também produzir os materiais audiovisuais disponíveis na série, foi concedida a eles uma função bem restrita dentro de um espaço tutorado integralmente pelo jornal.

Diante desse panorama, no próximo tópico, iremos investigar o lugar ocupado pelas favelas cariocas na cobertura jornalística internacional das Olimpíadas Rio 2016, evidenciando o modo como foram representadas na mídia a partir de estratégias de seleção, enquadramento e ocultamento. Dessa forma, buscaremos revelar, por meio de pesquisas já realizadas sobre o tema, as diferentes maneiras com que as favelas foram retratadas neste período e que espaços foram concedidos às vozes de seus moradores nesses ambientes de visibilidade pública mundial.

4.1.1 A cobertura internacional das Olimpíadas Rio 2016 e as favelas cariocas

Os megaeventos são caracterizados essencialmente por seu forte impacto midiático, atingindo milhares de pessoas não apenas durante sua realização, mas envolvendo ainda o período que inicia antes e termina depois de seu acontecimento (FREITAS; LINS; SANTOS, 2016). Dessa forma, nesse tópico, iremos verificar os temas que circularam durante a cobertura internacional das Olimpíadas Rio 2016 a partir de pesquisas realizadas sobre o assunto, especialmente no jornal *The Guardian*, nosso objeto de estudo. Além disso, analisaremos como as favelas cariocas foram retratadas e que lugar receberam nesses relatos durante esse período de massiva atenção midiática. É fundamental observar se essas comunidades tiveram, de fato, sua voz reconhecida e adquiriram visibilidade pública nos meios de comunicação ao longo do megaevento esportivo, fazendo com que suas pautas ganhassem legitimidade para leitores do mundo todo.

A ComCat publicou dois relatórios sobre a cobertura da mídia *mainstream* internacional das favelas do Rio: um, de caráter preliminar, analisou o período entre o anúncio dos Jogos Olímpicos em 2009 e a realização da competição em 2016; o outro relatório, já na versão completa, analisou relatos desde outubro de 2008, um ano antes da competição ser concedida ao Rio, até o mês dos Jogos, em agosto de 2016. Esse último relatório revela os resultados de uma pesquisa realizada com jornais de grande alcance em inglês: *The New York Times*, *The Wall Street Journal* e *USA Today*, dos Estados Unidos; *The Guardian*, *The Telegraph* e *Daily Mail*, do Reino Unido; *Al Jazeera* do Qatar e *Associated Press* foram adicionados para introduzir, respectivamente, uma perspectiva de fora dos Estados Unidos e da Europa e uma

visão de uma agência de notícias. Segundo a ONG, esses jornais foram escolhidos pela quantidade expressiva de materiais produzidos sobre favelas, pelo alto número de leitores, os quais são influentes em uma variedade de campos, por publicarem na forma impressa e online e por refletirem posições diversas no espectro político.

A pesquisa utilizou um software de análise de dados para monitorar matérias que mencionassem a palavra “favela” durante o período de estudo, complementando esse percurso com buscas no Google e em sites de outros veículos de mídia. Entre os critérios estabelecidos pela ONG para a seleção do *corpus*, estavam matérias divulgadas tanto na versão impressa como na versão online e que mencionavam favelas do Rio de Janeiro e não de outras localidades brasileiras. Após essas definições, a ComCat chegou ao número de 1.094 matérias, sendo que 29,8% desse total foram publicadas pelo *The Guardian*, o maior percentual entre todos os jornais pesquisados. Isso significa que o jornal britânico, nosso objeto de análise, destacou-se, dentro do universo analisado, na cobertura de favelas cariocas no período do megaevento esportivo, o que demonstra já um esforço para dar visibilidade a temáticas relacionadas a esses grupos sociais.

Segundo a pesquisa, a alteração mais relevante na cobertura *mainstream* internacional das favelas do Rio durante o período de 2008 a 2016 foi a imensa expansão da visibilidade. Houve um aumento de quase dez vezes no número de matérias nas quais as favelas foram assunto principal neste período. A maioria dos veículos produziu tais matérias no período de 2015-2016, com quase sete vezes mais matérias publicadas nestes anos do que em 2008-2009, por exemplo. No relatório, a ComCat revela que houve um aumento considerável de matérias sobre as favelas próximo à realização tanto da Copa do Mundo quanto das Olimpíadas 2016, sendo que o mês olímpico, agosto de 2016, teve um recorde de 156 matérias mencionando favelas, totalizando 14% de todas as publicações. No caso do *The Guardian*, por exemplo, das 326 matérias publicadas no período, 78 foram divulgadas de outubro de 2015 a agosto de 2016. Outro dado relevante é que houve uma diferença quanto às localidades que receberam atenção na mídia: durante a Copa do Mundo, momento em que aconteciam jogos em todo o país, a Rocinha, na Zona Sul do Rio, ganhou mais destaque por ter um acesso relativamente fácil, enquanto que nas Olimpíadas, quando os jornalistas focaram na cidade do Rio como um todo, a cobertura foi mais distribuída, particularmente na Zona Norte, no Complexo da Maré e do Alemão.

Houve ainda um aumento de 16 vezes nas citações diretas de moradores de favelas, o que ampliou sua visibilidade de 16% em 2008-2009 para 36% em 2015-2016. Quanto ao assunto mais frequentemente abordado nas matérias, ficou em primeiro lugar “violência ou

drogas”, seguido por “polícia” e “pacificação”. O maior percentual de matérias sugerindo que a pacificação mudou as favelas para melhor foi publicado em 2012-2013 quando a percepção sobre o programa de segurança ainda era relativamente positiva. No entanto, se em 2012 os dados dão a impressão de que o programa era bem-sucedido, em 2013 este otimismo já passa a diminuir. Ao longo do período estudado, apenas 4% das matérias sugerem que a pacificação tornou as favelas lugares melhores. Apesar da violência ter permanecido como um tópico regular ao longo do tempo, o relatório aponta uma discussão mais matizada sobre essa temática. Em termos de quem as matérias retratavam como sendo violentos, houve um aumento nas matérias que consideravam somente a polícia como violenta e não apenas os moradores de favelas como os causadores de violência, o que “demonstra um aumento na atenção às taxas imensamente altas de mortes pela polícia [...] como uma história digna de noticiar em si” (COMCAT, 2016, p. 11). Dessa forma, essa abordagem pode ter contribuído para romper com a imagem das favelas como locais inerentemente violentos ao destacar também a violência do estado e da polícia.

No ano de megaeventos esportivos, especialmente no período de 2015-2016, a porcentagem de matérias que retrataram as favelas como locais violentos e de atividades de gangues aumentou, o que, segundo os organizadores do relatório, pode significar uma preocupação global maior da mídia com problemas de segurança na época destas competições e ainda o interesse de mais jornalistas querendo escrever sobre a violência nestes locais. Isso fez com que 46% das matérias fornecessem relatos negativos das favelas, ao passo que apenas 7% escreveram relatos positivos sobre elas, colocando-as como “fontes de cultura” e como tendo “forte senso de comunidade”. Na análise detalhada por veículo de mídia, o *The Guardian* foi o que apresentou o maior percentual de matérias que deram impressões claramente positivas sobre as favelas. Apesar do percentual geral reduzido entre todos os veículos, a ComCat aponta que houve um lento crescimento no espaço dado para histórias positivas sobre a favela: o tópico “projetos sociais comunitários”, por exemplo, atingiu o auge no período de 2015-2016. Além disso, houve um declínio geral nas matérias que retratavam as moradias como inseguras, enquanto que aumentou o percentual de matérias que as retrataram como insalubres, o que pode refletir uma ênfase gradual na precariedade do saneamento básico e não tanto no cenário de violência nessas localidades.

Outro resultado relevante é que, no ano olímpico, foram mapeadas as maiores porcentagens de matérias com fotos e vídeos sobre favelas, o que pode evidenciar a busca por diferentes meios de representação desses sujeitos e desses locais. Além disso, a maioria das matérias noticiava um incidente específico ou explorava um tema ou fenômeno mais

aprofundado. Em agosto de 2016, mês de realização das Olimpíadas, a porcentagem de matérias que mencionam favelas apenas uma vez diminuiu substancialmente, de 46% para 30%. Neste mês, o tema “Olimpíadas” foi o assunto principal de 78 matérias (56%), sendo que apenas três das 156 mapeadas neste período não mencionaram, mesmo que secundariamente, o megaevento esportivo, revelando o quanto ele dominou a cobertura da mídia internacional em agosto. A especificidade das favelas também foi muito maior no mês olímpico, uma vez que 53% das matérias nomearam pelo menos uma favela específica, evitando, dessa forma, visões generalizadas desses locais. Além disso, o discurso da pacificação foi substituído pelo discurso da segurança, revelando a importância que o tema ganhou durante a realização da competição. É possível afirmar ainda que o mês olímpico ofereceu um espaço sem precedentes para as vozes das favelas serem ouvidas, uma vez que moradores e líderes de favelas representaram, respectivamente, 26% e 14% das citações.

Do universo de 1.094 matérias, apenas 2% são de autoria de moradores de favelas. No período de 2008 a 2016, a ComCat contabilizou dezessete matérias escritas ou co-escritas por esse grupo: um artigo de opinião publicado no *The New York Times* no dia 12 de agosto de 2012, escrito por Theresa Williamson, Diretora Executiva da ComCat, juntamente com Maurício Hora, morador do Morro da Providência, localizado na Zona Portuária do Rio; as outras 16 foram escritas por jornalistas comunitários que integram a série “Vozes do Rio: nossa odisseia olímpica” do *The Guardian*, a qual foi caracterizada como “uma série inovadora” pela ONG. O relatório contabiliza apenas 16 matérias na série do jornal britânico, pois seu mapeamento vai somente até agosto de 2016, deixando de fora, portanto, as outras matérias publicadas posteriormente pelos jornalistas comunitários. Atualizando esses dados até agosto de 2017, um ano depois da realização das Olimpíadas, foram vinte e duas matérias escritas ou co-escritas por moradores de favelas no total. Desse grupo, a série do *The Guardian* representa o único conjunto de matérias escritas exclusivamente por moradores de favelas, sem parcerias ou colaborações externas.

O artigo de opinião publicado no *The New York Times*, na seção “Op-Ed Contributors”, como já apontado anteriormente, é de autoria não só de um morador de favela, mas também da diretora de uma organização não-governamental. Nos créditos do artigo, Theresa é apresentada como “editora do site RioOnWatch.org, fundadora da Comunidades Catalisadoras, um grupo em prol das favelas”. Já Maurício não é apresentado como morador do Morro da Providência, mas como um fotógrafo, que coordena o projeto Favelarte nesta comunidade. No artigo “Em nome do futuro, o Rio está destruindo seu passado”, os autores colocam que, apesar da importância histórica das favelas cariocas, os projetos olímpicos estão ameaçando sua

preservação, através de demolições contínuas e remoções forçadas. Neste texto, o foco é a história do Morro da Providência, primeira favela do Rio, que segundo os autores, está sendo desfigurada e destruída em nome das Olimpíadas 2016. Para eles, em vez de tornar a favela “um playground dos ricos”, seria muito mais rentável investir em melhorias urbanas nestes locais por meio de um processo democrático. Desse modo, a matéria constrói as Olimpíadas como uma ameaça ao legado histórico das favelas, tornando-se motivo de revolta e aflição para os moradores que veem suas casas destruídas e são obrigados a se deslocarem para zonas distantes da cidade.

A ComCat revela que, apesar de em 100% dessas matérias escritas ou co-escritas por moradores de favelas terem sido abordados os temas “violência ou drogas”, “pacificação” e “polícia”, outros tópicos foram mencionados em mais de 50% delas, sugerindo que há uma cobertura mais variada e plural neste conjunto. Assim, tópicos como “Olimpíadas”, “cultura da favela”, “infraestrutura de transporte e mobilidade” e “qualidades das favelas” também apareceram nestas publicações, o que sugere, no caso da série, que “jornalistas comunitários são tão ou até mais preparados que os jornalistas internacionais para cobrir as questões negativas [...], mas muito mais propensos a discutir aspectos positivos também” (COMCAT, 2016, p. 56). Nestas matérias ainda, ambos moradores e polícia eram colocados como perpetradores de violência, ou apenas a polícia. Em nenhuma delas, há a colocação de que apenas moradores de favelas geram violência, o que contribui para romper com o estereótipo de que todas as pessoas que vivem nesses locais são criminosas.

Além disso, todas as matérias mencionaram uma favela específica pelo nome, o que demonstra uma preocupação em evitar generalizações e contribuir para representações mais precisas desses locais, já que existem mais de mil favelas na área metropolitana do Rio de Janeiro com variações significativas entre elas. Esse resultado contrasta com o conjunto total dos dados, já que apenas 49% das matérias nomearam as favelas sobre as quais estavam falando. Nas matérias que nomearam uma favela em específico, no conjunto maior de dados, as comunidades que se destacaram na cobertura foram Rocinha, Complexo do Alemão e Complexo da Maré, o que é um resultado justificável, em parte, por terem sido as três localidades abordadas na série do *The Guardian*.

Na cobertura do jornal britânico, entre essas três localidades, a que mais se destacou foi a Rocinha, seguida pelo Complexo da Maré. No período específico das Olimpíadas, as favelas da Zona Norte, como Complexo do Alemão e da Maré, mais contestadas em função do aumento da violência e dos consecutivos fracassos no processo de pacificação, chamaram mais atenção que as favelas da Zona Sul, geralmente mais estáveis. Já as favelas da Zona Oeste atingiram o

pico da sua cobertura no ano olímpico, por concentrar a maioria dos locais onde seriam realizados os Jogos. A Vila Autódromo, reconhecida internacionalmente pela mobilização de seus moradores contra as remoções, foi a única que consistentemente recebeu cobertura ao longo do tempo, dado que “o uso pelos próprios moradores do Facebook construiu um sentido de urgência e [...] permitiu que os [...] jornalistas acompanhassem de perto a luta da comunidade” (COMCAT, 2016, p. 25).

Quanto às citações, essas matérias que contaram com a contribuição de moradores de favelas apresentavam citações diretas de outros residentes da comunidade, fontes de mídia comunitária ou outras fontes de mídia, sendo que nenhuma delas cita diretamente a polícia ou autoridades do governo. Esse dado permite visualizar uma possível preocupação em garantir espaço a vozes representativas desses grupos sociais que, na maioria das vezes, não são ouvidas pela mídia *mainstream* internacional. Com relação à linguagem, contrariamente aos jornalistas internacionais, que preferiram empregar as palavras “slum” (bairro sórdido, área degradada) e “shantytown” (bairro sem infraestrutura, bairro de barracos temporários) como alternativas principais, os autores oriundos de favelas deram preferência às alternativas “comunidade” e “bairro” para descrever seus lares e apenas uma de suas matérias usou o termo “slum” ao traduzir “favela” (COMCAT, 2016).

Para a ONG, é preciso incentivar os meios de comunicação internacionais a chamarem esses espaços de favelas, em vez de empregarem alternativas pejorativas e estigmatizantes, que não conseguem representar com precisão a diversidade desses locais, comprometendo seu sentido ao tentar simplificar seu conceito. Como análise geral, a ComCat revela que as alternativas neutras para substituir a palavra “favela” aumentaram em prevalência ao longo dos anos, o que é um resultado positivo. No entanto, pondera que essa tendência para uma linguagem mais matizada entre os correspondentes com base no Rio pode ter sido interrompida com a chegada de novos jornalistas enviados especificamente para cobrir os megaeventos esportivos, os quais, pelo curto espaço de tempo em que estiveram no país, não possuíam a familiaridade necessária com as especificidades dessas localidades.

Os jornalistas comunitários descreveram, em uma maior porcentagem, as favelas como tendo esgoto precário e infraestrutura de má qualidade, mas evitaram falar de favelas como tendo habitações precárias. Isso significa que esses moradores enfatizaram a falta de condições básicas de vida em suas comunidades, o que evidencia o descaso do governo em atender essas demandas. Dessa forma, nessas falas, não é culpa do morador o fato de viver em habitações precárias, mas uma consequência da falta de comprometimento do poder público. Segundo o relatório da ComCat, essa abordagem diferenciada sobre essas localidades também está

expressa na visão que esses jornalistas comunitários construíram sobre as próprias favelas: em 94% das matérias, o atributo principal foi de “locais com senso de comunidade”, um número expressivo se comparado com os 21% mapeados em todas as matérias publicadas, e, em 59% das matérias, esses locais foram retratados como “fontes de cultura”. Já os moradores de favelas foram representados como “agentes ativos de mudança” (71%) e como “empreendedores” (47%), contrastando, respectivamente, com os percentuais de 31% e 16% mapeados no maior conjunto de dados analisados. Dentro da amostra total, em comparação, as favelas foram identificadas, principalmente, como “locais de violência” e “locais de drogas/gangues”, enquanto que o traço mais comum atribuído a seus moradores foi “financeiramente pobres”. Nesse sentido, é possível afirmar que estereótipos negativos desses locais e desses sujeitos ainda prevalecem no conjunto maior de dados, mesmo que alternativas positivas, como “agentes ativos de mudança”, tenham apresentado um lento crescimento.

Segundo Freire Filho (2005), os estereótipos constituem a abstração em virtude da qual a individualidade é alegorizada e transformada em ilustração abusiva de outra coisa, algo não concreto e não individual. Como forma de controle social, ajudam a demarcar e manter fronteiras simbólicas entre o normal e o anormal, o integrado e o desviante, o aceitável e o inaceitável. Agem no sentido de facilitar a união do “nós” como “normais”, em uma comunidade imaginária, ao mesmo tempo em que excluem e remetem a um exílio simbólico tudo aquilo que não se encaixa, tudo aquilo que é diferente. Como práticas significantes, os estereótipos não se limitam, portanto, a identificar categorias gerais de pessoas, pois contêm julgamento e pressupostos tácitos ou explícitos a respeito de seu comportamento, sua visão de mundo ou sua história. A veiculação de imagens redutoras e automatizadas sobre o Outro podem gerar atitudes agressivas na forma de preconceito e discriminação.

Os estereótipos ambicionam impedir qualquer flexibilidade de pensamento na apreensão, avaliação ou comunicação de uma realidade ou alteridade, em prol da manutenção e da reprodução das relações de poder, desigualdade e exploração; da justificação e da racionalização de comportamentos hostis e, *in extremis*, letais (FREIRE FILHO, 2005, p. 22).

Embora possam variar em termos de apelo emocional, geralmente expressam tensões e conflitos sociais subjacentes. O estereótipo reduz toda a variedade de características de um povo, uma raça, um gênero ou uma classe social a alguns poucos atributos essenciais, supostamente fixados pela natureza. Encoraja, assim, um conhecimento intuitivo sobre o Outro, desempenhando papel central na organização do discurso do senso-comum. Assim, podem ser definidos como construções simbólicas enviesadas, resistentes à mudança social. Nessa mesma

perspectiva, Amossy e Herschberg-Pierrot (2010) se referem aos estereótipos como esquemas coletivos fixos, geralmente pejorativos, frutos da aprendizagem social, os quais assumem um caráter de realidade para os indivíduos de determinada comunidade. Por estarem naturalizados no meio cultural, as autoras explicam que não são questionados pelos membros de uma coletividade, passando a ser aceitos como representações reais vinculadas a grupos específicos.

Quando disseminadas pelos meios de comunicação de massa, essas representações inadequadas de grupos minoritários se tornam um empecilho para o processo democrático, cujo desenvolvimento demanda a opinião esclarecida de cada cidadão a respeito de questões da vida política e social. “Os meios de comunicação de massa são a grande fonte de difusão e legitimação dos rótulos, colaborando decisivamente, deste modo, para a disseminação de pânico morais” (FREIRE FILHO, 2005, p. 24), redefinindo as fronteiras entre o moralmente desejável e indesejável. Para Paiva (2007), esse processo acontece pelo fato de as narrativas da mídia se apoiarem na ideia de tradução do real, a qual sempre propiciou ao jornalismo um dos seus mais caros dogmas, isto é, como veículo da verdade. Dessa forma, os relatos midiáticos sobre as favelas cariocas, por exemplo, atuam na formação do conhecimento que esses indivíduos detêm de seu meio e da posição que podem ocupar no seu interior.

Assim, para a ComCat, o aumento da cobertura das favelas na mídia internacional pode ser considerado como um legado positivo dos megaeventos esportivos realizados no país. “A cobertura extensa e diversa das favelas é importante para corrigir uma história de cobertura amplamente uniforme e estigmatizante” (COMCAT, 2016, p. 63). Para os relatores, esses estereótipos negativos justificam intervenções de cima para baixo, sugerindo que nenhum elemento das favelas é digno de preservação, justificando políticas que legitimam remoções, violência policial e desigualdades. Para eles, a expansão de vozes das favelas contribui, em parte, para afastar esses estigmas, evitando a perpetuação de estereótipos improdutivos que justificam ações de violência do estado.

Na visão da ONG, na série do *The Guardian*, os jornalistas comunitários reconhecem que a cidade do Rio de Janeiro passa por uma situação de violência generalizada, a qual afeta desproporcionalmente a vida dos moradores das favelas, mas não se limitam a destacar apenas esse aspecto negativo, aproveitando o espaço para abordar os projetos culturais, as iniciativas políticas e a vida cotidiana de suas comunidades. Como explica a ComCat (2016, p. 63), “favelas são lugares complexos; sua cobertura precisa permitir essa complexidade também”. O relatório aponta, por fim, que muitos líderes comunitários sentem que a mídia internacional está trazendo um novo interesse e abordagem crítica sobre as questões sociais para além do que existe nos meios de comunicação nacionais, os quais, para eles, focam nas comunidades apenas

quando algo negativo acontece. Como salienta Peruzzo (2007, p. 79), “cabe não só falar de problemas, mas também das festas do povo e das conquistas dos movimentos populares”. Variar os tópicos abordados, as localidades evidenciadas e as perspectivas acionadas nestas representações pode contribuir para que novos temas ganhem destaque na mídia, gerando discussões pertinentes para a melhoria de vida nestas comunidades e combatendo a formação de estereótipos negativos sobre esses sujeitos ao mostrar a diversidade característica dos locais que são identificados a partir do termo “favela”.

Vieira (2016) investigou as representações do Brasil veiculadas durante a cobertura da Copa do Mundo 2014 no jornal *The Guardian*. O objetivo principal da dissertação era verificar as representações do país e os temas brasileiros que mais se destacaram na mídia internacional no período. Após a leitura inicial das matérias do *corpus*, a autora mapeou cinco temas principais: aspectos culturais, políticos, sociais, impressões sobre a Copa e relação do Brasil e dos brasileiros com o futebol. A categoria “relação do Brasil e dos brasileiros com o futebol” contabilizou mais matérias no total. Já a categoria “aspectos sociais” foi a que possuiu maior recorrência de unidades de registro, com o predomínio de expressões que revelam problemas e fatores negativos sobre o país, em especial a desigualdade. Assim, segundo a pesquisa, os aspectos sociais do país se revelaram como um dos motes principais nas representações do Brasil pelo *The Guardian* durante a Copa do Mundo. Para Vieira (2016), esses aspectos são construídos pelo jornal por meio de um posicionamento crítico e negativo que reside não só na escolha dos temas sociais de suas reportagens, mas também na abordagem proposta a eles.

Predomina um tom nada animador em relação à situação social do Brasil: os protestos, para o veículo, são marcados pela repressão policial e a violência; as greves geram caos no trânsito e ira nos passageiros; o apoio à Copa do Mundo é baixo e a atmosfera mantém um humor cético e conflitante; a desigualdade entre classes é a “vergonha do Brasil” e chega a ser contraditória, já que o jornal não consegue sustentar a desconexão entre gastos exorbitantes na Copa e a população empobrecida que não foi “convidada para a própria festa”; a infraestrutura e as obras do torneio são marcadas por gastos excessivos e pouca sabedoria em construir estádios em locais que não darão uso posterior a eles; as favelas, embora donas de um caráter amigável e comunitário, estão longe de fornecer uma qualidade de vida mínima para seus habitantes com suas “ruas sinuosas e caóticas” ou suas “calçadas perigosas” (VIEIRA, 2016, p. 93).

A autora aponta ainda que a pobreza, a falta de planejamento urbano, a insegurança, o estado pobre das estradas, da saúde, da educação e dos transportes, a violência, os altos índices criminais e outros problemas são evidenciados como questões mais urgentes e profundas do que a realização do megaevento esportivo. A unidade de registro “permite os pobres olharem os ricos de cima” identificada pela autora em uma das matérias do jornal merece destaque por ter uma relação direta com o contexto das favelas: “ela se refere às favelas construídas nos

morros, sendo, assim, um dos raros locais em que os pobres poderiam, de fato, serem superiores aos ricos e os olharem de cima na organização desigual da sociedade brasileira” (VIEIRA, 2016, p. 81).

A única menção relacionada à cidade do Rio de Janeiro no *corpus* generaliza-a como uma “enorme favela”, o que, na visão da autora, é um fator significativo para entender qual peculiaridade da cidade chama a atenção do jornal. O tema “favelas” esteve presente não só para caracterizar a cidade, mas se manteve frequente durante toda a cobertura, principalmente sob a luz de suas implicações sociais. Vieira (2016) notou uma tentativa do jornal em aproximar o leitorado inglês da realidade brasileira, seja familiarizando-o com nosso idioma, nossas músicas e nossa maneira de torcer, seja trazendo lados pouco explorados que podem despertar o interesse do público do jornal, como a realidade de moradores de favelas. As palavras e expressões relacionadas às favelas no *corpus* têm como base o turismo, uma vez que essas localidades são apresentadas como um destino recente e crescente de turistas estrangeiros que visitam o Rio de Janeiro. No entanto, nesses casos, o jornal constrói a representação de um Brasil pouco urbano ou moderno, apontando as favelas como uma questão social a ser resolvida. “Mesmo que o jornal coloque as favelas cariocas e seus restaurantes como opção turística para seu leitorado, inclusive mencionando que elas “tornaram-se lugares seguros”, a matéria não fica cega diante da condição de vida que a população que mora ali está sujeita” (VIEIRA, 2016, p. 87). O *The Guardian* chama as favelas de “zonas ‘não-vá’ sem lei”, afirmando que são locais onde a vida é difícil, em que não há placas de ruas, sugerindo pouca oficialidade. Dessa forma, embora as favelas sejam descritas como um ponto turístico viável para os estrangeiros, o jornal salienta o quanto essas comunidades sofrem com o desprezo das classes altas brasileiras, acentuando a desigualdade e a tensão velada entre classes no país.

Para Vieira (2016), a linha editorial adotada pelo jornal no período foi a de se concentrar nos problemas e contradições sociais do Brasil, mostrando-se um veículo sensível à realidade nacional. Há, assim, um ceticismo do *The Guardian* perante as desigualdades e a facilidade do governo brasileiro em iludir o povo a favor de interesses próprios. A autora concluiu que, mais do que um tom negativo, predomina a incredulidade do jornal diante dos fatos que ocorrem no Brasil, fazendo com que a realidade social ambígua do país seja construída por meio de um tom de surpresa ao leitorado inglês. Isso significa que, apesar de o veículo inglês manter o tom crítico quanto a esses assuntos, também busca o outro lado, dizendo que, mesmo diante das más previsões, tudo funcionou durante o megaevento esportivo. Essas representações dualísticas se contrastam, mas não se anulam nas matérias, como no caso das favelas: ao mesmo tempo em que revela a crescente popularização do turismo nesses locais como um fator positivo, o jornal

destaca sua infraestrutura precária, tratando esses “*tours*” como uma atração contestável, como se os turistas estivessem realizando um safári.

Outro fato que merece destaque na referida pesquisa é quanto aos tipos de fontes consultadas pelo jornal. Mais da metade das fontes ouvidas pelo *The Guardian* nesse período são locais (57,44%), isto é, pessoas comuns que não têm envolvimento oficial com o assunto tratado, sejam eles moradores da região, turistas, donos de estabelecimentos ou ocupantes de diversas profissões. “A diferença numérica entre esse tipo de fonte e a seguinte mais utilizada, as fontes oficiais, é de mais de 40% e pode demonstrar que o veículo, pelo menos no que se refere às suas fontes, priorizou a voz ‘do povo’” (VIEIRA, 2016, p. 107). Também houve, em menor escala, a utilização da própria mídia nacional para pautar a cobertura, o que demonstra, na visão da autora, que o jornal, mesmo com a presença de correspondentes, não está isento de reutilizar interpretações já veiculadas por outras mídias. Um fato destacado no tratamento das fontes foi o de que, no geral, não há uma preocupação excessiva de situar quem são esses sujeitos, dando importância maior ao conteúdo da fala do que à origem dessas informações. Para Vieira (2016), a grande quantidade de fontes locais ouvidas mostra que o *The Guardian* se preocupou em trazer uma visão abrangente sobre o país, ainda que, em alguns momentos, dependa da mídia nacional e de fontes oficiais de informação.

O estudo concluiu que as nuances da realidade do país, como as favelas, as desigualdades, os protestos com repressão policial, as greves, as diferenças socioeconômicas entre as regiões, a atmosfera com certo caos e de pouco apoio popular ao evento esportivo, entre outras, predominaram na cobertura do veículo inglês. Dessa forma, para Vieira (2016), o *The Guardian* engrossa a lista de mídias estrangeiras que apresentam uma visão pessimista quanto aos problemas sociais do Brasil. Por outro lado, pontua que, ao mesmo tempo em que predominam representações negativas sob a ótica das complicações sociais, o jornal também evidencia um espanto positivo pela capacidade de um país continuar vivendo mesmo com tais dificuldades. Assim, a autora defende que a representação central do *The Guardian* sobre o Brasil no período do megaevento esportivo foi a de um “Brasil que não é bem assim”, como nos exemplos “a Copa do Mundo 2014 se provou um sucesso, mas não é bem assim, pois foi às custas de altos gastos e pouco retorno à sociedade” ou “o turismo na favela tem aumentado, mas não é bem assim, pois é mal visto pela alta sociedade carioca” (VIEIRA, 2016, p. 113). Dessa forma, as representações sobre o Brasil são tão diversas que chegam a ser contraditórias, pois ao mesmo tempo em que teria o potencial de ser o país do futuro, também é consumido pelos próprios problemas e a incapacidade de solucioná-los. De modo geral, na visão da pesquisadora, o *The Guardian* tentou se aproximar o máximo possível da realidade brasileira,

traduzindo-o em representações que muitas vezes surpreenderam, deixando de lado algumas ideias clássicas sobre o país para se aprofundar em suas complexidades sociais, políticas e econômicas.

É interessante pontuar que, na pesquisa realizada pela autora, o megaevento esportivo é construído, na maior parte das matérias do *corpus*, como um sucesso, mesmo com todos os problemas descritos ao longo da cobertura. A partir de uma leitura exploratória dos relatos da série “Vozes do Rio: nossa odisséia olímpica” do *The Guardian*, é possível perceber a diferença com que o megaevento esportivo, apesar de se referir às Olimpíadas nesse caso e não à Copa do Mundo, foi construído pelos jornalistas comunitários de favelas cariocas, uma vez que não é visto como um acontecimento positivo, mas como um período que gerou consequências negativas para as classes sociais mais desfavorecidas do país. Parece que, com a participação dessas vozes locais, não há a ilusão de que, no final, o megaevento esportivo foi um sucesso apesar de todos os problemas, mas há sim a constante reiteração de que foi um fracasso e uma chance desperdiçada para esses grupos sociais, que, apesar de sentirem os impactos da organização da “festa”, não receberam nenhum convite para participar.

Em sua pesquisa de doutorado, Dalpiaz (2013) analisou as representações do Brasil no jornalismo britânico a partir dos textos produzidos no ano de 2011 pelo correspondente do *The Guardian* no país na época, Tom Phillips. Conforme o mapeamento, no referido ano, foram publicadas 65 reportagens específicas sobre o Brasil escritas e elaboradas exclusivamente pelo correspondente do jornal no Rio de Janeiro. As matérias foram publicadas majoritariamente nas editorias Mundo e Meio Ambiente. Mesmo que as Olimpíadas tenham ocorrido apenas em 2016, entende-se que a cobertura jornalística do megaevento iniciou muito antes de sua realização de fato, abordando detalhes da preparação e organização do país-sede desde o momento em que foi eleito. Dessa forma, o mapeamento realizado pela autora ao longo do ano de 2011 também oferece pistas sobre os temas que circularam na cobertura das Olimpíadas Rio 2016.

Segundo dados da pesquisa, as principais temáticas trabalhadas pelo jornal nesse período envolviam a preservação do meio ambiente, incluindo coberturas sobre tráfico e consumo de drogas, violência urbana e vulnerabilidade social das favelas. A autora evidencia que, já no ano de 2011, os textos produzidos pelo correspondente estavam centrados “nas problemáticas urbanas do Rio de Janeiro, ou seja, o tráfico de drogas e a remoção da delinquência das favelas” (DALPIAZ, 2013, p. 143). Existe, assim, recorrentes associações dos materiais produzidos com a violência, o tráfico de drogas e as ações policiais comandadas neste período. Para fazer a cobertura de temas relacionados às favelas, Phillips, em entrevista

concedida a Dalpiaz (2013), explica que contou com a ajuda de jornalistas brasileiros que indicaram as fontes a serem consultadas.

No Rio, tenho uma pessoa que chegou a ser um amigo próximo, que mora e trabalha nessas comunidades e possui vários contatos. Então, foi a partir dele que consegui contatos com o “mundo não-oficial”. O trabalho nas favelas, esse tipo de coisa, fiz com ele e acredito que foi mais fácil também por ser estrangeiro. Os jornalistas cariocas têm fama de apoiarem o governo, de quererem denunciar alguma coisa ou algum fato específico. O jornalista estrangeiro não está muito interessado em um fato específico, não quer saber se o fulano é o chefe de tal coisa, ele quer é falar sobre uma situação. Nesse sentido, é mais fácil para nós fazermos esse tipo de cobertura do que para os jornalistas cariocas” (DALPIAZ, 2013, p. 144).

O correspondente do *The Guardian* também revelou à autora que a realização da Copa do Mundo em 2014 e das Olimpíadas em 2016 influenciou consideravelmente a cobertura realizada pela mídia internacional sobre o Brasil no período, aumentando o número de correspondentes no país e direcionando pautas com relação à preparação do Rio de Janeiro para receber os turistas, tais como as necessidades de infraestrutura e, sobretudo, de segurança pública. Dalpiaz (2013) afirma que, em 2011, o *The Guardian* já estava contando histórias relacionadas ao processo de pacificação do Morro da Mangueira e às obras de renovação da infraestrutura para os Jogos Olímpicos, que estavam removendo milhares de famílias de suas casas, em uma tentativa de “limpeza” desses locais. Phillips relatou um dado importante na pesquisa ao mencionar que, com o fortalecimento dos BRICS e a chegada dos eventos esportivos, o acesso às autoridades públicas brasileiras foi facilitado por meio da contratação de uma equipe de assessores internacionais, efetuada pelos governos municipal e estadual do Rio de Janeiro. Com essa mudança, os agentes públicos brasileiros se tornaram mais acessíveis aos jornalistas, tornando-se muito mais fácil, por exemplo, conseguir uma entrevista, o que demonstra um esforço de profissionalizar a relação com a mídia nesse período a fim de garantir a construção de uma imagem positiva ao país e conquistar visibilidade pública nesse período.

Dalpiaz (2013) concluiu que o Brasil foi representado, sobretudo, a partir de seu território (amazônico), do Estado e seus líderes e, por fim, de sua cultura e desigualdade social. “A identidade construída pelos britânicos desponta mais próxima à ideia de complexidade sociocultural da nação brasileira, são o território, a desigualdade social e a diversidade cultural do país que mais saltam à vista” (DALPIAZ, 2013, p. 91). A autora alerta que essas temáticas seguem um posicionamento editorial bastante centrado no ‘olhar’ britânico, no contexto de seu público-leitor, ou seja, foram construídas representações de um Brasil carioca, da favela, do tráfico, das manifestações populares. “Tratam-se de temas brasileiros produzidos e consumidos por britânicos” (DALPIAZ, 2013, p. 178). A autora pontua, com destaque, a abordagem

recorrente de temas relacionados ao cotidiano brasileiro no jornal, como a desigualdade social e a violência urbana. Outro resultado relevante da pesquisa realizada por Dalpiaz (2013) se refere à diversidade de fontes utilizadas pelo jornal. Há uma constante consulta a fontes relacionadas a comunidades carentes que sofrem os impactos dos problemas abordados nas notícias em vez de relatá-los apenas a partir da visão oficial. Em apenas um texto foi registrada a consulta exclusiva a mentores simbólicos relacionados ao Estado. Na maior parte dos textos, as fontes consultadas envolvem “cidadãos brasileiros e ativistas que buscam ter ‘voz’ diante das questões estabelecidas pelo Estado” (DALPIAZ, 2013, p. 177).

Vieira (2017) analisou, em sua pesquisa de mestrado, 214 textos escritos por correspondentes nos sites dos jornais *The Washington Post*, *The Guardian* e *Clarín* nos anos de 2014 e 2016. O objetivo da autora era compreender que temas circularam sobre o país na imprensa internacional durante a realização da Copa do Mundo 2014 e das Olimpíadas 2016. Dentro desse recorte, o correspondente do *The Guardian* na época, Jonathan Watts, publicou 104 textos: 50 no período da Copa do Mundo 2014 e 54 no período olímpico. Segundo a autora, no primeiro período analisado, o mês de junho de 2014 se destacou quanto ao número de publicações. Assuntos relacionados ao megaevento esportivo em si corresponderam a 84% dos textos publicados. Conforme Vieira (2017), apenas 3 textos foram publicados sobre protestos, 2 sobre cultura e 2 sobre violência. A autora também apontou a presença de outras temáticas, que apareceram de maneira secundária, como os altos gastos com os preparativos para o evento e o atraso nas obras; desigualdades sociais, favelas e baixa renda da população; falta de infraestrutura e tráfico de drogas.

Nessa época, Watts se propôs a fazer o que denominou de “*World Cup Diary*”, um diário com textos leves e descontraídos, em que abordava principalmente assuntos relacionados à competição, como resultados de jogos e lesões de jogadores. Comparativamente à série “Vozes do Rio: nossa odisseia olímpica”, esse “diário” da Copa do Mundo escrito pelo correspondente do jornal é composto por textos mais curtos e objetivos, em que temas associados aos jogos, como mencionado pela autora, são predominantes, mas também foi possível identificar temas secundários relacionados ao contexto social, político e econômico do país, como a realização de protestos contrários à realização do megaevento. No entanto, esses fatos são apenas descritos de forma pontual pelo próprio jornalista na série, não havendo análises aprofundadas sobre os impactos vivenciados na época nem a consulta a outras fontes que pudessem complexificar esses relatos. Na série realizada com jornalistas comunitários de favelas cariocas, os textos, além de serem mais longos, são mais ricos em detalhes do cotidiano e acionam outras fontes para problematizar as informações, produzindo relatos mais densos.

A autora investigou ainda o uso de recursos como fotos e vídeos nesse período. A pesquisa demonstrou que foram usadas 73 fotografias em 50 textos, em sua maioria, provenientes de agências de notícias. Os vídeos foram escassos, contabilizando apenas 4 em toda a cobertura. Quanto às fontes, 204 foram acionadas ao longo dos textos, sendo que a maioria das entrevistas (39,2%) foi realizada com pessoas comuns. Para a autora, “isso demonstra a preocupação em ouvir o que dizem as pessoas nas ruas” (VIEIRA, 2017, p. 135). Nesses textos, foram encontradas 199 menções negativas e 70 positivas relacionadas ao megaevento. “Quando o assunto é a Copa, as menções de Watts evidenciam [...] as questões sociais, políticas e econômicas envolvidas no Mundial, bem como o sucesso e a repercussão do megaevento” (VIEIRA, 2017, p. 139).

Já no período analisado em 2016, o tema que se destacou na cobertura foi Jogos Olímpicos (59,2%), seguido por política (18,5%) e violência (9,3%). Como assuntos secundários ao longo das matérias, Vieira (2017) aponta a crise econômica e política, questões de disparidades sociais, o esquema de segurança durante os jogos e a falta de infraestrutura. O uso de fotografias foi mais intenso do que no período da Copa do Mundo, somando 132 no total, as quais, mais uma vez, em sua maioria, eram provenientes de agências de notícias. Apenas cinco vídeos foram utilizados como recurso nas matérias, sendo que um deles foi o vídeo feito pelos jornalistas do *The Guardian* para a série “Vozes do Rio: nossa odisseia olímpica” a partir dos depoimentos de jornalistas comunitários de favelas cariocas. Quanto às fontes, 254 foram mencionadas. Dessa vez, o predomínio foi de representantes de instituições (24,4%), seguido por pessoas comuns (22%). O estudo contabilizou 67 trechos positivos e 228 negativos. Vieira (2017) destaca que, quando Watts se refere aos Jogos Olímpicos, ele não poupa críticas à condução da competição no país, como nos trechos “Os Jogos Olímpicos podem ter piorado as coisas”, “podem ser uma das menos amadas” e “correm o risco de serem lembradas como o ponto baixo de um miserável colapso da estabilidade política, da força econômica e da confiança nacional” (VIEIRA, 2017, p. 144). Essa abordagem negativa com relação aos megaeventos esportivos foi percebida pela autora na análise dos textos não só de Watts, mas também dos outros dois correspondentes analisados. “Isso é alarmante, já que um dos objetivos de realizar os megaeventos no Brasil era promover uma imagem positiva do país no exterior e o que se passou com mais força foram as ideias de instabilidade, incerteza e desigualdade [...]” (VIEIRA, 2017, p. 152).

A autora sinaliza que os megaeventos esportivos, sobretudo as Olimpíadas, dominaram as pautas cobertas pelos três correspondentes no país. No caso do *The Guardian*, o correspondente foi além do resultado dos jogos e do desempenho dos atletas, escrevendo sobre

os altos custos do megaevento e o atraso nas obras. “Temas frequentes em suas narrativas foram as profundas desigualdades sociais, as condições precárias de moradia em favelas, a falta de infraestrutura no país, a violência, o tráfico de drogas, a crise econômica e política [...]” (VIEIRA, 2017, p. 150). A autora ainda destacou, com relação à cobertura do jornal britânico, o número de entrevistas feitas pelo correspondente, o que demonstra que mesmo tendo recorrido à mídia local para buscar informações, Watts foi atrás de suas próprias fontes para produzir um conteúdo mais autoral e exclusivo.

Segundo as pesquisas anteriormente mencionadas, os correspondentes buscaram abordar em seus textos não só o que acontecia dentro dos espaços esportivos, como resultados de jogos e lesões de jogadores, mas também exploraram aspectos relacionados à conjuntura social, política e econômica brasileira. Vieira (2017, p. 153) defende que o correspondente, por estar localmente presente, tem a possibilidade de “desmistificar algumas ideias associadas ao país e ajudar a difundir fatos ainda pouco conhecidos sobre determinada cultura [...], levando a produções mais humanas, relevantes e criteriosas”. Nessa tarefa, não podem se limitar a transmitir suas próprias impressões ou relatos de pessoas externas a essa realidade, devendo ouvir e integrar também as vozes locais, especialmente de grupos sociais minoritários que vivenciam o megaevento esportivo em sua experiência cotidiana de forma concreta, sendo diretamente afetados pelos seus impactos. Desse modo, os megaeventos esportivos podem se constituir em uma oportunidade de complexificação da cobertura esportiva, geralmente centrada nos fatos que ocorrem dentro de campo, ao permitir abordar também as tensões sociais, políticas e econômicas que perpassam a eleição, organização e realização de tais competições.

Por fim, é preciso apontar que a maioria das pesquisas descritas nessa seção tem como foco a investigação das representações do Brasil na imprensa internacional durante o período de realização de megaeventos esportivos. Nosso esforço foi mapear, nesses estudos, os modos como as favelas cariocas foram acionadas para construir representações sobre o país nesse período. Ao mapear os temas nacionais destacados na cobertura jornalística internacional, essas pesquisas evidenciaram que as desigualdades sociais e as favelas cariocas apareceram como tópicos recorrentes nas representações sobre o país, demonstrando o lugar de destaque que ganharam ao longo desse período.

Essa constatação torna ainda mais relevante o estudo do objeto empírico proposto na tese, uma vez que o objetivo da série do *The Guardian* foi mostrar os impactos das Olimpíadas 2016 a partir de vozes locais e marginalizadas, dando espaço para que esses grupos sociais construam representações sobre o megaevento esportivo. Assim, na série, muito mais do que um tema recorrente na cobertura jornalística internacional sobre o país, as favelas cariocas, por

meio dos jornalistas comunitários, têm a oportunidade de representar o megaevento esportivo a partir de sua própria visão, mobilizando temas e pontuando demandas que consideram pertinentes para suas comunidades. Essas construções, por sua vez, não deixam de estar estreitamente vinculadas com as representações sobre o próprio país-sede, pois revelam não só aspectos da condução do Brasil com relação às exigências do Comitê Olímpico Internacional, mas evidenciam também as respostas da nação às necessidades de sua população. Como afirma Vieira (2016), um megaevento de proporções globais pode ter a potencialidade de influenciar e/ou modificar a percepção internacional sobre o país que o recebe. Essa pesquisa, portanto, perpassa também a investigação das representações sobre o país na cobertura jornalística internacional no período de realização de um megaevento esportivo, trazendo ainda o diferencial de analisar as favelas cariocas não apenas como um possível tema da cobertura, mas estudando-as a partir da possibilidade de serem vozes ativas na construção dessas representações no discurso jornalístico.

Antes de discutirmos especificamente aspectos relacionados à série “Vozes do Rio: nossa odisseia olímpica”, é fundamental compreendermos as características e a estrutura da realidade editorial do jornal que a produziu e a colocou em circulação. Assim, no próximo tópico, iremos analisar a história, os princípios editoriais, o modo de financiamento e o perfil do público-leitor do jornal *The Guardian* a fim de evidenciar a relevância do jornal britânico no cenário jornalístico internacional.

4.2 A REPRESENTATIVIDADE DO JORNAL *THE GUARDIAN* NO JORNALISMO INTERNACIONAL

Tradicionalmente, a imprensa britânica é reconhecida pela divisão editorial de seus periódicos, diferenciados por termos de referência característicos de seus formatos (DALPIAZ, 2013). O *tabloid* é o tamanho mais popular de jornal no Reino Unido, tendo sido aplicado inicialmente aos jornais de tendência sensacionalista por ser mais portátil e de fácil manuseio. Já o *broadsheet* foi o formato tradicionalmente adotado pelos jornais considerados de referência, os quais possuíam um grau de informação superior em termos de análise dos conteúdos. No entanto, nos últimos anos, mesmo os jornais tradicionalmente de formato *broadsheet* têm adotado tamanhos mais compactos em função de restrições econômicas.

Seguindo essa tendência, o *The Guardian*⁵⁸ já havia reduzido seu tamanho em 2005 para o formato intermediário, denominado de *berliner*, passando a adotar, finalmente, o formato *tabloid* em 15 de janeiro de 2018. Katherine Viner, editora-chefe do jornal, afirma que essa estratégia visa à preservação da qualidade das investigações. “Preferimos economizar em processos industriais do que em jornalismo”.

Dalpia (2013) explica que, em termos de circulação, os periódicos britânicos são divididos ainda em três grupos específicos: os *heavyweights*, conhecidos também como *quality newspapers*, os *mid-markets* e os *red-tops*. Os *mid-markets* são jornais intermediários entre os jornais de referência (*heavyweights*) e os jornais de caráter mais popular e sensacionalista (*red-tops*). Os *heavyweights* são caracterizados pela quantidade de reportagens sobre política e economia e pela qualidade das análises e opiniões editoriais. São classificados nesse grupo, por exemplo, os jornais *The Daily Telegraph* (conservador), *Financial Times* (liberal) e *The Guardian* (centro-esquerda)⁵⁹. O discurso jornalístico presente nos jornais de qualidade “comumente tematiza as questões nacionais ao descrever as relações internacionais por meio das pretensões realistas de atores do mundo político, territorialmente organizado em entidades” (DALPIAZ, 2013, p. 78), oferecendo a seus leitores um jornalismo de caráter mais analítico. Durante as Olimpíadas 2016, por exemplo, o *The Guardian*, por ser um jornal de caráter generalista e não especializado, “além de apresentar material jornalístico assinado por correspondente, trabalhou pautas factuais e relacionadas ao debate manifesto no país naquele momento [...]. Questões políticas e socioculturais são colocadas em questão” (DALPIAZ, 2013, p. 80).

Os *quality newspapers* analisados pela autora (*Financial Times*, *The Economist* e *The Guardian*) têm como característica em comum investir em cobertura exclusiva sobre o Brasil, mantendo correspondentes em São Paulo e no Rio de Janeiro, o que resulta na produção de conteúdo aprofundado, fator que amplia em qualidade o material publicado, além de oferecerem espaço na internet para a manifestação de seus leitores (DALPIAZ, 2013). No entanto, enquanto que os dois primeiros possuem sede no país, com escritórios localizados em São Paulo, “o mesmo não se aplica ao *The Guardian*, pois o correspondente trabalha em seu local de residência, no Rio de Janeiro, sem que haja um espaço específico do jornal que se configure

⁵⁸ Informações obtidas em <<https://www.meioemensagem.com.br/home/opiniao/2018/01/11/jornais-reduzem-formato-para-sobreviver.html>>. Acesso em 04 de agosto de 2019.

⁵⁹ Tal classificação tem como base os dados divulgados pela Audit Bureau of Circulations UK (ABC), os quais foram obtidos por meio dos relatórios divulgados no site <<http://www.pressgazette.co.uk/mediametrics>>. Acesso em 18 de janeiro de 2020.

como sede oficial no país” (DALPIAZ, 2013, p. 116). Em 2011, por exemplo, a infraestrutura para a cobertura no Brasil era mínima, sendo realizada na própria residência de Phillips que, caso necessário, contratava um cinegrafista ou fotógrafo para cobrir matérias específicas. Vieira (2017) revela que essa possibilidade de contratar um profissional de apoio está se tornando cada vez mais rara, uma vez que a maioria das empresas, em função da restrição de verbas, espera um profissional multitarefa para o cargo, que apure, produza, grave, fotografe e edite por conta própria.

Ao longo de sua existência, o *The Guardian* conservou a tradição de trabalhar com a cobertura estrangeira, sendo um dos jornais ingleses que, tradicionalmente, mais investem em noticiário internacional (DALPIAZ, 2013). Segundo a autora, é possível afirmar que tenha mantido repórteres no país quase que regularmente desde o final da década de 1990, responsáveis pela cobertura de toda a América Latina. Durante o período de quase uma década de megaeventos esportivos no país (2007-2016), o jornal contou com o trabalho dos correspondentes Tom Phillips (2005 a 2012) e Jonathan Watts (2012 a 2017).

Em sua pesquisa, Dalpiaz (2013) entrevistou o editor internacional do jornal na época, baseado na Inglaterra, Martin Hodgson, para entender a relação do correspondente com o trabalho dos editores em Londres. Hodgson explicou que há uma confiança no trabalho realizado pelos correspondentes, os quais enviam diariamente à redação um e-mail com os tópicos passíveis de serem abordados, com base no que observam no dia a dia, na imprensa local ou em alguma investigação específica. O editor do *The Guardian* destacou que o material precisa ser exclusivo justamente para justificar os gastos com a manutenção do profissional em outro país. Espera-se, dessa forma, que o correspondente aprofunde suas reportagens e apresente um material analítico. “A orientação editorial, portanto, [...] é que se produzam textos jornalísticos sobre a cultura do país, [...] algo que revele um pouco sobre o modo de viver das pessoas, o cotidiano” (DALPIAZ, 2013, p. 131).

Na rotina da redação, o contato com os correspondentes antes das 11h é fundamental para formulação da pauta que será levada à reunião principal, na qual todos os editores das diferentes seções do jornal se encontram e apresentam o “flat plan” do dia. Esse contato inicial com os correspondentes permite analisar o material que estão pensando em produzir ou já tem produzido e decidir sobre o encaminhamento do dia, já orientando sobre o que devem aprofundar, buscar, investigar ou melhorar com relação às pautas listadas/propostas (DALPIAZ, 2013, p. 130).

Segundo Hodgson, essas orientações, no entanto, constituem-se muito mais como uma conversa informal do que como o fornecimento de linhas editoriais. Nesse sentido, Phillips revelou à autora que os editores quase não intervêm nas pautas propostas pelos correspondentes.

“Muito pouco vem da redação em termos de pedidos, a não ser em cima de fatos ‘quentes’. [...] Meu olhar sempre esteve vinculado ao social, à cultura brasileira em si [...]” (DALPIAZ, 2013, p. 131). Em estudo realizado, Adghirni (2013) comprova esse posicionamento expresso pelo correspondente do *The Guardian*, uma vez que percebeu nos correspondentes a vontade de reportar mais do que o factual, com o objetivo de ir além das *hard news* para revelar as facetas do cotidiano, produzindo matérias de interesse humano. Apesar de o correspondente e o editor destacarem a Dalpiaz (2013) a rara interferência da redação em Londres na seleção das pautas sobre o Brasil, Phillips revelou, por um lado, haver uma visão limitada por parte dos editores, na medida em que não há interesse em temas que não fazem parte de uma ideia pré-concebida sobre o país, tendo experimentado dificuldade para introduzir temas de regiões brasileiras menos conhecidas pelos britânicos. Dessa forma, a maioria do trabalho produzido para o jornal na época “foi de cunho social e ecológico, com reportagens significativas sobre a Amazônia, algumas no Nordeste e diversas e variadas no Rio de Janeiro” (DALPIAZ, 2013, p.133). Em entrevista concedida à Vieira (2017), Jonathan Watts relatou uma rotina muito parecida com a desenvolvida por Phillips em 2011. O jornalista mencionou o contato diário com a redação em Londres por meio de e-mails. Além disso, contou que está sempre atento à mídia nacional, a sites e blogs menores e às redes sociais para saber o que está acontecendo no país. Ele revelou que contava com a ajuda esporádica de uma assistente na época, a qual ficava responsável pela parte de produção das matérias, como entrar em contato com as fontes para agendar entrevistas.

Para compreender como o *The Guardian* se consagra como um jornal de referência no cenário jornalístico internacional na atualidade, isto é, um “*quality newspaper*”, é preciso analisar sua história de quase 200 anos. Fundado em 1821, originalmente com o nome *The Manchester Guardian*, a publicação surgiu em uma época de grave crise econômica na Inglaterra. Essa situação levou à insatisfação da classe operária inglesa, que não concordava com as reformas propostas pelo governo e não se sentia representada no Parlamento. No dia 16 de agosto de 1819⁶⁰, foi realizada uma manifestação pela oposição para reivindicar a reforma da representação parlamentar, a qual reuniu cerca de 60 mil pessoas em torno da praça *St Peter’s* na cidade de *Manchester*. Para conter os manifestantes, autoridades policiais foram enviadas ao local. O conflito, conhecido como o Massacre de Peterloo, resultou em quinze mortos e centenas de feridos. Após o massacre, o governo promulgou leis que restringiam ainda mais o direito de manifestação. É nesse contexto que John Edward Taylor funda, com um grupo de

⁶⁰ Informações obtidas em <<http://www.peterloomassacre.org/history.html>>. Acesso em 04 de abril de 2019.

progressistas, o *The Manchester Guardian*, com a finalidade de promover os interesses liberais contra as reformas impostas pelo governo.

Molina (2007) explica que o jornal era publicado inicialmente aos sábados, pois, na época, apenas Londres podia manter publicações diárias, considerando a elevada carga tributária. Somente em 1855, com a abolição do imposto sobre o selo, o veículo tornou-se diário. Desde sua fundação, o jornal possui tendência liberal, sem manter vínculos próximos com o Partido Liberal. Dalpiaz (2013, p. 121) explica que, atualmente, o *The Guardian* oferece apoio crítico ao Partido Trabalhista britânico, sendo considerado um jornal de centro-esquerda. O jornal foi comprado por C.P. Scott em 1907, o qual reforçou que os princípios de sua fundação seriam mantidos para garantir a independência da publicação. Essas diretrizes foram resumidas pelo próprio Scott em artigo publicado em 1921 em homenagem ao centenário do jornal⁶¹: “o comentário é livre, mas os fatos são sagrados. A voz dos oponentes não menos do que a dos amigos tem o direito de ser ouvida”. Para ele, um jornal era muito mais do que um negócio: “é uma instituição que reflete e influencia a vida de uma comunidade inteira”. C.P. Scott comandou a direção editorial do jornal por 57 anos, firmando o veículo como “principal formador de opinião da esquerda intelectual” (MOLINA, 2007, p. 353). Mesmo com poucos recursos, C.P. Scott tomou medidas arriscadas visando ao reconhecimento da publicação enquanto um jornal liberal, independente e preocupado com a coisa pública, sendo o responsável, por exemplo, pela instalação de uma malha de correspondentes internacionais.

Em junho de 1936, após a morte de Scott, seu filho passa a propriedade do jornal para os acionistas da *Scott Trust*. Além de se comprometer a garantir a tradição editorial do jornal, isto é, ser “conduzido no futuro nas mesmas linhas e com o mesmo espírito de outrora”, o grupo também tinha o dever de manter uma posição financeira segura para os negócios, dedicando a totalidade dos lucros excedentes para a expansão e melhoria da publicação. Em 1959, com o intuito de deixar de ser um jornal de província para conquistar o mercado nacional, o jornal decide suprimir a palavra “*Manchester*” do nome, mantendo-se apenas como *The Guardian* (DALPIAZ, 2013). Três anos depois, o jornal mudou definitivamente a sede da redação e das operações para Londres. A partir da década de 1960, então, a publicação começa a ganhar destaque no cenário nacional.

Em 1997, o *The Guardian* tornou-se o primeiro jornal do Reino Unido a nomear um editor de leitores, que atua na produção da coluna diária de Correções e Esclarecimentos. Segundo o jornal, esse editor trabalha como um *ombudsman* interno independente, respondendo

⁶¹ Disponível em <<https://www.theguardian.com/gnm-archive/2002/jun/06/1>>. Acesso em 04 de abril de 2019.

aos comentários de leitores do *The Guardian*, *Observer* e *Guardian Weekly*. Entre 1994 e 1995, o jornal começou a desenvolver publicações no meio online. A rede de sites *Guardian Unlimited* (GU) foi lançada como um conjunto unificado em janeiro de 1999. Em março de 2001, o GU já contabilizava mais de 2,4 milhões de usuários únicos, tornando-se o site de jornal mais popular do Reino Unido. Em 2011, o jornal anunciou a estratégia de se tornar uma redação jornalística “*digital-first*”, isto é, que tem a produção online como prioridade (VIEIRA, 2017). No meio digital, o *The Guardian* vem trabalhando com o jornalismo de dados abertos enquanto estratégia central. Em 2007, o jornal lançou o site *guardianamerica.com*, um novo site desenvolvido para atender as demandas da crescente audiência norte-americana. Em abril de 2013, lançou outra estratégia de aproximação com os leitores, a ferramenta *Guardian Witness*, que permitia o envio de conteúdos pelos usuários. O *The Guardian*, nesse mesmo ano, expandiu seu alcance para a Austrália. Dada sua abrangência cada vez mais global, passou a usar o endereço *theguardian.com*, sem a identificação de sua origem britânica. Com base nessa expansão de mercado, Dalpiaz (2013) salienta que o jornal tem investido significativamente na ampliação de sua atuação fora do universo britânico.

Juntamente com as publicações co-irmãs *The Observer* e *The Guardian Weekly*, o jornal integra o *Guardian Media Group* (GMG), que tem como única acionista a *Scott Trust Limited*. Segundo o site do jornal, os lucros da *Scott Trust* não beneficiam proprietários ou acionistas, mas são reinvestidos nas práticas jornalísticas. Para Molina (2007, p. 348), o jornal “conseguiu a extraordinária proeza de sobreviver durante quase dois séculos sem vender sua alma ou sequer alugá-la”. O GMG, além de ser dono das publicações do grupo, possui vários negócios na área de mídia no Reino Unido, somando um lucro anual de 720 milhões de libras (MOLINA, 2007). A empresa é responsável por nomear o editor do *The Guardian* (e os dos outros principais jornais do grupo), mas segue uma política de não interferir em suas decisões. Baseado nesse princípio, tende a conceder um longo mandato aos editores: o último representante, Alan Rusbridger, por exemplo, exerceu a função de 1995 a 2015. De acordo com o relatório anual do GMG de 2018⁶², a *Scott Trust* é “um fundo de capital de risco de £42m projetado para contribuir com retornos financeiros e apoiar a estratégia do grupo, investindo em negócios em estágio inicial focados no desenvolvimento da próxima geração de tecnologia de mídia”.

Ao longo dos anos, o *The Guardian* esteve à frente de grandes coberturas e revelações no cenário político e econômico, mantendo a preocupação de se manter livre de vinculações

⁶² Disponível em <<https://www.theguardian.com/gmg/2018/jul/24/about-guardian-media-group>>. Acesso em 06 de agosto de 2019.

econômicas que pudessem comprometer sua independência editorial. Em 2011, o jornal foi reconhecido no *Press Awards*, ocasião em que foi nomeado Jornal do Ano por sua parceria com o *WikiLeaks* na divulgação do vazamento de correspondências diplomáticas nos Estados Unidos em 2010. No mesmo ano, o jornal não só escreveu, mas provocou manchetes com sua investigação aclamada mundialmente sobre pirataria de telefones. Em 2014, foi o primeiro jornal fora dos Estados Unidos a ganhar o Prêmio Pulitzer, concedido por serviços públicos prestados, juntamente com o *The Washington Post*, graças à divulgação do sistema de vigilância global comandado pelos Estados Unidos. Tais revelações se referiam a fatos e organizações relacionados com a prática de espionagem e vigilância globalizada – isto é, além das fronteiras internacionais – e com capacidade de intromissão nos meios de comunicação de todo o mundo. Esses documentos confidenciais foram expostos pelo americano *Edward Snowden* e mostram detalhes acerca das atividades de vigilância norte-americana e sobre programas até então desconhecidos do público.

Em junho de 2015, Katharine Viner assumiu como editora-chefe do jornal, tornando-se a primeira mulher a assumir a função em 194 anos de existência da publicação. Viner também se tornou a única mulher no cargo máximo de uma publicação diária no Reino Unido, juntando-se a um pequeno grupo de mulheres que atua na edição dos principais jornais britânicos: Lisa Markwell, a editora do *Independent* no domingo, Victoria Newton, a editora do *Sun* no domingo, Sarah Sands do *Evening Standard* e Dawn Neesom do jornal *Star*. Katharine, em matéria publicada no *The Guardian*⁶³, afirma que seu objetivo é “liderar uma organização de mídia que seja ousada, desafiadora, aberta e envolvente. Será um lar para o mais ambicioso jornalismo [...], estabelecendo a agenda e alcançando leitores de todo o mundo”.

Em janeiro de 2016, o jornal lançou uma estratégia de financiamento baseada no suporte dos próprios leitores. Os membros associados podem contribuir por meio de doações únicas, mensais ou anuais, as quais podem ser feitas através de contribuições voluntárias, assinaturas ou ainda por meio do programa de patrocinadores. Com esse tipo de modelo financeiro, o jornal tem conseguido manter seu conteúdo aberto e sem cobrança de assinatura para o público em geral, postura que contrasta com o modelo de acesso limitado adotado por grandes jornais, os quais disponibilizam seu conteúdo apenas para assinantes. No Termo de Uso disponível no portal do jornal “O Estado de São Paulo”, por exemplo, está expresso que apenas cinco matérias jornalísticas por mês estão disponíveis, de

⁶³ Disponível em <<https://www.theguardian.com/media/2015/mar/20/guardian-appoints-katharine-viner-new-editor-in-chief>> Acesso em 04 de abril de 2019.

forma gratuita, a usuários não-assinantes. Após ultrapassar esse limite, os usuários precisam realizar o Cadastro no Portal para efetivar a assinatura, garantindo, assim, o acesso ilimitado a todas as matérias. O *The Guardian*, diferentemente, opta por não colocar a barreira de restrição de acesso ao conteúdo, chamada de *paywall*, isentando seus leitores da assinatura compulsória. Segundo o jornal, sua prioridade é garantir a acessibilidade dos conteúdos a todos os leitores, independentemente de onde vivem ou do quanto podem pagar. Dessa forma, em vez da exigência de assinatura, o jornal solicita contribuições voluntárias para financiar, principalmente, suas coberturas investigativas que demandam mais investimentos.

Assim, ao final de cada matéria, conforme a Figura 11 a seguir, aparece uma mensagem por meio da qual o jornal pede a contribuição do leitor: “Apoie o *The Guardian* por apenas \$1 – e isso só leva um minuto”. No texto, o *The Guardian* afirma que irá se comprometer com a cobertura dos assuntos mais críticos da atualidade, desde questões climáticas até a influência cotidiana da tecnologia. Nesse processo, ressalta a importância de assegurar sua independência editorial para o estabelecimento de pautas e opiniões próprias, o que pode ser um diferencial em tempos em que, segundo a publicação, a informação factual por meio de relatos precisos se torna uma necessidade. Além disso, o jornal reitera que, por estar livre de tendências comerciais e políticas e por não ser influenciado por proprietários ou acionistas bilionários, pode “dar voz àqueles menos ouvidos, explorar temas menosprezados e desafiar rigorosamente aqueles que estão no poder”. Na parte final, destaca que a contribuição do leitor é imprescindível para que continue fazendo jornalismo de qualidade, mantendo o acesso aberto e gratuito a seu conteúdo e, principalmente, sua independência. Ao entrar na página de contribuições, o leitor precisa inserir seus dados pessoais e pode escolher pagar pelo cartão de crédito ou ativar o débito automático em conta corrente. O jornal assegura que todas as doações são utilizadas para financiar diretamente as práticas jornalísticas.

Figura 11 - Mensagem do *The Guardian* de solicitação de apoio ao leitor


Since you're here...

... we have a small favour to ask. More people, like you, are reading and supporting the Guardian's independent, investigative journalism than ever before. And unlike many news organisations, we made the choice to keep our reporting open for all, regardless of where they live or what they can afford to pay.

The Guardian will engage with the most critical issues of our time - from the escalating climate catastrophe to widespread inequality to the influence of big tech on our lives. At a time when factual information is a necessity, we believe that each of us, around the world, deserves access to accurate reporting with integrity at its heart.

Our editorial independence means we set our own agenda and voice our own opinions. Guardian journalism is free from commercial and political bias and not influenced by billionaire owners or shareholders. This means we can give a voice to those less heard, explore where others turn away, and rigorously challenge those in power.

We hope you will consider supporting us today. We need your support to keep delivering quality journalism that's open and independent. Every reader contribution, however big or small, is so valuable. **Support The Guardian from as little as £1 - and it only takes a minute. Thank you.**

Support The Guardian → 

Fonte: <https://www.theguardian.com/>

Katharine estimulou o programa de financiamento do jornal pelos próprios leitores, apelo que se transformou em uma estratégia bem-sucedida. Em entrevista ao *Financial Times* em maio de 2017, ela afirmou que o *The Guardian* já recebia aproximadamente a mesma quantia de dinheiro dos seus leitores pagantes do que recebia da publicidade. Em 2016, o jornal tinha 12 mil membros pagantes. Já em 2019, contabilizou 655 mil, dos quais 360 mil são membros pagantes recorrentes. No total, nos últimos três anos, recebeu um milhão de pagamentos, compostos por doações pontuais, pagamentos de sócios recorrentes e vendas impressas. A receita digital, composta por publicidade e pagamentos de leitores, representa atualmente 55% de todo o faturamento do jornal. A Figura 12 demonstra o crescimento da receita digital do jornal no período de 2013 até abril de 2019.

Figura 12 - Receita do jornal *The Guardian*

Fonte: <https://digiday.com/media/guardian-looks-future-makes-first-operating-profit-20-years/>.

Apesar do crescimento gradativo, apenas em maio de 2019, o *The Guardian* conseguiu ter um resultado financeiro positivo pela primeira vez em 20 anos⁶⁴. No ano fiscal, que vai de abril de 2018 a abril de 2019, a publicação registrou faturamento de 223 milhões de libras (R\$ 1,14 bilhões) e 800 mil libras (R\$ 4 milhões) de lucro operacional, o primeiro registrado em duas décadas. No ano fiscal de 2015, o prejuízo havia sido de 57 milhões de libras. Para chegar a esse resultado, o *The Guardian* reduziu 20% dos seus custos nos últimos três anos, incluindo a mudança de formato para o compacto *tabloid* e a redução do número de funcionários de 1.860 para 1.563⁶⁵.

⁶⁴ Disponível em <<https://www.poder360.com.br/midia/jornal-ingles-the-guardian-consegue-ter-lucro-depois-de-20-anos/>>. Acesso em 23 de julho de 2019.

⁶⁵ Informações obtidas em <<https://www.anj.org.br/site/autorre/73-jornal-anj-online/815-guardian-media-group-corta-custos-chega-a-230-mil-assinantes-e-reduz-perdas.html>>. Acesso em 03 de agosto de 2019.

Em matéria publicada no portal do *The Guardian*⁶⁶ em novembro de 2018, Viner afirmou que mais de um milhão de indivíduos já haviam feito algum tipo de doação desde que o jornal criou seu modelo atual de financiamento, o que se trata de um recorde em todo o mundo. Conforme a matéria, o foco deste modelo está na construção de um núcleo de leitores diários em vez de buscar o alcance global a todo custo. Hoje, o *The Guardian* está com 40% mais leitores regulares do que há três anos e um número crescente de assinantes da versão impressa. Na matéria, a editora-chefe também delineou sua visão para os próximos três anos, o que inclui investir em jornalismo, intensificar a presença internacional do *The Guardian* e aumentar a diversidade dos tópicos e da equipe de reportagem.

Para a editora-chefe, esse financiamento baseado nos leitores é fundamental, porque coloca o jornal “em melhor posição para promover inclusão, diversidade, abrir espaço para debates e inspirar conversas – para que mais pessoas, em todo o mundo, tenham acesso a informações precisas”. O jornal possui apoiadores regulares em mais de 145 países. Em novembro de 2017, Viner afirmou que “esse modelo de financiamento baseado no leitor está funcionando. É inspirador”. Contudo, segundo ela, apesar do sucesso da estratégia, o *The Guardian* continua enfrentando desafios financeiros, por isso se torna fundamental encontrar maneiras diferentes de atrair novos leitores. “Com as receitas de publicidade impressa em declínio e a maior parte dos novos gastos com publicidade digital em empresas de tecnologia, também precisamos de apoiadores, como você, que acreditam no valor do jornalismo investigativo independente”. Viner defendeu ainda que a intenção é manter a tradição do jornalismo progressista do *The Guardian*, aumentando o foco no meio ambiente, comprometendo-se a informar sobre desigualdade e investigando as práticas de comportamento e emprego de corporações em um mundo globalizado. Ela complementa ao dizer que “estamos comprometidos em responsabilizar os poderosos e cobrir histórias que de outra forma seriam ignoradas e esperamos ajudar a construir um mundo mais justo”.

Conforme dados do *Media Kit* de 2019⁶⁷, disponibilizados no site do jornal, o alcance total da marca *The Guardian* é de 24,1 milhões de pessoas por mês, 14,9 milhões por semana e 6,1 milhões por dia. A audiência mensal da edição impressa é a segunda entre jornais de qualidade britânicos, totalizando 3,3 milhões de leitores, ficando atrás apenas do *The Times*. Comparativamente, a audiência mensal digital o coloca em primeiro lugar, com 24,9 milhões

⁶⁶ Disponível em <<https://www.theguardian.com/membership/2018/nov/12/katharine-viner-guardian-million-reader-funding>>. Acesso em 05 de agosto de 2019.

⁶⁷ Informações obtidas em <<https://advertising.theguardian.com/advertising/media-kit>>. Acesso em 23 de julho de 2019.

de leitores. Os dados sobre as formas de acesso a seu conteúdo comprovam a preferência por dispositivos eletrônicos: 17% dos leitores preferem a versão impressa, 21% acessam pelo computador, 44% pelo celular e 10% se conectam pelo *tablet*. Nas redes sociais digitais, o *The Guardian* mostra forte impacto: são 8,1 milhões de curtidas no *Facebook*, 7,8 milhões de seguidores no *Twitter* e 2 milhões de seguidores no *Instagram*.

Com relação à faixa etária de seus leitores, 37% têm entre 16 e 24 anos e 32% estão entre 25 e 34 anos, o que evidencia uma audiência majoritariamente jovem. No que diz respeito ao gênero, 61% são homens. Os dados sobre os índices de escolaridade da audiência demonstram leitores, em sua maioria, com acesso ao nível superior: 38% possuem um diploma universitário e 14% têm um diploma de pós-graduação. Quanto à ocupação, o jornal destacou em seu *Media Kit* que 43% são profissionais especializados, 8% são gerentes e 10% são diretores ou proprietários de empresas, pontuando ainda que 11% costumam viajar regularmente a trabalho. Relacionado à renda, 45% são de classe média, 29% de classe média alta e 12% de classe alta. Isso significa que 86% da audiência pertencem a estratos socioeconômicos elevados.

O jornal revela ainda ter uma forte conexão com leitores de tendência progressista, os quais somam 15,6 milhões. Conforme as informações do *Media Kit*, a audiência britânica do jornal é definida como “[...] abonada e bem educada com uma base sólida de leitores jovens. Eles são frequentes visitantes do site e valorizam o jornalismo investigativo e a abordagem confiável na cobertura de notícias”. O jornal, por sua vez, aparece muito bem avaliado pelos britânicos: 78% o elegeram como o jornal de qualidade mais confiável do Reino Unido. Esse nível de credibilidade é maior ainda entre seus leitores regulares: 89% afirmam acreditar nas informações expressas no jornal, 98% atestam que ler o jornal é um tempo bem aproveitado e 86% dizem que o jornal oferece informações que não podem obter em outros lugares. Essa avaliação vai ao encontro do objetivo principal estabelecido no Código Editorial⁶⁸ do jornal: obter a confiança de seus leitores. Além de instituir a confiança como propósito fundamental, o documento aponta ainda os valores defendidos pela publicação, estabelecidos em 1921 por C.P. Scott: honestidade, integridade, coragem, imparcialidade e senso de dever com os leitores e a comunidade.

⁶⁸ Disponível em <<https://www.theguardian.com/info/2015/aug/05/the-guardians-editorial-code>>. Acesso em 06 de agosto de 2019.

Considerado o segundo maior site de notícias do Reino Unido, o *theguardian.com* possui 160 milhões de usuários globais por mês. Desse montante, 48,5 milhões vêm dos Estados Unidos, 47,1 milhões vêm do Reino Unido e 8,4 milhões são de origem australiana. O Brasil não aparece na lista que apresenta os 10 países com mais acessos ao site. Todos os países classificados pertencem à Europa, América do Norte ou Oceania, com exceção da Índia. O jornal afirma que seu site tem “uma audiência verdadeiramente internacional”, pois quase dois terços dos leitores vêm de fora do Reino Unido. No entanto, conforme explicitado na Figura 13, é nítida a presença da publicação, sobretudo, na Europa, na América do Norte e na Oceania. Todos os outros países são colocados dentro da categoria “resto do mundo”, somando apenas 12%. Dessa forma, apesar de sustentar que possui uma audiência global, seus leitores, na verdade, estão concentrados em regiões específicas do mundo, tendo pouca representatividade, por exemplo, em países da América do Sul e da África.

Figura 13 - Mapa de leitores do *The Guardian* ao redor do mundo



Fonte: <https://www.theguardian.com/>.

Os dados do *Media Kit* do jornal deixam claro que os moradores de favelas do Rio de Janeiro não fazem parte do conjunto de leitores habituais do *The Guardian*, uma vez que não são originários de um dos 10 países que mais acessam a publicação, não possuem alto nível de

escolaridade e não pertencem a classes sociais elevadas, só para citar alguns exemplos. Desse modo, a série veiculada pelo jornal durante as Olimpíadas 2016 parece não ter sido produzida para esse grupo social, mas possivelmente foi realizada para informar seus leitores majoritariamente norte-americanos e europeus e para, no máximo, tentar conquistar a atenção de novos leitores brasileiros. No entanto, parece que o jornal não está interessado em qualquer leitor brasileiro, mas em um grupo específico, que, por exemplo, tenha condições financeiras para apoiar a publicação por meio de seu modelo de financiamento coletivo e que tenha conhecimento suficiente para compreender seu conteúdo em inglês. Em outras palavras, é possível que a série “Vozes do Rio: nossa odisseia olímpica” tenha sido uma estratégia para ampliar o número de leitores no Brasil, podendo estar associada inclusive ao interesse no estabelecimento de uma futura sede no país, seguindo os passos de outros jornais internacionais, como o *Financial Times*.

Dessa forma, é preciso analisar em que medida, ao dar voz a jornalistas comunitários de favelas cariocas no contexto das Olimpíadas 2016 ao longo da série, o *The Guardian* busca preencher uma lacuna deixada pela cobertura jornalística brasileira no intuito de legitimar a necessidade de sua presença no Brasil. Essa estratégia de diferenciação pode ter como objetivo convencer o público e os investidores quanto aos benefícios de sua inserção no cenário nacional, mostrando-se um jornal comprometido com as pautas de minorias sociais e com o avanço democrático do país. Apesar de a série trazer um aspecto inovador para a cobertura do megaevento esportivo, podendo contribuir para a circulação de novas representações no espaço público, é preciso investigar se essa lógica também está associada a um discurso colonialista, como se o *The Guardian* procurasse mostrar aos meios de comunicação brasileiros como e com que finalidade o jornalismo deve ser feito. Como forma de nos aprofundarmos no estudo do objeto empírico da tese, iremos investigar, no próximo tópico, as condições de produção, os critérios de edição e os espaços de divulgação da série produzida pelo *The Guardian*.

4.3 A SÉRIE “VOZES DO RIO: NOSSA ODISSEIA OLÍMPICA”

De 05 de agosto de 2015 a 19 de agosto de 2017, o jornal *The Guardian* veiculou a série “*Rio Voices: our olympic odyssey*” (“Vozes do Rio: nossa odisseia olímpica” em português)⁶⁹. O período de duração da série engloba, portanto, o ano anterior, o ano de realização e o ano

⁶⁹ A série está disponível em <<https://www.theguardian.com/global-development/series/rio-voices-our-olympic-odyssey>>. Acesso em 30 de março de 2019.

posterior aos Jogos Olímpicos no Rio de Janeiro. A periodicidade das publicações é variável: dois textos foram divulgados em 2015, quatro em 2016 e um em 2017. Conforme consta na descrição da página, a série é um espaço destinado a reflexões de moradores do Rio de Janeiro sobre a vida na cidade-sede das Olimpíadas a fim de revelar o impacto dos Jogos na sua vida diária. O jornal afirma que as contribuições de moradores de favelas afetados pelas Olimpíadas irão auxiliá-lo a apresentar uma visão abrangente da vida no Rio a seus leitores a partir do testemunho das mudanças enfrentadas nessas comunidades.

A série é composta por 21 textos⁷⁰ escritos, em formato de diário, por três jornalistas comunitários das três maiores favelas cariocas, os quais foram selecionados previamente pelo jornal (Figura 14). No entanto, na descrição da série, consta que residentes do Rio de Janeiro irão expor suas reflexões, sem deixar claro que esses residentes são, na verdade, representados por esses três jornalistas comunitários. Somente quando clicamos no nome de cada um deles, aparece uma breve descrição de sua atuação. Thaís Cavalcante é descrita pelo jornal como uma jornalista comunitária do Complexo da Maré; Daiene Mendes é identificada como moradora de Nova Brasília, uma das favelas que compõe o Complexo do Alemão, e como integrante de um projeto de alfabetização; por fim, Michel Silva é apresentado como jornalista do projeto Viva Rocinha no Rio de Janeiro. Apesar de Daiene ser a única a não ser apresentada como jornalista, ela atuava não só no projeto para jovens de favelas cariocas Favelê, mencionado pelo jornal, mas também era estudante de jornalismo e contribuía para o jornal Voz das Comunidades.

⁷⁰ Todos os textos estão disponíveis em inglês e em português. Considerando que esta tese se insere na área de comunicação midiática, discussões acerca da tradução entre diferentes idiomas não serão realizadas. Além disso, entendemos que mesmo o texto em português pode ser considerado uma versão do texto original, uma tradução realizada pelo conjunto de mediações do próprio jornal, que adapta o texto conforme as lógicas da série. Dessa forma, para fins de análise, serão utilizados os textos publicados na versão em português.

Figura 14 – Jornalistas comunitários que participaram da série



Fonte: <https://www.theguardian.com/global-development/2016/aug/02/olympic-legacy-repression-war-rio-favela>.

O jornal Voz das Comunidades⁷¹, onde Daiene atuava como repórter durante a veiculação da série, foi idealizado por um morador da comunidade do Morro do Adeus, que compõe o Complexo de Favelas do Alemão. Aos 11 anos, Rene Silva dos Santos decidiu criar um jornal para relatar os problemas sociais enfrentados pelos moradores do local. Assim, em 2005, com a ajuda do irmão e de colegas da escola, Rene fundou o Voz das Comunidades. Atualmente, o jornal conta com uma equipe de doze pessoas e possui uma tiragem mensal de 10 mil exemplares, além de contar com site e redes sociais próprias⁷². O veículo é financiado por meio de anúncios, os quais são pagos, em sua maioria, por comerciantes locais. No entanto, grandes marcas já investiram na publicação, como Coca-Cola, Tim e Unilever. Em 2010, o jornal ganhou repercussão internacional ao relatar a ocupação da polícia militar no Complexo do Alemão, detalhando a rotina de tiroteios na comunidade e os casos de abuso policial.

Desde então, o veículo se expandiu, passando a atuar em dez comunidades do Rio de Janeiro. Atualmente, o jornal possui cerca de 180 mil curtidas no *Facebook* e mais de 40 mil seguidores no *Instagram*. Seu objetivo é promover uma visão humanizada, representando a favela não apenas a partir da ótica da violência, mas também como um espaço de criatividade

⁷¹ Informações obtidas em <<http://www.vozdascomunidades.com.br/>>. Acesso em 16 de setembro de 2019.

⁷² Informações obtidas em <https://brasil.elpais.com/brasil/2015/04/05/politica/1428194084_073598.html>. Acesso em 16 de setembro de 2019.

e de cultura. No site do jornal, Daiene não aparece mais como integrante da equipe de repórteres, o que pode indicar que tenha encerrado sua colaboração para o veículo. Além de trabalhar como repórter no Voz das Comunidades na época da produção da série, Daiene atuava ainda, como mencionado anteriormente, no projeto de alfabetização Favelê. Junto com um grupo de amigos, a jornalista foi uma das fundadoras da iniciativa, cuja proposta era incentivar jovens de favelas a construir uma relação próxima com a leitura. Além de montar uma biblioteca para os moradores da favela, o projeto também tinha como objetivo promover o acesso de crianças e adolescentes a museus e pontos culturais da cidade. Na página do Favelê no *Facebook*⁷³, a última postagem é referente ao dia 5 de fevereiro de 2016, o que pode significar que tenha encerrado suas atividades após essa data.

Já Thaís Cavalcante, na época de veiculação da série, ocupava a posição de coordenadora e repórter do jornal O Cidadão, um projeto idealizado pelo Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré (CEASM). Ela entrou como voluntária no jornal quando tinha 16 anos⁷⁴, passando a integrar a equipe de colaboradores. Além de produzir textos para a publicação, Thaís foi convidada a participar da rádio comunitária da Maré na época. Devido a sua experiência prática e aos cursos realizados em sua comunidade, ela conseguiu obter o registro profissional emitido pelo Ministério do Trabalho, mesmo não tendo ainda o diploma de jornalista.

No site do jornal O Cidadão⁷⁵, consta que a primeira edição impressa foi publicada em junho de 1994, somando atualmente 69 edições no total. No *Facebook*, a página está ativa e conta com mais de 27 mil curtidas. No *Instagram*, o veículo possui mais de 2.200 seguidores. Segundo o portal Radar Comunitário⁷⁶, o jornal conta com dez pessoas em sua equipe e tem uma tiragem trimestral de 20 mil exemplares. A distribuição dos exemplares é gratuita, com pontos principais de entrega em escolas, organizações governamentais e não-governamentais e associações de moradores. O jornal conta com o patrocínio da Editora Ediouro, a qual realiza a impressão em sua gráfica, localizada dentro do complexo de favelas⁷⁷. A meta do jornal é ampliar e consolidar o direito básico à comunicação aos moradores das dezesseis favelas que compõem o Complexo da Maré, colocando-os como protagonistas de suas matérias. Entre seus

⁷³ Disponível em <<https://www.facebook.com/pg/FaveLE2.0/posts/>>. Acesso em 17 de setembro de 2019.

⁷⁴ Informação obtida em <<https://ufal.br/ufal/noticias/2014/07/jornalista-de-projeto-comunitario-da-favela-da-mare-apresenta-experiencia-no-enecom>>. Acesso em 01 de setembro de 2019.

⁷⁵ Informações obtidas em <<http://jornalocidadao.net/>>. Acesso em 16 de setembro de 2019.

⁷⁶ Informações obtidas em <<https://radarcomunitario.wordpress.com/tag/o-cidadao/>>. Acesso em 16 de setembro de 2019.

⁷⁷ Informações obtidas em <<https://issuu.com/cidadaodamare2013>>. Acesso em 16 de setembro de 2019.

objetivos, estão valorizar a identidade dos “mareenses”, termo inventado pelo próprio jornal com o intuito de despertar nos moradores um sentimento de pertencimento em relação ao lugar em que vivem, e resgatar a cultura popular local.

Michel Silva, por sua vez, além de idealizador, era editor do portal comunitário de notícias Viva Rocinha na época. Conforme consta na página do projeto no *Facebook*⁷⁸, o portal é um veículo de comunicação alternativa que atua na favela da Rocinha. Gerenciado por Michel e sua irmã, Michele Silva, o portal é alimentado com fotos, notícias e informativos sobre a favela. O canal surgiu no final de 2011 a partir da instalação de uma Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) na comunidade pelo governo do Rio de Janeiro. Com 18 anos, Michel teve a ideia de juntar a experiência com gerenciamento de sites e sua paixão por jornalismo para criar um meio alternativo onde pudesse divulgar fatos positivos sobre a favela, como histórias de moradores e projetos sociais. A primeira versão oficial do site foi lançada em janeiro de 2012. No primeiro mês em atividade, a plataforma recebeu mais de 15 mil acessos. Em novembro de 2012, o projeto foi um dos vencedores do programa Acolher Comunidades da Natura, recebendo apoio financeiro e jurídico. A página do *Facebook* contabiliza mais de 23 mil curtidas, mas parece estar inativa, uma vez que o último post é datado de 20 de setembro de 2017, o que pode indicar que o projeto tenha se encerrado. Da mesma forma, o *link* para o site oficial do Viva Rocinha não está mais em funcionamento.

Apesar de o *The Guardian* não mencionar sua atuação no portal Fala Roça na época, Michel foi um dos fundadores dessa iniciativa. A ideia nasceu a partir de um grupo de jovens da Rocinha que participaram de atividades organizadas pela Agência de Redes Para Juventude, as quais tinham o objetivo de promover o jovem enquanto protagonista de seus desejos e realizações. Com a finalidade de atingir um número maior de pessoas na comunidade, os idealizadores do portal decidiram lançar uma versão impressa em maio de 2013. Segundo o site do projeto⁷⁹, o objetivo é amplificar as vozes da favela, fazendo uma comunicação da comunidade para todos. Fazem parte da equipe quatro moradores da Rocinha, entre eles Michel e sua irmã. O jornal possui uma tiragem bimestral de 5 mil exemplares, os quais são entregues de porta em porta na comunidade. A página no *Facebook* possui mais de 12.600 curtidas. No *Instagram*, o jornal soma cerca de 1.600 seguidores.

No primeiro relato que escreveram para a série, os três colaboradores se identificaram como jornalistas comunitários e destacaram sua atuação em veículos de comunicação de suas

⁷⁸ Informações obtidas em <<https://www.facebook.com/VivaRocinha/>>. Acesso em 16 de setembro de 2019.

⁷⁹ Informações obtidas em <<https://falaroca.com/>>. Acesso em 16 de setembro de 2019.

comunidades. No entanto, apenas Michel destacou o fato de estar cursando a graduação na área. O jornalista comunitário da Rocinha colocou que era estudante de Comunicação Social na PUC-Rio e jornalista no Viva Rocinha, especificado como um portal web e um jornal comunitário. Thaís ressaltou, em seu relato, que atuava como jornalista comunitária há quatro anos na Maré, local onde nasceu e foi criada. Já Daiene afirmou que dedicava a maior parte de seu tempo para o projeto comunitário Favelê, que busca instigar o hábito da leitura nos moradores da favela, e explicou que se tornou jornalista depois de ter participado de um evento organizado pelo jornal local Voz das Comunidades, onde começou a atuar como repórter. Apesar de não terem mencionado, Thaís e Daiene também cursavam Comunicação Social na época, respectivamente, no Centro Universitário Carioca e no Centro Universitário Augusto Motta (UNISUAM).

Em entrevista concedida ao blog do programa *Knight Center for Journalism in the Americas* da Universidade do Texas⁸⁰, os três jornalistas falaram sobre a experiência de participar da série. Thaís destacou a importância de poder falar da cultura das favelas, um tema que raramente aparece na mídia comercial, mas que ela considera extremamente rico em sua comunidade. Segundo o blog, esses jornalistas buscaram ir além do que é recorrente na grande mídia, a qual acaba cobrindo essas localidades, na maioria das vezes, a partir da temática da violência. Daiene relatou que sua motivação para escrever na série era compartilhar o que seus amigos, vizinhos e moradores em geral estavam falando e pensando, claramente se posicionando como uma porta-voz dos anseios de sua comunidade. Além disso, pontuou a importância de se ressaltar o lado positivo sobre as favelas, indo além de temas relativos ao cenário de guerra entre policiais e traficantes. Para ela, dar visibilidade a uma pauta de violência relacionada às favelas é fácil, contudo, afirmou ser raro ver a grande mídia replicar sobre os impactos sociais vivenciados por causa do megaevento esportivo, como as remoções e as alterações nas linhas de ônibus que prejudicam principalmente os trabalhadores mais pobres.

Já Michel afirmou ao blog que existia uma diferença de tratamento quando se identificava como jornalista comunitário ou como correspondente do jornal britânico: “Quando me identifico como jornalista comunitário, os órgãos do governo não são receptivos. Mas quando me identifico como um correspondente do *The Guardian*, a resposta chega rápido”. Isso demonstra que, se de um lado o jornal se beneficia ao ter fontes *in loco* nessas comunidades, esses jornalistas comunitários também se beneficiam ganhando mais reconhecimento e

⁸⁰ Disponível em: <<https://knightcenter.utexas.edu/pt-br/blog/00-16714-jornalistas-comunitarios-contam-historias-das-favelas-no-contexto-pre-olimpico>>. Acesso em 19 de agosto de 2019.

visibilidade ao estarem associados a um jornal hegemônico. Michel fez ainda uma crítica à mídia brasileira ao afirmar que os moradores de favela têm baixa representatividade nesses espaços. “Nos últimos anos, os jornais estrangeiros estão dando mais espaço aos jornalistas comunitários do que a mídia brasileira. A mídia brasileira é mais limitada, porque talvez defendam interesses políticos. O espaço para correspondentes comunitários é essencial para a transparência no jornalismo”. Essa observação feita por Michel demonstra certa ingenuidade, pois ele desconsidera que o jornal britânico também possui suas motivações políticas e econômicas, podendo inclusive ter acionado jornalistas comunitários na série para satisfazer seus objetivos. Em outras palavras, Michel parece celebrar acriticamente a iniciativa do *The Guardian* pelo fato de ter dado abertura ao jornalismo comunitário, sem perceber que, assim como a mídia brasileira, o jornal britânico tem interesses políticos e econômicos a defender.

É interessante destacar que o *The Guardian* poderia ter selecionado quaisquer jornalistas brasileiros, sejam da mídia hegemônica ou comunitária, para participar da série. No entanto, optou por estudantes de jornalismo, os quais, embora já trabalhassem ativamente em veículos comunitários, ainda se encontravam em formação. Nessa perspectiva, é como se o jornal estivesse dando uma oportunidade única a esses estudantes brasileiros, constituindo-se praticamente em um gesto de caridade ao permitir que integrem uma série de um jornal de renome internacional. Além disso, se o *The Guardian* tivesse escolhido jornalistas formados e experientes para participar da série, haveria mais chances de esses profissionais serem mais críticos à proposta da série e resistentes às exigências impostas pelo jornal, seja pelo conhecimento que já possuem na área ou pela experiência de terem trabalhado em outros veículos, o que poderia levá-los a questionar determinadas orientações editoriais e demandar maior participação durante a produção da série como um todo. Esses jornalistas comunitários, por outro lado, apesar de atuarem em meios de comunicação alternativos e lutarem diariamente para dar voz a demandas de grupos sociais marginalizados, parecem não ter percebido ou não terem questionado as sutis interferências do *The Guardian* ao longo do processo, conformando-se com a tarefa limitada a eles delegada em um espaço restrito de um jornal internacional.

Assim, não parece haver a intenção de que esses jornalistas comunitários se posicionem, dialoguem e definam junto ao *The Guardian* as lógicas de produção da série, mas que se limitem a exercer a função estabelecida para eles. É como se um gerenciamento fordista tivesse vigorado ao longo do processo, uma vez que os jornalistas comunitários atuaram apenas em uma etapa específica estipulada pelo jornal, ficando alienados da produção como um todo. Coube apenas ao *The Guardian* o acesso à totalidade da série, controlando e monitorando o funcionamento de todos os seus estágios até a divulgação do produto final, subordinado às suas determinações

editoriais e interesses político-econômicos. Essa postura vai de encontro com o próprio modelo defendido pelo jornalismo comunitário, que busca ampliar e democratizar o acesso dos grupos sociais marginalizados aos meios de comunicação. Desse modo, diante da “benevolência” do jornal, esses jornalistas parecem ter assumido uma posição de subserviência, adequando-se às condições colocadas, já que são raras as vezes em que são vistos e ouvidos pela mídia hegemônica. Por mais que aproveitem esse espaço para dar visibilidade às demandas de suas comunidades, assumem uma posição domesticada no processo, dentro das limitações impostas pelo *The Guardian*. Parece, assim, haver um tom e uma afinação específicos para “as vozes do Rio” na série.

Nessa relação assimétrica de poder, o *The Guardian* se beneficia de várias formas, construindo uma imagem positiva diante de seus leitores. Além disso, o jornal faz uso desses jornalistas comunitários enquanto fontes *in loco*, conseguindo informações detalhadas do dia a dia das favelas diretamente de quem está dentro dessas localidades. Ainda é preciso acrescentar que dificilmente o correspondente do jornal conseguiria produzir sozinho relatos com a mesma frequência e com o mesmo nível de profundidade sobre os impactos do megaevento esportivo no cotidiano das três maiores favelas do Rio de Janeiro. Logo, o uso desses jornalistas comunitários facilitou o próprio trabalho do correspondente e ainda trouxe uma perspectiva exclusiva e diferenciada para a cobertura da competição. Dessa forma, o *The Guardian* conseguiu se vender como um jornal que dá voz às minorias sociais, uma estratégia que não só consolida o vínculo com sua habitual audiência, mas que é capaz de atrair a atenção de novos leitores e potenciais assinantes.

É preciso destacar ainda que, em nenhum momento, esses jornalistas comunitários são alçados ao nível de correspondentes, pois não tomam o lugar de Jonathan Watts na cobertura. A série se constitui, nesse sentido, em um espaço tutelado para esses jovens estudantes de comunicação, aos quais é concedida a chance de poderem aprender com um jornal reconhecido globalmente. Para o jornal, essa imagem é muito positiva, pois transmite a ideia de um veículo inclusivo, democrático e preocupado com as desigualdades sociais ao redor do mundo. Fica claro, mais uma vez, uma atitude colonialista, pois parece que o *The Guardian* explora esses colaboradores enquanto fontes, preciosas, por sinal, pela familiaridade e pelo fácil acesso a essas localidades, e ainda, segue a lógica do “coitadismo”, ou seja, passa a ideia de que está ajudando esses estudantes, como se estivesse fazendo um favor ao dar provavelmente a grande oportunidade na carreira desses sujeitos ao poderem escrever para um jornal de renome mundial. No entanto, a concessão desse “apoio”, que por si só já transmite a ideia de superioridade do *The Guardian*, não tem o objetivo de tornar esses sujeitos independentes, mas

de domesticá-los às lógicas definidas pelo jornalismo hegemônico. Logo, por mais que o jornal tente se vender como “global” em seu *Media Kit*, parece ficar claro que se trata, antes de mais nada, de um “global” branco, inglês e superior, interessado em expandir seu domínio para além do Reino Unido.

Cada colaborador teve o mesmo número de contribuições na série. Houve uma diferença quanto ao início da contribuição de Daiene, que aconteceu apenas em dezembro de 2015, enquanto que os demais iniciaram seus relatos em agosto do mesmo ano. Em compensação, Daiene teve dois relatos publicados no primeiro dia de sua participação. Da mesma forma, o primeiro relato de cada um dos jornalistas comunitários após as Olimpíadas também não foi publicado no mesmo dia, mas em dias consecutivos. Apesar dessas pequenas diferenças, é possível afirmar que os textos da série seguiram um esquema similar de publicação, pois foram divulgados praticamente nos mesmos dias, aparentemente conforme um cronograma pré-estabelecido pelo jornal. Na Tabela 1 a seguir, compilamos as informações relativas aos três jornalistas comunitários na época de publicação da série acerca de sua comunidade de origem, sua formação, sua atuação e suas inserções na série analisada.

Tabela 1 - Informações sobre os jornalistas comunitários da série

JORNALISTA COMUNITÁRIO	COMUNIDADE	IDADE	FORMAÇÃO	ATUAÇÃO NA COMUNIDADE	INSERÇÕES NA SÉRIE
Daiene Mendes	Complexo do Alemão 60.583 mil habitantes ⁸¹	25 anos	Estudante de Jornalismo na UNISUAM (Centro Universitário Augusto Motta)	Fundadora do projeto Favelê e repórter no jornal Voz das Comunidades	07 inserções: 14/12/2015 (02) 30/03/2016 12/07/2016 02/08/2016 27/12/2016 19/08/2017
Thaís Cavalcante	Complexo da Maré 64.094 mil habitantes	21 anos	Jornalista (registro concedido devido à sua atuação como jornalista comunitária). Estudante de Jornalismo no Centro Universitário Carioca	Repórter e coordenadora do jornal comunitário O Cidadão e colaboradora na Rádio da Maré	07 inserções: 05/08/2015 14/12/2015 30/03/2016 12/07/2016 02/08/2016 28/12/2016 19/08/2017
Michel Silva	Rocinha 69.161 mil habitantes	21 anos	Estudante de Jornalismo na PUC-Rio	Idealizador e editor do portal Viva Rocinha e fundador do jornal Fala Roça	07 inserções: 05/08/2015 14/12/2015 30/03/2016 12/07/2016 02/08/2016 29/12/2016 19/08/2017

Fonte: Elaborada pela autora.

Além dos relatos produzidos por Michel, Thaís e Daiene, a série conta com recursos audiovisuais, como vídeos e fotos, em sua maioria de autoria de agências de notícia internacionais e de repórteres do próprio *The Guardian*, conforme evidenciado na Figura 15 a seguir. Esses recursos foram publicados em conjunto ou separadamente aos relatos desses jornalistas comunitários.

⁸¹ Dados obtidos através do estudo “Favelas na cidade do Rio de Janeiro: o quadro populacional com base no Censo 2010”, divulgado pela Prefeitura do Rio de Janeiro. Disponível em <http://portalgeo.rio.rj.gov.br/estudoscarriocas/download%5C3190_FavelasnacidadedoRiodeJaneiro_Censo_2010.PDF>. Acesso em 02 de abril de 2019.

Figura 15 - Composição visual de um dos relatos da série

Global development
Rio voices: our Olympic odyssey

Rio Olympics: view from the favelas - 'Hopes of pacification are shattered'

In her first contribution to our series on life before the Games, Dalene Mendes, who lives in the Alemão favela complex and works with a literacy project, explains why the police presence has not delivered on its promises

● [Mova o cursor para baixo para ler em Português](#)

Global development is supported by:
BILL & MELINDA GATES foundation
About this content

Dalene Mendes in Alemão

Monday 14 December 2015 06:38 EST

< Shares  Comments

625 7

 Save for later



 The Alemão favela complex in Rio de Janeiro, viewed from the cable car. Photograph: Mario Tama/Getty images

I am a 25-year-old woman who lives in Nova Brasília - one of the 15 communities that make up the Complexo do Alemão favela conglomeration. I dedicate most of my time to Projeto FaveLê, a community project that aims to encourage reading among residents of Rio's favela communities.

I believe that through reading we can become more responsible citizens and critical observers of our circumstances. I became a journalist after I participated in an event run by *Voz das Comunidades* (Community Voice), a monthly newspaper for local residents.

Fonte: <https://www.theguardian.com/global-development/2015/dec/14/rio-olympic-games-2016-favelas-hopes-of-pacification-are-shattered>.

Integra a série também uma reportagem elaborada por repórteres do jornal com crianças de diversas favelas cariocas, publicada no dia 31 de maio de 2016. Nessa matéria, as crianças entrevistadas relatam as repercussões dos Jogos em seu cotidiano, apontando as possíveis alterações que a competição poderia causar em suas vidas. Na tese, para fins de análise, serão considerados apenas os 21 textos de autoria dos jornalistas comunitários, estando, portanto, excluídos os recursos não-verbais (fotos e vídeos), além de relatos produzidos por outros colaboradores do jornal. Esse recorte é motivado pelo propósito de analisar a negociação de sentidos empreendida entre as mediações das favelas cariocas, representadas pelos três jornalistas comunitários, e as mediações jornalísticas do *The Guardian* na série. Através da disputa de sentidos entre essas mediações no interior do discurso, foram construídas

representações sobre os impactos do megaevento esportivo, as quais serão tensionadas com a cultura vivida do período.

No dia 14 de dezembro de 2015, quatro meses após a primeira publicação da série, o *The Guardian* divulgou uma matéria⁸² com uma espécie de convite para que outras pessoas também enviassem materiais para compor a série, seja em formato de vídeo, foto ou texto. No título da matéria (Figura 16), o jornal questiona “Você mora em uma favela afetada pela Olimpíada?”, demonstrando claramente o público-alvo da série, isto é, residentes de favelas do Rio de Janeiro que se sentem atingidos de alguma forma pela realização do megaevento esportivo. No título ainda, em uma aparente posição de abertura do *The Guardian*, segue a frase “Nós gostaríamos de ouvir suas histórias”.

Figura 16 - Matéria do *The Guardian* incentivando a participação na série



Fonte: <https://catcomm.org/2015-update/#prettyPhoto>.

⁸² Disponível em <<https://www.theguardian.com/global-development/2015/dec/14/olympics-rio-favela-affected-by-olympics-share-stories-photos-videos-guardianwitness>>. Acesso em 30 de março de 2019.

Por meio desse posicionamento, o jornal parece reforçar seu compromisso ético com o interesse público, deixando explícito que sabe que esses sujeitos têm histórias para contar e que sua função social, enquanto uma instituição jornalística, é dar visibilidade a essas narrativas para que sejam reconhecidas pelo seu amplo número de leitores ao redor do mundo. Ainda no texto dessa matéria, o jornal afirma que já está ouvindo as histórias de moradores locais sobre os assuntos que os afetam, uma vez que três “blogueiros”, conforme expressão utilizada pelo jornal, já estão compartilhando seus relatos diários sobre a vida em suas comunidades. A nomenclatura utilizada pelo jornal nessa matéria para se referir aos jornalistas comunitários demonstra uma tentativa do *The Guardian* de diferenciação entre esses colaboradores e os jornalistas do seu quadro profissional, uma vez que, enquanto “blogueiros”, passam a ser identificados como qualquer pessoa que possui um blog e publica informações regulares sobre determinado tema, e não necessariamente como jornalistas. Na sequência da matéria, o jornal passa a apresentar os três jornalistas comunitários e os temas principais que eles abordaram na série até aquele momento. O jornal estimula os moradores de favelas a enviarem fotos do que mais amam em suas comunidades e do que gostariam de ver melhorar. Na sequência, apresenta três fotos que já haviam sido coletadas por meio da ferramenta *Guardian Witness*⁸³, as quais, segundo o jornal, foram enviadas por pessoas relacionadas a essas comunidades.

Ao longo de todas as publicações da série disponíveis no site, não foi possível ver textos, fotos ou vídeos enviados por outros moradores de favelas, a não ser as contribuições feitas pelos próprios jornalistas comunitários escolhidos pelo jornal. Desse modo, uma questão fundamental que se apresenta é de que forma a série, de fato, conseguiu mobilizar a participação de seu público-alvo, fazendo com que moradores de favelas cariocas se engajassem a enviar materiais para uma série promovida por um jornal britânico. Em outras palavras, é preciso refletir se esses grupos tomaram conhecimento que poderiam representar suas demandas em um espaço jornalístico hegemônico e ainda se dispunham dos conhecimentos necessários para fazê-los, considerando que a maioria não integra a comunidade habitual de leitores do *The Guardian*. Tendo em vista que o jornal é produzido em língua inglesa, torna-se mais necessário ainda problematizar se a série conseguiu atingir seu objetivo, isto é, mostrar os impactos das Olimpíadas a partir de contribuições de residentes de favelas do Rio, um público que, em sua maioria, é composto por pessoas extremamente pobres e sem acesso à educação formal e às

⁸³ Em setembro de 2018, após mais de cinco anos de funcionamento, a ferramenta de participação *Guardian Witness* foi extinta pelo jornal *The Guardian*. Os leitores podem contribuir atualmente com vídeos, fotos e textos por meio da seção “Comunidade” do site, a qual é chamada de “a casa do conteúdo dos leitores no *The Guardian*”. O público também pode navegar pelos materiais enviados por outras pessoas nessa seção.

tecnologias digitais. Torna-se relevante verificar, assim, se toda a diversidade representada pela expressão “moradores de favelas” na série não ficou resumida às visões construídas por esses jornalistas comunitários e se tais construções contribuíram, de fato, para colocar em circulação novas representações que se aproximaram dessa realidade de forma mais crítica, plural e abrangente.

É fundamental pontuar que esses jornalistas comunitários representam uma parcela muito pequena dos residentes de favelas, uma vez que tiveram acesso ao ensino superior, além de dominarem o uso das tecnologias digitais, condições que os diferenciam consideravelmente da grande parte dos sujeitos que vive nessas comunidades. Daiene Mendes, por exemplo, conseguiu estudar em uma escola particular e de classe média por meio de uma bolsa de estudos⁸⁴, o que a coloca em uma posição privilegiada e faz com que ocupe um lugar de fala diferenciado da maioria dos moradores do Complexo do Alemão. É preciso salientar também que não foram escolhidos por suas comunidades para as representarem na série, mas foram selecionados conforme critérios estabelecidos pelo próprio jornal. Em outras palavras, sua representatividade comunitária na série não é baseada na opinião dos residentes das favelas, mas é construída e legitimada pelo *The Guardian*. Desse modo, parece que não são todos os moradores de favela que teriam espaço dentro da série, mas somente aqueles que possuíssem o perfil adequado para facilitar sua realização. Por meio da seleção desses três jornalistas comunitários, é como se o jornal efetivasse uma assepsia da figura do morador da favela, tornando tais sujeitos mais palatáveis à sua audiência majoritariamente branca, europeia e escolarizada.

A escolha desses jornalistas comunitários pode ser justificada devido a sua aderência às comunidades, afinal, nasceram, foram criados e ainda moravam nessas localidades, vivenciando tal realidade diariamente e, portanto, tendo legitimidade para falar a respeito; além disso, constituem-se em uma estratégia pertinente para o veículo ao possuírem familiaridade com as lógicas jornalísticas, já que cursavam a graduação na área e atuavam em meios de comunicação comunitários na época. Logo, é como se o jornal tivesse recorrido a vozes locais específicas para construir “as vozes do Rio”. São locais, porque, de fato, são ecoadas de favelas cariocas. Contudo, parecem funcionar como “vozes de ligação” entre essas comunidades e o resto do mundo, pois foram as vozes escolhidas para serem ouvidas e compreendidas neste contexto por apresentarem determinadas características. Desse modo, apesar de compartilharem

⁸⁴ Disponível em <<https://rollingstone.uol.com.br/edicao/edicao-123/visao-alem/>>. Acesso em 17 de setembro de 2019.

o mesmo cenário de marginalização social com os demais moradores de suas comunidades, assumem uma posição diferenciada, pois conseguiram ir além, tendo acesso a oportunidades que raramente são concedidas a esses sujeitos. É como se fossem próximos e distantes das favelas ao mesmo tempo, isto é, constituem-se uma fonte legítima e capacitada para falar sobre o que acontece do lado de dentro para quem vive do lado de fora, uma vez que transitam entre esses espaços socialmente desiguais.

Devido a essas condições diferenciadas, esses jornalistas comunitários podem ter inclusive a capacidade de desenvolver um posicionamento mais crítico e de resistência, construindo relatos mais densos sobre os impactos do megaevento esportivo em suas comunidades. Apesar de todos os moradores de favelas cariocas sentirem cotidianamente as repercussões do megaevento esportivo, nem todos compartilham a mesma consciência crítica diante das injustiças sofridas. Por esse motivo, a escolha por esses jornalistas comunitários na série pode ser positiva pelas oportunidades diferenciadas que tiveram com relação à educação formal, por exemplo, o que pode contribuir para que falem em nome dos demais moradores de suas comunidades, representando suas demandas e reivindicando mudanças, já que a maioria não teria condições de se expressar de acordo com as exigências de um jornal hegemônico e, por isso, não ganharia nem visibilidade em uma série como a proposta pelo *The Guardian*.

O jornal parece se prevalecer, de certa forma, do fato de que estes grupos sociais, por viverem em uma situação de marginalidade social, precisam aproveitar as raras oportunidades de fala, mesmo que isso signifique se submeterem a um formato padronizado em um espaço tutelado, na esperança de que sejam vistos e escutados em algum lugar do mundo. É como se esses sujeitos devessem se sentir agradecidos diante de uma espécie de “caridade” do jornal, que abre seu espaço de visibilidade global para sujeitos marginalizados de um país emergente. Por mais que o jornalismo comunitário tenha força no interior dessas comunidades, ele não tem a mesma força que um jornal de renome internacional como o *The Guardian*, que alcança uma audiência de 160 milhões de usuários mensais em seu portal de notícias. O jornal britânico, sem dúvida, sabe da sua posição privilegiada nessa relação, utilizando-a para atingir seus objetivos editoriais e mercadológicos. Nesse processo, sua meta principal não é capacitar grupos sociais minoritários a se expressarem de forma autônoma para que consigam, de fato, se estabelecer como uma força contra-hegemônica e mudar sua realidade. O objetivo está mais próximo de “vender” um discurso de pluralidade e inclusão, que é artificialmente viabilizado pela presença desses jornalistas comunitários. Isso não significa que a série não possa ser um espaço de visibilidade a vozes da favela ou a demandas de minorias sociais, mas denota que, por trás dessa proposta, há interesses e estratégias hegemônicas.

É preciso ainda problematizar a categoria “residentes do Rio de Janeiro” utilizada na descrição geral da série, uma vez que, quando o jornal afirma que residentes do Rio de Janeiro irão refletir sobre os impactos do megaevento esportivo e depois apresenta apenas relatos de jornalistas comunitários residentes em três favelas cariocas, contribui para a consolidação de um determinado estereótipo sobre a população carioca, como se ela fosse composta apenas por pessoas que vivem nessas comunidades, desconsiderando, assim, a heterogeneidade de classes e os contrastes culturais que compõem o cenário da cidade. É como se afirmasse a seus leitores que os residentes do Rio de Janeiro são todos moradores de favelas, homogeneizando as diferenças sociais e promovendo uma imagem unificada e irreal sobre esses sujeitos. Como afirma Hall (1997), a homogeneização atua na transmissão de imagens estandardizadas, utilizando-se de tecnologias ocidentais para apagar as particularidades e diferenças locais. No entanto, o autor alerta que esse processo não se dá sem resistência, provocando constantes deslocamentos e reorganizações na cultura do cotidiano.

Em um compilado de alguns trechos da série após um ano de sua veiculação, divulgado no dia 2 de agosto de 2016⁸⁵ no portal do *The Guardian*, o jornal se refere aos três colaboradores da série como “jornalistas comunitários” e “jovens repórteres”. Parece abandonar, assim, a nomenclatura “blogueiros”, passando a reconhecer esses sujeitos enquanto jornalistas, mesmo que deixando claro suas especificidades, como o fato de trabalharem em veículos comunitários e de serem ainda jovens, o que, de certa forma, mantém a separação entre esses indivíduos e os jornalistas do próprio *The Guardian*. Nessa matéria, a publicação explica que esses jornalistas foram convidados para participar de uma série de relatos cotidianos, como se fosse um diário, com a finalidade de registrar a vida em suas comunidades durante as Olimpíadas 2016. O jornal menciona que foram escolhidos três jornalistas comunitários moradores das maiores favelas do Rio de Janeiro, justificando o fato de terem sido selecionados colaboradores do Complexo do Alemão, do Complexo da Maré e da Rocinha. No entanto, em nenhum momento, esse processo seletivo é detalhado aos leitores, não sendo possível saber com base em que critérios tais escolhas foram feitas, o que parece ir de encontro aos princípios defendidos pelo próprio jornal, que busca a confiança de seus leitores a partir de valores como a honestidade e a imparcialidade.

O *The Guardian* revela ainda que esses jornalistas, para sua própria segurança, foram limitados ao tocar em assuntos como gangues e tráfico de drogas, mas não revela se isso significa que houve alguma proibição ou edição prévia por parte do jornal ou se os próprios

⁸⁵ Disponível em <<https://www.theguardian.com/global-development/2016/aug/02/olympic-legacy-repression-war-rio-favela>>. Acesso em 28 de março de 2019.

moradores optaram por não falar diretamente sobre esses temas com receio de sofrerem represálias. No relatório publicado pela ComCat sobre a cobertura da mídia *mainstream* internacional das favelas cariocas durante o período de 2008-2016, consta que outra possível delimitação da série aos jornalistas comunitários parece ser “um claro mandato para se concentrarem em suas comunidades” (COMCAT, 2016, p. 57), uma vez que, apesar de eventualmente se referirem a outras favelas cariocas em seus relatos, eles acabam inevitavelmente enfatizando aspectos relativos aos locais onde moram. Essa definição do jornal, se por um lado faz com que os relatos sejam mais específicos, também restringe a possibilidade desses jornalistas comunitários discutirem perspectivas de outras comunidades, que podem trazer novas nuances para o complexo quadro vivido nesses contextos.

Os relatos foram publicados em uma seção específica do portal online do *The Guardian* chamada de “Desenvolvimento Global”. À esquerda, em todas as publicações, aparece que a seção conta com o apoio da Fundação Bill & Melinda Gates. De acordo com o jornal, a seção, que já foi premiada, está em funcionamento desde 2010 sob o amparo da fundação. Conforme consta na página, através de notícias, debates e recursos multimídia produzidos por jornalistas, especialistas e pessoas ao redor do mundo, a seção tem o intuito de fornecer um foco especial aos objetivos de desenvolvimento do milênio, estabelecidos em 2000 pela Declaração do Milênio das Nações Unidas a fim de melhorar a vida das pessoas mais pobres do mundo até 2015⁸⁶. Parece que a série foi produzida, assim, com o objetivo de mostrar aos leitores que o *The Guardian* faz sua parte no combate à pobreza e à desigualdade, como se fosse suficiente abordar essas questões por meio de um discurso pontual e restrito a um espaço limitado dentro de seu portal chamado de “Desenvolvimento Global”.

A Fundação Bill & Melinda Gates⁸⁷ é uma instituição filantrópica criada por Bill Gates, fundador e ex-presidente da Microsoft, e sua mulher, Melinda Gates. Os fundos dessa organização sem fins lucrativos provêm de doações privadas, sendo que as principais são provenientes dos próprios fundadores, Bill e Melinda Gates, e de Warren Buffett, eleito como o terceiro homem mais rico do mundo pela revista Forbes em 2019. O *The Guardian* destaca que, apesar de o financiamento parcial da fundação ter sido fundamental para a existência da

⁸⁶ Em setembro de 2000, líderes mundiais se reuniram na sede da ONU para adotar, de forma conjunta, a Declaração do Milênio. Por meio do documento, as nações se comprometeram a uma nova parceria global para reduzir a pobreza extrema, em uma série de oito objetivos – com um prazo para o seu alcance em 2015 – que se tornaram conhecidos como os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM). Em setembro de 2015, outra reunião foi realizada na ONU para estabelecer novos objetivos para os próximos 15 anos a partir de um documento conhecido como Agenda 2030.

⁸⁷ Informações disponíveis em <<https://www.gatesfoundation.org/>>. Acesso em 03 de setembro de 2019.

seção de Desenvolvimento Global, ela é editorialmente independente de qualquer patrocínio. Assim, há o reforço de que todas as declarações e materiais publicados, incluindo quaisquer afirmações relativas a processos eleitorais e propostas legislativas, refletem apenas as opiniões dos colaboradores individuais e não as da Fundação Bill & Melinda Gates ou do jornal *The Guardian*.

Diante dessa afirmação, parece que o jornal se propõe a ter uma seção voltada para o combate à desigualdade social e para a redução da pobreza, mas, ao mesmo tempo, não quer se comprometer com as publicações que são feitas. O *The Guardian*, apoiado pelo discurso da imparcialidade jornalística, deixa claro que não se responsabiliza pelos conteúdos divulgados, mantendo uma posição segura e descomprometida. Assim, as denúncias e reivindicações feitas ao longo da série são de responsabilidade dos jornalistas comunitários, uma vez que não há respaldo nem garantias de apoio do jornal. Em outras palavras, para o *The Guardian*, a promoção do “Desenvolvimento Global” nessa seção parece ser feita apenas por meio da concessão de espaço a demandas e vozes marginalizadas e não pelo engajamento do próprio jornal com essas pautas. Há uma clara intenção ainda de preservar a Fundação Bill & Melinda Gates da responsabilidade sobre os conteúdos divulgados, mesmo que, como uma organização sem fins lucrativos voltada para a promoção da igualdade social no mundo, não haveria motivos para querer se preservar dos temas divulgados nessa seção. Além disso, se o jornal afirma que, editorialmente, a seção é independente da Fundação, não haveria razões para reiterar sua isenção quanto aos conteúdos veiculados. Parece haver o receio de perder o apoio financeiro de longa data da entidade que viabiliza parcialmente a existência dessa seção, bem como de contrariar os interesses de seus outros patrocinadores dependendo da abordagem proposta para as temáticas nesse espaço.

Em uma época de crise financeira em que os jornais precisam encontrar novas formas de sobrevivência, especialmente nos meios digitais, o *The Guardian* busca em diferentes entidades formas de patrocínio, mas, ao mesmo tempo, precisa se posicionar diante de seus leitores para que essas relações econômicas não interfiram em sua credibilidade jornalística, destacando que mantém princípios básicos em sua atuação, como isenção, objetividade e independência. No entanto, é preciso atentar para a complexidade que se estabelece quando uma instituição jornalística, que deve primar pela pluralidade de pontos de vista e pela independência nas formas de expressão, passa a ter suas seções financiadas, mesmo que parcialmente, por instituições mantidas por grandes empresários, uma vez que, se sua existência enquanto jornal depende dessas instituições, parece difícil uma cobertura de forma totalmente isenta e independente, incluindo a veiculação de conteúdos negativos ou contrários à imagem

defendida por essas empresas. No caso dessa seção do *The Guardian*, mesmo que patrocinada por uma instituição sem fins lucrativos voltada para a assistência de pessoas carentes, é preciso destacar que essa fundação é administrada e financiada por empresários que integram a lista dos homens mais ricos do mundo, os quais possuem um capital econômico e simbólico que faz com que adquiram um peso considerável nas relações de poder e disputas ideológicas no cenário internacional, defendendo seguramente seus interesses particulares nessas negociações.

Em uma notícia publicada pelo site *Rio On Watch*⁸⁸ sobre as melhores e piores reportagens internacionais sobre as favelas do Rio em 2015, a série do *The Guardian* “Vozes do Rio: nossa odisseia olímpica” foi elencada como uma das melhores do ano, pois, conforme publicado, concede a repórteres comunitários uma plataforma global para suas reflexões. A equipe do site avaliou que estes repórteres comunitários trazem a profundidade e a relevância que raramente são igualadas por pessoas externas à comunidade, rompendo estereótipos através da sua escrita “eloquente e apaixonada por suas comunidades”. Na opinião do site, “o *The Guardian* rompe, assim, a barreira entre jornalismo comunitário e jornalismo global”.

No entanto, é preciso destacar que a iniciativa do *The Guardian* de dar visibilidade às visões de moradores de favelas do Rio de Janeiro sobre os impactos dos Jogos no seu dia a dia se deu, neste caso, de forma pontual e restrita ao espaço específico de uma série especial em uma seção determinada dentro de seu portal de notícias. Em outras palavras, trata-se de uma estratégia aparentemente inovadora, que pode contribuir para a circulação de novas narrativas sobre megaeventos esportivos, mas que se constitui como um recurso regulado pelas lógicas jornalísticas de uma instituição de notícias global e hegemônica. Isso significa que não cabe a esses jornalistas comunitários definirem o formato, os critérios e as dinâmicas de produção, edição e circulação de seus relatos, uma vez que são as lógicas e os parâmetros editoriais do *The Guardian* que determinam e moderam essas formas de participação. Portanto, não é possível afirmar que há um rompimento de barreiras entre o comunitário e o global na série, mas há, na verdade, uma tímida inserção do local moldado pela ótica de um jornal hegemônico.

Assim, mesmo que esses jornalistas comunitários tivessem a capacidade e o interesse de construir suas narrativas nos formatos mais tradicionais do jornalismo, em forma de notícia ou reportagem, por exemplo, eles tiveram que se adequar ao formato de diário estabelecido pelo *The Guardian*. No geral, os relatos possuem a mesma estrutura e tamanho, isto é, são divididos em uma sequência de trechos curtos vinculados a datas específicas, em uma narrativa fragmentada e escrita em primeira pessoa, cujo título é representado por uma frase selecionada

⁸⁸ Notícia disponível em <<http://riononwatch.org.br/?p=38410>>. Acesso em 28 de março de 2019.

do texto desses jornalistas a critério do próprio jornal, conforme evidenciado na Figura 17 a seguir.

Figura 17 - Formato de diário proposto para a série

Rio voices: our Olympic odyssey
Global development

Global development is supported by
BILL & MELINDA GATES / foundation
About this content

Thais Cavalcante in Maré
@thaiscavalcante
Mon 14 Dec 2015 11:48 GMT

Rio Olympics: view from the favelas - 'We need the freedom to be ourselves'

In diary entries on life in the Maré favela complex, Thais Cavalcante describes how the community expresses its strong identity and cultural roots through music, food and photography - despite the militarisation of the streets

1 September
Rubbish collectors have finally cleared up the trash from an area of the favela that is usually inhabited by users of crack cocaine. It feels strange because we have grown used to that place being filthy. I find it hard to accept that there are so many people who have lost their family, home, work and studies. Instead, they use drugs as an escape from their problems. Many of these people were evicted from the Jacaré favela when it was occupied by Pacifying Police Units, known as UPP. They came to Maré as a short-term solution and have been here for three years. During that time, the government has done nothing to improve their situation. Instead, residents have taken the initiative to improve their lives by donating food and clothing, and putting on film screenings and religious activities.

3 September
The Parque União and Nova Holanda favelas in the Maré complex are woken at 6am this morning by police helicopters buzzing close to our homes. The noise frightens me as it often means there will be a police operation soon after. Fearing this, several schools, health centres and nursery schools close their doors. But you have to try to get on with life so I go out to college as usual.

When I return, the atmosphere is calmer. Today is also the start of an LGBT rights campaign in the favela. There is a photo exhibition, public debate,

most viewed

- Live Transfer news live! Deadline day 2019: Dybala, Zaha, Lukaku, Carroll latest
- Two dead and radiation spike reported after Russia rocket test blast

Fonte: <https://www.theguardian.com/global-development/2015/dec/14/rio-olympic-games-2016-favelas-we-need-the-freedom-to-be-ourselves>.

Exceções a esse modelo são o primeiro, o penúltimo e o último textos de cada um dos jornalistas comunitários na série, uma vez que são escritos na forma de texto corrido, sem a divisão por datas específicas. Mesmo nesses casos, o tom pessoal da narrativa não se altera, seguindo, portanto, o formato de diário. Esse modelo faz com que tais relatos se enquadrem em um padrão de narrativa mais subjetivo, reflexivo e informal, como se fossem uma espécie de

testemunho, o que pode ter servido, intencionalmente, para demarcar uma diferença em relação às narrativas mais objetivas elaboradas diariamente pelos profissionais do *The Guardian*. Dessa forma, o jornal pode estar implicitamente relacionando os textos na série a impressões íntimas de moradores de favelas, o que os afasta do padrão tradicionalmente associado à credibilidade jornalística, a qual residiria apenas nos textos produzidos pelos jornalistas do seu quadro profissional.

É fundamental, portanto, compreender que representações dos impactos das Olimpíadas Rio 2016 são construídas a partir da negociação de sentidos entre essas diferentes mediações comunicativo-midiáticas: de um lado, as relações das favelas cariocas com o megaevento esportivo na perspectiva dos jornalistas comunitários e, de outro, as dinâmicas jornalísticas de um dos principais jornais do mundo. A partir da análise das limitações e das potencialidades desses tensionamentos, torna-se possível compreender em que medida o acionamento de jornalistas comunitários, enquanto estratégia discursiva, promoveu, de fato, mais pluralidade no discurso jornalístico a partir da construção ativa e autônoma de representações sobre a realidade vivida nesses contextos, ou se a série teve apenas o objetivo de atender aos interesses mercadológicos, editoriais e políticos do *The Guardian* com vistas a conquistar um posicionamento diferenciado no cenário jornalístico internacional. É preciso reforçar, novamente, que a iniciativa de divulgar uma série com a participação de jornalistas comunitários de favelas cariocas pode contribuir para a construção de uma imagem positiva para o jornal diante de seus leitores, como um veículo atento às demandas de grupos sociais minoritários, levando à construção de uma falsa ideia de pluralidade na série por meio de um discurso superficial e tutelado.

No próximo capítulo, descreveremos as regiões de sentido dominantes relacionadas aos impactos das Olimpíadas Rio 2016 no discurso da série “Vozes do Rio: nossa odisseia olímpica”. Para justificar as formações discursivas encontradas, utilizaremos sequências discursivas exemplares presentes nos 21 textos que compõem a série do *The Guardian*. Em uma etapa interpretativa final, tensionaremos as representações dos impactos do megaevento esportivo construídas no discurso jornalístico com as experiências vivenciadas pelas favelas cariocas no período, discutindo as limitações e as potencialidades da participação de vozes locais em um espaço de visibilidade global.

QUADRO DE MEDALHAS

5 SENTIDOS E TENSIONAMENTOS

Nesse capítulo, desenvolveremos a segunda etapa de análise da tese: o mapeamento dos sentidos dominantes presentes no discurso jornalístico e o tensionamento das representações construídas na série com a cultura vivida nas favelas cariocas. No primeiro tópico, por meio da análise de discurso, identificaremos as formações discursivas mobilizadas nas representações dos impactos das Olimpíadas Rio 2016 nos textos elaborados pelos jornalistas comunitários. No último tópico do capítulo, em uma etapa de nível interpretativo, apresentaremos as limitações e potencialidades dos tensionamentos entre as mediações de um contexto local marginalizado e as dinâmicas de um jornal de magnitude global.

5.1 SENTIDOS MOBILIZADOS NAS REPRESENTAÇÕES DOS IMPACTOS DAS OLIMPÍADAS RIO 2016 NA SÉRIE

Para essa etapa, foi realizada a leitura dos 21 textos que compõem a série “Vozes do Rio: nossa odisséia olímpica” do jornal *The Guardian* a fim de identificar os principais sentidos mobilizados no discurso dos três jornalistas comunitários com relação aos impactos das Olimpíadas Rio 2016. Como referido anteriormente, cada um dos jornalistas comunitários publicou sete textos ao longo da série no total, seguindo um cronograma de datas semelhante. Além disso, é importante reiterar que o título das publicações foi definido pelo *The Guardian* a partir da seleção de uma frase de cada um dos relatos. Na Tabela 2, apresentamos a relação dos 21 textos publicados pelos autores da série com o título e a respectiva data de publicação.

Tabela 2 - Relação dos textos da série por autor

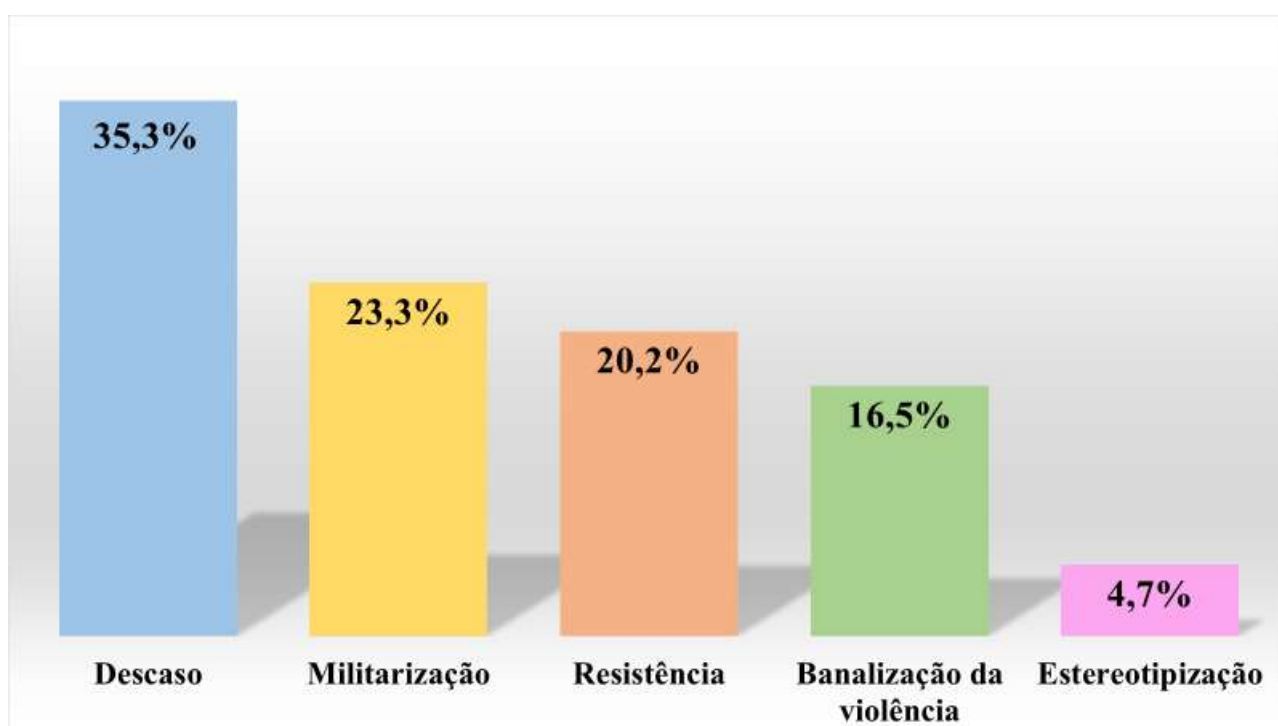
AUTOR	TEXTO E DATA
Daiene Mendes	<p>“As esperanças de pacificação estão destruídas” – 14/12/2015</p> <p>“Muitas mortes seguem sem explicação por aqui” – 14/12/2015</p> <p>“Quanto mais perto os tiros, mais forte meu coração bate” – 30/03/2016</p> <p>“No Alemão, as mortes não são investigadas” – 12/07/2016</p> <p>“Eu não consigo sair de casa. Os tiros estão muito perto” – 02/08/2016</p> <p>“Um legado de repressão, abandono e corrupção” – 27/12/2016</p> <p>“Nós estamos frequentemente com medo de sair de casa pela possibilidade de sermos atingidos por uma bala perdida” – 19/08/2017</p>
Michel Silva	<p>“Não estamos prontos para outro megaevento” – 06/08/2015</p> <p>“Não é o papel da polícia fazer trabalho social” – 14/12/2015</p> <p>“Operadores de turismo tratam as favelas como zoológicos” – 30/03/2016</p> <p>“A segregação no Rio é notória” – 12/07/2016</p> <p>“Obras públicas superfaturadas deixam um gosto amargo” – 02/08/2016</p> <p>“A instabilidade no Rio assombra a vida de milhares de pessoas” – 29/12/2019</p> <p>“Chegamos ao fundo do poço, tanto financeiramente como socialmente” - 19/08/2017</p>
Thaís Cavalcante	<p>“Os Jogos deixaram as coisas piores” – 06/08/2015</p> <p>“Nós precisamos de liberdade para sermos nós mesmos” – 14/12/2015</p> <p>“Eu vi seis pessoas infectadas pelo Zika. Eu sou uma delas” – 30/03/2016</p> <p>“A violência se tornou banal aqui” – 12/07/2016</p> <p>“Sair para comprar um pão pode custar uma vida” – 02/08/2016</p> <p>“As transformações no Rio mascaram uma realidade sombria” – 28/12/2016</p> <p>“Nós estamos lutando pela vida enquanto buscamos a paz” – 19/08/2017</p>

Fonte: Elaborada pela autora.

A partir da leitura dos textos da série, mapeamos o total de 382 sequências discursivas relacionadas aos impactos das Olimpíadas Rio 2016. Após a análise do material, identificamos cinco regiões de sentido dominantes que atravessaram os relatos publicados na série: a) descaso, com 135 sequências discursivas (35,3%), relacionada ao posicionamento negligente do poder público, da polícia e da mídia com relação às necessidades urgentes das favelas; b)

militarização, com 89 sequências discursivas (23,3%), referente às intervenções da polícia militar nas comunidades; c) resistência, com 77 sequências discursivas (20,2%), evidenciada pela postura ativa e pelo sentimento de solidariedade dos moradores dessas comunidades como forma de enfrentamento das adversidades vivenciadas no período; d) banalização da violência, com 63 sequências discursivas (16,5%), relativa à presença diária de ações violentas na rotina dos moradores dessas localidades e, por fim, e) estereotipização, com 18 sequências discursivas (4,7%), associada ao tratamento universalizante e majoritariamente negativo conferido às favelas e seus moradores. No Gráfico 1, apresentamos, em ordem decrescente, a porcentagem de cada um dos sentidos dominantes encontrados conforme o número de sequências discursivas correspondentes no *corpus*.

Gráfico 1 - Porcentagem das formações discursivas no *corpus*



Fonte: Elaborado pela autora.

As formações discursivas estão elucidadas na análise por meio de sequências discursivas exemplares, isto é, marcas do discurso consideradas mais representativas para justificar os sentidos encontrados. A relação completa das sequências discursivas mapeadas no *corpus*, separadas por formação discursiva, está disponível nos apêndices da tese. No início de cada sequência discursiva, os autores estão identificados pelas iniciais de seu nome: (MS) para

Michel Silva, (TC) para Thaís Cavalcante e (DM) para Daiene Mendes. Como marcas discursivas, essas sequências são apresentadas recuadas na página e destacadas em fonte 11 ao longo do texto. As partes destacadas em negrito concentram com mais intensidade o sentido mapeado. Ao final de cada sequência, inserimos a data em que cada texto foi divulgado no portal do *The Guardian*. Como os dois primeiros textos de Daiene Mendes foram publicados no mesmo dia (14/12/2015), colocamos um asterisco ao lado da data quando a sequência for referente ao segundo texto publicado nesse dia pela autora.

Nessa seção, para facilitar o detalhamento dos sentidos dominantes, as formações discursivas serão apresentadas separadamente, mas é importante ressaltar que, enquanto conjuntos heterogêneos e fluidos (ORLANDI, 2002), não são compreendidas enquanto blocos fechados e estanques. Dessa forma, ao longo da análise, buscaremos trazer à tona as diversas relações e atravessamentos de sentidos existentes entre elas. A seguir, apresentamos as cinco regiões de sentido dominantes sobre os impactos das Olimpíadas 2016 que perpassaram os 21 textos da série em ordem decrescente de aparição no discurso. Assim, iniciaremos pelo descaso, sentido que representou 35,3% das sequências discursivas recortadas para análise.

5.1.1 Descaso

A formação discursiva denominada de descaso foi a região de sentido mais frequentemente mobilizada no discurso da série para se referir aos impactos das Olimpíadas Rio 2016, correspondendo, como mencionado, à maioria das sequências recortadas para análise. Esse núcleo de sentido se refere ao desinteresse e desprezo da mídia, da polícia e do poder público com relação às necessidades urgentes e demandas inerentes à complexidade dessas comunidades. O sentido de descaso demonstra que o megaevento esportivo não significou uma mudança positiva para esses grupos sociais, mas, pelo contrário, tornou ainda mais difíceis as condições de vida dos moradores de favelas do Rio de Janeiro.

(MS): **Além do aumento, houve redesenho das linhas de ônibus**, o que significa que **muitos moradores agora precisam pegar dois ônibus para chegar ao trabalho**. (30/03/2016)

(DM): Parece muito mais tempo, porque **os ônibus estão abarrotados e não há ar-condicionado**, enquanto **você fica preso nos engarrafamentos** que sempre entopem a avenida principal da Avenida Brasil. Olhe pela janela e você pode ver que **uma das razões para o caos é a construção**. (12/07/2016)

(TC): **Os jogos olímpicos pioraram a situação. Os preparativos para o evento tem sido desastrosos** para a Maré [...]. (05/08/2015)

Os autores revelam o quanto o projeto de cidade construído para as Olimpíadas ignorou as necessidades dos moradores de favelas, os quais, apesar de vivenciarem diariamente os impactos das obras, viram-se completamente excluídos das iniciativas que foram postas em curso nesse período. Fica explícito, assim, que as reformas em andamento no Rio de Janeiro não levaram em conta as demandas da maioria da população local, servindo para vender uma imagem positiva aos turistas e para beneficiar as classes já economicamente favorecidas da cidade.

(DM): Eu respiro fundo e penso nas **contradições de um modelo de cidade que não foi feito para mim, minha família ou meus amigos**. (12/07/2016)

(MS): Eu acho que isso é **apenas propaganda à frente das Olimpíadas**. Eu não acho que haja **algum interesse**. Temos um enorme campo de golfe ao lado da nossa comunidade, mas **não é para nós, é para a burguesia**. (14/12/2015)

(MS): **Uma extensão desnecessária**, pois **esses bairros são bem servidos com linhas de ônibus**. Enquanto a **mobilidade urbana é deficiente em regiões mais distantes do centro econômico da cidade**, a população critica a média baixa de utilização da Linha 4. (19/08/2017)

Além da exclusão das favelas do planejamento urbano para as Olimpíadas, os autores destacam, em seus relatos, as diversas irregularidades que marcaram o processo de remodelação da cidade, como fraudes em licitações, favorecimentos ilícitos e casos de especulação imobiliária. Para atender as exigências de parceiros e investidores, diversas famílias foram ameaçadas de despejo ou foram removidas nesse período por estarem em áreas de interesse imobiliário, o que gerou sofrimento pelo rompimento dos laços de pertencimento com suas comunidades e pela necessidade de abandonar o pouco que possuíam.

(MS): A polícia federal está tentando coletar informações sobre **possíveis fraudes na licitação de obras públicas nas favelas** da Rocinha, Mangueiras e Complexo do Alemão, **que foram financiadas pelo programa de aceleração do crescimento do governo** após 2008. Os investigadores estão buscando **possíveis conluíus entre as empresas que ganharam os contratos**. (30/03/2016)

(MS): Os políticos cariocas **até realizam obras** pela cidade, **mas a maioria são obras superfaturadas** em parceria com as empreiteiras brasileiras. [...] (19/08/2017)

(MS): A sempre contenciosa questão da regularização fundiária foi discutida hoje pelas associações de moradores do Laboriaux e Vila Cruzado, dois bairros da Rocinha que estão **ameaçados de despejo por causa da especulação imobiliária**. (30/03/2016)

(TC): Ela passava muita dor enquanto falava e lembrava do **sofrimento de perder não só a casa, mas a identidade**. Às vezes **somos tratados como não merecedores do pouco que conquistamos**. (12/07/2016)

O descaso também aparece na negligência e na pressa do Estado ao longo da construção e da entrega das obras, muitas apresentando problemas estruturais básicos que impediram sua utilização de forma segura e proveitosa pela população local. Michel cita o caso do

desmoronamento de parte da Ciclovía Tim Maia três meses após ser inaugurada, incidente que teve, entre as vítimas fatais, um morador da Rocinha. Além disso, diversas obras ficaram comprometidas após as Olimpíadas diante do abandono e da falta de verba do Estado para realizar a manutenção de tais espaços.

(MS): Apesar da estrutura, **muitos moradores ainda não conhecem ou não sabem que existe uma biblioteca pública na comunidade. Uma das causas é que a biblioteca foi inaugurada antes de estar pronta. O anfiteatro estava sem aparelhagem básica de som e iluminação e sem assentos. Não é a culpa da biblioteca, mas do governo.** (02/08/2016)

(MS): **Uma ciclovía recém-construída desmorona** após ser atingida por uma forte onda. **Entre as vítimas fatais**, Ronaldo Severino da Silva, de 60 anos, **morador da Rocinha**, que costumava passear ao longo da ciclovía em seus dias de folga. A construção, que foi inaugurada em janeiro, **custou 44 milhões de reais, mas não contabilizou o impacto das ondas. Mas não é um acidente isolado. O Rio de Janeiro está cheio de trabalhos mal feitos.** (12/07/2016)

(MS): A Biblioteca Parque C4 da Rocinha está **ameaçada de fechar**. [...] Segundo o Instituto de Desenvolvimento e Gestão (IDG) – órgão responsável pela administração do espaço – **o governo do estado não está repassando a verba necessária para a manutenção do espaço** que atende milhares de crianças, jovens e adultos na comunidade. (29/12/2016)

Na visão dos jornalistas comunitários, há ainda uma tentativa de ocultamento das favelas durante a competição por meio de uma assepsia urbana, que busca mascarar sua existência, seja colocando o nome de um bairro de classe média alta para a nova estação do metrô na entrada da Rocinha ou adesivando o muro que esconde as casas de milhares de famílias do Complexo da Maré. Michel aponta ainda a invisibilidade das favelas nos mapas urbanos como uma prova do preconceito e da segregação vivenciadas por esses grupos sociais, os quais têm sua existência ignorada em uma cidade partida. Nem mesmo quando se trata da festa mais popular da cidade, o Carnaval, as favelas integram o calendário oficial ou são lembradas no momento de receber investimento público.

(MS): **Apesar de ser na entrada da Rocinha, a estação foi inicialmente batizada de “Estação São Conrado”, um bairro nobre do lado.** (12/07/2016)

(TC): E se olharem para os lados, vão ver **desenhos coloridos do Brasil no muro que esconde a nossa favela**. Nós moradores apelidamos esse muro de **“Muro da Vergonha”**. Ele foi feito **poucos anos antes da Copa do Mundo de 2014. Para as autoridades, o problema era que as favelas da Maré estavam a vista para o mundo.** [...] As autoridades **dizem que é uma barreira acústica** para o barulho dos carros não serem ruim para os moradores. Eu acho que **é mentira. Acho que estão tentando negar a nossa existência - é revoltante. A decoração custou R\$ 750 mil reais. Não faz sentido cortar gastos na saúde e educação pra isso.** (02/08/2016)

(MS): Este **preconceito anti-favela é visível** em muitos aspectos. Em mapas oficiais e virtuais, **as favelas são frequentemente ignoradas e outra coisa é inserida. A segregação do Rio é notória** quando se trata de favelas e da cidade. **Existe uma cidade dividida, que muitas pessoas ignoram** [...]. (12/07/2016)

(TC): Um dos blocos de carnaval da favela da Maré **desfilou este ano sem qualquer apoio financeiro ou institucional.** [...] Nas favelas do Rio, mais de 40 blocos de carnaval desfilaram

- **nenhum fazia parte do calendário oficial do carnaval** do município e, portanto, **não usava nenhum dinheiro público. Nós gostaríamos de receber financiamento** [...] (19/08/2017).

Diante da superficialidade das iniciativas propostas, a sensação entre os autores da série é de que o interesse do poder público irá acabar junto com a cerimônia de encerramento do megaevento esportivo, relegando essas comunidades, mais uma vez, ao completo abandono. Desse modo, tais ações parecem apenas pontuais e passageiras, destinadas a construir a imagem de uma cidade segura e eficiente, que logo se desfez com o fim da visibilidade midiática proporcionada pela competição. Diante da precária situação financeira após os gastos com os Jogos, Michel acredita que quem pagará a conta da má gestão pública serão as classes mais pobres.

(MS): Por causa dos Jogos Olímpicos, o policiamento foi reforçado. Mas **após o megaevento, a violência pode piorar** porque **o governo está sem verba** e a **sociedade sofre com a má administração pública**. (02/08/2016)

(MS): Segundo o governador Luiz Fernando Pezão, se as medidas não forem implementadas, **a previsão é de um déficit de R\$ 52 bilhões** até dezembro de 2018. A população acredita que **os cortes públicos atingirão as classes sociais mais pobres** e os servidores públicos. (29/12/2016)

(MS): **Com o fim dos Jogos Olímpicos, a favela voltou ao status quo de cenário invisível**. (29/12/2016)

Os problemas sociais vivenciados pelas comunidades são creditados à ausência de políticas públicas promovidas por um governo efetivo. No entanto, essa situação de abandono enfrentada no período olímpico não é novidade para os moradores das favelas cariocas. Os jornalistas comunitários colocam que a ausência do poder público nesses locais é histórica, o que fez com que essas comunidades tivessem que conviver com regras paralelas e com a presença constante da criminalidade durante décadas.

(DM): **Por mais de 40 anos**, o Complexo do Alemão **existiu sem a presença da polícia** [...]. (14/12/2015)

(DM): **A lei do estado não se aplicava** aqui. (14/12/2015)

(MS): Pois, **quando o Estado não se faz presente, a lei do crime impera**. (19/08/2017)

(MS): Até então, **o governo havia nos ignorado por 70 anos, deixando muitos serviços básicos** como saneamento, saúde, água e luz **em uma situação precária**. (14/12/2015)

Esse estado de abandono não é visto, contudo, como algo negativo por Daiene Mendes, especialmente quando a jornalista faz uma comparação com o caos vivenciado durante as Olimpíadas. Para a autora, a presença do Estado durante o período olímpico não tornou o contexto mais favorável para a favela, tendo em vista que as medidas adotadas pelo poder

público se mostraram ineficazes, descomprometidas e, muitas vezes, geraram ainda mais violência.

(DM): Meu sentimento é que **o Alemão estava melhor no passado, quando estava abandonado.** (02/08/2016)

(DM): Antes das Olimpíadas, **o estado estava completamente ausente na favela.** Naquela época, **não tínhamos um teleférico - agora sim, mas não funciona. Não tínhamos clínicas familiares - agora sim, mas sem atendimento médico. Não havia polícia - agora existe e vivemos com tiroteios diários.** (19/08/2017)

Esse estado de abandono se reflete no acesso precário a serviços básicos, como educação e segurança, e na desigualdade de oportunidades. Thaís cita a situação precária nas contas do estado, o que levou à falta de repasse de verbas à Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), afetando diversos moradores do Complexo da Maré que dependem da universidade pública para ter acesso ao ensino superior.

(MS): Há **muito talento na Rocinha que não é reconhecido nem polido.** (30/03/2016)

(MS): **Muitas casas não possuem padrões básicos de segurança.** É uma consequência da **extraordinária desigualdade social** que é evidente na Rocinha. (30/03/2016)

(MS): **Só tem uma escola de ensino médio,** então muitos jovens da Rocinha estudam em outros bairros. (12/07/2016)

(TC): **Uma notícia horrível para os muitos moradores da Maré que estudaram anos para passar nessa faculdade pública.** [...] Tenho amigos que **vão terminar a graduação anos depois, por causa da greve.** (02/08/2016)

A situação política não passou despercebida pelos jornalistas comunitários, lançando duras críticas às medidas adotadas pelo governo do então presidente Michel Temer, empossado após o *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff. Para os autores, as decisões tomadas na esfera política desconsideraram a realidade das favelas, trazendo mais prejuízos às minorias sociais.

(MS): **As favelas estão sendo ignoradas pelo governo** do presidente interino, Michel Temer. [...] (02/08/2016)

(MS): [...] **O problema se agrava com o presidente interino Michel Temer no poder, ameaçando os benefícios trabalhistas, programas sociais e sistemas de cotas** conquistados na era Lula e Dilma. (02/08/2016)

(TC): E **quem perde como sempre, somos nós.** O vice-presidente já mostrou para que veio, se for eleito, **vai diminuir direitos do trabalhador formal.** (12/07/2016)

Em um dos relatos de Thaís, o descaso do governo se deixa ver na precariedade de recursos médicos para atender pacientes infectados pelo *Zika* vírus nessas comunidades, que sofrem não só com a falta de atendimento de qualidade, mas também com a ausência de

informações sobre a doença. Esses grupos sociais ficam, assim, em uma situação de risco, desamparados pelo governo, como se não gozassem dos mesmos direitos a um atendimento digno de saúde e como se não merecessem ter acesso a dados concretos sobre a epidemia.

(TC): Eu tive que comprar meu próprio remédio porque **não estava disponível na farmácia pública. Não houve tratamento hospitalar.** [...] Os relatórios dizem que isso pode causar problemas nos fetos, mas **não temos informações suficientes sobre isso.** (30/03/2016)

Essa região de sentido também se relaciona com as mentiras e promessas ilusórias do poder público quanto a futuras melhorias para as comunidades. Os projetos se desfizeram assim que o megaevento esportivo terminou, mostrando que, de fato, as Olimpíadas serviram para atender interesses específicos, especialmente para autopromover determinados políticos brasileiros, e não para trazer benefícios concretos à população local. Thaís argumenta que, em vez de apoiar iniciativas já existentes, o governo optou por investir na construção de novas obras como uma estratégia de marketing, aproveitando-se da visibilidade mundial promovida pelos Jogos. As mudanças atenderam, assim, à necessidade de vender uma fantasia para o mundo exterior, que precisava acreditar na transformação de um país às vésperas da competição. Logo, o legado olímpico, utilizado como argumento pelas autoridades para conquistar a opinião pública, foi inexistente na visão dos autores, tendo em vista que os projetos propostos não tiveram continuidade, mostrando-se ações de curto prazo ao invés de políticas públicas duradouras.

(DM): **As autoridades estavam vendendo-nos um sonho** de ser capaz de viver juntos em paz e ter acesso a serviços públicos como água, eletricidade e esgoto. (14/12/2015)

(DM): [...] **O governo mente** para os moradores das favelas. (02/08/2016)

(DM): **As Olimpíadas terminaram, assim como a expectativa de construir um legado real** para as pessoas das favelas [...] (27/12/2016)

(MS): **Os políticos estão sempre lançando iniciativas porque ficam bem no currículo, mas, assim que saem do escritório, os projetos morrem. Não há continuidade.** (30/03/2016)

(MS): Por enquanto, **o evento não trouxe nenhum legado para a comunidade. Apenas marketing.** (12/07/2016)

(MS): As UPPs fracassaram porque **não foi seguida de outras políticas de Estado, como saneamento básico, educação e habitação.** (19/08/2017)

(TC): **As promessas vieram apenas depois que eles anunciaram a Copa do Mundo e os megaeventos olímpicos. Antes disso, não era importante termos tão poucas escolas [...].** (30/03/2016)

(TC): Vi como **um processo de mudança que decaiu ao invés de crescer, como foi prometido. Como um disfarce para o mundo.** [...] Afinal, **para o governo ser lembrado, mais inteligente construir coisas do que desenvolver o que já existe.** (28/12/2016)

Os jornalistas comunitários criticam ainda o poder público pelo uso da força policial como solução para os problemas da favela em vez de planejar iniciativas a longo prazo em áreas

de extrema fragilidade no país, como saúde e educação. Além disso, mencionam o tratamento desigual e desrespeitoso que recebem da polícia e do governo quando sofrem problemas semelhantes a de outras áreas mais nobres da cidade, o que contribui para acentuar ainda mais as disparidades sociais e para perpetuar a situação de marginalidade em que vivem.

(DM): No Complexo do Alemão, **a história é bem diferente**. [...] A causa é a mesma - uma chuva que danificou a rede elétrica - mas **a resposta é completamente diferente**. (30/03/2016)

(DM): A polícia militar trata os moradores locais **com desprezo**. (30/03/2016)

(DM): Nas favelas, **a presença do estado significa a polícia**. Nós merecemos mais do que isso. (12/07/2016)

(TC): **A presença do Estado é extremamente aparente nas invasões e repressões policiais**. Mas **quando se trata de investimentos em saúde, educação e saneamento básico, são insuficientes**. (05/08/2015)

A indiferença do poder público leva a um ciclo vicioso de negligência, dificultando o acesso dos moradores das favelas a serviços públicos básicos. Daiene destaca que a falta de segurança nesses locais, resultado da ausência de medidas efetivas na área, faz com que a empresa de energia elétrica resista a atender aos chamados da comunidade. Michel relata que o medo da violência também fez uma agência bancária fechar as portas, obrigando os moradores a se deslocarem para regiões mais distantes para garantir o acesso a tal serviço. Já os cortes orçamentários na área da saúde, explica Thaís, fazem com que os médicos não recebam seus salários, tornando a população de baixa renda invisível nos hospitais públicos.

(DM): **A escassez de energia é um problema constante** nas favelas. A grande maioria dos moradores paga pela eletricidade, mas **a empresa de serviços públicos está relutante em vir** quando há um problema porque **sua equipe diz que tem medo da violência**. (30/03/2016)

(MS): O banco Itaú fechou sua filial na Rocinha **sem nenhuma explicação**. [...] O Itaú **não disse nada**. Talvez eles estivessem **preocupados com a violência**. Agora, **as pessoas terão que andar 30 minutos** para chegar a uma agência do Itaú, o que **será um grande problema para os idosos**. (14/12/2015)

(TC): Minha experiência pessoal destacou como **os cortes orçamentários estão prejudicando o atendimento médico**. Quando ficamos doentes, **os médicos nos hospitais públicos geralmente não nos vêem porque não recebem seus salários**. (30/03/2016)

O descaso também é representado pela impunidade do poder público que se omite na investigação de casos de assassinato registrados nas comunidades, os quais, muitas vezes, como afirma Daiene, são cometidos pelos próprios policiais militares. Essa atitude demonstra a falta de interesse do governo em punir os responsáveis, o que contribui para manter o ciclo de violência nessas áreas pela certeza de que nada será feito. Além disso, Michel critica a falta de atitude do governo em fiscalizar as obras irregulares nas encostas dos morros, mesmo tendo ciência do risco e da ilegalidade de tais construções.

(DM): A investigação concluiu que o tiro foi disparado por um policial militar. **Apesar disso, ninguém foi preso.** (12/07/2016)

(DM): Participaram da ação diversas mães que convivem com a mesma dor de perder um filho e com a revolta de **não perceber interesse do Estado em punir os culpados.** (12/07/2016)

(DM): **Poucos casos são investigados e menos ainda punidos.** (12/07/2016)

(MS): Construções na floresta devem ser proibidas, mas todos sabem que **as autoridades não farão nada.** (30/03/2016)

A falta de diálogo com esses grupos sociais, por sua vez, demonstra o desinteresse do poder público em promover a inclusão democrática das minorias nas tomadas de decisão no contexto do megaevento esportivo, gerando desinformação e promovendo ainda mais a exclusão dessas camadas sociais. A falta de participação popular é, em grande parte, fruto do descaso do governo em não promover espaços de debate e em não divulgar de forma eficiente ações destinadas a esse público.

(MS): **Não há discussão suficiente** sobre políticas de segurança pública **com a população local.** (05/08/2015)

(MS): Não é possível precisar quantos moradores foram mortos pela polícia nos últimos anos porque **esses dados não são disponibilizados com detalhes para a população.** (12/07/2016)

(MS): Houve **pouca divulgação sobre o evento**, por isso **não teve uma grande participação popular.** [...] (12/07/2016)

(TC): **Os moradores tem tido sua voz silenciada pelo Estado** dentro de sua própria favela. (05/08/2015)

(TC): **Sem diálogo com os moradores**, o projeto da Prefeitura “Escolas do Amanhã” por exemplo, foi instalado com 18 unidades de ensino integral e **até agora, apenas uma unidade funciona**, a Escola Municipal Nova Holanda. (28/12/2016)

Por fim, o descaso não se origina apenas do poder público ou de ações da polícia, mas também da mídia. Os jornalistas comunitários criticam a cobertura majoritariamente negativa dos fatos que ocorrem na favela, principalmente quando o assunto é violência, esquecendo-se de dar visibilidade para projetos sociais e ações positivas. Além disso, sinalizam a parcialidade dos meios de comunicação, que preferem dar maior destaque para problemas relacionados a áreas mais nobres da cidade, mesmo que tais fatos sejam semelhantes aos vivenciados nas favelas. Em outras palavras, os acontecimentos relacionados a esses locais são divulgados de forma breve ou são completamente silenciados nos meios de comunicação. Outro ponto colocado pelos autores é o fascínio causado pelas Olimpíadas, que fez com que a atenção da mídia estivesse voltada para os eventos olímpicos no período, desconsiderando as mazelas sociais enfrentadas pelo país. Dessa forma, os meios de comunicação colaboraram para a construção de uma imagem irreal do país ao silenciar os casos de violência e assegurar uma imagem superficialmente positiva. Na visão dos jornalistas comunitários, a grande mídia deu

destaque para a versão oficial do poder público, disseminando o discurso de uma cidade segura, sem levar em conta os impactos vivenciados pelas camadas mais pobres da população em função da série de remodelações urbanas em vigor. Em outras palavras, os meios de comunicação também participaram do processo de assepsia da imagem do Rio de Janeiro no contexto do megaevento esportivo.

(DM): Eu gostaria de entender por que **a mídia quase nunca relata as coisas boas** que acontecem nas favelas - **mas quando o assunto é violência, está na primeira página.** (30/03/2016)

(DM): **A notícia do blecaute não foi transmitida** em um único canal de televisão. **Não houve menção** nos jornais. (30/03/2016)

(DM): A manchete do jornal conta do acidente na zona sul, com todos os detalhes bem apurados e excelentes materiais infográficos. Já **a morte no Alemão, tem uma chamada sem tanto esforço e comoção**: “troca de tiros deixa mototaxista morto no Alemão”. (12/07/2016)

(MS): **Mal aparece nas notícias.** Este mês, **o Rio de Janeiro está mais focado nos eventos de teste olímpico**, que estão ocorrendo nas áreas mais ricas da cidade. **Tiroteios e assassinatos em favelas** são muito comuns e **raramente são relatados nos jornais.** (14/12/2015)

(MS): Mas **como estávamos no auge do delírio olímpico, a imprensa brasileira abafou a violência na cidade e construiu a imagem de um Rio seguro com as forças armadas brasileiras.** (19/08/2017)

(TC): E a **mídia comercial** contribui com isso **focando no lado do governo na história.** (05/08/2015)

(TC): Mas **nenhuma notícia da Maré estampou os jornais de hoje.** (12/07/2016)

(TC): **Na TV, mostrava 3 caveirões do Bope e dizia “estão fazendo a segurança”. Para nós, tocam o terror.** (03/08/2016)

A formação discursiva de descaso revela, assim, uma série de atitudes do poder público, da mídia e da polícia que ignoram e negligenciam as demandas das favelas cariocas, o que demonstra que o megaevento esportivo não alterou a situação de abandono que vivem há décadas, trazendo, pelo contrário, ainda mais prejuízos para os moradores dessas comunidades. As promessas ilusórias de um legado que traria benefícios a toda a população reforçam ainda mais a falta de comprometimento das autoridades públicas, as quais se mostraram mais interessadas em se aproveitar da visibilidade midiática promovida pela competição em benefício próprio do que em assegurar transformações concretas para os grupos sociais mais necessitados. Nesse processo, o poder público utilizou a polícia como principal estratégia para controlar a violência nas comunidades em vez de propor projetos de longa duração que repercutissem em serviços básicos de mais qualidade à população. Esse discurso falacioso das autoridades oficiais foi amparado pela mídia, que abafou as repercussões negativas do megaevento a fim de disseminar a imagem de uma cidade segura e eficiente às vésperas da competição. Desse modo, o espaço da série no *The Guardian* se configura como um *locus* de denúncia ao dar visibilidade aos impactos sociais vivenciados pelas minorias nesse período,

trazendo à tona suas demandas e reivindicações. No tópico a seguir, apresentamos a região de sentido denominada de militarização, que apresentou o segundo maior número de sequências discursivas mapeadas no discurso da série, com 23,3% do total.

5.1.2 Militarização

A formação discursiva de militarização está relacionada com a presença da polícia militar e do Exército nas favelas cariocas, fruto do programa de segurança pública posto em prática pelo Estado do Rio de Janeiro a partir de 2008. O projeto visou à instalação de Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs) em comunidades cariocas a fim de desarticular gangues responsáveis pelo tráfico de drogas e diminuir os índices de criminalidade nesses locais. No entanto, no discurso dos jornalistas comunitários na série, esse período de intensa militarização nas comunidades não significou mais segurança, mas, pelo contrário, caracterizou-se pelo aumento dos casos de violência. Os relatos revelam que as operações policiais intensificaram os tiroteios nessas áreas e interferiram negativamente na rotina dos moradores, frustrando as expectativas de uma possível pacificação. Além disso, algumas UPPs foram instaladas em áreas controversas, como em escolas e centros culturais, o que foi duramente criticado pelos jornalistas comunitários.

(DM): **Essas esperanças foram destruídas.** No início deste ano, **sofremos 100 dias consecutivos de tiroteios.** (14/12/2015)

(DM): Os moradores há muito protestavam contra **a antiga base** (da UPP), que **havia estado dentro de uma das poucas escolas do Alemão. Muitos desistiram. Depois que a base da UPP foi instalada na escola, o número de alunos caiu** de 1.400 para 700. (30/03/2016)

(DM): **A polícia agora está localizada** no Reservatório do Mourão Filho, **um dos poucos centros culturais do Alemão.** (30/03/2016)

(MS): Desde a criação da primeira UPP na Rocinha, **a vida cotidiana nunca foi a mesma.** Estamos agora vivendo nos **piores momentos da história da comunidade.** Desde a ocupação pelas forças armadas em 2011, houve **mais casos de estupro, roubo e violência doméstica.** (05/08/2015)

(MS): **As operações policiais são criticadas pelos moradores** porque **sempre acontece em horários de grande movimentação de pessoas.** (12/07/2016)

(TC): **A tensão aumentou e o perigo também.** Pois **temos mais forças armadas em nossa rotina.** (05/08/2015)

(TC): **Tudo o que vemos é a repressão e militarização** de nossas ruas. (14/12/2015)

Segundo os autores, o governo não estava interessado em promover mais segurança para a população local, mas em assegurar a tranquilidade dos turistas durante as Olimpíadas por meio da construção de uma falsa imagem de pacificação. Para os moradores das favelas, essa sensação de segurança foi uma ilusão, já que não houve benefícios concretos para esses grupos

sociais. Assim, o programa das UPPs foi utilizado como estratégia de marketing para vender uma imagem positiva da cidade aos olhos do mundo todo, demonstrando, por meio de um jogo de aparências, que o Rio de Janeiro estava preparado para sediar o megaevento esportivo.

(TC): Sua finalidade é **mostrar mundialmente como o país está pronto para garantir a segurança de quem chega, mas não de quem permanece.** (05/08/2015)

(TC): Diariamente, a secretaria de segurança gasta 1,7 milhões para manter essa **falsa segurança nas favelas** da Maré. (05/08/2015)

(TC): Parece que seu único papel é **transparecer tranquilidade na televisão antes das Olimpíadas.** (30/03/2016)

(TC): Eles **estão circulando na zona sul da cidade e ao longo das principais avenidas, trazendo “segurança” e garantindo um comportamento respeitável.** (19/08/2017)

Em uma inversão do papel esperado de agentes de segurança pública, a polícia é retratada como uma das responsáveis pelas mortes nas comunidades. Em outras palavras, em vez de promoverem a paz, protagonizaram diversos casos de violência nesses locais. Nos textos dos jornalistas comunitários, aparecem vários exemplos de assassinatos cometidos pelos próprios policiais militares, o que demonstra a truculência das ações policiais, passando a ser sinônimo de morte no cotidiano dos moradores.

(DM): Desde que o Rio de Janeiro ganhou o direito de sediar as Olimpíadas em 2009, **mais de 2.500 pessoas foram mortas pela polícia no Rio de Janeiro**, de acordo com a Anistia. (12/07/2016)

(DM): No Alemão, favela na Zona Norte, **um mototaxista foi assassinado pela PM.** (12/07/2016)

(TC): **Pessoas são mortas toda vez que a polícia entra na favela.** (12/07/2016)

(TC): Hoje é o aniversário da Chacina da Maré de 2013, onde **9 pessoas foram assassinadas pela mão armada da Polícia.** (02/08/2016)

O processo de militarização das favelas cariocas chega a ser comparado a um cenário de guerra devido aos confrontos constantes entre a polícia e os traficantes de drogas, além da presença expressiva de policiais e veículos blindados circulando pelas ruas. Para agravar a situação, as operações aconteciam sem aviso prévio, colocando em perigo a vida dos moradores e causando sofrimento para a população local. Nessa guerra, os tanques blindados serviram como proteção para a polícia, deixando os moradores à própria sorte, tendo que encontrar formas de se protegerem sozinhos em meio a intensos tiroteios efetuados entre dois grupos armados: o já conhecido domínio dos traficantes de drogas somado à ação violenta dos agentes de segurança pública do Estado.

(DM): A favela está **inundada de policiais. Veículos blindados** conhecidos como *caveirão* **patrulham as ruas.** (14/12/2015*)

(DM): [...] os **confrontos e operações policiais não têm hora para acontecer e nessa guerra todos estão sofrendo.** (02/08/2016)

(DM): **Para fingir que não estávamos em uma zona de guerra, a polícia militar pintou seus tanques militares blindados** - popularmente chamados caveirão ou "crânio grande" - **de branco.** (19/08/2017)

(DM): **A qualquer momento, policiais e traficantes de drogas podem se encontrar** em um beco **e, de repente, é uma guerra.** (19/08/2017)

(DM): Do lado de fora da minha janela **havia um tanque blindado, protegendo a polícia militar** enquanto disparavam tiros. **Tudo o que me protege dos tiros é a parede da minha casa. O que torna o "trabalho" dos policiais mais fácil e seguro coloca minha vida** - e a vida de milhares de pessoas nos becos estreitos das favelas - **em sério risco.** (19/08/2017)

(MS): Há também **muitos confrontos entre a polícia e as gangues.** Quando **dois poderes armados** operam **no mesmo território, o confronto é inevitável.** (14/12/2015)

(TC): [...] **Só no primeiro mês de ocupação, 15 pessoas foram mortas. Tanques de guerra circulam pelas ruas e soldados fazem papel de policiais.** (05/08/2015)

Os jornalistas comunitários também denunciam diversos casos de abuso de autoridade por parte da polícia militar, revelados por meio de ações autoritárias e ilegais, como a modificação de cenas de crimes, invasões e roubos de casas. Esses atos, no entanto, não foram investigados e punidos pelo poder público, deixando os agentes de segurança pública totalmente impunes e livres para agir de forma desrespeitosa e fazendo com que os moradores ficassem à mercê do autoritarismo policial. Esse acobertamento da ação truculenta da polícia foi acompanhado por uma série de mentiras e pela ausência de informações concretas à população local.

(DM): Um veículo da polícia seguiu rapidamente e **a polícia pegou o corpo** e o levou para a unidade de atendimento de emergência. **Não houve investigação.** (14/12/2015*)

(DM): Às vezes **a polícia mente.** [...] eu vi algo acontecer, então solicitei um comunicado de imprensa da polícia, que **forneceu uma história completamente diferente.** Se Avelino já estivesse morto, **a polícia não deveria ter alterado a cena do crime.** (14/12/2015*)

(DM): Durante uma busca, **a polícia invade uma propriedade** que estava sendo usada para imprimir uma revista. **Ninguém está em casa, então a polícia arromba um armário e rouba parte do conteúdo.** (14/12/2015*)

(DM): Policiais em balaclavas realizam operações em algumas áreas do Complexo do Alemão hoje, **parando e revistando quase todos em seu caminho. Eles não estão usando identificação** em seus crachás, **o que é proibido.** (14/12/2015*)

(TC): As **operações feitas são justificativas para matar e ficar impune.** (12/07/2016)

(TC): Essas **invasões policiais** foram justificadas para buscar um bandido que fugiu de um hospital público. **Não sabemos de nada.** (02/08/2016)

Ao longo dos relatos, são citadas diversas desculpas utilizadas pela polícia para justificar os assassinatos cometidos, geralmente frutos de erros grosseiros que geram vítimas fatais, criando um clima constante de tensão nessas localidades. Qualquer motivo é utilizado como desculpa para matar, como um telefone celular confundido com uma arma. Essas ações

arbitrárias ganham explicações inaceitáveis, incompreensíveis ou simplesmente são silenciadas, impedindo o acesso dos moradores às informações. Alguns verbos utilizados deixam evidente o tom autoritário e abusivo das respostas fornecidas pelos agentes públicos, como em “eles decidiram”. Daiene relata ainda esforços desiguais empreendidos nas operações policiais, em que a prioridade é investigar os casos ocorridos nas zonas mais ricas da cidade.

(DM): **A polícia alegou que confundiu o telefone com uma arma.** (14/12/2015*)

(DM): Mas hoje **eles decidiram que Eduardo foi morto em “autodefesa”.** (14/12/2015*)

(DM): **Muitas mortes não são explicadas aqui.** Alguns têm **explicações** que são **incompreensíveis**, enquanto outros, como a morte de Eduardo, **são explicados, mas a informação dada é inaceitável.** (14/12/2015*)

(DM): **Na zona sul, a força-tarefa é para localizar os corpos.** No Alemão, **a PM se esforça para escondê-los.** (12/07/2016)

(MS): Moradores realizam um ato em memória do morador Hugo Silva, um pai de dois filhos que **foi morto por policiais militares** em uma viela há quatro anos. **Ele estava carregando materiais de construção, mas a polícia informou na época que ele era traficante de drogas.** (12/07/2016)

(MS): **Os dados sobre as UPPs são divulgados** pelo ISP **em tempo irregular.** No entanto, **não obtive acesso** porque os dados estão sendo atualizados. (19/08/2017)

Também são relatadas intervenções arbitrárias e abusivas da polícia em atividades tradicionais e rotineiras dos moradores, como a proibição do Carnaval no Complexo do Alemão e a interferência em festas realizadas na favela. Nesses casos, a violência é utilizada como forma de repressão e de imposição da ordem.

(DM): **A polícia recusou a permissão** para um carnaval em Itararé, uma das principais ruas do Alemão. O palco já estava sendo construído, mas **a polícia disse que não.** O Complexo do Alemão **não terá carnaval** em 2016. (30/03/2016)

(DM): No final da festa, às 2 da manhã, **a polícia tentou atravessar a multidão para desligar o som.** [...] **A polícia respondeu com tiros e bombas atordoantes. A presença de muitas crianças na rua não pareceu impedi-la** de usar esse método de “restabelecimento da ordem”. (30/03/2016)

(DM): [...] uma tropa de policiais armados entrou na Grota, uma das principais entradas do Alemão. Eles tinham **ordens para remover dezenas de barracas de comida e outras lojas que funcionam há mais de uma década** ao longo da estrada Joaquim de Queiroz. (27/12/2016)

(MS): Moradores disseram que **o tiroteio começou depois que a polícia exigiu que a música de uma festa da vizinhança fosse desligada.** (30/03/2016)

(TC): É assim que deve ser a nossa favela, mas **durante a ocupação militar quase todos os eventos culturais foram proibidos.** (14/12/2015)

O combate às drogas é utilizado para respaldar as ações violentas da polícia militar nas favelas. Dessa forma, o argumento de que é preciso desarticular o poder dos traficantes de drogas é utilizado para legitimar o processo de militarização nas comunidades. Contudo, Daiene relata que a polícia, em alguns casos, não necessariamente entra em conflito com o crime

organizado, mas estabelece uma relação complexa que alterna convivência e indiferença, fazendo com que os agentes de segurança pública e os traficantes, muitas vezes, convivam lado a lado. Além disso, a jornalista comunitária acrescenta que essa guerra não é contra as drogas e sim contra os grupos sociais mais pobres, os quais foram reprimidos pela militarização nas ruas e tornaram-se vítimas de conflitos armados diários.

(DM): **Com os confrontos entre a polícia e os traficantes de drogas cada vez mais frequentes** nos dias de hoje, o telejornal anunciou que **durante as Olimpíadas o exército brasileiro ocupará algumas favelas**. (12/07/2016)

(DM): **A dinâmica do relacionamento entre gangues e policiais é difícil de entender**. Por um tempo, pode haver paz. **Isso não significa que não haja traficantes, drogas ou policiais**. Pelo contrário, **os dois lados convivem em um tipo estranho de “harmonia”**. Às vezes, **eles estão a poucos metros um do outro**. (12/07/2016)

(DM): Eu acho que a **“guerra às drogas” legitima a violência** nas favelas. (12/07/2016)

(DM): **O Brasil está em guerra**, dizem alguns. **Uma guerra contra os pobres, justificada pelas drogas**. Uma guerra que **justifica**, para muitos (**mas não para mim**) **a presença do exército brasileiro nas ruas da cidade**. A beleza das paisagens naturais do Rio contrasta com **o conflito de nossas vidas diárias, militarizado pelo governo**. (19/08/2017)

Como consequência do período de militarização das favelas cariocas, estabeleceu-se uma espécie de cultura do medo nessas localidades, motivada essencialmente pela forte repressão a qualquer forma de oposição e do constante controle da rotina dos moradores. Os autores relatam sucessivas tentativas de censura ao trabalho dos jornalistas comunitários, que se sentiam ameaçados a todo momento pela polícia. Esse processo chega a ser comparado com a época da ditadura militar no Brasil, período político marcado pela restrição das liberdades individuais, pelo autoritarismo e pelo uso da violência como forma de controle social.

(DM): Os moradores fizeram uma manifestação. **A polícia tirou fotos com o celular de quem participou**. Eu acho que **eles podem ter clicado em mim**. (30/03/2016)

(DM): Somos traficantes de cultura e informação, talvez por isso **essa perseguição declarada, a sede de “vingança” que parte de alguns policiais que nos apontam, falam o nosso nome e ostentam suas armas**. (12/07/2016)

(DM): Menos de um mês atrás, **jornalistas comunitários foram atacados e presos enquanto cobriam uma operação policial**. (27/12/2016)

(MS): **A polícia usa gás lacrimogêneo, spray de pimenta e tiros de fuzil para reprimir a manifestação**. (14/12/2015)

(TC): **Como na ditadura no Brasil, os militares continuam a controlar a vida cotidiana nas favelas**. (05/08/2015)

(TC): [...] **Fotógrafos e jornalistas locais, muitas vezes, são impedidos de retratar sua realidade**. (05/08/2015)

(TC): **Deveríamos ter a liberdade de sermos nós mesmos sem que as autoridades reprimissem e monitorassem nossos movimentos**. (14/12/2015)

(TC): **“Tem policiais com capuz aqui”**. Ela disse assustada. **Passei o resto do tempo com medo de que algo pudesse acontecer com minha família e amigos. Tive vontade de chorar**. (02/08/2016)

Além disso, há críticas com relação à tentativa da polícia militar de exercer as funções antes desempenhadas pelo crime organizado nas favelas, como serviços sociais voltados ao atendimento das necessidades locais. Na visão dos jornalistas comunitários, essas ações não são avaliadas de forma positiva, já que o papel da polícia deveria ser garantir a segurança e não fazer assistencialismo. Para eles, a polícia prefere criar novos projetos em vez de apoiar as iniciativas já existentes nas favelas como forma de melhorar sua imagem diante dos moradores.

(DM): À noite, a polícia distribui cestas de necessidades básicas no bairro do Alvorada. É **uma tentativa de conquistar os moradores. As gangues costumavam fornecer esse serviço e agora a polícia assumiu a tarefa.** (14/12/2015*)

(MS): **O papel da polícia não deveria ser trabalho social, deveria ser trabalho policial. O estado deve apoiar organizações como esta** em vez de abrir novos cursos fornecidos pela polícia. (14/12/2015)

Diante da avaliação negativa da presença da polícia militar nas comunidades cariocas, fica clara na fala desses jornalistas comunitários a falta de credibilidade dos agentes de segurança pública, uma vez que são considerados os próprios causadores da violência nessas localidades. Assim, não podem ser vistos como a solução para um problema que eles mesmos provocam. Devido aos casos de autoritarismo e truculência, a polícia perdeu a legitimidade diante dos moradores, colocando em xeque a crença de que as UPPs trariam resultados positivos às favelas cariocas. Logo, são com olhos de desconfiança que esses agentes públicos são vistos pela população local.

(DM): **A polícia não pode ser a solução** para conflitos onde **eles mesmos são um dos protagonistas.** As pessoas não entendem ou aceitam **essa maneira de impor a ordem** porque **a polícia não tem legitimidade.** (30/03/2016)

(MS): Mas agora **é difícil para os moradores confiarem na polícia.** Houve **inúmeros episódios de violência policial [...].** (14/12/2015)

(MS): Alegações como essa ajudam a explicar por que **a polícia do Rio de Janeiro perdeu credibilidade com a população.** (30/03/2016)

(MS): **Os moradores não acreditam mais no projeto da UPP.** (19/08/2017)

(TC): Nossa comunidade tem **pouca confiança em uniformes.** (30/03/2016)

O programa de pacificação das favelas cariocas é representado como um fracasso, marcado pelo desrespeito aos moradores, vistos como alvos das operações. O policiamento mostrou-se ineficiente, fazendo com que os agentes perdessem o controle em diversos momentos e permanecessem passivos quando precisavam garantir a proteção da população. Em outras palavras, o crime organizado seguiu controlando a vida dos moradores e interferindo no

cotidiano das favelas. Na visão dos autores, esse resultado é fruto de políticas públicas inadequadas, já que a criação das UPPs não foi acompanhada de projetos sociais. Dessa forma, diante da falta de propósito do projeto, não houve mudanças concretas para as comunidades. Em vez de investir em políticas públicas eficientes e duradouras, o governo optou por gastar milhões de reais para levar ainda mais violência a esses locais. Além disso, Michel aponta que o programa das UPPs não foi implementado em todas as comunidades, mas apenas em áreas olímpicas e de interesse imobiliário. Isso significa que foi uma política pública utilizada para atender interesses privados, fazendo com que a violência não fosse reprimida, mas apenas empurrada para as áreas mais pobres da cidade.

(DM): O **projeto da UPP** que prometia a pacificação do Complexo do Alemão **não funcionou para os moradores das favelas.** (02/08/2016)

(DM): **A UPP não deu certo** por aqui. Queremos policiamento sim, mas **um policiamento que não nos veja como alvo**, mas **uma polícia que antes de tudo nos respeite como cidadão.** (02/08/2016)

(MS): A Rocinha é um dos 38 lugares onde **as unidades de pacificação da polícia perderam o controle.** Na maioria deles, **houve violência** nos últimos meses. O crescente conflito é **resultado de políticas públicas inadequadas para o desenvolvimento social.** (30/03/2016)

(MS): Casos como este mostram que **a política de pacificação está esgotada. Precisamos desmilitarizar a polícia paramilitar e fazer com que o governo estadual assuma maior responsabilidade social.** (30/03/2016)

(MS): [...] **O governo não tem verba para instalar UPPs em todas as favelas do Rio e tende a priorizar as áreas perto de grandes eventos e de forte especulação imobiliária em áreas ricas. A violência é empurrada às áreas mais pobres.** (02/08/2016)

(TC): No ano passado, **o governo gastou 1,7 milhão de reais por dia em segurança na Maré, mas não vejo mudanças. A violência não diminuiu, nem os conflitos. O estado deveria se aproximar dos moradores, mas isso não aconteceu. Parece não haver propósito** para tudo o que aconteceu. (14/12/2015)

(TC): **Essa ação custou R\$ 600 milhões, mais do que o valor investido em programas sociais na Maré ao longo de sete anos.** (19/08/2017)

(TC): É exatamente aí que **os carros de patrulha da polícia militar** costumam estacionar, mas **não fazem nada.** (30/03/2016)

Daiene relata que a única forma de seguir em frente é acreditando que a polícia militar e o Exército serão retirados em breve das favelas cariocas. Essa esperança motiva os moradores a continuarem suas vidas e a lutarem por dias de paz, mesmo em meio a tanto sofrimento e violência. Para as comunidades, o desejo é que as Olimpíadas terminem logo para que possam retomar suas vidas longe da ação repressiva e truculenta da polícia. Desse modo, de acordo com o discurso da série, o programa de pacificação das favelas trouxe como resultado exatamente o oposto do que propunha: em vez de paz, instaurou uma verdadeira guerra, deixando os moradores em meio ao fogo cruzado.

(DM): [...] as pessoas levam **essa ideia como esperança** - talvez essa ideia e hipótese seja a **motivação pra seguir em frente diante de tantas histórias de dor**. (02/08/2016)

(DM): **Espero que os Jogos Olímpicos acabem logo**. Porque **de legado, eu só vejo repressão, militarização e guerra. Está na hora de acabar**. (02/08/2016)

Para finalizar, a formação discursiva de militarização possibilita a reflexão sobre o tratamento que as favelas cariocas receberam do Estado ao longo de sua existência. Ao longo de décadas, diante do abandono do poder público, as leis paralelas do crime organizado regularam a vida dos moradores. Com a aproximação dos megaeventos esportivos, o Estado, de fato, passou a se fazer presente nas comunidades. Contudo, essa participação se deu por meio das forças armadas da polícia e não por meio de políticas públicas efetivas e duradouras. Desse modo, o interesse do poder público, além de pontual e restrito, deixou como legado repressão, violência e militarização. A resposta do Estado demonstra que não havia interesse em promover a segurança dos moradores, mas sim em encontrar uma solução superficial e temporária que assegurasse uma imagem positiva da cidade aos olhos do mundo todo, mesmo que essa ilusão fosse construída às custas da coação truculenta e do sofrimento das camadas mais pobres da população.

Assim, depois de anos de abandono, a solução encontrada pelo Estado para diminuir a violência nessas áreas foi o controle armado, autoritário e violento das forças policiais, um modo de imposição da ordem que fez com que o medo e a insegurança se tornassem uma realidade diária. Essa estratégia evidencia uma postura desigual, preconceituosa e desumana do poder público no atendimento das necessidades das minorias sociais, pois, em vez de realizar investimentos em áreas básicas, como saúde e educação, o governo preferiu enquadrar esses grupos sociais como alvos a serem combatidos, como se fossem os culpados e não as vítimas das condições precárias em que vivem. Desse modo, durante a preparação para as Olimpíadas, a intenção não foi atender a demanda social por mais segurança e colocar um fim à violência, mas fazer uso da força policial para empurrá-la para as regiões mais pobres, acentuando ainda mais a exclusão social por meio de um processo de assepsia urbana que privilegiou as áreas mais ricas da cidade.

No próximo tópico, descreveremos a região de sentidos denominada de resistência, que apresentou o terceiro maior número de sequências discursivas mapeadas no discurso da série, totalizando 20,2%. Esse núcleo de sentido demonstra que os moradores das favelas cariocas não permaneceram passivos diante do processo de militarização nem deixaram de se manifestar contrariamente ao descaso do poder público e da mídia.

5.1.3 Resistência

A formação discursiva de resistência diz respeito à postura ativa dos moradores de favelas cariocas no enfrentamento das adversidades vivenciadas durante o período de preparação para as Olimpíadas, além de evidenciar um forte sentimento de solidariedade entre esses sujeitos como forma de suprir a ausência e a ineficiência do poder público. Por meio de iniciativas próprias, buscam contornar a situação de abandono em que se encontram, desenvolvendo projetos sociais voluntários que buscam transformar a realidade de suas comunidades. Cada morador sabe que precisa fazer a sua parte, contribuindo para o bem-estar coletivo, já que não podem esperar que sejam vistos pelo poder público. Dessa forma, a união parece ser uma forma de minimizar os impactos de sua invisibilidade, ajudando-se mutuamente a fim de atenuar a situação de marginalização social que compartilham. Além disso, o orgulho de pertencerem a suas comunidades é uma forma de combater o preconceito e a segregação social, valorizando o local onde nasceram e lutando para que sua existência seja reconhecida.

(DM): **Todos trabalham juntos de graça. O pagamento vem da alegria, da boa recepção e dos sorrisos das pessoas** que alcançamos. (30/03/2016)

(DM): É um lugar onde centenas de crianças costumavam praticar esportes, artes marciais, boxe e outras atividades - **todas oferecidas gratuitamente por residentes e professores locais**. (30/03/2016)

(MS): Muitas vezes, **a comunidade preenche a lacuna deixada pelos serviços sociais. Se esperássemos pelas autoridades, levaria muito tempo** por causa da burocracia envolvida. **É mais fácil pedir uma doação aqui e outra ali** até que a vida volte gradualmente ao normal. (30/03/2016)

(MS): Segundo moradores, **Carlos foi desentupir um bueiro** e foi sugado pela correnteza de água e detritos. [...] **Morreu tentando ajudar a comunidade** como sempre fez. (12/07/2016)

(TC): **Amo a minha favela** e vim a perceber que **cada um de nós tem um papel na proteção da nossa comunidade. Se não fizermos isso, mais ninguém vai**. (05/08/2015)

(TC): Em vez disso, **os moradores tomaram a iniciativa de melhorar suas vidas**, doando alimentos e roupas, e realizando exposições de filmes e atividades religiosas. (14/12/2015)

A lacuna deixada pelo poder público fez com que essas comunidades aprendessem a ser autossuficientes, funcionando de forma autônoma, já que não podem contar com a polícia ou com o auxílio do poder público. Assim, os moradores criaram seus próprios métodos de julgamento e punição, mediando possíveis divergências internamente. O crime organizado, como consequência, também passou a impor códigos implícitos de convivência, intervindo na configuração das relações sociais. Dessa forma, gangues de traficantes de drogas, muitas vezes, tomam o lugar do poder público nessas localidades, aplicando suas próprias sentenças. Embora apresente contornos negativos nesses casos, a capacidade de autogestão das favelas também é

uma forma de resistência, obrigatoriamente desenvolvida diante da situação de marginalização social em que se encontram.

(DM): Em vez disso, **as pessoas aprenderam a conviver com regras não escritas - nós apenas nos damos bem.** (14/12/2015)

(MS): **É comum os moradores aplicarem suas próprias punições.** Parece que existe **uma cultura da intolerância** para esses casos. Isso é **um reflexo de ausência da polícia por muito tempo.** Assim como o tráfico, **os moradores mediam os próprios conflitos.** [...] Casos como estupros ou violência doméstica **continuam sendo “julgados” pelos próprios moradores.**

(MS): Historicamente, se uma pessoa for pega cometendo algum delito dentro de uma favela, **ela pode ser julgada pelo tráfico de drogas.** (19/08/2017)

(TC): Nós gostaríamos de receber financiamento, mas **não precisamos dele para nossas festas funcionarem.** (19/08/2017)

Os autores da série relatam a existência de um estado de alerta coletivo diante dos casos de violência policial nas comunidades. Nesse processo, as redes sociais se constituíram como principais aliadas na construção de uma rede de apoio entre os moradores, contribuindo para o compartilhamento de informações atualizadas sobre situações de perigo nas ruas. Dessa forma, esses grupos sociais encontraram em canais alternativos uma forma de amplificar sua voz, denunciando ativamente as atrocidades cometidas pela mão armada da polícia na tentativa de chamar a atenção da sociedade. Além disso, diante da falta de investimento em políticas públicas, a Internet foi utilizada como fonte de financiamento para viabilizar iniciativas que visavam contribuir para o desenvolvimento local.

(DM): **Os moradores compartilham informações sobre o que está acontecendo** por meio de grupos no serviço de mensagens instantâneas WhatsApp, **para que saibam se é seguro deixar suas casas.** (14/12/2015*)

(DM): **Temos que ficar alertas e nos manter conectados.** (14/12/2015*)

(MS): No entanto, graças aos smartphones e acesso à internet, **os moradores estão filmando os tiroteios e publicando as imagens nas redes sociais.** É uma **tentativa de chamar a atenção da sociedade para a violência nas favelas** do Rio de Janeiro. (14/12/2015)

(MS): Ultimamente **moradoras estão relatando casos de tentativas de estupros através da rede social Facebook.** (02/08/2016)

(TC): Pezão não fala nada sobre a UPP, embora **moradores do bairro Parque União relatem na internet que a polícia está mais uma vez atirando nas ruas sem respeito ou pena dos moradores.** (14/12/2015)

(TC): O Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré (CEASM) **lançou uma campanha online para arrecadar fundos** para projetos sociais. **O CEASM já criou grandes oportunidades para a população local.** [...] **O apoio financeiro on-line é novo** para aqueles que trabalham em favelas e **uma das poucas maneiras de sustentar projetos sociais** em um clima econômico difícil. (30/03/2016)

Nos relatos da série, fica clara a postura ativa dos moradores de favelas a fim de viabilizar estratégias e projetos que possibilitem maior participação nas tomadas de decisão, o

que evidencia o anseio por mais espaço no debate público. Esses grupos sociais lutam para que possam ser ouvidos na elaboração de políticas públicas, dando suas próprias contribuições para a melhoria das condições de vida nos locais onde vivem. Nesse processo, o jornalismo comunitário aparece como uma das principais formas de resistência às sucessivas tentativas de silenciamento, tornando-se uma arma fundamental na luta contra-hegemônica e uma ferramenta pedagógica na desconstrução de estereótipos. Dessa forma, a narrativa se constitui em um meio democrático de inclusão social ao dar vazão às perspectivas das minorias.

(DM): **Nossa arma é a narrativa, nossa luta é pelo direito de viver a RUA e pela possibilidade de conviver sem tiroteios diários, sem o terror da polícia e sem medo do tráfico.** (12/07/2016)

(DM): **Jovens de diferentes favelas estão agora se unindo para pensar em estratégias** que, esperamos, possam **alimentar políticas públicas sobre drogas no Brasil.** (19/08/2017)

(DM): **O movimento [...] foi criado porque não é possível lidar com a questão das drogas sem a contribuição daqueles que vivem com as consequências de políticas fracassadas.** (19/08/2017)

(MS): Hoje saiu um artigo ótimo sobre isso **por um morador da Rocinha e jornalista Davison Coutinho, que reclamou sobre as obras do PAC estarem paradas, os cortes a programas sociais e de educação, e o aumento do desemprego e da violência. “As favelas estão esquecidas”, denuncia ele.** (02/08/2016)

(TC): No próximo ano, **quero mostrar a realidade da vida em uma favela.** Além de **buscar soluções para os problemas,** espero que **a escrita possa educar** as pessoas e **desconstruir alguns dos estereótipos de pessoas pobres e negras** que vivem na periferia. (05/08/2015)

(TC): Mas **o povo tem voz** e agora, **graças ao jornalismo comunitário, está contando o outro lado da história.** (12/07/2016)

A resistência também apareceu nos relatos na forma de protestos e greves, evidenciando a revolta popular diante das atrocidades da polícia e da impunidade na responsabilização dos culpados por crimes cometidos nas comunidades. A série de mobilizações também demonstra a insatisfação popular com as inúmeras transformações urbanas colocadas em prática, as quais geraram impactos negativos especialmente aos moradores de favelas. Essa postura explícita que esses grupos sociais não assistiram à repressão policial e ao descaso do poder público de forma passiva, mas foram para as ruas na tentativa de pressionar as autoridades para que fossem vistos e ouvidos. Como exemplo, Michel Silva pontua que os moradores da Rocinha não ficaram calados diante da tentativa de exclusão da favela na nomeação da nova estação de metrô da cidade, batizada no projeto inicial como Estação São Conrado, em alusão a um dos bairros mais nobres da cidade. As Olimpíadas parecem ter, assim, fortalecido a postura já combativa dessas comunidades e estimulado novas lutas por visibilidade e reconhecimento, o que demonstra que a força das comunidades se intensificou ainda mais diante das sucessivas tentativas de maquiagem urbana e assepsia social nesse período.

(DM): **Moradores protestam.** É difícil saber como agir quando coisas assim acontecem. (14/12/2015*)

(DM): Um ano depois, **centenas de pessoas se reuniram** no beco onde Eduardo foi assassinado **para pressionar as autoridades para que os responsáveis sejam punidos.** (12/07/2016)

(MS): **Moradores indignados bloqueiam uma rodovia em protesto** e o comandante da UPP pede reforço para controlar a situação. (14/12/2015)

(MS): Existe uma cidade dividida, que muitas pessoas ignoram, apesar do fato de que **movimentos sociais lutam há anos para mostrar que a favela é também a cidade.** (12/07/2016)

(MS): Essa nomeação gerou **uma onda de críticas porque ignorava a existência da favela e agora há uma proposta para mudar o nome da estação para ‘Rocinha’.** (12/07/2016)

(TC): Isso está criando uma **insatisfação crescente que pode levar aos poucos a uma revolta popular.** (05/08/2015)

(TC): **Os professores estão em greve** por causa do baixo salário. Após meses sem aulas, **estudantes ocuparam mais de 30 escolas públicas** para reivindicar uma educação de qualidade. [...] (12/07/2016)

(TC): **A favela existe. Essa maquiagem não vai impedir de mostrarmos a nossa força, potência e cultura.** (02/08/2016)

Em algumas sequências, é possível visualizar a oposição clara dos jornalistas comunitários aos impactos das construções olímpicas, demonstrando que, de maneira geral, não eram favoráveis ao megaevento esportivo. Na visão dos autores, o momento deveria ser destinado para reorganizar internamente o país e não para desfalcar ainda mais os cofres públicos com um novo megaevento. Em vez de gastos com as Olimpíadas, esses grupos sociais lutavam por investimentos em políticas públicas que melhorassem seu acesso à saúde e à educação.

(MS): **Muitos moradores se opõem ao teleférico** porque isso **fará com que as casas sejam realocadas e provavelmente será caro.** (05/08/2015)

(MS): O Rio de Janeiro **não está preparado para outro “megaevento”.** Agora é a **hora de colocarmos a nossa casa em ordem.** (05/08/2015)

(MS): A **palavra de ordem no Rio** agora é: **“Das olimpíadas eu abro mão, eu quero mais dinheiro pra saúde e educação”.** (12/07/2016)

Nesse período, o papel dos conselhos municipais e das associações de moradores mostrou-se fundamental na luta por mais respeito, dignidade e reconhecimento. As lideranças comunitárias se mobilizaram para que os moradores de favelas tivessem seus direitos garantidos e para que suas demandas fossem contempladas pelo poder público, solicitando, por exemplo, o treinamento dos agentes responsáveis pela exploração turística das favelas e o pagamento de indenizações justas às famílias removidas de suas casas. Essas entidades locais criticaram a superficialidade e ineficiência das propostas do governo, as quais desconsideravam demandas urgentes e históricas das comunidades. Além disso, lutaram por justiça por meio de vias legais,

processando as construtoras envolvidas em casos de corrupção e pressionando pela investigação das ações policiais nas favelas. Em alguns casos, conseguiram resultados positivos, contendo parcialmente, por exemplo, o autoritarismo da polícia nessas regiões, o que demonstra o poder da união das favelas frente às sucessivas tentativas de repressão violenta e controle social.

(MS): **Uma moção para reformar as “viagens de safári” pelas favelas foi apresentada** hoje ao governo municipal **pelo conselheiro Célio Lupparelli. [...] Lupparelli quer que a Prefeitura desenvolva cursos de treinamento que adotem o ponto de vista da comunidade.** (30/03/2016)

(MS): A sempre contenciosa questão da regularização fundiária **foi discutida hoje pelas associações de moradores [...].** Se o governo quer fazer algum trabalho em suas terras, então **eles têm que negociar e pagar um valor decente.** Basicamente, o que **os moradores das favelas querem são os mesmos direitos que as pessoas no asfalto [...].** (30/03/2016)

(MS): **Algumas lideranças comunitárias criticam o projeto,** dizendo que não adianta ficar recolhendo lixo quando a Rocinha precisa de obras de saneamento básico essenciais para a melhoria na qualidade de vida dos moradores. (12/07/2016)

(MS): Por conta do atraso, **os moradores da Rocinha decidiram processar as construtoras do PAC 1** por suspeitas de corrupção. (29/12/2016)

(TC): **Instituições e associações de moradores aqui da Maré abriram um inquérito para investigar essas operações policiais** que tem acontecido aqui e **pedir que parem. Pela primeira vez, a juíza aceitou o pedido.** Todos os representantes desses batalhões **vão ser ouvidos e vão ter que se explicar. [...]** Também **foi proibido revistar as nossas casas durante a noite.** (02/08/2016)

Os jornalistas comunitários também ressaltam a postura crítica dos moradores das favelas frente às propostas elaboradas pelo poder público, mostrando que existe um posicionamento claro e consistente desses grupos sociais com relação ao modo como suas demandas devem ser atendidas. Fica evidente ainda a consciência política desses sujeitos diante das mudanças vivenciadas no governo brasileiro nesse período, revoltando-se, por exemplo, contra os casos de corrupção envolvendo agentes públicos e contra o processo de *impeachment* da então presidente Dilma Rousseff. No entanto, Thaís mostra que os moradores do Complexo da Maré não são partidariamente alienados, já que não foram às ruas em defesa da permanência do governo, pois lembram que a presidente autorizou o envio das forças militares às favelas. Por fim, sabem que a resistência também passa pela representatividade política, comemorando a eleição da primeira moradora da favela como vereadora do Rio de Janeiro.

(MS): A maioria da população **rejeita a proposta** do governador. Os moradores das favelas do Rio **lutaram por saneamento básico por mais de 50 anos. A privatização** desses serviços **não é a solução** porque os custos sobem. (30/03/2016)

(MS): Apesar de Lula e Dilma terem realizado diversos investimentos nas favelas do Rio, **a população critica a corrupção no país.** (12/07/2016)

(MS): **Um grupo de moradores da Rocinha se organiza para participar de uma manifestação e um baile funk contrários ao impeachment** da presidente Dilma Rousseff. (12/07/2016)

(TC): Protestos rolaram por todo o país, mas a **Maré não levantou a voz**. Nós também **não esquecemos que a presidente aprovou a ideia de ocupação militar em 2014 em todas as Favelas da Maré**. (12/07/2016)

(TC): Tivemos **uma vitória necessária e simbólica na política**. **Pela primeira vez, uma pessoa da Maré foi eleita ao cargo de vereador**. [...] (28/12/2016)

Após a realização das Olimpíadas, a resistência fica evidenciada na capacidade de reinvenção das comunidades, as quais buscam por meio da criatividade sobreviver em meio à crise política, econômica e social que se instaurou no país. O empreendedorismo surge como alternativa de sustento, sendo tema de diversos projetos que visam capacitar os moradores para que possam suprir suas necessidades por meio de negócios próprios. Os jornalistas comunitários destacam a importância dos empreendimentos locais para o desenvolvimento da economia e para a geração de empregos, tornando-se caminhos possíveis frente à falta de oportunidades no mercado e de políticas públicas de geração de renda. Em outras palavras, frente ao descaso do Estado, a inovação surge como uma ferramenta necessária para garantir a sobrevivência. Thaís reconhece ainda a favela enquanto potência econômica, formada por milhões de brasileiros, esquecidos pelo governo, mas em luta permanente para serem lembrados, respeitados e reconhecidos enquanto cidadãos que também merecem o direito de terem acesso a uma vida digna.

(TC): Um ano depois de grandes olhares para a “cidade maravilhosa”, **estamos nos reinventando em meio à crise na economia, violência e poder popular**. (19/08/2017)

(TC): Para mudar isso, **projetos como a Maré de Sabores oferecem oficinas de incentivo ao empoderamento das mulheres e capacitação dos moradores da Maré em empreendedorismo social**. (19/08/2017)

(TC): É bom ver como **o desenvolvimento local nos territórios populares consegue movimentar a economia**. Só na Maré, **os empreendimentos são responsáveis pela geração de mais de 9 mil empregos**, segundo publicação do Censo de Empreendimentos da Maré em 2014. O que **não supre todas as necessidades, mas se transforma numa ferramenta importante de inovação e reinvenção**. (19/08/2017)

(TC): Aqui, **o empreendedorismo é isso: criar um serviço a partir da necessidade e do conhecimento autodidata**. Seja como costureira, sapateiro, cozinheira, vendedor ou qualquer outro profissional. (19/08/2017)

(TC): No meio disso tudo, ainda percebo como **somos parte importante da potência econômica e social**. **Somos mais de 11 milhões de favelados pelo Brasil, lutando pela vida enquanto buscamos a paz**. (19/08/2017)

Por fim, a resistência está em seguir a rotina extenuante agravada pela desigualdade social e pela falta de segurança. Para os autores da série, os verdadeiros campeões são os moradores das comunidades, que sobrevivem diariamente aos impactos de sua invisibilidade social, movidos pela esperança de que um dia possam viver em uma cidade mais inclusiva e diversa. A resistência está, assim, na capacidade de persistir diariamente na luta pela vida,

vencendo mesmo diante do descaso do poder público e do preconceito da sociedade. Sucumbir ao cenário de marginalização social não é uma alternativa. Em vez de desistir, resistem através da ocupação dos espaços públicos, de intervenções culturais e de debates na rua, tendo na articulação popular uma aliada potente na batalha pela vida.

(DM): Ainda assim, **somos campeões**. Persistimos **acordando às 6h da manhã, com ou sem tiroteio, seguindo em alerta o caminho para pegar o ônibus lotado**, chegar ao trabalho e **ser cobrado da necessidade de chegar no horário e de produzir além do necessário**. (27/12/2016)

(DM): **Seguimos vencedores**, por sair do trabalho e **enfrentar horas de engarrafamento**, chegar na faculdade e **lutar consigo mesmo, pela concentração necessária para seguir o período, o ano, o dia**. **Seguimos vencendo por acreditar que será possível, um novo modelo de cidade que contemple os mais pobres e que respeite a diversidade**, apesar do cenário nos mostrar completamente o contrário. (27/12/2016)

(DM): [...] **Se há um povo a quem se deve o “mérito da vitória” é o povo favelado. Vencemos todos os dias. Venceremos**. (27/12/2016)

(TC): Esta é uma área que foi tomada pelos militares, mas **hoje nós a ocupamos com dança e festividade**. [...] A polícia colocou seus carros blindados lá, mas **nós fazemos baile funk e vamos brincar nos parques de diversão próximos e nas pistas de skate**. Eu acho que é **importante ocupar essas áreas como uma forma de resistência**. (30/03/2016).

(TC): O que mais me surpreendeu em 2016 foi **a população continuar acreditando e buscando formas de passar pelas crises e pelos megaeventos que provocam parte delas. Os protestos, intervenções culturais, ocupações, petições online, cursos e debates na rua mostram como a articulação do povo é uma arma que não mata**. (28/12/2016)

Para finalizar, é preciso destacar que o núcleo de sentido de resistência representa o único impacto parcialmente positivo das Olimpíadas Rio 2016 mapeado no discurso da série, já que demonstra a capacidade de mobilização e de enfrentamento dos moradores de favelas cariocas frente ao descaso do poder público e à violência da polícia militar. A postura ativa das favelas vai ao encontro do que Hall (2003) afirmou sobre a cultura popular: não há espaço apenas para submissão, mas também existem movimentos de contestação e de intervenção social. Da mesma forma, é possível fazer uma associação com o conceito de hegemonia defendido por Williams (1979), que a compreende não como uma dominação absoluta e total, mas como um processo instável que sofre pressões e ameaças constantes de forças contraditórias e alternativas.

É interessante observar ainda que essa formação discursiva é a única que não advém de agentes externos à comunidade, como do poder público, da mídia ou da polícia, mas emerge das próprias forças internas da favela, dado que a resistência vem do povo, isto é, da união dos moradores de favelas na luta por melhores condições de vida. No entanto, é preciso complexificar a análise sobre o sentido de resistência para evitar apologias reducionistas e enxergar suas raízes mais profundas: se existe a necessidade de exercer resistência, é porque há

um processo opressor que nega a existência dessas comunidades. Portanto, essa formação discursiva também perpassa um sentido negativo, uma vez que evidencia, no fundo, a cruel realidade vivida pelas favelas cariocas: resistir não é uma opção, mas uma necessidade para garantir a sobrevivência em um contexto em que o Estado não se faz presente. Dessa forma, a postura combativa e o espírito de solidariedade, embora sinalizem a capacidade de articulação popular frente às desigualdades sociais, também são o reflexo do estado de desamparo em que se encontram as minorias sociais no país.

No próximo tópico, iremos descrever a quarta formação discursiva relacionada aos impactos das Olimpíadas Rio 2016 no discurso da série, a qual representa 16,5% das sequências discursivas recortadas para análise. A região de sentidos denominada de banalização da violência demonstra o resultado do descaso do Estado e da ação repressiva da polícia militar nas favelas cariocas, o que fez com que a violência se tornasse parte da realidade cotidiana dos moradores dessas localidades.

5.1.4 Banalização da violência

A formação discursiva de banalização da violência está associada à naturalização dos casos de violência no cotidiano das favelas cariocas, passando a integrar a rotina dos moradores dessas localidades. Os autores da série revelam que ela se tornou onipresente nas comunidades, podendo acontecer em qualquer lugar e em qualquer horário do dia, sem aviso prévio. A violência invade a privacidade dos moradores, fazendo com que os tiroteios ecoem nas paredes de suas próprias casas. Em diversos momentos, os jornalistas comunitários afirmam ter sido acordados ao som de tiros e helicópteros da polícia militar no meio da madrugada, um despertador cruel que interrompe o sono para lembrar que mais um dia de violência está por vir. A realização de operações policiais durante a madrugada evidencia o desrespeito com esses grupos sociais, já que não podem se sentir seguros e gozar de um sono tranquilo nem mesmo no local onde moram.

(DM): No início desta semana, **fui acordado às 4 da manhã com o som de tiros** fora da minha casa. (14/12/2015)

(DM): **Fui forçada a despertar às 7h da manhã com o barulho de tiros bem perto daqui. O barulho ecoa dentro da minha pequena casa.** (02/08/2016)

(TC): **As favelas do Parque União e Nova Holanda, no complexo da Maré, são acordadas às 6h da manhã por helicópteros da polícia que zumbem perto de nossas casas.** (14/12/2015)

(TC): **Mais uma vez, somos acordados por helicópteros.** [...] Para nós, isso significa **mais um dia de ruptura e violência.** (14/12/2015)

(TC): Eu estava esperando por um começo quente e pacífico para o carnaval, mas começou com **uma operação policial barulhenta às 6 da manhã. Por vários dias seguidos, acordamos ao som de helicópteros da polícia zunindo no alto.** (30/03/2016)

(TC): **Dormi ouvindo tiros e acordei com eles. Está virando rotina mais do que nunca.** (02/08/2016)

A realidade da violência torna-se tão comum na rotina dos moradores que pode acontecer em momentos corriqueiros, como na hora de levar as crianças para a escola ou de ir para o trabalho, deixando-os totalmente desprevenidos em meio aos conflitos. Isso significa que a sensação de insegurança e apreensão é permanente, pois os casos de violência não acontecem de forma isolada e eventual, mas atingem continuamente esses sujeitos em suas atividades diárias.

(DM): É o pior momento possível, **ocorrendo exatamente quando os residentes estão indo para o trabalho e para a escola** (14/12/2015*).

(DM): **Fazemos isso diariamente** e é muito importante: **não há aviso prévio de operações policiais ou tiroteios** entre policiais e gangsters. (14/12/2015*)

(DM): São apenas 11h da manhã, **daqui a pouco as crianças saem da escola. Vejo pais seguindo em direção às escolas** com o objetivo de levar seus filhos para casa. Mas durante o trajeto, **os olhares se transformam em apreensão com o barulho de um tiroteio intenso.** (02/08/2016)

(TC): A opressão do Estado **não tem mais hora pra chegar** [...]. (12/07/2016)

(TC): **A violência na favela foi banalizada.** (12/07/2016)

A violência interfere diretamente no dia a dia das favelas, alterando a rotina dos moradores e criando um clima de tensão permanente. Os autores da série revelam que, em alguns dias, o comércio precisa ser fechado devido aos conflitos, obrigando os comerciantes a interromperem seus negócios. Creches, escolas e centros de saúde também precisam suspender as atividades em dias de tiroteio intenso, já que a polícia é incapaz de garantir a segurança. Thaís relata ainda que a violência chegou a afetar seu acesso ao telefone e à Internet, reduzindo seus canais de comunicação. Além disso, com medo do perigo nas ruas, os moradores optaram por não promover um evento cultural na comunidade. No entanto, o que mais chama a atenção é o fato de a violência impactar em um dos direitos mais básicos dos cidadãos: o de ir e vir. Em diversos relatos, os jornalistas comunitários revelam a dificuldade ou, até mesmo, a impossibilidade de conseguirem chegar em suas casas. Assim, a trivialidade de sair para trabalhar ou estudar e retornar no fim do dia é interrompida pela ameaça de mais um conflito entre traficantes e a polícia, o que faz dos moradores potenciais vítimas, já que ficam, sem qualquer aviso prévio e proteção, em meio ao fogo cruzado. A iminência de novos conflitos faz com que as ruas da favela fiquem desertas, um silêncio que não significa paz, mas é reflexo do

medo da violência, deixando os moradores prisioneiros em suas casas e reféns de uma guerra que não tem prazo para acabar.

(DM): **A gangue insiste que todas as lojas fechem para lamentar o morto. A polícia é incapaz de garantir a segurança dos comerciantes**, de modo que **todos os negócios são interrompidos** durante um período de luto involuntário. (14/12/2015*)

(DM): Ontem à noite, **houve um tiroteio tão feroz que eu não pude ir para casa**. (12/07/2016)

(DM): Em **dias de tiroteio**, como hoje, **toda a rotina da favela muda**. Além do **clima de tensão**, **as pessoas não podem chegar em casa** e em alguns casos **as motos param de circular** porque **tudo fica mais perigoso** [...]. (02/08/2016)

(DM): Desde as Olimpíadas, **moradores do Complexo do Alemão temem organizar um evento cultural** na praça do bairro, ou de pessoas se reunindo do lado de fora, porque **um tiroteio intenso pode acontecer sem aviso prévio, sem chance de proteção** [...]. (19/08/2017)

(TC): Temendo isso, **várias escolas, centros de saúde e creches fecham suas portas** [...]. (14/12/2015)

(TC): **As escolas foram fechadas de novo. As ruas desertas. O silêncio, às vezes, não significa paz**. (02/08/2016)

(TC): **Fiquei sem internet e telefone. Sem sair de casa por alguns dias**. Operações policiais, pessoas mortas e baleadas. (28/12/2016)

A violência chega a alcançar os moradores em um local que deveria ser sinônimo de proteção e abrigo: mesmo quando estão em suas casas, tornam-se alvos de tiroteios, o que demonstra que não há local seguro para se protegerem nem possibilidade de se defenderem de conflitos que surpreendem a todo momento. Nesse cenário, todos se tornam vítimas em potencial. Diversos casos são relatados de moradores atingidos por balas perdidas ao realizarem atividades corriqueiras, como caminhar na rua, buscar os filhos na escola, sair para fazer compras ou simplesmente enquanto tentam retornar para suas casas depois de um dia de trabalho. Isso demonstra que os tiroteios podem acontecer em plena luz do dia, fazendo com que o medo acompanhe os moradores permanentemente.

(DM): Eduardo Ferreira, de dez anos, foi **baleado na cabeça** em abril, **enquanto estava sentado em frente à sua casa com um telefone celular**. (14/12/2015*)

(DM): Eduardo de Jesus Ferreira tinha 10 anos quando foi **morto com um tiro de fuzil na cabeça enquanto brincava na porta de casa**. (12/07/2016)

(TC): [...] E o caso de Cláudia Silva, que foi **atingida dentro de casa enquanto olhava a janela**. (02/08/2016)

(DM): [...] Posso ver o **medo nos olhos das pessoas. Nunca se sabe quando e quem a bala perdida pode atacar**. A favela tem muitos becos, então, **cada tiro tem o potencial de encontrar alguém, sentado em casa ou andando na rua**. (02/08/2016)

(MS): Jorge Arui, um comerciante de 49 anos, **foi morto a caminho das lojas para comprar pão**. (30/03/2016)

(TC): Uma mulher de 33 anos - Cristina Ramos da Silva - é **baleada na boca a caminho de pegar seu filho na escola**. (14/12/2015)

(TC): Ele foi **baleado na cabeça no caminho para comprar uma bola de pingue-pongue**. (14/12/2015)

(TC): Carmem dos Santos, 29 anos, **foi baleada no braço enquanto voltava pra casa do hospital que trabalhava. Ainda estava de dia [...]**. (02/08/2016)

A cotidianidade da violência é reiterada na fala dos três jornalistas comunitários na série, demonstrando que os moradores estão à mercê da truculência da polícia e dos traficantes de drogas diariamente em qualquer lugar em que se encontram, ou seja, não há trégua nessa guerra travada nas ruas das favelas em meio ao trânsito diário de milhares de moradores. Michel mostra sinais de desilusão ao acreditar que a pacificação das favelas é uma meta impossível de ser concretizada. Um ponto interessante levantado por Thaís é a diferença existente entre a violência com que já estavam habituados no passado e a que precisam conviver no presente: antigamente, os conflitos também aconteciam entre gangues de traficantes de drogas, mas apenas em alguns dias; com a militarização das favelas, ela passou a se fazer presente ininterruptamente.

(DM): **O dia inteiro** e em diversas localidades quase que simultaneamente **as pessoas relatam ouvir tiros**. (02/08/2016)

(MS): A **paz** parece uma **utopia distante. A violência está em todo lugar**. (05/08/2015)

(TC): Nós já sabíamos como era viver com uma força forte em nossa favela. Mas **no passado, a preocupação só existia em certos dias – no ano passado, ela esteve lá todos os dias**. (14/12/2015)

Essa diferença entre conflitos esporádicos no passado, em que a única força existente era representada pelos traficantes de drogas, e os incontáveis confrontos diários vividos a partir da chegada das forças policiais nas favelas fica evidente nos dados trazidos pelos jornalistas comunitários. Daiene e Michel, além de relatarem casos recorrentes de violência que vitimaram moradores de suas comunidades, mostram em números o quanto os confrontos se tornaram comuns nesse período, fazendo dos tiroteios a trilha sonora de seus dias e dos assassinatos parte integrante da truculência do seu cotidiano. Já a fala de Thaís, por sua vez, expõe com mais clareza a forma cruel com que a violência é capaz de colocar um fim aos sonhos dos moradores de favelas, representados, em grande parte, por migrantes da região Nordeste do país que viam na capital carioca a possibilidade de melhorarem suas condições de vida.

(DM): **Existem vários confrontos. Um homem de 19 anos**, Patrick da Silva de Souza, **é baleado no peito e morre** no bairro de Dawn. (14/12/2015*)

(DM): **Nos últimos 48 dias, eu pude contar pelo menos 25 dias em que foi registrado algum confronto** em uma das comunidades do Alemão. (02/08/2016)

(DM): **Apenas 147 desses 365 dias terminaram sem os moradores** do Complexo do Alemão **ouvirem tiros**. Depois das promessas de esperança e do legado de paz dos Jogos, **218 dias foram acompanhados por uma trilha sonora de tiros**. (19/08/2017)

(MS): **Nos últimos cinco anos, cerca de 22 moradores morreram e 129 moradores sofreram tentativa de homicídio.** (12/07/2016)

(TC): **O ajudante de pedreiro José da Silva foi morto por bala perdida. Ele deixou condições de semi-escravidão no Nordeste em busca de uma vida melhor. Aqui, não teve tempo de realizar seus sonhos.** (02/08/2016)

A recorrência da violência no cotidiano das favelas traz consequências concretas para os moradores dessas localidades. Daiane coloca que se acostumaram, gradualmente, com o som dos tiroteios, tornando-se capazes de identificar a distância e a potência dos tiros efetuados. A jornalista comunitária coloca claramente que aprender a conviver com a violência não é algo positivo, mas uma necessidade a fim de garantirem sua sobrevivência. Como decorrência dos conflitos diários, passam a desenvolver alguns sintomas físicos e psicológicos, como se estivessem permanentemente em um estado de pânico. Até mesmo as crianças precisam ficar alertas a todo momento e aprender a fugirem de forma segura quando há algum conflito, sendo orientados pelos próprios pais sobre como devem se proteger.

(DM): Eu ouço **tiros bem próximos**. Com o tempo, **seus ouvidos se acostumam** com esse som. **O volume e a rachadura lhe dizem o quão longe você está do tiroteio e se é de uma arma poderosa. Eu prefiro não aprender** uma coisa dessas, **mas não é uma questão de escolha: é uma questão de sobrevivência.** (30/03/2016)

(DM): **Meus ouvidos estão acostumados** com isso, mas **meu coração não está. Quanto mais próximos os tiros, mais forte ele bate.** Cada vez, **os sintomas são os mesmos: coração acelerado, mãos trêmulas e frias, olhos bem abertos e todos os sentidos em alerta.** (30/03/2016)

(DM): Nos dias de hoje, **as crianças têm um olhar de medo.** Uma criança que joga depois da escola em Nova Brasília hoje **precisa ficar alerta e conhecer as rotas de fuga. Ouço os pais dizendo: “Se você ouvir tiros, corra para o bar ou deite no chão perto das mesas [...].** (19/08/2017)

Conforme apontado anteriormente na descrição da formação discursiva de militarização, a implantação das Unidades de Polícia Pacificadora não significou paz para os moradores de favelas cariocas. Nas sequências a seguir, fica evidente a guerra que se instaurou nessas localidades a partir das sucessivas operações policiais, tornando os próprios moradores alvos diretos dos conflitos. Diante da ineficiência da polícia em garantir a segurança desses grupos sociais, seus corpos se tornaram seus principais escudos. Daiane relata se sentir constantemente ameaçada nesse período, como se estivesse sempre sob a mira de algum ataque em potencial. Em meio ao fogo cruzado, não são os tanques blindados nem os armamentos da polícia militar que protegem os moradores, mas as paredes de suas próprias casas, marcadas por tiros e rachaduras como vestígios da violência onipresente.

(DM): **Os estudantes de lá serviram como escudos humanos nos frequentes conflitos** entre a polícia e as gangues locais. (30/03/2016)

(DM): O projeto da UPP que prometia a pacificação do Complexo do Alemão não funcionou para os moradores das favelas, que **agora têm que conviver com essa realidade cotidiana. Toda vez que saio de casa, parece que três armas estão apontadas para minha cabeça.** (02/08/2016)

(DM): **Tudo o que me protege dos tiros é a parede da minha casa.** (19/08/2017)

(TC): Mas no caminho, **quase me vi no meio do combate. Eu me abriguei atrás de um carro e cobri meus ouvidos com as mãos. O tiroteio foi muito alto.** (30/03/2016)

Dessa forma, a naturalização da violência no cotidiano das favelas cariocas se reflete no clima diário de tensão vivenciado nessas localidades, tornando o medo a sensação dominante entre os moradores. Esses sujeitos convivem cotidianamente com a incerteza ao saírem de casa, já que não sabem se chegarão vivos ao final do dia. Nem mesmo o próprio lar se torna sinônimo de abrigo, já que as paredes também não ficam imunes aos tiroteios. Daiene relata ainda cenas de terror ao ver corpos serem levados para fora da favela pela polícia sem qualquer pudor ou explicação. Até em datas comemorativas, o clima de celebração se transforma em uma atmosfera assustadora diante do som dos tiroteios e do relato de mortos e feridos. O medo acompanha os moradores inclusive em atividades simples, como sair para comprar pão, já que se tornam momentos de apreensão ao colocarem em risco a própria vida. Thaís relata o estado de choque em que ficou depois de ficar em meio a um tiroteio ao tentar ir para a faculdade. Para ela, existe uma sensação crescente de desesperança cada vez que uma bala perdida vitima um morador de sua comunidade. A jornalista comunitária relata, por último, um sentimento compartilhado por muitas mães: o desespero de ir ao encontro dos filhos ao saberem de algum confronto nas proximidades.

(DM): **Em 218 dias, estávamos com medo de que não pudéssemos voltar para casa vivos; ficamos com medo de sair de casa, para o caso de sermos atingidos por uma bala perdida; em 218 dias, temíamos que as paredes de nossas casas pudessem ser atingidas.** (19/08/2017)

(DM): Como se a **atmosfera geral de terror** não fosse suficiente, **um corpo negro envolto em um lençol é levado para fora da favela.** (02/08/2016)

(MS): **Em vez de comemorar o Natal, houve medo na Rocinha** hoje depois de **um tiroteio entre a polícia e os moradores locais**, que deixou um morto e seis feridos. (30/03/2016)

(MS): Há **um clima assustador de medo** nesta cidade. As pessoas **partem para o trabalho** todas as manhãs, **sem saber se voltarão para casa à noite.** (30/03/2016)

(TC): Larguei minha comida no chão e **fui para a faculdade em estado de choque [...].** (30/03/2016)

(TC): **Sigo com medo mas chego bem em casa. [...]** O **barulho de tiros** que escuto **muitas vezes fazem vítimas. A cada som uma perda. E a cada perda, menos esperança.** (12/07/2016)

(TC): [...] **Mas tem dias que até sair para comprar pão é uma decisão que pode custar a vida.** (02/08/2016)

(TC): **Muitas mães saíram desesperadas e chorando para buscar seus filhos** pequenos nas escolas e creches. (02/08/2016)

Para finalizar, é fundamental destacar o fato de que os moradores de favelas cariocas sempre tiveram que conviver com a violência devido a confrontos pontuais entre traficantes de drogas, conforme relatado pelos próprios jornalistas comunitários na série. A diferença é que, com a implementação da política de pacificação pelo poder público, os confrontos se intensificaram drasticamente e passaram a acontecer diariamente. Dessa forma, a formação discursiva de banalização da violência evidencia o resultado cruel dos conflitos diários entre policiais e traficantes de drogas nas favelas cariocas no contexto das Olimpíadas 2016, fazendo com que os moradores dessas localidades passassem a conviver com tiroteios cotidianos e com a sensação permanente de insegurança. Nesse período, a violência alterou a rotina das comunidades, interrompendo o funcionamento de estabelecimentos comerciais e interferindo no direito de ir e vir dos moradores. Diante da presença contínua de combates violentos, esses grupos sociais se viram obrigados a viver em um permanente estado de alerta, aprendendo a se proteger e a reconhecer situações de perigo como forma de garantir sua própria sobrevivência, já que se transformaram em vítimas potenciais dessa guerra ininterrupta.

No próximo tópico, iremos abordar a quinta e última região de sentidos relacionada aos impactos do megaevento esportivo na série do *The Guardian*. A formação discursiva de estereotipização representou 4,7% das sequências recortadas para análise, apresentando, assim, a menor frequência entre os sentidos mapeados no *corpus*. O núcleo de sentido descrito a seguir evidencia as sucessivas tentativas de homogeneização das favelas cariocas e o preconceito contra os moradores dessas localidades nesse período.

5.1.5 Estereotipização

A formação discursiva denominada de estereotipização se refere ao tratamento universalizante e negativo conferido às favelas cariocas no contexto das Olimpíadas Rio 2016. A visão estereotipada dessas comunidades é compartilhada por diversos setores da sociedade, como a polícia, o poder público, as agências de turismo e a mídia. Os autores da série afirmam que os agentes de segurança pública enquadravam todos os moradores de favelas como criminosos, uma generalização que estigmatiza esses grupos sociais minoritários e contribui para a manutenção das divisões sociais. Essa postura da própria polícia fortalece ainda mais a discriminação, abrindo espaço para ações arbitrárias que tratam esses sujeitos de forma desrespeitosa e humilhante.

(DM): Eles **consideram todos bandidos**. (30/03/2016)

(TC): Ele trabalhava em uma farmácia local, **mas a polícia insistiu que ele era um criminoso**. (30/03/2016)

Essa concepção preconceituosa de que todos os moradores de favelas são bandidos é utilizada para justificar a série de assassinatos cometidos nas comunidades durante as operações policiais. Como afirma Freire Filho (2005), os estereótipos, muitas vezes, tornam-se uma estratégia para legitimar e racionalizar comportamentos hostis, podendo ser inclusive letais. Para os jornalistas comunitários, a truculência do Estado tem um alvo bem definido: a população negra e pobre que reside na favela. Esses sujeitos são as principais vítimas de uma política pública violenta e discriminatória, que promove a execução em massa das minorias sociais sob o pretexto da pacificação. Para a polícia, cada morte na favela significa apenas mais um suspeito eliminado, o que leva, muitas vezes, a nem sequer identificar os corpos, impedindo as famílias de lamentarem sua perda. Fica claro que, para os agentes de segurança pública, as vidas ceifadas na favela não merecem ser reconhecidas, como se valessem menos por não estarem localizadas nos bairros nobres da cidade.

(DM): Em uma das falas, uma mãe disparou: - “Além da nossa dor, **repare bem na nossa cor. Somos negras. Todas**”. (12/07/2016)

(TC): **O Estado executa pessoas aqui porque moram em uma favela e são negros**. (14/12/2015)

(TC): **Eles não liberam o nome do homem que foi morto** esta manhã. **Ele é apenas outro suspeito para eles. E para nós, mais uma vida perdida**. (12/07/2016)

Para os autores da série, o combate às drogas é um argumento falacioso utilizado pelo poder público para justificar a necessidade das operações policiais nas comunidades, já que seu consumo não fica restrito a essas localidades, mas é registrado em toda a cidade. No entanto, são as favelas que sofrem com a violência, como se fossem os únicos redutos de comercialização de drogas. Assim, para os jornalistas comunitários, os conflitos não têm como alvo as drogas, mas sim a população pobre do Rio de Janeiro.

(DM): **Drogas é uma coisa que a cidade inteira consome, mas a violência fica concentrada por aqui** no Alemão, na Maré, Rocinha e outras tantas favelas da cidade. (12/07/2016)

(TC): **Esta guerra não é contra as drogas**, como eles insistem em dizer. **É contra os pobres** (12/07/2016).

O papel da mídia na disseminação de estereótipos negativos sobre a favela também é mencionado pelos autores da série. Os jornalistas comunitários acreditam que os meios de comunicação contribuem para construir uma imagem pejorativa e enviesada das comunidades

ao se concentrarem principalmente na violência, desconsiderando seus aspectos positivos. Essa visão parcial da mídia não retrata apenas as favelas como lugares sujos e perigosos, mas também representa seus moradores como sujeitos alienados e ignorantes. Amossy e Herschberg-Pierrot (2010) alertam que esses estereótipos passam a ser aceitos como representações reais de determinados indivíduos, naturalizando-se no meio cultural. Dessa forma, os meios de comunicação contribuem para organizar o senso comum a partir de categorizações, as quais demarcam uma fronteira simbólica entre “favelados” e “não-favelados” a partir da legitimação de rótulos e enquadramentos universalizantes e redutores. A mídia também atuou na construção de uma falsa imagem para o Rio de Janeiro durante esse período, disseminando a ideia ilusória de uma “cidade maravilhosa”, o que ia ao encontro do desejo das próprias autoridades públicas na época. Por fim, um caso mencionado por Michel chama a atenção: os moradores da Rocinha se sentiram menosprezados depois de um jornalista comparar políticos brasileiros envolvidos em casos de corrupção com uma gangue de bandidos da favela. Esse fato demonstra que o uso de estereótipos negativos, mesmo em um aparente tom de brincadeira, alimenta ainda mais a homogeneização acrítica desses lugares e de seus moradores, impedindo a desconstrução de preconceitos e a conscientização coletiva sobre esse contexto social.

(DM): Esses lugares têm a **reputação de serem violentos, isso é o que o mundo exterior fica sabendo, em vez das histórias maravilhosas** [...]. (12/07/2016)

(MS): Comecei a trabalhar como jornalista por causa da **visão parcial das favelas na grande mídia brasileira**. A Rocinha sempre foi **retratada pelos jornais como um lugar perigoso e sujo onde os moradores não entendem como o mundo funciona**. (05/08/2015)

(MS): **Nossa comunidade se sente menosprezada depois de uma comparação com os empresários e políticos corruptos** que foram expostos pela investigação Lava Jato. Quando esse escândalo é revelado, um jornalista chamado Nelson Motta **brinca com sarcasmo** no jornal O Globo: **“Esta não é uma gangue de bandidos na Rocinha; esses são os homens que dirigem a política brasileira”**. (12/07/2016)

(TC): A ideia é mostrar como os territórios populares realmente são, e que o mundo perca essa **visão preconceituosa e estereotipada que tem sobre as pessoas e sobre a vida na favela**. (12/07/2016)

(TC): Os últimos meses passaram rápido e colocaram aos poucos a programação de TV, o trânsito e os espaços da cidade no lugar, pois **antes, nós éramos obrigados a enxergar “a cidade maravilhosa” dentro do falso contexto mostrado para o exterior**. (28/12/2016)

O poder público também atua na estereotipização das favelas cariocas ao enxergá-las a partir de uma visão negativa, como se fossem um transtorno para a cidade. Além disso, ao ocultar a existência das comunidades na geografia oficial, o Estado contribui para reforçar ainda mais as divisões sociais e os estigmas em torno dessas localidades, já que, ao serem silenciadas, permanecem invisíveis. O apagamento das favelas nos mapas do Rio de Janeiro impede seu

reconhecimento público e, conseqüentemente, colabora para a manutenção de sua marginalização social.

(DM): **O Estado olha pra favela como um problema.** (02/08/2016)

(MS): No momento em que **a favela é censurada dos mapas da cidade, essa atitude alimenta o estigma de cidade partida.** (02/08/2016)

As empresas de turismo também atuam na disseminação de estereótipos sobre as favelas cariocas, fazendo com que os turistas se concentrem apenas em seus aspectos negativos, sem estabelecer qualquer contato com a cultura local. Os *tours* promovidos são criticados pelos jornalistas comunitários pelo fato de gerarem lucro através da animalização dos moradores, tratando essas localidades como se fossem zoológicos. Por serem ofertados por empresas de fora da favela, que desconhecem a realidade social vivida nesses contextos, esses passeios são organizados de forma desrespeitosa, promovendo a alegorização da pobreza e desconsiderando as especificidades locais.

(MS): Embora os passeios pelas favelas sejam **uma fonte lucrativa de renda para alguns, a maneira como as coisas são feitas no momento é desrespeitosa. A pobreza não deve ser tratada como uma atração turística.** (05/08/2015)

(MS): Os operadores turísticos **tratam as favelas como zoológicos [...]. As visitas são organizadas por empresas de fora da favela que dão pouca atenção aos aspectos culturais, históricos e artísticos de nossa comunidade.** (30/03/2016)

(MS): Em vez disso, **os turistas se concentram apenas na degradação, pobreza, violência e miséria e partem sem qualquer interação com a cultura local.** (30/03/2016)

Uma sequência retirada de um dos relatos de Thaís demonstra que as representações sociais, apesar de serem construídas na esfera simbólica, têm conseqüências concretas para os grupos sociais representados, impactando diretamente na forma como se reconhecem e como são reconhecidos pelos demais indivíduos. A jornalista comunitária relata que chegou a sentir vergonha de ser moradora da favela justamente por perceber a discriminação existente na sociedade e nos meios de comunicação. Esse relato vai ao encontro da ideia defendida por Williams (1992) de que as práticas culturais são elementos de um processo social real e material, articulando de forma concreta e dinâmica a totalidade social. Dessa forma, a construção e a disseminação de estereótipos negativos sobre as favelas e seus moradores influenciam na forma como são vistos e avaliados socialmente, interferindo até mesmo na própria percepção que esses indivíduos têm de si mesmos.

(TC): **Eu tinha vergonha de ser da favela** porque a **discriminação na sociedade e na mídia comercial é grande**. (12/07/2016)

Por fim, a formação discursiva de estereotipização, mesmo possuindo a frequência menos expressiva no *corpus*, revela aspectos interessantes de um processo simbólico que tem como objetivo legitimar rótulos pejorativos sobre as favelas e seus moradores, gerando efeitos concretos na forma de discriminação, desigualdade e marginalização social. A polícia, o poder público, os meios de comunicação e as empresas de turismo são citados pelos jornalistas comunitários como os principais agentes responsáveis pelo reforço de estereótipos negativos em torno das comunidades, desconsiderando sua riqueza e sua heterogeneidade cultural. Dessa forma, é possível afirmar que, ao longo do período das Olimpíadas 2016, não houve, na visão dos autores da série, uma mudança positiva nas representações sobre as favelas, já que continuaram a ser enquadradas como lugares de violência e miséria, uma visão parcial e redutora que dificulta a desconstrução de preconceitos arraigados na sociedade.

Após a descrição da quinta e última região de sentido relacionada aos impactos da competição, iremos discutir, no próximo tópico, os tensionamentos entre a cultura vivida nas favelas cariocas no contexto do megaevento esportivo e as representações construídas no discurso da série “Vozes do Rio: nossa odisseia olímpica” do jornal *The Guardian*. O objetivo, nessa etapa de nível interpretativo, é evidenciar as limitações e as potencialidades das articulações entre as mediações de experiências vividas em contextos locais e as dinâmicas de um jornal global.

5.2 TENSIONAMENTOS ENTRE AS REPRESENTAÇÕES NA SÉRIE E A CULTURA VIVIDA NAS FAVELAS CARIOCAS

A partir do mapeamento das formações discursivas relacionadas aos impactos das Olimpíadas 2016 no discurso da série, chegamos a cinco sentidos principais que representam repercussões eminentemente negativas do megaevento esportivo para as favelas cariocas. Os relatos trazem uma série de denúncias sociais, expostas por meio do posicionamento crítico desses jornalistas comunitários frente ao tratamento negligente, violento e discriminatório que as favelas e seus moradores receberam de diversos setores da sociedade ao longo do período. Os autores evidenciam a inexistência de um legado positivo para suas comunidades, comprovando, com detalhes e exemplos de seu próprio dia a dia, a falácia do argumento utilizado pelas autoridades públicas para convencer a população a receber a competição. Para

os autores, a promessa do legado após as Olimpíadas foi uma ilusão, já que o resultado final significou caos, abandono e repressão. Assim, fica claro que a justificativa oficial se mostrou infundada para as classes populares, constituindo-se apenas como uma estratégia para atender os objetivos das classes hegemônicas do país. A maior parte das promessas proferidas no período nunca se efetivaram, sendo esquecidas assim que a visibilidade midiática gerada pelos Jogos se esvaiu. Para o poder público, o megaevento esportivo serviu como um palanque de autopromoção política, em que interesses privados foram privilegiados em detrimento do atendimento de reivindicações de ordem coletiva.

Conforme os relatos da série, as Olimpíadas 2016 se tornaram uma oportunidade perdida para o país, já que os projetos, em vez de gerarem desenvolvimento social e econômico aos grupos sociais mais carentes, privilegiaram áreas urbanas e parcelas da população já amplamente beneficiadas economicamente. Nessa perspectiva, o Brasil desperdiçou a chance de investir, por meio de parcerias públicas e privadas, no atendimento de áreas sociais historicamente deficientes do país, como moradia, educação, saúde e transporte. Esse período de grande visibilidade midiática poderia ter sido aproveitado para colocar em pauta demandas sociais urgentes, fomentando a discussão sobre possíveis soluções para os problemas enfrentados em áreas urbanas marginalizadas. Entretanto, os relatos mostram que o megaevento esportivo resultou, na prática, no reforço das desigualdades sociais e dos contrastes econômicos existentes no cenário nacional.

Para os autores, a mídia hegemônica teve um papel decisivo no mascaramento da realidade vivida nas favelas cariocas no período da competição, já que, ao amplificar o discurso oficial do governo sobre o megaevento esportivo, colaborou para a disseminação da falsa sensação de que a cidade estava segura e preparada para receber os turistas. Essa visão é compartilhada por Bienenstein e Mascarenhas (2017) ao afirmarem que a mídia apoiou o projeto de cidade posto em prática no Rio, omitindo ou minimizando as tensões sociais e legitimando tais reconfigurações. Os jornalistas comunitários também não pouparam críticas ao foco persistente dos meios de comunicação nos aspectos negativos das favelas e de seus moradores, já que essa visão parcial contribui para o reforço de estereótipos pejorativos e incentiva ainda mais a discriminação. Tais pontos levantados sobre a cobertura midiática durante as Olimpíadas 2016 vão ao encontro dos dados compilados no relatório “Favelas na Mídia: como a vinda da imprensa global na era dos megaeventos transformou a imagem das favelas” da ONG Comunidades Catalisadoras, analisado no terceiro capítulo da tese. A pesquisa realizada pela ComCat respalda as críticas feitas pelos jornalistas comunitários, apontando que 46% das matérias analisadas forneceram relatos negativos sobre as favelas, sendo “violência ou

drogas” o assunto mais frequentemente abordado. A invisibilidade dos aspectos positivos, como a presença de talentos e projetos sociais nessas localidades, também criticada pelos colaboradores da série, é reforçada pela pesquisa, uma vez que apenas 7% dos relatos pontuaram aspectos positivos sobre elas, colocando-as como “fontes de cultura” e como tendo “forte senso de comunidade”.

Assim, os jornalistas aproveitaram o espaço da série para fazer uma análise crítica da mídia dentro do próprio *The Guardian*, funcionando como uma espécie de *ombudsman* ao apontar, enquanto leitores, falhas e retrocessos dos meios hegemônicos na cobertura das favelas durante o megaevento esportivo. Assim, a série possibilitou que vozes externas avaliassem o trabalho dos meios de comunicação, o que demonstra uma atitude positiva do jornal ao permitir que esses julgamentos ganhem visibilidade, colaborando para a conscientização dos jornalistas quanto a seu papel na (des)construção de estereótipos e valores. No entanto, é preciso pontuar que essas críticas estão voltadas implicitamente aos meios de comunicação nacionais, já que os autores reclamam da falta de cobertura de temas cotidianos e do apoio dado pela mídia local à versão das autoridades públicas, o que não inclui necessariamente veículos de mídia internacionais, como o próprio *The Guardian*. Dessa forma, é como se o jornal se colocasse acima da imprensa nacional, em uma posição de superioridade, de quem apenas dá voz a sujeitos marginalizados e silenciados pelos próprios veículos de mídia de seu país.

É interessante pontuar que os jornalistas comunitários evidenciaram em seus relatos não só os impactos vivenciados no contexto do megaevento esportivo, mas também conseguiram mostrar que sua situação de abandono e de luta é histórica. Há décadas, essas localidades e seus moradores são tratados com desprezo por diversos setores da sociedade, além de serem obrigados a conviver com a violência e com sucessivas tentativas de estereotipização, o que acentua seu processo de marginalização social. A resistência, por sua vez, também sempre esteve presente nessas comunidades, já que, desde o início de sua formação, esses grupos tiveram que lutar incansavelmente para terem sua existência reconhecida e para serem ouvidos pelo poder público. No entanto, os autores mostram que, com a chegada do megaevento esportivo, a novidade é a potência com que esses impactos atingiram esses locais, intensificando-se drasticamente e tornando ainda mais difícil as condições de vida desses grupos sociais minoritários. O descaso com relação às demandas das favelas, a resposta do poder público em forma de repressão policial, a presença cotidiana da violência, as sucessivas lutas para resistir às injustiças cometidas e a representação preconceituosa e estigmatizante dessas localidades e de seus moradores evidenciam que os Jogos não trouxeram benefícios

efetivos às comunidades cariocas, significando não só a permanência da sua invisibilidade, mas também o agravamento das divisões sociais e da periferização das minorias sociais na cidade.

Grande parte do recrudescimento da truculência estatal nesse período é associado ao processo de militarização das favelas cariocas por meio da implementação de Unidades de Polícia Pacificadora. A presença da polícia militar nas ruas das comunidades, uma política nova colocada em prática antes do megaevento esportivo, é retratada reiteradamente como a causa principal da transformação da vida dos moradores em uma verdadeira guerra. O Estado, que esteve ausente dessas comunidades durante décadas, encontrou na força policial uma forma de controle e repressão, empurrando a violência para as áreas mais pobres da cidade. Isso significa que o poder público, em vez de propor políticas públicas que gerassem benefícios permanentes a essas localidades, na prática, optou por se fazer presente nas favelas por meio da atuação violenta e arbitrária da polícia militar, legitimada pela necessidade de garantir a segurança durante os Jogos.

Conforme o Dossiê do Comitê Popular da Copa e Olimpíadas do Rio de Janeiro, a presença da polícia militar nas favelas por meio das UPPs, em nome de uma suposta pacificação, significou, na verdade, a intensificação da violência e o aumento de mortes nessas localidades, gerando interferências concretas no cotidiano desses sujeitos. Para a Ancop (2015), a estratégia se converteu em um dispositivo de controle social posto em prática a partir de uma lógica bélica que teve como alvo principal a população pobre e negra do país. Portanto, não se tratou de proporcionar mais segurança a essas localidades, mas apenas de construir uma imagem ilusória do Rio de Janeiro para o mundo exterior. Os relatos da série e os relatórios de ONGs e Comitês Populares analisados na tese contribuem para trazer à tona o real significado da política de pacificação nas favelas cariocas: sucessivos abusos de autoridade, intervenções arbitrárias no cotidiano dos moradores, assassinatos sem explicações plausíveis e inúmeros casos de desrespeito e censura.

Conforme as denúncias presentes nos relatos da série, a invisibilidade dos problemas sociais não significa que eles não existam, mas que eles foram deliberadamente silenciados segundo interesses hegemônicos, enquanto que esses sujeitos marginalizados seguiram enfrentando, diariamente, as consequências concretas desse processo. Como sua existência não é reconhecida, são excluídos das políticas públicas, esquecidos pelas equipes de saúde e estigmatizados pelas forças policiais, em um círculo vicioso que força essas comunidades a permanecerem desamparadas e desassistidas. Portanto, mesmo que, durante os Jogos, essas comunidades tenham ganhado uma aparente visibilidade no discurso político, isso não significa que o poder público tenha reconhecido as urgências sociais desses grupos marginalizados, mas

que apenas os utilizou temporariamente para obterem benefícios em causa própria para logo relegarem esses sujeitos, mais uma vez, ao seu estado de abandono.

Desse modo, na perspectiva dos colaboradores da série, o megaevento esportivo representou apenas um estímulo pontual, caracterizado por diversas promessas superficiais e passageiras, que não repercutiram de forma concreta no dia a dia dessas comunidades. Como afirma o Dossiê do Comitê Popular da Copa e Olimpíadas do Rio de Janeiro, os investimentos realizados em infraestrutura e transportes, por exemplo, não beneficiaram os grupos sociais mais necessitados, mas justamente as zonas economicamente mais favorecidas da cidade. De acordo com o documento, o sistema de transportes foi construído para beneficiar a Zona Sul do Rio, sem levar em conta as necessidades de deslocamento de grupos minoritários para outras áreas da cidade. Muitos moradores, inclusive, foram removidos de suas casas para dar lugar a empreendimentos esportivos, tendo que se deslocar para lugares afastados onde o acesso a serviços básicos, como saúde e educação, é precário, excluindo-os, portanto, justamente das áreas beneficiadas com investimentos públicos e privados.

Desse modo, é possível afirmar que, pela familiaridade com os temas retratados e pelo vínculo cotidiano com a cultura local, esses jornalistas comunitários conseguiram relatar os impactos da competição em suas comunidades de forma detalhada e contextualizada na série, problematizando a complexidade da realidade em que vivem com profundidade e afastando-se, em grande medida, de explicações simplificadas e superficiais. Por meio de exemplos concretos de seu cotidiano e de casos relatados por outros moradores, conseguiram produzir relatos potentes do dia a dia de suas comunidades, funcionando como testemunhas das atrocidades e injustiças cometidas nessas localidades. O espaço dado a esses jornalistas comunitários na série também se mostrou produtivo para afastar os frequentes estigmas associados a essas comunidades e seus moradores ao revelarem a diversidade e a heterogeneidade que caracterizam esses contextos sociais. Essa constatação vai ao encontro do que é afirmado na pesquisa realizada pela ComCat sobre a cobertura da mídia internacional nas favelas cariocas durante esse período, uma vez que os resultados evidenciaram que as vozes das favelas contribuíram para uma cobertura mais matizada e positiva sobre essas localidades a partir da desconstrução de estereótipos e da ênfase nos projetos sociais desenvolvidos nessas áreas.

Por meio da articulação crítica de aspectos sociais, políticos e econômicos presentes no cenário brasileiro no período, os autores destacaram aspectos sistematicamente silenciados pelos promotores da competição e seus apoiadores, expondo uma lógica cruel e discriminatória que teve como alvo principal as minorias sociais do Rio de Janeiro. Em seus relatos, trouxeram à tona os tensionamentos e as contradições do megaevento esportivo a partir da visão de quem

é afetado por decisões arbitrárias e autoritárias, rompendo com o distanciamento característico da cobertura do jornalismo internacional. Assim, ao expressarem os resultados concretos dos projetos colocados em prática nesse período para grupos sociais que raramente ganham espaço na mídia, os autores deram visibilidade a representações alternativas e mais plurais, oxigenando o discurso jornalístico e aproximando-o significativamente da cultura vivida nas favelas cariocas no contexto das Olimpíadas Rio 2016, o que pode contribuir para modificar as percepções sobre o mundo vivido e para contrapor racionalidades fragmentadas e dominantes.

Contudo, se, por um lado, os jornalistas comunitários demandaram a inclusão de uma multiplicidade de demandas simbólicas e materiais na agenda pública a partir de seus relatos na série, tendo sua voz amplificada por um jornal de magnitude global como o *The Guardian*, por outro lado, esse processo só foi viabilizado a partir da supervisão e da legitimação permanente das mediações jornalísticas. Em outras palavras, o contra-hegemônico conseguiu disseminar representações mais diversificadas sobre uma determinada realidade social, mas sua expressão foi moldada pelo crivo do hegemônico, dificultando a participação ativa e autônoma dos colaboradores da série na concepção, produção, edição e divulgação desses relatos. Dessa forma, esses sujeitos tiveram uma liberdade condicionada pelo padrão ditado pelo próprio jornal, precisando se ajustar às normas e concordar com o modelo estabelecido para poderem ser ouvidos nesse espaço dominante. Logo, se houve, de um lado, a abertura para a pluralidade de vozes e para a diversidade de representações nos relatos, não houve, por outro lado, a promoção de relações democráticas que viabilizassem a participação igualitária dos jornalistas comunitários no processo de produção da série.

Portanto, é inegável que essas vozes comunitárias se mostraram, de fato, um diferencial por revelarem com profundidade a realidade de suas favelas, dando um tom local à cobertura do megaevento esportivo ao abordarem um tema amplo a partir de um olhar localizado, concentrando-se especificamente nas repercussões da competição para suas comunidades. No entanto, a potência dessa participação foi limitada pelas interferências constantes do jornal, o que nem sempre permitiu que a linguagem refletisse a aproximação com o contexto local. A atitude do jornal de tomar para si a tarefa de selecionar uma frase de cada texto para compor o título de cada um dos relatos, o uso constante de *hiperlinks* para contextualização dos fatos mencionados pelos autores da série e a explicação de expressões de linguagem específicas desses contextos evidenciam o distanciamento dos leitores do *The Guardian* com relação à realidade expressa nesses relatos e o esforço de tradução empreendido pelo jornal para que ela fosse, de fato, compreendida por sua audiência. A própria representatividade das “vozes do Rio” na série foi definida pela publicação para que se tornasse mais palatável e acessível,

elegendo três jornalistas comunitários por sua familiaridade não só com a cultura vivida, mas também com as próprias dinâmicas jornalísticas. Dessa forma, é possível afirmar que o local foi empacotado pelo olhar estrangeiro, oferecendo-o como um produto para consumo não dos moradores das favelas, mas para o público-alvo do jornal, composto por uma audiência branca, de classe média alta e majoritariamente europeia.

CERIMÔNIA DE ENCERRAMENTO E LEGADO

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, buscamos analisar as tensões entre as representações dos impactos das Olimpíadas Rio 2016 construídas no discurso da série “Vozes do Rio: nossa odisseia olímpica” do jornal *The Guardian* e a cultura vivida nas favelas cariocas no contexto do megaevento esportivo. Por meio da exploração da cultura vivida, procuramos evidenciar as mediações das favelas cariocas no contexto das Olimpíadas Rio 2016, acionadas a partir dos jornalistas comunitários no discurso jornalístico, bem como discutir as mediações jornalísticas na série analisada, que envolvem processos de produção, edição e circulação. Dessa forma, nosso objetivo, nos capítulos 3 e 4, foi nos aproximarmos das experiências vivenciadas de forma concreta no contexto da competição, explorando aspectos da realidade vivida nessas comunidades e também das dinâmicas inerentes às práticas jornalísticas. A partir desse detalhamento, abordamos as forças e as pressões exercidas por esse tecido de articulações socioculturais no momento da realização das Olimpíadas no país.

Esse conjunto de mediações, por sua vez, negociou sentidos sobre os impactos da competição no interior do discurso jornalístico em meio a relações de poder e disputas ideológicas, os quais foram descritos no capítulo 5 da tese. Como resultados, cinco formações discursivas foram mapeadas, revelando repercussões significativamente negativas desse período para as favelas cariocas. A formação discursiva de **descaso** teve a maior frequência entre as sequências recortadas para análise, mostrando-se, assim, o sentido mais forte presente nos relatos dos jornalistas comunitários. Essa região de sentidos revelou a situação de completa invisibilidade enfrentada por essas localidades durante a realização do megaevento, as quais permaneceram negligenciadas pelo poder público, pela polícia e pelos meios de comunicação. Ficou evidenciada, assim, a exclusão das classes populares do modelo de cidade posto em prática nesse período, o qual serviu para manter as divisões sociais e acirrar a periferização dos grupos minoritários. O segundo sentido mais frequente na série foi o de **militarização**, o qual se associou ao fato de o Estado se fazer presente nessas comunidades, durante o megaevento esportivo, por meio da polícia militar. Sua presença foi claramente vinculada não a um movimento de pacificação, mas de recrudescimento dos casos de violência e de mortes arbitrárias de moradores de favelas. Essa transferência das responsabilidades do Estado para a polícia militar atestou a completa ineficiência do governo em cumprir com suas obrigações e o fracasso da política de pacificação nessas comunidades.

A formação discursiva de **resistência**, por sua vez, demonstrou que os próprios indivíduos que residem nessas localidades precisam suprir a lacuna deixada pela omissão do poder público e lutar continuamente por mais respeito e igualdade social. Como uma espécie de corrente, eles se ajudam em diversas situações do cotidiano, buscando minimizar a dura realidade que enfrentam diante do abandono do Estado. Esse espírito comum cria um sentimento de pertencimento entre esses sujeitos, que se identificam no enfrentamento das mesmas consequências advindas de sua exclusão social e econômica, o que exige a criação de laços sociais de apoio mútuo. Assim, essa cooperação comunitária não parece ser uma opção para esses indivíduos, mas uma necessidade de sobrevivência, pois sabem que precisam lutar para serem integrados ao resto da cidade, não podendo esperar passivamente pela oportunidade de serem vistos e ouvidos.

A quarta formação discursiva mapeada, denominada de **banalização da violência**, revelou a presença diária de casos de violência no dia a dia dos moradores. Esse impacto ficou evidenciado pelos relatos frequentes de tiroteios em plena luz do dia, de casos de assassinato de pessoas próximas, os quais nem sempre foram investigados, e de brigas entre a polícia e gangues de drogas, que fizeram com que os moradores vivessem em um estado de alerta permanente, precisando necessariamente aprender a se proteger para garantir sua sobrevivência. A quinta e última formação discursiva, denominada de **estereotipização**, apontou o tratamento preconceituoso e a representação majoritariamente negativa das favelas e seus moradores nesse período. Esse sentido manifestou-se no discurso a partir da animalização desses grupos sociais pelas empresas turísticas, da estigmatização desses sujeitos pelos próprios meios de comunicação, representando-os, na maioria das vezes, como criminosos ou ignorantes e, ainda, da visão discriminatória da polícia ao considerar todos os moradores como bandidos, gerando um estado permanente de conflito e tensão.

Dessa negociação de sentidos, emergiram representações dos impactos das Olimpíadas 2016, construídas no embate entre os jornalistas comunitários convidados a participar da série, os quais vivenciaram cotidianamente a realidade das favelas, e as mediações do *The Guardian*, um jornal hegemônico de alcance global. Os relatos que compõem a série levaram à representação do megaevento esportivo como uma justificativa infundada, pois a promessa de que os Jogos trariam benefícios sociais, políticos e econômicos ao país não se concretizou, mas demonstrou ser apenas um recurso falacioso com a finalidade de conquistar a opinião favorável da população para a realização da competição. Assim, o discurso da construção de um legado, especialmente para os grupos sociais mais pobres, revelou-se uma ilusão, pois não foram elencadas melhorias na qualidade de vida desses sujeitos, mas sim a manutenção de suas

dificuldades ou, até mesmo, o agravamento das suas condições de existência. Em alguns casos, as autoridades se aproveitaram do momento para legitimar práticas truculentas de repressão policial, interferindo no dia a dia dessas comunidades de forma autoritária e tratando os moradores de forma desrespeitosa. Essas ações foram justificadas pela necessidade de garantir a segurança ao longo dos Jogos, prejudicando, no entanto, o bem-estar desses grupos sociais, que tiveram que conviver diariamente com o recrudescimento da violência. Em suma, o megaevento esportivo parece ter sido planejado e executado para os visitantes da cidade e não para seus moradores, seguindo uma lógica de aparências em que disfarçar os problemas sociais do país era prioridade. Nesse sentido, é possível afirmar que as Olimpíadas 2016 foram apenas realizadas no Rio de Janeiro, mas não pertenceram, de fato, à cidade, uma vez que a população local foi excluída do planejamento urbano e dos processos de tomada de decisão.

A série, assim, possui um aspecto inovador, pois constitui-se como um espaço de visibilidade para vozes locais dentro do jornalismo internacional, permitindo que sujeitos de comunidades marginalizadas de um país em desenvolvimento possam construir suas próprias representações do megaevento esportivo sediado na cidade onde residem. O jornal dá vazão às reivindicações dessas classes populares, colocando em pauta demandas de minorias sociais, o que, de fato, deveria ser o objetivo norteador de todos os veículos jornalísticos, os quais têm compromisso com o interesse público e com o avanço democrático da sociedade. Conforme evidenciado ao longo da análise, os impactos negativos do megaevento esportivo para a população local raramente receberam destaque ao longo da cobertura midiática hegemônica, a qual privilegiou, em grande medida, a construção dos equipamentos esportivos, a chegada dos turistas e os resultados dos Jogos. A série contribuiu, assim, para mostrar um outro lado das Olimpíadas: o lado dos sujeitos que não têm opção a não ser pagarem um preço alto para que os Jogos aconteçam em seu país, sem, nem ao menos, poderem usufruir de seus benefícios. Dessa forma, as mediações das favelas cariocas, representadas pelos jornalistas comunitários, foram positivas para a diversificação das narrativas sobre o megaevento, contribuindo para a disseminação de representações mais plurais no discurso jornalístico.

Contudo, esse processo de elaboração discursiva não foi feito de forma totalmente autônoma pelos participantes na série, pois sofreu sucessivas influências das lógicas do próprio jornal. Assim, é possível afirmar que o *The Guardian*, ao mesmo tempo em que propõe uma abertura, impõe um controle, pois seleciona as vozes que serão ouvidas, determina os critérios de edição e estabelece os meios de divulgação. Portanto, a iniciativa se constitui enquanto um espaço híbrido do local no global, mas essa relação não é igualitária, tendo em vista que pressupõe necessariamente uma hierarquia estabelecida pelo domínio das lógicas do global e

do hegemônico sobre as vozes locais e marginalizadas. Em outras palavras, apesar de os dois lados se beneficiarem a partir dessa articulação, essa negociação teve pesos e medidas diferentes, com a clara superioridade das mediações jornalísticas na determinação dos termos em que essas trocas se efetivaram.

Desse modo, é possível perceber que, mesmo em um espaço aparentemente mais democrático do hegemônico, em que há uma tentativa de abertura para a diversidade, é negada a esses sujeitos marginalizados a participação integral ao longo do processo, impossibilitando a construção de seus relatos sem interferências externas. Assim, precisam se encaixar em um modelo pré-estabelecido para que suas demandas sejam ouvidas nesses espaços dominantes e, conseqüentemente, legitimadas na arena de visibilidade pública. O aceite ao convite do *The Guardian* significou implicitamente a necessária submissão e absorção do comunitário às lógicas dominantes do jornalismo internacional. Essa regulação deixa implícita a tentativa de domesticação do alternativo pelas normas do hegemônico, que buscou conquistar seus leitores por meio de uma estratégia inovadora, mostrando-se aberto a vozes heterogêneas, mas sem perder o controle sobre o discurso. **A tese defendida nessa pesquisa**, portanto, é de que a diversidade de representações evidenciada na série do *The Guardian* não significou a democracia nas formas de participação dos jornalistas comunitários ao longo do processo de produção da série, o que demonstra a importância de um estudo crítico e aprofundado das diferentes iniciativas de concessão da mídia hegemônica às classes populares, uma vez que a pluralidade de vozes nem sempre é sinônimo de autonomia ao longo do processo de elaboração discursiva.

Assim, a iniciativa se constituiu como uma pretensa intervenção democrática da mídia, já que a todo tempo o *The Guardian* se colocou como a instância definidora dos termos dessa inclusão, regulando as formas como as vozes da favela se fizeram presentes na série. Em outras palavras, é possível afirmar que houve uma inclusão falsa e artificial desses jornalistas comunitários no discurso jornalístico, na medida em que a diversidade de perspectivas não veio acompanhada por vias de participação mais democráticas e acessíveis. A publicação desses relatos em um espaço deslocado do corpo de matérias “legítimas” do jornal, isolados em uma seção específica do portal, demonstra a preocupação do *The Guardian* em resguardar sua legitimidade e sua credibilidade enquanto mediador dos fatos, agindo de modo colonialista ao se colocar em uma clara posição de superioridade, tomando para si a tarefa de selecionar, empacotar e disseminar as demandas das minorias, sem permitir que ganhem, de fato, centralidade e autonomia. Portanto, tratou-se de uma inclusão coercitiva e moldada pelos interesses da esfera midiática, a qual concedeu um papel delimitado a essas vozes

marginalizadas e condicionou sua liberdade ao longo de um processo marcado pelo desnivelamento de poderes simbólicos.

Nesse cenário, é possível afirmar que o *status quo* foi mantido, já que as divisões sociais do mundo real foram reproduzidas na própria condução da série, o que confirma que a democratização foi apenas superficial e aparente no discurso jornalístico. A série permitiu que os leitores do *The Guardian* conhecessem essa realidade mais de perto, mas não possibilitou o desenvolvimento crítico dos próprios moradores de favelas sobre a realidade em que vivem, já que em nenhum momento houve a preocupação em integrá-los enquanto produtores e consumidores da série, seja por meio de capacitações específicas ou de mobilizações para favorecer uma representatividade mais heterogênea dessas vozes. Dessa forma, a iniciativa não resultou no empoderamento coletivo e na democratização da informação entre as minorias, inviabilizando sua constituição enquanto um instrumento de transformação social para as classes oprimidas. Sua realização permitiu, na verdade, a utilização desses jornalistas comunitários com vistas a legitimar o discurso de cidadania do *The Guardian*, reforçando sua imagem de jornal de centro-esquerda, preocupado com as causas das minorias. Esse processo revelou que não há o interesse de que as mídias comunitárias se fortaleçam e se tornem independentes, ou seja, não há o interesse em abrir espaço, mas sim de estabelecer limites a essas pressões alternativas.

Partimos do pressuposto de que a inclusão de jornalistas comunitários na série pode ter ocorrido apenas de forma superficial e limitada ao longo do discurso jornalístico, enquanto uma estratégia de diferenciação do jornal, o que poderia restringir, de fato, a participação ativa e autônoma desses grupos sociais marginalizados com vistas à construção de representações mais plurais e alternativas. A análise dos tensionamentos entre as representações construídas na série e a cultura vivida mostra que o **pressuposto** de pesquisa **se confirmou parcialmente**: de um lado, o jornal não permitiu, de fato, a participação democrática dessas vozes marginalizadas ao longo das etapas de produção da série, restringindo a possibilidade de uma colaboração mais ativa e autônoma ao longo da integralidade do processo; de outro, contudo, constatou-se a disseminação de representações mais plurais e alternativas sobre o megaevento esportivo, demonstrando que a inserção dos jornalistas comunitários contribuiu para oxigenar o discurso jornalístico na medida em que trouxeram à tona novos matizes sobre os impactos das Olimpíadas 2016. Portanto, apesar de se tratar de uma concessão do hegemônico com intenções específicas, esse espaço não deixou de ser uma oportunidade bem aproveitada pelo contra-hegemônico, já que os jornalistas comunitários o utilizaram como uma plataforma para denunciar os impactos sofridos em suas comunidades e para dar vazão a suas demandas e

reivindicações. No embate entre as mediações, a mediação dos jornalistas comunitários mostrou-se produtiva, gerando resultados positivos para a diversificação das representações midiáticas mesmo com as sucessivas interferências jornalísticas.

Nessa perspectiva, a série contribuiu para trazer à tona visões alternativas sobre o que de fato significa, para os grupos periféricos, a realização de uma competição desta magnitude em seu país. Como vivenciaram essa realidade de perto, esses jornalistas comunitários funcionaram como testemunhas do descaso das autoridades públicas, da polícia e dos meios de comunicação, denunciando as atrocidades cometidas contra os moradores de favelas em nome da construção de uma imagem de cidade pacífica, organizada e atrativa. A participação desses colaboradores, mesmo que regulada pelas lógicas de um jornal hegemônico, parece colaborar de forma significativa para a desconstrução de estereótipos e para a construção de relatos mais aprofundados e contextualizados ao longo da cobertura jornalística esportiva. Dessa forma, além de pontuarem os aspectos negativos do megaevento para comunidades marginalizadas, os quais raramente são evidenciados na cobertura midiática hegemônica, esses relatos ajudam a romper com narrativas que justificam as práticas de repressão do Estado nestas comunidades em nome da realização da competição. Esses jornalistas, repetidamente, esforçaram-se para mostrar a complexidade da realidade em que vivem, a qual não pode ser resumida apenas à violência e ao tráfico de drogas, mas envolve também solidariedade, pertencimento e resistência.

Diante dos dados obtidos, é possível afirmar que as Olimpíadas 2016 adquiriram uma representação predominante no discurso jornalístico como um período de silenciamento das margens, as quais justamente foram as vozes que ganharam espaço na série, denunciando os impactos de uma lógica excludente e elitista colocada em prática ao longo do megaevento esportivo. Dessa forma, a participação de jornalistas comunitários parece se constituir como uma estratégia discursiva que oportuniza o reconhecimento público de vozes sociais minoritárias e de perspectivas alternativas da realidade, o que aproxima ainda mais o discurso jornalístico das culturas vividas, especialmente daquelas que não são vistas nem ouvidas, cumprindo, de fato, com seu papel social. Esse recurso pode contribuir não só para dinamizar e complexificar as narrativas sobre temas esportivos, mas pode ser aplicado para a cobertura de diferentes fatos sociais a fim de que ganhem visibilidade a partir de uma ótica mais plural.

Esperamos que iniciativas, como as do *The Guardian*, se multipliquem no cenário jornalístico, mas que sejam desenvolvidas com base em relações de participação mais democráticas, em que esses sujeitos possam exercer maior autonomia sobre todas as etapas do processo de produção de seus discursos, desenvolvendo de forma autoral e criativa toda sua

potência crítica e ocupando espaços de visibilidade que ampliem o reconhecimento público de suas reivindicações. Em outras palavras, a pesquisa deixa claras as potencialidades da inserção de vozes marginalizadas no discurso jornalístico, mas também evidencia a importância de romper as limitações impostas pela mídia hegemônica nesse processo, buscando alternativas que integrem as contribuições do contra-hegemônico de forma mais ativa e aberta. Ainda, reforçamos a necessidade de que essas iniciativas não fiquem restritas ao jornalismo internacional, mas que sejam utilizadas também para diversificar o jornalismo *mainstream* brasileiro com novas vozes que problematizem demandas sociais negligenciadas, estimulando discussões coletivas que resultem em soluções concretas para o desenvolvimento social e econômico de todos os brasileiros.

É preciso sinalizar ainda a contribuição fundamental do doutorado-sanduíche para o aprimoramento e a consolidação do percurso teórico-metodológico da tese. Durante esse período, a pesquisadora teve a oportunidade de entrar em contato com pesquisas que também aproximavam diferentes correntes teóricas e metodologias, o que conferiu ainda mais segurança às escolhas feitas na tese. Torna-se evidente, assim, a necessidade de se explorar diferentes caminhos a partir da combinação de perspectivas, o que pode colaborar significativamente para o desenvolvimento de análises autorais e inovadoras no campo, contribuindo para o alcance de resultados mais aprofundados.

Por fim, uma pesquisa sempre abre perspectivas para estudos futuros. Indicamos a necessidade de se analisar outras possibilidades de cobertura jornalística de megaeventos esportivos a partir de iniciativas que tenham como objetivo a inserção democrática de grupos sociais minoritários na construção de representações mais plurais sobre tais eventos. A investigação pode abarcar não só ações pontuais da mídia hegemônica, mas também propostas desenvolvidas dentro do próprio jornalismo comunitário, já que podem sinalizar modos mais inclusivos de elaboração discursiva, dando voz a quem não tem oportunidade de ser ouvido e dando visibilidade a bastidores muitas vezes desconhecidos dos megaeventos esportivos. Ao definirmos essas produções contra-hegemônicas como objetos de estudo, contribuimos para que sejam reconhecidas e valorizadas, dando maior representatividade a narrativas alternativas que visem à disseminação de representações mais críticas e contextualizadas dessas competições. Assim, podemos contribuir, enquanto pesquisadores, para discutir novas possibilidades de cobertura de megaeventos esportivos que levem, de fato, à conscientização sobre seus impactos e a formas de participação mais inclusivas das classes populares.

REFERÊNCIAS

- ADGHIRNI, Zélia Leal. A pluralidade do mundo na visão singular do correspondente internacional. **Intexto**, Porto Alegre, n. 28, p. 35-52, julho 2013.
- AGNEZ, Luciane Fassarerlla. O jornalismo internacional entre mudanças e permanências. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 12, n. 2, p. 314-328, julho/dezembro 2015.
- AGUIAR, Pedro. Por uma história do jornalismo internacional no Brasil. In: 6º ENCONTRO NACIONAL DA ALCAR, 2008, Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre: UFRGS, 2008. Disponível em <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/6o-encontro-2008-1/1/1/1/Por%20uma%20Historia%20do%20Jornalismo%20Internacional%20no%20Brasil.pdf>>. Acesso em 22 de janeiro de 2020.
- ALVARENGA FILHO, José Rodrigues. A “Chacina do Pan” e a produção de vidas descartáveis. **Fractal**, Niterói, v. 28, n. 1, p. 111-117, jan.-abr. 2016.
- AMOSSY, Ruth; HERSCHBERG-PIERROT, Anne. **Estereotipos y clichés**. Buenos Aires: Eudeba, 2010.
- ANCOP, Articulação Nacional dos Comitês Populares da Copa e das Olimpíadas. **Olimpíada Rio 2016: os jogos da exclusão. Megaeventos e violações dos direitos humanos no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Comitê Popular da Copa e das Olimpíadas do Rio de Janeiro, 2015. Disponível em <https://br.boell.org/sites/default/files/dossiecomiterio2015_-_portugues.pdf>. Acesso em 24 de março de 2019.
- ANDROVANDI, Adriana. **A favela no horário nobre da TV aberta brasileira: uma análise da novela Duas Caras**. 2010. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Comunicação, PUC-RS, Porto Alegre, 2010.
- ANGRIMANI, Danilo. **Um estudo do sensacionalismo na imprensa**. São Paulo: Summus, 1985.
- ARANTES, Otilia B. Fiori. **Berlim e Barcelona: duas imagens estratégicas**. São Paulo: Annablume, 2012.
- ARAÚJO, Carlos. Bibliometria: evolução histórica e questões atuais. **Revista Em Questão**, Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 11-32, janeiro/junho 2006.
- ASSIS, Ana Luiza Fonseca Guimarães; GOMES, Ana Carolina. O papel do jornalismo internacional na atualidade: uma análise da cobertura internacional do jornal Folha de S. Paulo sobre o Governo Trump. In: XXIII CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, 2018, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte: FUMEC, 2018.
- BAHIA, Ana Lúcia Alves; RIGUEIRA, Marina Rigueira Carlos. **Internet e reconfiguração da prática jornalística: a editoria internacional nos jornais Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo e em seus respectivos portais**. Belo Horizonte: Universidade Fumec, 2009.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BECKER, Beatriz. Todos juntos e misturados, mas cada um no seu quadrado: um estudo do RJ/TV 1ª edição e do Parceiro do RJ. **Galáxia**, São Paulo, n. 24, p. 77-88, dez. 2012.

BENETTI, Marcia. Análise do discurso em jornalismo: estudo de vozes e sentidos. In: BENETTI, Marcia; LAGO, Cláudia (Orgs.). **Metodologia de pesquisa em Jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 107-122.

_____. O jornalismo como gênero discursivo. **Galáxia**, São Paulo, n. 15, p. 13-28, junho 2008.

BERTOLLI FILHO, Cláudio; FRIGERI, Renata Aparecida. “Referenciais Ocultos”: a questão da identidade nacional nos Jogos Olímpicos de Berlim e do Rio de Janeiro. In: MARQUES, José Carlos; ROCCO JÚNIOR, Ary José. **Qual legado – Leituras e Reflexões sobre os Jogos Olímpicos Rio-2016**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2018. p. 125-141.

BIENENSTEIN, Glauco; MASCARENHAS, Gilmar. Depois do espetáculo: percepções e avaliações de megaeventos esportivos no Rio de Janeiro. In: XVII ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL, 2017, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: USP, 2017.

BOVY, Philippe. **Megaeventos: catalisadores para transporte mais sustentável nas Cidades**. In: UITP LATIN AMERICA MEGA-EVENT AND PUBLIC TRANSPORT SEMINAR, 2009, Recife. Disponível em <<http://docplayer.com.br/8706690-Mega-eventos-catalisadores-para-transporte-mais-sustavel-nas-cidades.html>>. Acesso em 28 de agosto de 2019.

BRIGNOL, Liliane Dutra. Tecnicidade e identidades migrantes: contribuições de Martín-Barbero para pesquisas sobre migrações e usos sociais das mídias. **Intexto**, Porto Alegre, n. 43, p. 119-134, setembro/dezembro 2018.

BRONDANI, Roberta Ferreira; MARQUES, José Carlos. Olimpíadas Rio 2016: a (in) sustentabilidade do nosso legado. **Recorde**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 1-24, jan/jun. 2019.

BRUM, Mario. Favelas e remocionismo ontem e hoje: da Ditadura de 1964 aos Grandes Eventos. **O Social em Questão**, Rio de Janeiro, Ano XVI, n. 29, p. 179-208, 2013.

BUTT, Simon. “**Mega-events**” research leads to global website. 2010. Disponível em: <<http://www.nottingham.ac.uk/news/pressreleases/2010/june/megaevents.aspx>>. Acesso em 28 de agosto de/2019.

CALDAS, Diogo Oliveira Muniz. A remoção dos moradores da Vila Autódromo: a gentrificação como característica do governo Eduardo Paes. **Revista de Direitos Sociais e Políticas Públicas**, Brasília, v. 3, n. 1, p. 135-152, jan./jun. 2017.

CAMPOS, Anderson Gurgel. “Quanto mais megaevento, menos esporte”: o Brasil e a “década de ouro” dos megaeventos esportivos. **Revista Eptic**, Sergipe, v. 18, n. 1, p. 42-52, janeiro/abril 2016.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CASTRO, Renata Marques Moreira de. **Jornalismo internacional: a mudança na editoria Inter nos últimos 50 anos**. 2006. Trabalho de Conclusão de Curso. Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

CEVASCO, Maria Elisa. **Para ler Raymond Williams**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

_____. **Dez lições sobre Estudos Culturais**. São Paulo: Boitempo, 2003.

CHADE, Jamil. **Política, propina e futebol: como o “Padrão Fifa” ameaça o esporte mais popular do planeta**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

COGO, Denise. Mídias, identidades culturais e cidadania: sobre cenários e políticas de visibilidade midiática dos movimentos sociais. In: IV ENCONTRO DOS NÚCLEOS DE PESQUISA DA INTERCOM, 2004, Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre: PUC-RS, 2004.

COI, Comitê Olímpico Internacional. **Carta Olímpica**. Lausanne: Comitê Olímpico Internacional, 2019. Disponível em <<https://architectureofthegames.net/general/ioc-olympic-charter-26-june-2019/>>. Acesso em 02 de outubro de 2019.

COIRO-MORAES, Ana Luiza. A análise cultural. In: 24º ENCONTRO DA COMPÓS, 2015, Brasília. **Anais [...]** Brasília: UnB, 2015. Disponível em http://www.compos.org.br/biblioteca/compos-2015-4df33669-bb03-4c83-92ab-62f6e023bb30_2825.pdf. Acesso em 10/03/2019.

_____. A análise cultural: um método de procedimentos em pesquisas. **Questões Transversais**, São Leopoldo, v. 4, n.7, p. 28-36, jan/jun. 2016.

COMCAT, Comunidades Catalisadoras. **Favelas na Mídia: como a vinda da imprensa global na era dos megaeventos transformou a imagem das favelas**. Dezembro/2016. Disponível em <<http://comcat.org/wp-content/uploads/2016/12/Relatorio-Favelas-Na-Midia-ComCat.pdf>>. Acesso em 24 de março de 2019.

CONDE, Luiz Paulo; MAGALHÃES, Sérgio. **Favela-Bairro: uma outra história da cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: ViverCidades, 2004.

CONTRERA, Malena; MORO, Marcela. Vertigem mediática nos megaeventos musicais. **E-Compós**, Brasília, v. 11, n. 1, p. 1 – 16, jan./abril 2008.

COSTA, Giuliana. Social impacts, prons and cons of hosting mega sporting events, focusing on a global South city: Rio de Janeiro. **Territorio**, n. 64, p. 19-27, janeiro/2013.

COSTA, Ricardo da Gama Rosa. **Antônio Gramsci e o conceito de hegemonia**. Outubro/2012. Disponível em <<https://dariodasilva.wordpress.com/2012/11/30/antonio-gramsci-e-o-conceito-de-hegemonia/>>. Acesso em 10 de março de 2019.

DACOSTA, Lamartine *et al.* **Legados de Megaeventos Esportivos**. Brasília: Ministério do Esporte, 2008.

DALPIAZ, Jamile Gamba. **Representações do Brasil na imprensa britânica: uma análise cultural do jornal *The Guardian***. 2013. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

DU GAY, P. *et al.* **Doing Cultural Studies: the story of the Sony Walkman**. Londres: Sage, 1997.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Os estudos culturais. In: HOHLFELD, A.; MARTINO, L.C.; FRANÇA, V.V.F. (Orgs). **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências**. 8ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001. p. 151-170.

_____. Circuitos de cultura/circuitos de comunicação: um protocolo analítico de integração da produção e da recepção. **Comunicação, Mídia e Consumo**. São Paulo, v.4, n. 11, p. 115-135, novembro 2007.

_____. Estudos Culturais: uma introdução. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). **O que é, afinal, Estudos Culturais?**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 135-166.

FAUSTO NETO, Antônio. Jornalismo, mediações e redes: a circulação como objeto emergente. **Revista Âncora**, João Pessoa, v. 4, n. 2, p. 42-56, julho/dezembro 2017.

FERNANDES, Kamila Bossato. “Favelados, não. Cidadãos da favela”: o discurso audiovisual dos media alternativos sobre as favelas. **Mediação**, Belo Horizonte, v. 21, n. 28, p. 13-42, janeiro/junho 2019.

FERREIRA, Giovandro Marcus; SAMPAIO, Claudiane de Oliveira Carvalho. Apontamentos para estudo dos discursos sociais a partir das contribuições da hermenêutica. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, São Paulo, v. 15, n. 28, p. 46-58, 2018.

FORTUNA, Vania Oliveira. Porto Maravilha: a ‘inevitabilidade’ das remoções de favelas como discurso legitimador. In: 26º ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO - COMPÓS, 2017, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, 2017.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. Tradução de Salma Tannus Muchail. 8ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **A Arqueologia do Saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

FRAZÃO, Samira M. **Parceiro do RJ: a prática do jornalismo participativo no RJTV 1ª edição e as transformações na rotina profissional dos jornalistas**. 2013. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

FREIRE FILHO, João. Força de expressão: construção, consumo e contestação das representações midiáticas das minorias. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 28, p. 18-29, dezembro 2005.

FREIRE-MEDEIROS, Bianca. A favela que se vê e que se vende. Reflexões e polêmicas em torno de um destino turístico. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 22, n. 65, p. 61-72, outubro 2007.

FREITAS, Andréa P. C. **Cidadania midiática**: tematização e agendamento no Parceiro do RJ. 2014. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

FREITAS, Ricardo Ferreira; LINS, Flávio; SANTOS, Maria Helena Carmo dos. Megaevento: uma lógica de transformação social. In: FREITAS, Ricardo Ferreira; LINS, Flávio; CARMO, Maria Helena (Orgs.). **Megaeventos, comunicação e cidade**. Curitiba: CRV, 2016. p. 21-38.

GAFFNEY, Christopher Thomas. The mega event city as neo-liberal laboratory: the case of Rio de Janeiro. **Percursos Acadêmicos**, Belo Horizonte, v. 4, n. 8, p. 217-237, julho/dez. 2014.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GIULIANOTTI, Richard; KLAUSER, Francisco. Security Governance and Sport Mega-events: toward an interdisciplinary agenda. **Journal of Sport & Social Issues**, v. 34, n. 1, p. 49-61, fevereiro 2010.

GONÇALVES, Kátia Pires. **Em nome das UPPs**: uma análise das representações midiáticas sobre a ocupação da favela da Rocinha. 2012. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

GROSSBERG, Lawrence. **Estudios culturales en tiempos futuros**: cómo es el trabajo intelectual que requiere el mundo de hoy. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2012.

_____. Lawrence Grossberg e os Estudos Culturais Hoje. Entrevista concedida à Adriana Braga. **Revista E-Compós**, Brasília, v. 16, n. 2, p. 1-13, maio/agosto 2013.

_____. Lutando com anjos: os estudos culturais em tempos sombrios. **Revista Matrizes**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 13-46, julho/dez 2015.

GUANAIS, Frederico Campos; FISCHER, Tânia. Entre planos, projetos e estratégias: o caso Rio, Sempre Rio. **Organizações & Sociedade**, Salvador, v. 6, n. 14, p. 39-63, jan./abril 1999.

GUIMARÃES, Lara L. As novas aproximações entre telejornal e audiência: a participação do público no quadro Parceiro do RJ. In: 10º SBPJOR – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 2012, Curitiba. **Anais [...]**. Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2012.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, julho/dezembro 1997.

_____. Codificação/Decodificação. In: HALL, Stuart; SOVIK, Liv (Orgs.). **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003. p. 387-404.

_____. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2016.

HILLER, Harry H. Mega events, urban boosterism and growth strategies: an analysis of the objectives and legitimations of the Cape Town 2004 Olympic Bid. **International Journal of Urban and Regional Research**, v. 24, n. 2, p. 439-458, junho 2000.

HOHENBERG, John. **O jornalista profissional: guia às práticas e aos princípios dos meios de comunicação de massa**. Rio de Janeiro: Interamericana, 1981.

JACKS, Nilda; SCHMITZ, Daniela. Os meios em Martín-Barbero: antes e depois das mediações. **Revista Matrizes**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 115-130, janeiro/abril 2018.

JODELET, Denise. Représentations sociales: un domaine en expansion. In: JODELET, Denise (Org.) **Les représentations sociales**. Tradução: Tarso Bonilha Mazzotti. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993. p. 45-78.

JOHNSON, Richard. O que é, afinal, Estudos Culturais? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.) **O que é, afinal, Estudos Culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 9-38.

KARAM, Francisco José Castilhos. **Jornalismo, ética e liberdade**. São Paulo: Summus, 2014.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

LIMA, Camila Calado. **Olimpíadas 2016 e a construção de um novo Rio: o marketing do legado, as políticas públicas e as estratégias comunicacionais em torno das favelas e das remoções**. 2013. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

LOPES, Edward. **Fundamentos da Linguística Contemporânea**. São Paulo: Cultrix, 2009.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. Jesús Martín-Barbero e os mapas essenciais para compreender a comunicação. **Revista Intexto**, Porto Alegre, n. 43, p. 14-23, set/dez 2018.

LOS MONTEROS, Guillermo Garcia Espinosa de. “**Periodismo Internacional, Corresponsales y Testimonios sobre el Extranjero**”, Foro Internacional nº 152-153, México: Hemeroteca Virtual/UNAM, 1998.

MAGALHÃES, Alexandre. O “legado” dos megaeventos esportivos: a reatualização da remoção de favelas no Rio de Janeiro. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 19, n. 40, p. 89-118, jul./dez. 2013.

MARQUES DE MELO, José. **Teoria do jornalismo: identidades brasileiras**. São Paulo, Paulus, 2006.

MARTÍN-BARBERO, Jesús; MUNHOZ, Sonia. **Televisión y melodrama: géneros y lecturas de la telenovela en Colombia**. Bogotá: Tercer Mundo, 1992.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações:** comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

MASCARENHAS, Gilmar. A produção da cidade olímpica e os sinais da crise do modelo globalitário. **Geosp – Espaço e Tempo**, São Paulo, v. 20, n.1, p. 52-68, 2016.

MAYER, Vicki. Estudos de produção e articulações de poder na Economia Criativa: pensando o local para compreender o global. Entrevista concedida à Aline Maia. **Compólitica**, Rio de Janeiro, v. 6, n.1, p. 176-186, 2016.

McCOMBS, Maxwell. **A Teoria da Agenda.** A Mídia e a Opinião Pública. Petrópolis: Vozes, 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica. In: GUARESCHI, Pedrinho; JOVCHELOVITCH, Sandra (Orgs.). **Textos em representações sociais.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. p. 89-111.

MOLINA, Matías M. **Os melhores jornais do mundo:** uma visão da imprensa internacional. São Paulo: Globo, 2007.

MOORE, Martin. **Shrinking World.** The decline of international reporting in the British press. Londres: Media Standards Trust, 2010.

MONTEIRO, Márcio; AZAMBUJA, Patrícia. Análise cultural de produtos audiovisuais: relato de construção de protocolo teórico-metodológico. **Revista Comunicação & Inovação**, São Caetano do Sul, v. 19, n. 41, p. 49-66, set/dez 2018.

MORAES, Denis de. Comunicação, hegemonia e contra-hegemonia: a contribuição teórica de Gramsci. **Revista Debates**, Porto Alegre, v. 4, n. 1, p. 54-77, jan./jun. 2010.

MORAES, Gláucia da Silva Mendes. O conceito de hegemonia no percurso do meio às mediações. **Revista Matrizes**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 173-188, jan/abril 2018.

MORIGI, Valdir José. Teoria social e comunicação: representações sociais, produção de sentidos e construção dos imaginários midiáticos. **E-Compós**, Brasília, v.1, p. 1-14, dezembro 2004.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais:** investigações em psicologia social. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

NATALI, João Batista. **Jornalismo Internacional.** São Paulo: Contexto, 2004.

NUNES, Márcia Vidal. Rádios comunitárias: exercício da cidadania na estruturação dos movimentos sociais. In: PAIVA, Raquel (Org.). **O retorno da comunidade:** os novos caminhos do social. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 95-118.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso:** princípios e procedimentos. 4^a ed. Campinas: Pontes, 2002.

_____. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 6ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

OROZCO-GÓMEZ, Guillermo. O desafio de conhecer para transformar: meios, audiências e mediações. **Comunicar**, Huelva (Espanha), v. 5, n. 8, p. 25-30, março 1997.

PAIVA, Raquel. **O espírito comum**. Comunidade, mídia e globalismo. Petrópolis: Vozes, 1998.

PAIVA, Raquel. Para reinterpretar a comunicação comunitária. In: PAIVA, Raquel (Org.). **O retorno da comunidade**: os novos caminhos do social. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 133-148.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**. 3ª ed. Campinas: Unicamp, 1997.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. São Paulo, Contexto, 2005.

PEREIRA, Luiz Antônio de Souza. O Programa Favela-Bairro: mais do mesmo? Quais as possibilidades para a superação dos “problemas” existentes na cidade do Rio de Janeiro? **Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**, Barcelona, v. 14, n. 331, agosto 2010.

PERUZZO, Cicilia Maria K. Revisitando os conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária. In: XXIX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2006, Brasília. **Anais [...]** Brasília: UnB, 2006.

PERUZZO, Cicilia Maria K. Rádio comunitária, educomunicação e desenvolvimento. In: PAIVA, Raquel (Org.). **O retorno da comunidade**: os novos caminhos do social. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 69-94.

RAEDER, Sávio. **Jogos e cidades**: ordenamento territorial urbano em sede de megaeventos esportivos. Brasília: Ministério do Esporte, 2010.

RIBEIRO, Luís César Queiroz; LAGO, Luciana Correa do. Transformação das metrópoles brasileiras: algumas hipóteses de pesquisas. In: XV Encontro Anual da ANPOCS, 1991, Caxambu (MG). **Anais [...]** Caxambu (MG): ANPOCS, 1991.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**: a intriga e a narrativa histórica. Tomo 1. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

_____. **Hermenêutica e ideologias**. São Paulo: Vozes, 2018.

ROCHE, Maurice. **Mega-events modernity**: Olympics and expos in the growth of global culture. Londres: Routledge, 2000.

RODRIGUES, Adriano Duarte. **Estratégias de comunicação**. Lisboa: Presença, 1997.

SABACK, Lilian. Quadro Parceiro do RJ/TV Globo: democratização ou oportunismo? **Brazilian Journalism Research**, v. 12, n. 2, p. 148-165, 2016.

SEQUEIRA, Cleofe; BICUDO, Francisco. Jornalismo comunitário: conceitos, importância e desafios contemporâneos. In: XXX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2007, Santos. **Anais** [...] Santos: Unisanta, Unisantos, Unimonte, 2007.

SIGNATES, Luiz. Estudo sobre o conceito de mediação e sua validade como categoria de análise para os estudos de Comunicação. **Novos Olhares**, São Paulo, v. 6, n. 12, p. 4-19, 2003.

SILVA, Natália Afonso Corrêa da Silva. **A reforma urbana de Pereira Passos e as transformações espaciais na cidade do Rio de Janeiro (1890-1910)**. 2018. Trabalho de conclusão de curso. Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.

SOARES, Astréia; CARVALHO, Vanessa de. As Agências de Notícias e a circulação internacional de problemas na sociedade globalizada. In: 8º SEMINÁRIO DE PESQUISA E INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UNIVERSIDADE FUMEC, 2010, Belo Horizonte. **Anais** [...] Belo Horizonte: Fumec, 2010.

SODRÉ, Muniz. Por um conceito de minoria. In: PAIVA, Raquel; BARBALHO, Alexandre. (Orgs.). **Comunicação e cultura das minorias**. São Paulo: Paulus, 2005. p. 11-14.

SODRÉ, Muniz. Prefácio. In: FREITAS, Ricardo Ferreira; LINS, Flávio; CARMO, Maria Helena (Orgs.). **Megaeventos, comunicação e cidade**. Curitiba: CRV, 2016. p. 15-17.

STEFFEN, Lauren; HENRIQUES, Mariana; LISBOA FILHO, Flavi Ferreira. Análise cultural-midiática como protocolo teórico-metodológico de pesquisas em comunicação. In: XXVII ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 2018, Belo Horizonte. **Anais** [...] Belo Horizonte: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2018.

STRANGIO, Donatella. Uma questão de definição: literatura e estratégias variadas para megaeventos. In: FREITAS, Ricardo Ferreira; LINS, Flávio; CARMO, Maria Helena (Orgs.). **Megaeventos, comunicação e cidade**. Curitiba: CRV, 2016. p. 39-57.

THOMPSON, John B. **A Mídia e a Modernidade**: uma teoria social da mídia. Petrópolis: Vozes, 1999.

VAINER, Carlos. Quando a cidade vai às ruas. In: MARICATO, Ermínia *et al* (Orgs.). **Cidades Rebeldes**. São Paulo: Boitempo, 2013. p. 35-40.

VALLADARES, Licia do Prado. **A invenção da favela**: do mito de origem à favela.com. São Paulo: FGV, 2008.

VIANA, Bruno César Brito; LIMA, Maria Érica de Oliveira. Além das fronteiras: uma breve reflexão sobre a trajetória do Jornalismo Internacional. In: XIV CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO DA REGIÃO NORDESTE, 2012, Recife. **Anais** [...] Recife: Faculdade Boa Viagem, 2012.

VIEIRA, Maria Carolina Silva Rocha. **O Brasil que não é bem assim**: representações do Brasil na cobertura da Copa do Mundo 2014 pelo jornal *The Guardian*. 2016. Dissertação

(Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2016.

VIEIRA, Maria Clara Nicolau. **O Brasil nas palavras deles**: a cobertura jornalística de correspondentes estrangeiros em tempos de megaeventos esportivos no país. 2017. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

WAINBERG, Jacques A. **Mídia e Terror**: comunicação e violência política. São Paulo: Paulus, 2005.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.

_____. **Cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. **La larga revolución**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2003.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. 1º ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 7-72.

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO UTILIZADO NA ENTREVISTA COM DAIENE MENDES

- 1) Qual é a sua formação e com o que você trabalha atualmente?
- 2) Qual é a importância do jornalismo comunitário nas favelas cariocas?
- 3) Como você avalia a iniciativa do *The Guardian* de selecionar jornalistas comunitários para colaborarem na série?
- 4) O jornal ofereceu alguma capacitação ou treinamento a vocês antes da série?
- 5) Como foi feita a seleção dos jornalistas comunitários para a série?
- 6) Quem propôs o formato de diário?
- 7) Outras pessoas também tiveram a possibilidade de participar da série?
- 8) O *The Guardian* deu alguma orientação ou recomendação a vocês com relação à escrita dos textos?
- 10) Como era feita a seleção dos assuntos que faziam parte desses relatos? Vocês realizaram alguma entrevista com outros moradores?
- 11) Existia um cronograma definido para as publicações? Vocês precisavam enviar esses relatos em datas já pré-estabelecidas?
- 12) Quais foram as funções específicas do jornal na série? Os relatos sofreram algum tipo de edição prévia antes de serem publicados?
- 14) Vocês tiveram a possibilidade de participar da série também por meio do envio de fotos e de vídeos?
- 16) A participação de vocês foi remunerada ou se deu de forma voluntária na série?
- 17) Na sua avaliação, quais foram os pontos fortes e fracos da série? Você teria proposto algo diferente?
- 18) Como foi a repercussão da série na favela?

APÊNDICE B - DOCUMENTO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DA ENTREVISTA NA PESQUISA



Universidade Federal de Santa Maria
Programa de Pós-Graduação em Comunicação

Eu, **THAÍS CAVALCANTE**, brasileira, solteira, jornalista, portadora da cédula de identidade RG nº _____, inscrita no CPF nº _____, AUTORIZO o uso da entrevista concedida a **LAUREN SANTOS STEFFEN**, brasileira, solteira, jornalista, portadora da cédula de identidade RG nº 4078750546, inscrita no CPF nº 02181904090, para compor a pesquisa de doutorado intitulada “Favelas cariocas no *The Guardian*: a cultura vivida e as representações dos impactos das Olimpíadas Rio 2016”, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria, sob orientação do professor Dr. Flavi Ferreira Lisboa Filho.

Rio de Janeiro, _____ de _____ de 2019.

THAÍS CAVALCANTE

APÊNDICE C - QUESTIONÁRIO PARA A ENTREVISTA COM THAÍS CAVALCANTE

- 1) Qual é a sua formação? Com o que você trabalha atualmente?
- 2) Qual é a importância do jornalismo comunitário para as favelas cariocas?
- 3) Como você avalia a iniciativa do *The Guardian* de selecionar jornalistas comunitários para colaborarem na série?
- 4) Como foi feita a seleção dos jornalistas comunitários para a série?
- 5) Vocês participaram de algum treinamento/capacitação antes de iniciar a série?
- 6) De que forma vocês participaram da série? Como era a rotina de produção dos textos?
- 7) Vocês receberam alguma orientação editorial do *The Guardian* antes de iniciar a série? Quais eram as funções específicas do jornal na série (produção, edição, divulgação, etc)?
- 8) Quais foram os pontos fortes e fracos da série na sua opinião? Como foi a repercussão da série na favela?

**APÊNDICE D - LISTA COMPLETA DE SEQUÊNCIAS DISCURSIVAS
RELACIONADAS À FORMAÇÃO DISCURSIVA DE “DESCASO”**

(DM): Este serviço impressionante (teleférico) já é um dos principais pontos turísticos da cidade, embora também deva ser mencionado que o esgoto flui ao longo dos degraus e ruas próximas. (14/12/2015)

(DM): Por mais de 40 anos, o Complexo do Alemão existiu sem a presença da polícia [...]. (14/12/2015)

(DM): A lei do estado não se aplicava aqui. (14/12/2015)

(DM): As autoridades estavam vendendo-nos um sonho de ser capaz de viver juntos em paz e ter acesso a serviços públicos como água, eletricidade e esgoto. (14/12/2015)

(DM): Eu gostaria de entender por que a mídia quase nunca relata as coisas boas que acontecem nas favelas - mas quando o assunto é violência, está na primeira página. (30/03/2016)

(DM): No Complexo do Alemão, a história é bem diferente. [...] A causa é a mesma - uma chuva que danificou a rede elétrica - mas a resposta é completamente diferente. (30/03/2016)

(DM): A notícia do blecaute não foi transmitida em um único canal de televisão. Não houve menção nos jornais. (30/03/2016)

(DM): A escassez de energia é um problema constante nas favelas. A grande maioria dos moradores paga pela eletricidade, mas a empresa de serviços públicos está relutante em vir quando há um problema porque sua equipe diz que tem medo da violência. (30/03/2016)

(DM): A polícia militar trata os moradores locais com desprezo. (30/03/2016)

(DM): Por mais de 30 anos o estado não esteve presente nas favelas do Rio (...). (30/03/2016)

(DM): [...] agora o Estado é representado principalmente pela polícia militar. (30/03/2016)

(DM): Parece muito mais tempo, porque os ônibus estão abarrotados e não há ar-condicionado, enquanto você fica preso nos engarrafamentos que sempre entopem a avenida principal da Avenida Brasil. Olhe pela janela e você pode ver que uma das razões para o caos é a construção. (12/07/2016)

(DM): Eu respiro fundo e penso nas contradições de um modelo de cidade que não foi feito para mim, minha família ou meus amigos. (12/07/2016)

(DM): Nas favelas, a presença do estado significa a polícia. Nós merecemos mais do que isso. (12/07/2016)

(DM): A investigação concluiu que o tiro foi disparado por um policial militar. Apesar disso, ninguém foi preso. (12/07/2016)

(DM): Participaram da ação diversas mães que convivem com a mesma dor de perder um filho e com a revolta de não perceber interesse do Estado em punir os culpados. (12/07/2016)

(DM): Aqui no Alemão, as mortes não são investigadas. (12/07/2016)

(DM): A manchete do jornal conta do acidente na zona sul, com todos os detalhes bem apurados e excelentes materiais infográficos. Já a morte no Alemão, tem uma chamada sem tanto esforço e comoção: “troca de tiros deixa mototaxista morto no Alemão”. (12/07/2016)

(DM): Poucos casos são investigados e menos ainda punidos. (12/07/2016)

(DM): Pouco antes do início da pacificação da UPP no Alemão, muitas famílias foram expulsas de suas casas. (02/08/2016)

(DM): Meu sentimento é que o Alemão estava melhor no passado, quando estava abandonado. (02/08/2016)

(DM): [...] é possível distinguir as palavras que condenam o ex-governador do estado: “[Luiz Fernando] Pezão mentiu”. (02/08/2016)

(DM): O pagamento mensal que deveria ter sido pago a esses residentes foi cancelado. Essas pessoas não têm onde morar. O governo mente para os moradores das favelas. (02/08/2016)

(DM): O teleférico não serve para todas as pessoas porque não tem nenhuma integração com a comunidade, de dentro é muito distante para chegar até as estações do teleférico, só quem mora na parte bem alta do morro é que utiliza e os turistas. (02/08/2016)

(DM): Agora acredito que o Estado olha para nós com olhos de assassino. Uma fala muito comum entre o nosso grupo de militantes no Alemão é que pedimos por saúde, o governo envia polícia. Pedimos por cultura, o governo entende polícia. Pedimos por educação, o governo entende polícia. Pedimos por mobilidade e oportunidade de acesso à outras partes da cidade, mas o governo entende polícia. Pedimos por paz, mas só recebemos guerra. (02/08/2016)

(DM): As Olimpíadas terminaram, assim como a expectativa de construir um legado real para as pessoas das favelas. Pelo que pude ver por aqui, as Olimpíadas não impactaram positivamente a realidade da vida dos moradores do Alemão. Pelo contrário, perdemos mais do que ganhamos. (27/12/2016)

(DM): Um grande centro esportivo que antes atendia a toda a comunidade agora está fechado porque o governo não tomou as medidas necessárias para sua manutenção. As atividades esportivas na favela da Grota foram interrompidas, sem notícias de quando poderiam recomeçar. O prédio não tem eletricidade e as linhas telefônicas foram cortadas. A piscina, antes usada por centenas de pessoas, está cheia de água verde e mosquitos imundos. Isso é o que eu chamo de legado do abandono. (27/12/2016)

(DM): Com o anúncio do fim das Olimpíadas, também recebemos notícias do fim do serviço de teleférico [...]. A feira de artesanato na última parada, a estação do Palmeiras, parte importante da economia de lá, também fechará. Este é o legado da indiferença. (27/12/2016)

(DM): Nenhuma casa foi construída, as terras onde suas casas estavam não foram utilizadas e o governo, culpando a crise financeira, suspendeu os pagamentos dos aluguéis. (27/12/2016)

(DM): Imediatamente após as Olimpíadas, com o aumento da violência na área (que fica ao lado de uma unidade policial de pacificação) e cortes de verbas pelo governo do estado, a biblioteca fechou as portas e toda a estação do teleférico foi abandonada. Agora é ocupado apenas pela polícia. (27/12/2016)

(DM): A maioria de nossas atividades culturais aqui no Complexo do Alemão foram perdidas, canceladas pelo Estado. Este é o legado da corrupção, ganância e poder. (27/12/2016)

(DM): Recentemente, o governo anunciou o fechamento da clínica por motivos de segurança, já que há confrontos quase diários entre a polícia e os traficantes de drogas. Este é o legado da negligência. (27/12/2016)

(DM): Depois das promessas de esperança e do legado de paz dos Jogos, 218 dias foram acompanhados por uma trilha sonora de tiros. (19/08/2017)

(DM): Mas o país não cumpriu suas promessas de paz depois dos Jogos Pan-Americanos de 2007, da Copa de 2014 e dos Jogos Olímpicos de 2016. (19/08/2017)

(DM): Antes das Olimpíadas, o estado estava completamente ausente na favela. Naquela época, não tínhamos um teleférico - agora sim, mas não funciona. Não tínhamos clínicas familiares -

agora sim, mas sem atendimento médico. Não havia polícia - agora existe e vivemos com tiroteios diários. (19/08/2017)

(DM): O que os mais pobres receberam como resultado dos Jogos? Na televisão, vejo apenas notícias de corrupção. (19/08/2017)

(DM): [...] o Brasil investe em mais armas, repressão que resulta no aumento da população carcerária e mortes. Mas o resultado não é a morte de qualquer pessoa, quem morre são as pessoas pobres, negras, jovens e moradores das favelas. (19/08/2017)

(MS): Mas há desafios sociais, como escassez de água, cortes de eletricidade, dificuldades de transporte, problemas de segurança, ruas esburacadas e pouca educação nas escolas e nos cursos profissionais. Todos esses problemas se resumem à ausência de um governo efetivo. (05/08/2015)

(MS): Não há discussão suficiente sobre políticas de segurança pública com a população local. (05/08/2015)

(MS): Em 2016, as Olimpíadas estão chegando ao Rio [...], mas não haverá muitos benefícios para a Rocinha. (05/08/2015)

(MS): Mal aparece nas notícias. Este mês, o Rio de Janeiro está mais focado nos eventos de teste olímpico, que estão ocorrendo nas áreas mais ricas da cidade. Tiroteios e assassinatos em favelas são muito comuns e raramente são relatados nos jornais. (14/12/2015)

(MS): Até então, o governo havia nos ignorado por 70 anos, deixando muitos serviços básicos como saneamento, saúde, água e luz em uma situação precária. (14/12/2015)

(MS): Eu acho que isso é apenas propaganda à frente das Olimpíadas. Eu não acho que haja algum interesse. Temos um enorme campo de golfe ao lado da nossa comunidade, mas não é para nós, é para a burguesia. (14/12/2015)

(MS): Antes da Copa do Mundo, patrocinadores e ONGs reformaram campos de futebol na Rocinha. Isso foi bom, mas não foi mantido e eles agora parecem muito desgastados. Qual é o objetivo de promover um esporte por pouco tempo e depois ir embora? (14/12/2015)

(MS): Não há razão para instalar unidades policiais caras aqui se não houver tratamento de esgoto ou canos. (14/12/2015)

(MS): O banco Itaú fechou sua filial na Rocinha sem nenhuma explicação. [...] O Itaú não disse nada. Talvez eles estivessem preocupados com a violência. Agora, as pessoas terão que andar 30 minutos para chegar a uma agência do Itaú, o que será um grande problema para os idosos. (14/12/2015)

(MS): Construções na floresta devem ser proibidas, mas todos sabem que as autoridades não farão nada. (30/03/2016)

(MS): A sempre contenciosa questão da regularização fundiária foi discutida hoje pelas associações de moradores do Laboriaux e Vila Cruzado, dois bairros da Rocinha que estão ameaçados de despejo por causa da especulação imobiliária. (30/03/2016)

(MS): Há muito talento na Rocinha que não é reconhecido nem polido. (30/03/2016)

(MS): Muitas casas não possuem padrões básicos de segurança. É uma consequência da extraordinária desigualdade social que é evidente na Rocinha. (30/03/2016)

(MS): Os políticos estão sempre lançando iniciativas porque ficam bem no currículo, mas, assim que saem do escritório, os projetos morrem. Não há continuidade. (30/03/2016)

(MS): Além do aumento, houve redesenho das linhas de ônibus, o que significa que muitos moradores agora precisam pegar dois ônibus para chegar ao trabalho. (30/03/2016)

(MS): Os serviços permanecem abaixo do padrão. Em 2012, Paes prometeu que todos os ônibus do Rio teriam ar condicionado até 2016, mas isso ainda não é o caso. (30/03/2016)

(MS): A polícia federal está tentando coletar informações sobre possíveis fraudes na licitação de obras públicas nas favelas da Rocinha, Manguinhos e Complexo do Alemão, que foram financiadas pelo programa de aceleração do crescimento do governo após 2008. Os investigadores estão buscando possíveis conluios entre as empresas que ganharam os contratos. (30/03/2016)

(MS): As forças armadas supostamente despacharam 220.000 pessoas para as ruas para esta missão, mas as áreas de conflito armado no Rio foram excluídas para evitar possíveis confrontos com gangues de tráfico. (30/03/2016)

(MS): Só tem uma escola de ensino médio, então muitos jovens da Rocinha estudam em outros bairros. (12/07/2016)

(MS): Este ano, o evento acontece somente na parte baixa da comunidade porque o patrocinador – a empresa privada de energia elétrica, Light – disse que não seria possível renovar o patrocínio por falta de verba. Porém, a essa mesma empresa foi concedida uma isenção fiscal de R\$ 85 milhões para fornecer energia elétrica extra para os Jogos Olímpicos. (12/07/2016)

(MS): Uma ciclovía recém-construída desmorona após ser atingida por uma forte onda. Entre as vítimas fatais, Ronaldo Severino da Silva, de 60 anos, morador da Rocinha, que costumava passear ao longo da ciclovía em seus dias de folga. A construção, que foi inaugurada em janeiro, custou 44 milhões de reais, mas não contabilizou o impacto das ondas. Mas não é um acidente isolado. O Rio de Janeiro está cheio de trabalhos mal feitos. (12/07/2016)

(MS): Há pouco trabalho de conscientização na comunidade, mesmo com muitos moradores contraindo o vírus (da Zika). A Prefeitura não divulga dados sobre a doença viral, porém basta caminhar pela comunidade e observar que o problema é crítico. (12/07/2016)

(MS): Algumas lideranças comunitárias criticam o projeto, dizendo que não adianta ficar recolhendo lixo quando a Rocinha precisa de obras de saneamento básico, essenciais para a melhoria na qualidade de vida dos moradores. (12/07/2016)

(MS): Não é possível precisar quantos moradores foram mortos pela polícia nos últimos anos porque esses dados não são disponibilizados com detalhes para a população. (12/07/2016)

(MS): Houve pouca divulgação sobre o evento, por isso não teve uma grande participação popular. É a primeira vez que os mascotes dos Jogos Olímpicos visitam a Rocinha. (12/07/2016)

(MS): Por enquanto, o evento não trouxe nenhum legado para a comunidade. Apenas marketing. (12/07/2016)

(MS): O pedido de impeachment contra Dilma Rousseff é um duro golpe não só contra a democracia, mas também contra os programas sociais que foram construídos nos governos Lula e Dilma. (12/07/2016)

(MS): A extensão da linha 4 do metrô, que vai finalmente dar uma estação de metrô aos moradores da Rocinha, está atrasada e quando for inaugurada, não vamos poder utilizar porque será apenas para portadores do bilhete olímpico, incluindo atletas, colaboradores, organizadores e turistas. Só após os Jogos Olímpicos e Paralímpicos será liberado o uso para todos os cariocas. (12/07/2016)

(MS): Apesar de ser na entrada da Rocinha, a estação foi inicialmente batizada de “Estação São Conrado”, um bairro nobre do lado. (12/07/2016)

(MS): Este preconceito anti-favela é visível em muitos aspectos. Em mapas oficiais e virtuais, as favelas são frequentemente ignoradas e outra coisa é inserida. A segregação do Rio é notória quando se trata de favelas e da cidade. Existe uma cidade dividida, que muitas pessoas ignoram [...]. (12/07/2016)

(MS): As favelas estão sendo ignoradas pelo governo do presidente interino, Michel Temer. Hoje saiu um artigo ótimo sobre isso por um morador da Rocinha e jornalista Davison Coutinho, que reclamou sobre as obras do PAC estarem paradas, os cortes a programas sociais e de educação, e o aumento do desemprego e da violência. (02/08/2016)

(MS): Sem dúvida já não há mais dinheiro para sustentar as UPPs, mas tem vários motivos: a falência do estado do Rio de Janeiro causada pelas políticas dos últimos dois governadores Sérgio Cabral e Luiz Fernando Pezão, a queda no preço do petróleo e os desdobramentos da operação Lava Jato. O problema se agrava com o presidente interino Michel Temer no poder, ameaçando os benefícios trabalhistas, programas sociais e sistemas de cotas conquistados na era Lula e Dilma. (02/08/2016)

(MS): Apesar da estrutura, muitos moradores ainda não conhecem ou não sabem que existe uma biblioteca pública na comunidade. Uma das causas é que a biblioteca foi inaugurada antes de estar pronta. O anfiteatro estava sem aparelhagem básica de som e iluminação e sem assentos. Não é a culpa da biblioteca, mas do governo. (02/08/2016)

(MS): Inaugurado há apenas 10 dias, o novo elevador do Joá, que liga a Zona Sul do Rio a Barra da Tijuca, já exhibe buracos. [...] Como sempre, a obra tem um gosto amargo de superfaturado, e ainda com defeitos estruturais evidentes. Não é a primeira vez. (02/08/2016)

(MS): Não adianta investir em segurança sem oferecer os serviços básicos como saúde, lazer, e educação. (02/08/2016)

(MS): Até 2014, as favelas pareciam invisíveis na internet: ruas, vielas, praças, bancos, correios, igreja, templos, e empresas. (02/08/2016)

(MS): Por causa dos Jogos Olímpicos, o policiamento foi reforçado. Mas após o megaevento, a violência pode piorar porque o governo está sem verba e a sociedade sofre com a má administração pública. (02/08/2016)

(MS): A organização convidou os coordenadores responsáveis, mas não compareceram nem prestaram nenhuma informação sobre o metrô. Isso foi um desrespeito. O governo continua ignorando convites para entrar em um diálogo com as favelas. (02/08/2016)

(MS): Segundo o governador Luiz Fernando Pezão, se as medidas não forem implementadas, a previsão é de um déficit de R\$ 52 bilhões até dezembro de 2018. A população acredita que os cortes públicos atingirão as classes sociais mais pobres e os servidores públicos. (29/12/2016)

(MS): A situação de instabilidade no Rio de Janeiro devido a má gestão e corrupção assombra a vida de milhares de pessoas, principalmente, os moradores de favelas. Na Rocinha, não se fala de Jogos Olímpicos há meses. As obras do PAC 1 (Programa de Aceleração do Crescimento) que foram financiadas pelo governo federal e deveriam ter sido entregues em 2013, não foram concluídas pelo governo do estado. (29/12/2016)

(MS): A gravidade da crise é reflexo das alegadas irregularidades políticas cometidas desde 2007 pelo ex-governador Sérgio Cabral Filho (PMDB). (29/12/2016)

(MS): A Biblioteca Parque C4 da Rocinha está ameaçada de fechar. [...] Segundo o Instituto de Desenvolvimento e Gestão (IDG) – órgão responsável pela administração do espaço – o

governo do estado não está repassando a verba necessária para a manutenção do espaço que atende milhares de crianças, jovens e adultos na comunidade. (29/12/2016)

(MS): A Rocinha recebeu uma estação da linha 4 do metrô, mas a estação ganhou o nome do bairro vizinho de luxo, São Conrado. (29/12/2016)

(MS): No entanto, o Tribunal de Contas do Rio de Janeiro (TCE), divulgou um relatório que aponta superfaturamento na Linha 4 do metrô. (29/12/2016)

(MS): A construção da escola era reivindicada desde 2013 pela Comissão de Moradores da Rocinha e foi comemorada pelos moradores, pois muitas crianças na comunidade não possuem acesso à educação por falta de vaga em escolas na comunidade. (29/12/2016)

(MS): Com o fim dos Jogos Olímpicos, a favela voltou ao status quo de cenário invisível. (29/12/2016)

(MS): Esperamos que a próxima cidade-sede dos Jogos Olímpicos não cometa o mesmo erro que o governo do Rio de Janeiro: a falta de diálogo com a população. (29/12/2016)

(MS): Segundo dados do Instituto de Segurança Pública (ISP), de janeiro de 2016 a junho 2016 – um mês antes dos Jogos Olímpicos – houveram 898 mortes em decorrência de homicídio doloso, intervenção policial, latrocínio e lesão corporal seguida de morte na cidade do Rio de Janeiro. No mesmo período em 2017, 1.071 pessoas morreram. (19/08/2017)

(MS): Entre janeiro e junho de 2016, foram registrados 48.687 variados roubos de veículos, pedestres, ônibus, cargas de caminhões, bancos e estabelecimentos comerciais. No mesmo período em 2017, o número de casos chegou à 59.009 roubos. (19/08/2017)

(MS): Chegamos ao fundo do poço, tanto financeiramente quanto socialmente. Os cariocas sofrem com a falta de planejamento do governo e as denúncias de corrupção que assola o cenário político nacional. (19/08/2017)

(MS): O ex-governador do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral, foi preso três meses após a Olimpíada por comandar uma organização criminosa que movimentou mais de R\$ 220 milhões. (19/08/2017)

(MS): O ex-prefeito, Eduardo Paes, escreveu artigo recente no El País dizendo que o legado olímpico um dia vai chegar. Mas Paes também foi acusado em um dos escândalos de corrupção no Brasil. (19/08/2017)

(MS): Os políticos cariocas até realizam obras pela cidade, mas a maioria são obras superfaturadas em parceria com as empreiteiras brasileiras. Segundo o Tribunal de Contas do Estado do Rio de Janeiro (TCERJ), apontou que houve superfaturamento em contratos das obras do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) na Rocinha. Cerca de R\$ 12.247.096,79 foram desviados de obras na urbanização da Rocinha. (19/08/2017)

(MS): As obras foram iniciadas em 2008 e até hoje não foram concluídas. Nem a obra de extensão do Metrô – que passa pela Rocinha – até a Barra da Tijuca escapou de problemas financeiros. Segundo o Tribunal de Contas do Estado do Rio (TCE), a Linha 4 custou R\$ 8,4 bilhões e revelou que a obra teve o superfaturamento de mais de R\$ 2,3 bilhões. (19/08/2017)

(MS): Uma extensão desnecessária, pois esses bairros são bem servidos com linhas de ônibus. Enquanto a mobilidade urbana é deficiente em regiões mais distantes do centro econômico da cidade, a população critica a média baixa de utilização da Linha 4. (19/08/2017)

(MS): O Metrô não divulga dados sobre cada estação, mas basta acessar a estação próximo a Rocinha e perceber que a adesão ainda é baixa. A passagem custa R\$ 4,30 e é R\$ 0,50 mais caro que a passagem de ônibus. (19/08/2017)

(MS): Mas como estávamos no auge do delírio olímpico, a imprensa brasileira abafou a violência na cidade e construiu a imagem de um Rio seguro com as forças armadas brasileiras. (19/08/2017)

(MS): As UPPs fracassaram porque não foi seguida de outras políticas de Estado, como saneamento básico, educação e habitação. (19/08/2017)

(MS): O policiamento diminuiu drasticamente. (19/08/2017)

(MS): Pois, quando o Estado não se faz presente, a lei do crime impera. (19/08/2017)

(MS): Em julho de 2017, a Secretaria Municipal de Saúde confirmou para um telejornal local que 20 clínicas de saúde localizadas na Zona Oeste do Rio seriam fechadas. (19/08/2017)

(MS): Mas, penso que, políticas públicas a longo prazo é mais necessário do que ações sociais a curto prazo [...]. (19/08/2017)

(MS): Muitas ações sociais promovidas através das UPPs não tiveram continuidade por falta de verba. (19/08/2017)

(MS): E se um dia você vier ao Rio, converse com um carioca e você verá que todo mundo tem uma história para contar sobre os Jogos Olímpicos da Exclusão. Um projeto político feito para alimentar a especulação imobiliária em diversas áreas da cidade. A Olimpíada também provocou a remoção de favelas, como a Vila Autódromo, na Zona Oeste, próximo ao Parque Olímpico. A Baía de Guanabara e a Lagoa de Jacarepaguá não foram despoluídas. As obras de mobilidade urbana favoreceu uns e prejudicou outros. O governo concedeu isenções fiscais para grandes empresas e aumentou as dívidas públicas. São muitas as histórias de um Rio desigual. (19/08/2017)

(TC): A presença do Estado é extremamente aparente nas invasões e repressões policiais. Mas quando se trata de investimentos em saúde, educação e saneamento básico, são insuficientes. (05/08/2015)

(TC): Os preços dos alimentos e outros bens estão aumentando e o salário mínimo é muito baixo. A corrupção está cada vez mais evidente. (05/08/2015)

(TC): Os jogos olímpicos pioraram a situação. Os preparativos para o evento tem sido desastrosos para a Maré [...]. (05/08/2015)

(TC): Famílias já foram removidas de suas casas em julho do ano passado na Comunidade Salsa e Merengue, que compõe a Maré [...]. (05/08/2015)

(TC): Os moradores tem tido sua voz silenciada pelo Estado dentro de sua própria favela. (05/08/2015)

(TC): E a mídia comercial contribui com isso focando no lado do governo na história. (05/08/2015)

(TC): Coletores de lixo finalmente limpam o lixo de uma área da favela habitada por usuários de crack. Parece estranho porque nos acostumamos com aquele lugar sendo imundo. (14/12/2015)

(TC): Minha experiência pessoal destacou como os cortes orçamentários estão prejudicando o atendimento médico. Quando ficamos doentes, os médicos nos hospitais públicos geralmente não nos vêem porque não recebem seus salários. (30/03/2016)

(TC): Eu tive que comprar meu próprio remédio porque não estava disponível na farmácia pública. Não houve tratamento hospitalar. [...] Os relatórios dizem que isso pode causar problemas nos fetos, mas não temos informações suficientes sobre isso. (30/03/2016)

(TC): A construção da Fábrica da Escola do Amanhã - projeto municipal de educação - enlamearam as ruas do entorno, dificultando a travessia a pé. Já faz muito tempo desde que vimos uma estrutura tão grande sendo construída e autoridades investindo tempo e dinheiro em nossos filhos. (30/03/2016)

(TC): As promessas vieram apenas depois que eles anunciaram a Copa do Mundo e os megaeventos olímpicos. Antes disso, não era importante termos tão poucas escolas. Será bom ter mais escolas aqui na Maré - mas é frustrante que nossas demandas não sejam atendidas sem motivações políticas. (30/03/2016)

(TC): Famílias na Maré e outras comunidades de favela estão claramente em desvantagem porque aqueles que se inscreveram através do site municipal antes do final de janeiro tiveram um lugar garantido, mas aqueles sem um computador - que inclui muitos moradores das favelas - não têm tanta sorte. O sistema em si é bom. [...] Mas entrar é complicado sem um computador. (30/03/2016)

(TC): Sua perna teve que ser amputada, mas até agora ele não recebeu ajuda do governo. (30/03/2016)

(TC): Desde os protestos de 2013 nós jovens, estamos enxergando a política como ela realmente é: egoísta, mentirosa e ladra. Hoje, os deputados ignoraram os 53 milhões de votos democráticos que colocaram o PT no poder pela segunda vez. Estamos vivendo um golpe. (12/07/2016)

(TC): Ela passava muita dor enquanto falava e lembrava do sofrimento de perder não só a casa, mas a identidade. Às vezes somos tratados como não merecedores do pouco que conquistamos. (12/07/2016)

(TC): Mas nenhuma notícia da Maré estampou os jornais de hoje. (12/07/2016)

(TC): E quem perde como sempre, somos nós. O vice-presidente já mostrou para que veio, se for eleito, vai diminuir direitos do trabalhador formal. (12/07/2016)

(TC): O novo Ministro da Saúde, Ricardo Barros, disse que em algum momento o país não vai conseguir sustentar o acesso universal a saúde. [...] Ele parece ser gratuito, mas é para isso que pagamos impostos, para que os serviços públicos funcionem. Mas não acontece. (12/07/2016)

(TC): Na TV, mostrava 3 caveirões do Bope e dizia “estão fazendo a segurança”. Para nós, tocam o terror. (03/08/2016)

(TC): Quanto mais perto está chegando das Olimpíadas, mais as favelas sofrem. Parece que nós somos o alvo. (03/08/2016)

(TC): Um de nossos hospitais de emergência foi fechado para evitar violência. Mas não adiantou. (02/08/2016)

(TC): A Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) está tão sem verba que parou de pagar as bolsas dos alunos e o salário dos professores. Este ano não terá provas de vestibular para estudantes que querem entrar. Uma notícia horrível para os muitos moradores da Maré que estudaram anos para passar nessa faculdade pública. [...] Tenho amigos que vão terminar a graduação anos depois, por causa da greve. (02/08/2016)

(TC): E se olharem para os lados, vão ver desenhos coloridos do Brasil no muro que esconde a nossa favela. Nós moradores apelidamos esse muro de “Muro da Vergonha”. Ele foi feito poucos anos antes da Copa do Mundo de 2014. Para as autoridades, o problema era que as favelas da Maré estavam a vista para o mundo. [...] As autoridades dizem que é uma barreira acústica para o barulho dos carros não serem ruim para os moradores. Eu acho que é mentira.

Acho que estão tentando negar a nossa existência - é revoltante. A decoração custou R\$ 750 mil reais. Não faz sentido cortar gastos na saúde e educação pra isso. (02/08/2016)

(TC): Vi como um processo de mudança que decaiu ao invés de crescer, como foi prometido. Como um disfarce para o mundo. O que os Jogos trouxeram de concreto para a cidade envolve principalmente o transporte público e a segurança pública. Afinal, para o governo ser lembrado, mais inteligente construir coisas do que desenvolver o que já existe. (28/12/2016)

(TC): Sem diálogo com os moradores, o projeto da Prefeitura “Escolas do Amanhã” por exemplo, foi instalado com 18 unidades de ensino integral e até agora, apenas uma unidade funciona, a Escola Municipal Nova Holanda. (28/12/2016)

(TC): Tenho vizinhas crianças que já frequentam a escola pronta e no início dos estudos me contaram como o gosto da água era ruim, assim como alguns alimentos. Apesar disso, a estrutura, que já teve seus vidros furados com tiros, conquista famílias e promete ser o modelo de escolas municipais do país. (28/12/2016)

(TC): Durante as Olimpíadas, nós acompanhamos a pausa das obras do BRT TransBrasil que prometeu voltar em setembro, mas até agora nada. O custo foi de R\$1,13 bilhão. Promessas de transporte como essa do BRT não são muito válidas. Os ônibus continuam superlotados, a tarifa continua aumentando e o trânsito não diminui. (28/12/2016)

(TC): A maioria das pessoas está preocupada com os serviços públicos de saúde - ter acesso a remédios gratuitos e tratamento de emergência, enquanto os hospitais estão ameaçados de fechamento. [...] Temos que lutar por nossas vidas, vivendo com violência e esperando por uma boa saúde, já que os cuidados de saúde disponíveis são básicos ou inexistentes. Nós ainda não temos o que é mais importante: paz. (19/08/2017)

(TC): Mais gastos são sempre necessários, mas nem sempre são direcionados para o lugar certo. Parte do dinheiro usado para fazer a maior festa popular do mundo - o carnaval - foi cortado pela prefeitura, de R\$24 milhões para 13 milhões. O prefeito do Rio, Marcelo Crivella, diz que é para investir em creches particulares, que são subcontratadas pela secretaria municipal de educação. Muitas delas estão em comunidades que mereceram maior atenção das autoridades. (19/08/2017)

(TC): Um dos blocos de carnaval da favela da Maré desfilou este ano sem qualquer apoio financeiro ou institucional. [...] Nas favelas do Rio, mais de 40 blocos de carnaval desfilaram - nenhum fazia parte do calendário oficial do carnaval do município e, portanto, não usava nenhum dinheiro público. Nós gostaríamos de receber financiamento [...] (19/08/2017).

(TC): Enquanto isso, a Maré ainda é violenta e as coisas não estão melhorando. (19/08/2017)

(TC): Ele também anunciou um aumento nos impostos sobre combustíveis e quer implementar reformas previdenciárias, com novas regras para os trabalhadores: você tem que trabalhar 49 anos com um contrato formal para receber o benefício de aposentadoria. [...] Seu trabalho informal não pode ser comprovado e a situação de muitos trabalhadores da Maré é a mesma. Eles precisarão trabalhar na velhice para garantir seu sustento. (19/08/2017)

(TC): Com o desemprego atingindo 13,5 milhões de pessoas segundo pesquisa do IBGE, o trabalho informal cresce e seus trabalhadores estão longe de pensar em envelhecer com dinheiro no bolso. (19/08/2017)

(TC): Os novos governantes não parecem oferecer soluções a curto prazo para o povo. Com todas as investigações políticas envolvidas, um dos desafios é manter funcionando equipamentos públicos com menos investimento. (19/08/2017)

APÊNDICE E - LISTA COMPLETA DE SEQUÊNCIAS DISCURSIVAS RELACIONADAS À FORMAÇÃO DISCURSIVA DE “MILITARIZAÇÃO”

(DM): Essas esperanças foram destruídas. No início deste ano, sofremos 100 dias consecutivos de tiroteios. (14/12/2015)

(DM): A favela está inundada de policiais. Veículos blindados conhecidos como *caveirão* patrulham as ruas. (14/12/2015*)

(DM): Um veículo da polícia seguiu rapidamente e a polícia pegou o corpo e o levou para a unidade de atendimento de emergência. Não houve investigação. (14/12/2015*)

(DM): Às vezes a polícia mente. [...] eu vi algo acontecer, então solicitei um comunicado de imprensa da polícia, que forneceu uma história completamente diferente. Se Avelino já estivesse morto, a polícia não deveria ter alterado a cena do crime. (14/12/2015*)

(DM): Um tiroteio é relatado em várias áreas do complexo nesta manhã devido a uma operação policial (14/12/2015*).

(DM): Durante uma busca, a polícia invade uma propriedade que estava sendo usada para imprimir uma revista. Ninguém está em casa, então a polícia arromba um armário e rouba parte do conteúdo. (14/12/2015*)

(DM): A polícia é incapaz de garantir a segurança dos comerciantes, de modo que todos os negócios são interrompidos durante um período de luto involuntário. (14/12/2015*)

(DM): À noite, a polícia distribui cestas de necessidades básicas no bairro do Alvorada. É uma tentativa de conquistar os moradores. As gangues costumavam fornecer esse serviço e agora a polícia assumiu a tarefa. (14/12/2015*)

(DM): A polícia alegou que confundiu o telefone com uma arma. (14/12/2015*)

(DM): Mas hoje eles decidiram que Eduardo foi morto em “autodefesa”. (14/12/2015*)

(DM): Muitas mortes não são explicadas aqui. Alguns têm explicações que são incompreensíveis, enquanto outros, como a morte de Eduardo, são explicados, mas a informação dada é inaceitável. (14/12/2015*)

(DM): Policiais em balaclavas realizam operações em algumas áreas do Complexo do Alemão hoje, parando e revistando quase todos em seu caminho. Eles não estão usando identificação em seus crachás, o que é proibido. (14/12/2015*)

(DM): Os moradores há muito protestavam contra a antiga base (da UPP), que havia estado dentro de uma das poucas escolas do Alemão. Muitos desistiram. Depois que a base da UPP foi instalada na escola, o número de alunos caiu de 1.400 para 700. (30/03/2016)

(DM): A polícia agora está localizada no Reservatório do Mourão Filho, um dos poucos centros culturais do Alemão. (30/03/2016)

(DM): Os moradores fizeram uma manifestação. A polícia tirou fotos com o celular de quem participou. Eu acho que eles podem ter clicado em mim. (30/03/2016)

(DM): A polícia recusou a permissão para um carnaval em Itararé, uma das principais ruas do Alemão. O palco já estava sendo construído, mas a polícia disse que não. O Complexo do Alemão não terá carnaval em 2016. (30/03/2016)

(DM): No final da festa, às 2 da manhã, a polícia tentou atravessar a multidão para desligar o som. [...] A polícia respondeu com tiros e bombas atordoantes. A presença de muitas crianças

na rua não pareceu impedi-la de usar esse método de “restabelecimento da ordem”. (30/03/2016)

(DM): A polícia não pode ser a solução para conflitos onde eles mesmos são um dos protagonistas. As pessoas não entendem ou aceitam essa maneira de impor a ordem porque a polícia não tem legitimidade. (30/03/2016)

(DM): Com os confrontos entre a polícia e os traficantes de drogas cada vez mais frequentes nos dias de hoje, o telejornal anunciou que durante as Olimpíadas o exército brasileiro ocupará algumas favelas. (12/07/2016)

(DM): A dinâmica do relacionamento entre gangues e policiais é difícil de entender. Por um tempo, pode haver paz. Isso não significa que não haja traficantes, drogas ou policiais. Pelo contrário, os dois lados convivem em um tipo estranho de “harmonia”. Às vezes, eles estão a poucos metros um do outro. (12/07/2016)

(DM): Eu acho que a “guerra às drogas” legitima a violência nas favelas. (12/07/2016)

(DM): A investigação concluiu que o tiro foi disparado por um policial militar. Apesar disso, ninguém foi preso. (12/07/2016)

(DM): No Alemão, favela na Zona Norte, um mototaxista foi assassinado pela PM. (12/07/2016)

(DM): No Alemão, durante a madrugada, a polícia coloca o corpo do mototaxista dentro do carro e sai do local. Mas a polícia não poderia ter feito isso, como o mototaxista estava morto, o local deveria ter sido isolado, preservando a cena do crime e depois disso ter sido feito uma perícia. (12/07/2016)

(DM): Na zona sul, a força-tarefa é para localizar os corpos. No Alemão, a PM se esforça para escondê-los. (12/07/2016)

(DM): Desde que o Rio de Janeiro ganhou o direito de sediar as Olimpíadas em 2009, mais de 2.500 pessoas foram mortas pela polícia no Rio de Janeiro, de acordo com a Anistia. (12/07/2016)

(DM): Nosso único questionamento é por qual motivo a polícia ainda persegue aqueles que lutam para a garantia de um futuro melhor na favela? Por que estão tentando impor uma cultura de medo que tenta nos impedir de apontar os erros e sugerir mudanças? (12/07/2016)

(DM): Somos traficantes de cultura e informação, talvez por isso essa perseguição declarada, a sede de “vingança” que parte de alguns policiais que nos apontam, falam o nosso nome e ostentam suas armas. (12/07/2016)

(DM): O projeto da UPP que prometia a pacificação do Complexo do Alemão não funcionou para os moradores das favelas. (02/08/2016)

(DM): A polícia deve representar segurança e garantir os direitos dos cidadãos, mas aqui no Alemão eles representam a tensão e o medo da morte. Isso porque a polícia entra na favela acreditando que pode matar. Dá pra perceber o olhar, a tática, o medo. (02/08/2016)

(DM): A intensificação das operações policiais aumentou nas favelas no contexto dos Jogos Olímpicos e as mortes também. (02/08/2016)

(DM): [...] os confrontos e operações policiais não têm hora para acontecer e nessa guerra todos estão sofrendo. (02/08/2016)

(DM): [...] as pessoas levam essa ideia (retirada das UPPs após Olimpíadas) como esperança - talvez essa ideia e hipótese seja a motivação pra seguir em frente diante de tantas histórias de dor. (02/08/2016)

(DM): A UPP não deu certo por aqui. Queremos policiamento sim, mas um policiamento que não nos veja como alvo, mas uma polícia que antes de tudo nos respeite como cidadão. (02/08/2016)

(DM): Espero que os Jogos Olímpicos acabem logo. Porque de legado, eu só vejo repressão, militarização e guerra. Está na hora de acabar. (02/08/2016)

(DM): Menos de um mês atrás, jornalistas comunitários foram atacados e presos enquanto cobriam uma operação policial. (27/12/2016)

(DM): Os jovens jornalistas e moradores do Alemão que foram presos ficaram presos por várias horas enquanto a polícia ameaçava e filmava quem os acompanhava. Este é o legado da repressão, da censura, da restrição da liberdade de imprensa e do abuso da autoridade policial. (27/12/2016)

(DM): [...] uma tropa de policiais armados entrou na Grota, uma das principais entradas do Alemão. Eles tinham ordens para remover dezenas de barracas de comida e outras lojas que funcionam há mais de uma década ao longo da estrada Joaquim de Queiroz. (27/12/2016)

(DM): De feridos e baleados os dados atingem a marca de 42 pessoas. Este é o legado da morte e nessa, precisamos concordar, o Estado ganha medalha de ouro. (27/12/2016)

(DM): O Brasil está em guerra, dizem alguns. Uma guerra contra os pobres, justificada pelas drogas. Uma guerra que justifica, para muitos (mas não para mim) a presença do exército brasileiro nas ruas da cidade. A beleza das paisagens naturais do Rio contrasta com o conflito de nossas vidas diárias, militarizado pelo governo. (19/08/2017)

(DM): Para fingir que não estávamos em uma zona de guerra, a polícia militar pintou seus tanques militares blindados - popularmente chamados caveirão ou "crânio grande" - de branco. (19/08/2017)

(DM): Do lado de fora da minha janela havia um tanque blindado, protegendo a polícia militar enquanto disparavam tiros. Tudo o que me protege dos tiros é a parede da minha casa. O que torna o "trabalho" dos policiais mais fácil e seguro coloca minha vida - e a vida de milhares de pessoas nos becos estreitos das favelas - em sério risco. (19/08/2017)

(DM): A qualquer momento, policiais e traficantes de drogas podem se encontrar em um beco e, de repente, é uma guerra. (19/08/2017)

(MS): Desde a criação da primeira UPP na Rocinha, a vida cotidiana nunca foi a mesma. Estamos agora vivendo nos piores momentos da história da comunidade. Desde a ocupação pelas forças armadas em 2011, houve mais casos de estupro, roubo e violência doméstica. (05/08/2015)

(MS): Mas agora é difícil para os moradores confiarem na polícia. Houve inúmeros episódios de violência policial [...]. (14/12/2015)

(MS): Há também muitos confrontos entre a polícia e as gangues. Quando dois poderes armados operam no mesmo território, o confronto é inevitável. (14/12/2015)

(MS): A polícia usa gás lacrimogêneo, spray de pimenta e tiros de fuzil para reprimir a manifestação. (14/12/2015)

(MS): O papel da polícia não deveria ser trabalho social, deveria ser trabalho policial. O estado deve apoiar organizações como esta em vez de abrir novos cursos fornecidos pela polícia. (14/12/2015)

(MS): Muitas pessoas não acreditam mais no programa das UPPs. (14/12/2015)

(MS): A Rocinha é um dos 38 lugares onde as unidades de pacificação da polícia perderam o controle. Na maioria deles, houve violência nos últimos meses. O crescente conflito é resultado de políticas públicas inadequadas para o desenvolvimento social. (30/03/2016)

(MS): Moradores disseram que o tiroteio começou depois que a polícia exigiu que a música de uma festa da vizinhança fosse desligada. (30/03/2016)

(MS): Casos como este mostram que a política de pacificação está esgotada. Precisamos desmilitarizar a polícia paramilitar e fazer com que o governo estadual assuma maior responsabilidade social. (30/03/2016)

(MS): Alegações como essa ajudam a explicar por que a polícia do Rio de Janeiro perdeu credibilidade com a população. (30/03/2016)

(MS): Moradores realizam um ato em memória do morador Hugo Silva, um pai de dois filhos que foi morto por policiais militares em uma viela há quatro anos. Ele estava carregando materiais de construção, mas a polícia informou na época que ele era traficante de drogas. (12/07/2016)

(MS): As operações policiais são criticadas pelos moradores porque sempre acontece em horários de grande movimentação de pessoas. (12/07/2016)

(MS): Desde a morte de Amarildo, a Unidade de Polícia Pacificadora perdeu a credibilidade com os moradores. (02/08/2016)

(MS): Existem outros motivos também: policiais entram em casas sem autorização judicial, o governo não tem verba para instalar UPPs em todas as favelas do Rio e tende a priorizar as áreas perto de grandes eventos e de forte especulação imobiliária em áreas ricas. A violência é empurrada às áreas mais pobres. (02/08/2016)

(MS): Em 2013, a moradora Rebeca Miranda Carvalho dos Santos, de 9 anos, foi estuprada e morta na Rocinha a 100 metros da sede da UPP. Apesar de ter uma UPP na comunidade, o policiamento é deficiente. (02/08/2016)

(MS): O ato demonstra a falta de gestão eficiente na criação de políticas públicas para o desenvolvimento social das favelas. Por isso, o projeto das UPPs não deu certo [...]. (29/12/2016)

(MS): Os dados sobre as UPPs são divulgados pelo ISP em tempo irregular. No entanto, não obtive acesso porque os dados estão sendo atualizados. (19/08/2017)

(MS): Após quase dez anos de projeto, as Unidades de Polícia Pacificadora (UPP) fracassaram. (19/08/2017)

(MS): Cerca de 5 anos antes dos Jogos Olímpicos, as UPPs começaram a mostrar sinais de esgotamento com confrontos armados entre policiais e traficantes, ataque às bases policiais, dentre outros fatores. (19/08/2017)

(MS): Lembrando que, o estopim da política de pacificação foi o desaparecimento do morador da Rocinha, Amarildo de Souza, que sumiu após ser levado de sua casa, na Rocinha, por policiais militares da UPP. (19/08/2017)

(MS): Os moradores não acreditam mais no projeto da UPP. (19/08/2017)

(MS): Mas além da Rocinha, as favelas vizinhas como Vidigal, Cantagalo e Pavão Pavãozinho registraram o aumento de confrontos armados entre policiais e traficantes. Os confrontos armados aumentaram a partir da reação do tráfico de drogas contra a perda de território para as forças policiais. (19/08/2017)

(TC): A ocupação militar começou dia 30 de abril de 2014 - dia em que completou-se 50 anos de golpe militar no Brasil. Só no primeiro mês de ocupação, 15 pessoas foram mortas. Tanques de guerra circulam pelas ruas e soldados fazem papel de policiais. (05/08/2015)

(TC): A tensão aumentou e o perigo também. Pois temos mais forças armadas em nossa rotina. Diariamente, a secretaria de segurança gasta 1,7 milhões para manter essa falsa segurança nas favelas da Maré. (05/08/2015)

(TC): Como na ditadura no Brasil, os militares continuam a controlar a vida cotidiana nas favelas. (05/08/2015)

(TC): Sua finalidade é mostrar mundialmente como o país está pronto para garantir a segurança de quem chega, mas não de quem permanece. (05/08/2015)

(TC): Nos últimos protestos ocorridos na Maré, as forças de segurança atiraram bombas de efeito moral, gás de pimenta, balas de borracha e balas de verdade contra os moradores que pediam paz. Fotógrafos e jornalistas locais, muitas vezes, são impedidos de retratar sua realidade. (05/08/2015)

(TC): No ano passado, o governo gastou 1,7 milhão de reais por dia em segurança na Maré, mas não vejo mudanças. A violência não diminuiu, nem os conflitos. O estado deveria se aproximar dos moradores, mas isso não aconteceu. Parece não haver propósito para tudo o que aconteceu. (14/12/2015)

(TC): Eles vieram para a Maré como uma solução de curto prazo e estão aqui há três anos. Durante esse tempo, o governo não fez nada para melhorar sua situação. (14/12/2015)

(TC): Tudo o que vemos é a repressão e militarização de nossas ruas. (14/12/2015)

(TC): É assim que deve ser a nossa favela, mas durante a ocupação militar quase todos os eventos culturais foram proibidos. (14/12/2015)

(TC): Deveríamos ter a liberdade de sermos nós mesmos sem que as autoridades reprimissem e monitorassem nossos movimentos. (14/12/2015)

(TC): É exatamente aí que os carros de patrulha da polícia militar costumam estacionar, mas não fazem nada. (30/03/2016)

(TC): Parece que seu único papel é transparecer tranquilidade na televisão antes das Olimpíadas. (30/03/2016)

(TC): Nossa comunidade tem pouca confiança em uniformes. (30/03/2016)

(TC): Já faz um ano que um morador da Maré, chamado Vitor Santiago, foi baleado pelos militares quando viajava com amigos em um micro-ônibus. [...] Agora ele é um exemplo de falha da polícia. (30/03/2016)

(TC): Há pouca esperança de proteção para aqueles que querem continuar com suas vidas, seu trabalho, sua família e serem felizes no lugar onde nasceram. (30/03/2016)

(TC): No fundo a gente sabe que essa política de segurança não está funcionando. Nunca funcionou. (12/07/2016)

(TC): Pessoas são mortas toda vez que a polícia entra na favela. (12/07/2016)

(TC): As operações feitas são justificativas para matar e ficar impune. (12/07/2016)

(TC): Essas invasões policiais foram justificadas para buscar um bandido que fugiu de um hospital público. Não sabemos de nada. (02/08/2016)

(TC): Hoje é o aniversário da Chacina da Maré de 2013, onde 9 pessoas foram assassinadas pela mão armada da Polícia. (02/08/2016)

(TC): “Tem policiais com capuz aqui”. Ela disse assustada. Passei o resto do tempo com medo de que algo pudesse acontecer com minha família e amigos. Tive vontade de chorar. (02/08/2016)

(TC): São mais de 6 horas de operação policial. Cheguei do trabalho e não podia entrar na favela, assim como muitos moradores. (02/08/2016)

(TC): Eles estão circulando na zona sul da cidade e ao longo das principais avenidas, trazendo “segurança” e garantindo um comportamento respeitável. (19/08/2017)

(TC): Essa ação custou R\$ 600 milhões, mais do que o valor investido em programas sociais na Maré ao longo de sete anos. (19/08/2017)

APÊNDICE F - LISTA COMPLETA DE SEQUÊNCIAS DISCURSIVAS RELACIONADAS À FORMAÇÃO DISCURSIVA DE “RESISTÊNCIA”

(DM): Em vez disso, as pessoas aprenderam a conviver com regras não escritas - nós apenas nos damos bem. (14/12/2015)

(DM): Os moradores compartilham informações sobre o que está acontecendo por meio de grupos no serviço de mensagens instantâneas WhatsApp, para que saibam se é seguro deixar suas casas. (14/12/2015*)

(DM): Temos que ficar alertas e nos manter conectados. (14/12/2015*)

(DM): Moradores protestam. É difícil saber como agir quando coisas assim acontecem. (14/12/2015*)

(DM): Todos trabalham juntos de graça. O pagamento vem da alegria, da boa recepção e dos sorrisos das pessoas que alcançamos. (30/03/2016)

(DM): Renata Trajano, ativista da comunidade e moradora do Matinha, pediu ajuda no Facebook depois que suas ligações para a empresa não foram atendidas (30/03/2016).

(DM): É um lugar onde centenas de crianças costumavam praticar esportes, artes marciais, boxe e outras atividades - todas oferecidas gratuitamente por residentes e professores locais. (30/03/2016)

(DM): Notícias positivas sobre o Alemão na mídia local para variar. Nataniel Souza, estudante de jornalismo que mora no bairro do Alvorada, criou um portal de notícias exclusivo para os atletas paraolímpicos. Então, ele olhou para a cena paralímpica e viu que o oposto era verdade - não havia nada. (30/03/2016)

(DM): Meus grupos do WhatsApp alertaram sobre a tensão na favela, então uma amiga se ofereceu para me deixar ficar em sua casa. (12/07/2016)

(DM): “Evite sair de casa! Filmagens pesadas no Complexo do Alemão”, dizia a manchete na página do Facebook de um jornal local. (12/07/2016)

(DM): [...] isso é o que o mundo exterior fica sabendo, em vez das histórias maravilhosas sobre pessoas talentosas que estão transformando sua existência por pura necessidade e na ausência do estado. (12/07/2016)

(DM): Um ano depois, centenas de pessoas se reuniram no beco onde Eduardo foi assassinado para pressionar as autoridades para que os responsáveis sejam punidos. (12/07/2016)

(DM): Participaram da ação diversas mães que convivem com a mesma dor de perder um filho e com a revolta de não perceber interesse do Estado em punir os culpados. (12/07/2016)

(DM): Nossa arma é a narrativa, nossa luta é pelo direito de viver a RUA e pela possibilidade de conviver sem tiroteios diários, sem o terror da polícia e sem medo do tráfico. (12/07/2016)

(DM): Ainda assim, somos campeões. Persistimos acordando às 6h da manhã, com ou sem tiroteio, seguindo em alerta o caminho para pegar o ônibus lotado, chegar ao trabalho e ser cobrado da necessidade de chegar no horário e de produzir além do necessário. (27/12/2016)

(DM): Seguimos vencedores, por sair do trabalho e enfrentar horas de engarrafamento, chegar na faculdade e lutar consigo mesmo, pela concentração necessária para seguir o período, o ano, o dia. Seguimos vencendo por acreditar que será possível, um novo modelo de cidade que contemple os mais pobres e que respeite a diversidade, apesar do cenário nos mostrar completamente o contrário. (27/12/2016)

(DM): Seguimos vencedores porque inovamos e estamos sorrindo apesar do medo da próxima bala perdida e que vem de uma guerra justificada pelas drogas. Se há um povo a quem se deve o “mérito da vitória” é o povo favelado. Vencemos todos os dias. Venceremos. (27/12/2016)

(DM): Jovens de diferentes favelas estão agora se unindo para pensar em estratégias que, esperamos, possam alimentar políticas públicas sobre drogas no Brasil. (19/08/2017)

(DM): O movimento [...] foi criado porque não é possível lidar com a questão das drogas sem a contribuição daqueles que vivem com as consequências de políticas fracassadas. (19/08/2017)

(DM): Apesar de todo o medo, de todo o caos, seguimos conquistando o mundo. Ocupando os espaços que historicamente nos foram negados. [...] Muita gente pode não entender o que é que nos move a prosseguir e conquistar, no meio de todo o caos e medo. Eu também não sei, mas o que sinto é que preciso continuar. (19/08/2017)

(MS): Muitos moradores se opõem ao teleférico porque isso fará com que as casas sejam realocadas e provavelmente será caro. (05/08/2015)

(MS): O Rio de Janeiro não está preparado para outro “megaevento”. Agora é a hora de colocarmos a nossa casa em ordem. (05/08/2015)

(MS): No entanto, graças aos smartphones e acesso à internet, os moradores estão filmando os tiroteios e publicando as imagens nas redes sociais. É uma tentativa de chamar a atenção da sociedade para a violência nas favelas do Rio de Janeiro. (14/12/2015)

(MS): Moradores indignados bloqueiam uma rodovia em protesto e o comandante da UPP pede reforço para controlar a situação. (14/12/2015)

(MS): Uma moção para reformar as “viagens de safári” pelas favelas foi apresentada hoje ao governo municipal pelo conselheiro Célio Lupparelli. [...] Lupparelli quer que a Prefeitura desenvolva cursos de treinamento que adotem o ponto de vista da comunidade. (30/03/2016)

(MS): A sempre contenciosa questão da regularização fundiária foi discutida hoje pelas associações de moradores [...]. Se o governo quer fazer algum trabalho em suas terras, então eles têm que negociar e pagar um valor decente. Basicamente, o que os moradores das favelas querem são os mesmos direitos que as pessoas no asfalto [...]. (30/03/2016)

(MS): Muitas vezes, a comunidade preenche a lacuna deixada pelos serviços sociais. Se esperássemos pelas autoridades, levaria muito tempo por causa da burocracia envolvida. É mais fácil pedir uma doação aqui e outra ali até que a vida volte gradualmente ao normal. (30/03/2016)

(MS): Hoje, a comunidade tentou corrigir isso com uma reunião com altos funcionários do Ministério da Cultura. (30/03/2016)

(MS): A maioria da população rejeita a proposta do governador. Os moradores das favelas do Rio lutaram por saneamento básico por mais de 50 anos. A privatização desses serviços não é a solução porque os custos sobem. (30/03/2016)

(MS): A palavra de ordem no Rio agora é: “Das olimpíadas eu abro mão, eu quero mais dinheiro pra saúde e educação”. (12/07/2016)

(MS): Apesar de Lula e Dilma terem realizado diversos investimentos nas favelas do Rio, a população critica a corrupção no país. (12/07/2016)

(MS): Segundo moradores, Carlos foi desentupir um bueiro e foi sugado pela correnteza de água e detritos. [...] Morreu tentando ajudar a comunidade como sempre fez. (12/07/2016)

(MS): Um grupo de moradores da Rocinha se organiza para participar de uma manifestação e um baile funk contrários ao impeachment da presidente Dilma Rousseff. (12/07/2016)

(MS): Teve um ato contra o presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha com cerca de 30 pessoas na Rocinha. Cunha orquestrou o impeachment da presidente, mas o protesto é por causa de suas declarações homofóbicas, machistas e racistas. Esse ato é algo muito fora do comum porque, geralmente, moradores organizam atos para reivindicar benefícios locais, como saneamento básico. (12/07/2016)

(MS): Algumas lideranças comunitárias criticam o projeto, dizendo que não adianta ficar recolhendo lixo quando a Rocinha precisa de obras de saneamento básico essenciais para a melhoria na qualidade de vida dos moradores. (12/07/2016)

(MS): Essa nomeação gerou uma onda de críticas porque ignorava a existência da favela e agora há uma proposta para mudar o nome da estação para 'Rocinha'. (12/07/2016)

(MS): Existe uma cidade dividida, que muitas pessoas ignoram, apesar do fato de que movimentos sociais lutam há anos para mostrar que a favela é também a cidade. (12/07/2016)

(MS): Hoje saiu um artigo ótimo sobre isso por um morador da Rocinha e jornalista Davison Coutinho, que reclamou sobre as obras do PAC estarem paradas, os cortes a programas sociais e de educação, e o aumento do desemprego e da violência. "As favelas estão esquecidas", denuncia ele. (02/08/2016)

(MS): É comum os moradores aplicarem suas próprias punições. Parece que existe uma cultura da intolerância para esses casos. Isso é um reflexo de ausência da polícia por muito tempo. Assim como o tráfico, os moradores mediam os próprios conflitos. [...] Casos como estupros ou violência doméstica continuam sendo "julgados" pelos próprios moradores.

(MS): Segundo os criadores do mapa, o mapeamento é uma forma de autoafirmação do território em relação à cidade. (02/08/2016)

(MS): Moradores da Rocinha estão se mobilizando para inserir o nome da favela na futura estação de metrô que será inaugurada. [...] Nossa comunidade acredita que a nomenclatura é uma questão de inclusão social e visibilidade ante à sociedade. (02/08/2016)

(MS): Ultimamente moradoras estão relatando casos de tentativas de estupros através da rede social Facebook. (02/08/2016)

(MS): Por conta do atraso, os moradores da Rocinha decidiram processar as construtoras do PAC 1 por suspeitas de corrupção. (29/12/2016)

(MS): A construção da escola era reivindicada desde 2013 pela Comissão de Moradores da Rocinha e foi comemorada pelos moradores, pois muitas crianças na comunidade não possuem acesso à educação por falta de vaga em escolas na comunidade. (29/12/2016)

(MS): Embora o Instituto de Segurança Pública (ISP) tenha registrado apenas um furto à residência este ano na Rocinha, os moradores estão publicando diversos relatos de furtos às residências nas redes sociais. Esses crimes são condenados pelas populações que vivem em favelas. (19/08/2017)

(MS): Historicamente, se uma pessoa for pega cometendo algum delito dentro de uma favela, ela pode ser julgada pelo tráfico de drogas. (19/08/2017)

(MS): Horas depois, após mobilizações de profissionais e pacientes indignados com o corte de verba na saúde, Crivella desmentiu e afirmou que a saúde é prioridade em seu governo. (19/08/2017)

(TC): Amo a minha favela e vim a perceber que cada um de nós tem um papel na proteção da nossa comunidade. Se não fizermos isso, mais ninguém vai. (05/08/2015)

(TC): Hoje, a sociedade civil local é muito ativa, levando as pessoas para a rua para mobilizações culturais e políticas. (05/08/2015)

(TC): Isso está criando uma insatisfação crescente que pode levar aos poucos a uma revolta popular. (05/08/2015)

(TC): No próximo ano, quero mostrar a realidade da vida em uma favela. Além de buscar soluções para os problemas, espero que a escrita possa educar as pessoas e desconstruir alguns dos estereótipos de pessoas pobres e negras que vivem na periferia. (05/08/2015)

(TC): Em vez disso, os moradores tomaram a iniciativa de melhorar suas vidas, doando alimentos e roupas, e realizando exposições de filmes e atividades religiosas. (14/12/2015)

(TC): Pezão não fala nada sobre a UPP, embora moradores do bairro Parque União relatem na internet que a polícia está mais uma vez atirando nas ruas sem respeito ou pena dos moradores. (14/12/2015)

(TC): E quando eles prescrevem remédios, somos responsáveis por pagar por eles. [...] Eu tive que comprar meu próprio remédio porque não estava disponível na farmácia pública. (30/03/2016)

(TC): Esta é uma área que foi tomada pelos militares, mas hoje nós a ocupamos com dança e festividade. [...] A polícia colocou seus carros blindados lá, mas nós fazemos baile funk e vamos brincar nos parques de diversão próximos e nas pistas de skate. Eu acho que é importante ocupar essas áreas como uma forma de resistência. (30/03/2016).

(TC): O Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré (CEASM) lançou uma campanha online para arrecadar fundos para projetos sociais. O CEASM já criou grandes oportunidades para a população local. [...] O apoio financeiro on-line é novo para aqueles que trabalham em favelas e uma das poucas maneiras de sustentar projetos sociais em um clima econômico difícil. (30/03/2016)

(TC): Os professores estão em greve por causa do baixo salário. Após meses sem aulas, estudantes ocuparam mais de 30 escolas públicas para reivindicar uma educação de qualidade. [...] A minha antiga escola de ensino médio e a de muitos moradores da Maré, o Colégio Visconde de Cairu, é uma das escolas ocupadas. (12/07/2016)

(TC): O nosso jornal O Cidadão (www.jornalocidadao.net) está oferecendo um curso de comunicação comunitária [...]. Com a ajuda de moradores e professores, a ideia é trocar conhecimento sobre web jornalismo, direitos humanos, produção de reportagem e história da Maré. Só eu sei como essas aulas me transformaram. (12/07/2016)

(TC): Protestos rolaram por todo o país, mas a Maré não levantou a voz. Nós também não esquecemos que a presidente aprovou a ideia de ocupação militar em 2014 em todas as Favelas da Maré. (12/07/2016)

(TC): Eu me reuni com alguns comunicadores populares da Maré e de outros lugares para falar sobre as Olimpíadas 2016. Estamos nos articulando em preparação para os Jogos. A ideia é mostrar como os territórios populares realmente são (...). (12/07/2016)

(TC): Mas o povo tem voz e agora, graças ao jornalismo comunitário, está contando o outro lado da história. (12/07/2016)

(TC): Em meio a toda essa insegurança, minha família decidiu comemorar a vida. [...] É realmente triste comemorar a vida em meio a tantas mortes. Mas essa é a nossa forma de resistir. O próximo dia pode ser melhor. (02/08/2016)

(TC): Mesmo com o clima inseguro, moradores de uma rua na Baixa do Sapateiro prepararam suas roupas juninas e fizeram a festa. (02/08/2016)

(TC): Instituições e associações de moradores aqui da Maré abriram um inquérito para investigar essas operações policiais que tem acontecido aqui e pedir que parem. Pela primeira vez, a juíza aceitou o pedido. Todos os representantes desses batalhões vão ser ouvidos e vão ter que se explicar. [...] Também foi proibido revistar as nossas casas durante a noite. (02/08/2016)

(TC): A UERJ está em greve e ocupada. [...] A luta é pelo conhecimento. [...] E agora, mais do que nunca, queremos esse direito de volta. (02/08/2016)

(TC): Mais de 100 moradores participam de uma caminhada contra a violência do estado. (02/08/2016)

(TC): A caminhada é pelo direito a vida. Levantamos cartazes, nossas vozes e distribuímos folhetos explicando o motivo da caminhada e fornecendo contatos para organizações de direitos humanos. (02/08/2016)

(TC): A favela existe. Essa maquiagem não vai impedir de mostrarmos a nossa força, potência e cultura. (02/08/2016)

(TC): Tivemos uma vitória necessária e simbólica na política. Pela primeira vez, uma pessoa da Maré foi eleita ao cargo de vereador. [...] Muitos votaram em pessoas mais conhecidas na política, mas a juventude ativista da Maré participou diretamente das campanhas, e votou nela. Essa é a esperança que ainda temos: que cada favelado seja visto como potência, como parte da cidade. Merecemos representantes no poder que tenham vivência na realidade. (28/12/2016)

(TC): O que mais me surpreendeu em 2016 foi a população continuar acreditando e buscando formas de passar pelas crises e pelos megaeventos que provocam parte delas. Os protestos, intervenções culturais, ocupações, petições online, cursos e debates na rua mostram como a articulação do povo é uma arma que não mata. (28/12/2016)

(TC): Um ano depois de grandes olhares para a “cidade maravilhosa”, estamos nos reinventando em meio à crise na economia, violência e poder popular. (19/08/2017)

(TC): Além do carnaval ser divertido e reafirmar nossa cultura, é também um instrumento de luta política, e suas letras de músicas incluem temas como remoções, megaeventos e violência policial. (19/08/2017)

(TC): Nós gostaríamos de receber financiamento, mas não precisamos dele para nossas festas funcionarem. (19/08/2017)

(TC): Para mudar isso, projetos como a Maré de Sabores oferecem oficinas de incentivo ao empoderamento das mulheres e capacitação dos moradores da Maré em empreendedorismo social. (19/08/2017)

(TC): É bom ver como o desenvolvimento local nos territórios populares consegue movimentar a economia. Só na Maré, os empreendimentos são responsáveis pela geração de mais de 9 mil empregos, segundo publicação do Censo de Empreendimentos da Maré em 2014. O que não supre todas as necessidades, mas se transforma numa ferramenta importante de inovação e reinvenção. (19/08/2017)

(TC): Aqui, o empreendedorismo é isso: criar um serviço a partir da necessidade e do conhecimento autodidata. Seja como costureira, sapateiro, cozinheira, vendedor ou qualquer outro profissional. (19/08/2017)

(TC): No meio disso tudo, ainda percebo como somos parte importante da potência econômica e social. Somos mais de 11 milhões de favelados pelo Brasil, lutando pela vida enquanto buscamos a paz. (19/08/2017)

**APÊNDICE G - LISTA COMPLETA DE SEQUÊNCIAS DISCURSIVAS
RELACIONADAS À FORMAÇÃO DISCURSIVA DE “BANALIZAÇÃO DA
VIOLÊNCIA”**

(DM): No início desta semana, fui acordado às 4 da manhã com o som de tiros fora da minha casa. (14/12/2015)

(DM): É o pior momento possível, ocorrendo exatamente quando os residentes estão indo para o trabalho e para a escola (14/12/2015*).

(DM): Fazemos isso diariamente e é muito importante: não há aviso prévio de operações policiais ou tiroteios entre policiais e gangsters. (14/12/2015*)

(DM): O comércio no Alemão foi ordenado a fechar depois que a polícia matou um membro da gangue do tráfico de drogas. (14/12/2015*)

(DM): A gangue insiste que todas as lojas fechem para lamentar o morto. A polícia é incapaz de garantir a segurança dos comerciantes, de modo que todos os negócios são interrompidos durante um período de luto involuntário. (14/12/2015*)

(DM): Eduardo Ferreira, de dez anos, foi baleado na cabeça em abril, enquanto estava sentado em frente à sua casa com um telefone celular. (14/12/2015*)

(DM): Existem vários confrontos. Um homem de 19 anos, Patrick da Silva de Souza, é baleado no peito e morre no bairro de Dawn. (14/12/2015*)

(DM): Eu ouço tiros bem próximos. Com o tempo, seus ouvidos se acostumam com esse som. O volume e a rachadura lhe dizem o quão longe você está do tiroteio e se é de uma arma poderosa. Eu prefiro não aprender uma coisa dessas, mas não é uma questão de escolha: é uma questão de sobrevivência. (30/03/2016)

(DM): Meus ouvidos estão acostumados com isso, mas meu coração não está. Quanto mais próximos os tiros, mais forte ele bate. Cada vez, os sintomas são os mesmos: coração acelerado, mãos trêmulas e frias, olhos bem abertos e todos os sentidos em alerta. (30/03/2016)

(DM): Os estudantes de lá serviram como escudos humanos nos frequentes conflitos entre a polícia e as gangues locais. (30/03/2016)

(DM): Ontem à noite, houve um tiroteio tão feroz que eu não pude ir para casa. (12/07/2016)

(DM): Eduardo de Jesus Ferreira tinha 10 anos quando foi morto com um tiro de fuzil na cabeça enquanto brincava na porta de casa. (12/07/2016)

(TC): Primeiro, o Vitor Santiago que foi atingido por militares dentro de um carro e perdeu uma perna e até hoje não recebeu assistência do governo. E o caso de Cláudia Silva, que foi atingida dentro de casa enquanto olhava a janela. (02/08/2016)

(DM): São apenas 11h da manhã, daqui a pouco as crianças saem da escola. Vejo pais seguindo em direção às escolas com o objetivo de levar seus filhos para casa. Mas durante o trajeto, os olhares se transformam em apreensão com o barulho de um tiroteio intenso. (02/08/2016)

(DM): [...] Posso ver o medo nos olhos das pessoas. Nunca se sabe quando e quem a bala perdida pode atacar. A favela tem muitos becos, então, cada tiro tem o potencial de encontrar alguém, sentado em casa ou andando na rua. (02/08/2016)

(DM): Quase poderia ser um dia comum, quando nada de memorável acontece - exceto que eu fui acordado por um helicóptero da polícia logo acima da minha casa. (02/08/2016)

(DM): Como se a atmosfera geral de terror não fosse suficiente, um corpo negro envolto em um lençol é levado para fora da favela. (02/08/2016)

(DM): O projeto da UPP que prometia a pacificação do Complexo do Alemão não funcionou para os moradores das favelas, que agora têm que conviver com essa realidade cotidiana. Toda vez que saio de casa, parece que três armas estão apontadas para minha cabeça. (02/08/2016)

(DM): A atmosfera está horrivelmente tensa – não posso sair de casa; os tiros estão muito próximos. Em vez disso, espero, na expectativa de que, eventualmente, o tiroteio termine. (02/08/2016)

(DM): O dia inteiro e em diversas localidades quase que simultaneamente as pessoas relatam ouvir tiros. (02/08/2016)

(DM): Fui forçada a despertar às 7h da manhã com o barulho de tiros bem perto daqui. O barulho ecoa dentro da minha pequena casa. (02/08/2016)

(DM): Em dias de tiroteio, como hoje, toda a rotina da favela muda. Além do clima de tensão, as pessoas não podem chegar em casa e em alguns casos as motos param de circular porque tudo fica mais perigoso. O comércio perde e as famílias perdem de alguma forma, uma bala de fuzil disparada impacta em toda uma rotina das mais de 120 mil pessoas que moram por aqui. (02/08/2016)

(DM): Nos últimos 48 dias, eu pude contar pelo menos 25 dias em que foi registrado algum confronto em uma das comunidades do Alemão. (02/08/2016)

(DM): Apenas 147 desses 365 dias terminaram sem os moradores do Complexo do Alemão ouvirem tiros. Depois das promessas de esperança e do legado de paz dos Jogos, 218 dias foram acompanhados por uma trilha sonora de tiros. (19/08/2017)

(DM): Em 218 dias, estávamos com medo de que não pudéssemos voltar para casa vivos; ficamos com medo de sair de casa, para o caso de sermos atingidos por uma bala perdida; em 218 dias, temíamos que as paredes de nossas casas pudessem ser atingidas. (19/08/2017)

(DM): Algumas semanas atrás, fui acordado por tiros intensos. Parecia estar muito perto. Ainda sonolenta e enrolada em meus lençóis, instintivamente saí da cama e deitei no chão. (...) Um amigo estava me chamando em desespero para me avisar que um tiroteio estava acontecendo ao lado da minha porta. (19/08/2017)

(DM): Tudo o que me protege dos tiros é a parede da minha casa. (19/08/2017)

(DM): Nos dias de hoje, as crianças têm um olhar de medo. Uma criança que joga depois da escola em Nova Brasília hoje precisa ficar alerta e conhecer as rotas de fuga. Ouço os pais dizendo: “Se você ouvir tiros, corra para o bar ou deite no chão perto das mesas”, porque as operações da polícia podem começar a qualquer hora do dia. Pode ser durante o horário escolar, na hora do almoço ou durante as brincadeiras. (19/08/2017)

(DM): Desde as Olimpíadas, moradores do Complexo do Alemão temem organizar um evento cultural na praça do bairro, ou de pessoas se reunindo do lado de fora, porque um tiroteio intenso pode acontecer sem aviso prévio, sem chance de proteção. Foram 218 dias de medo. (19/08/2017)

(MS): A paz parece uma utopia distante. A violência está em todo lugar. (05/08/2015)

(MS): Em vez de comemorar o Natal, houve medo na Rocinha hoje depois de um tiroteio entre a polícia e os moradores locais, que deixou um morto e seis feridos. (30/03/2016)

(MS): Jorge Arui, um comerciante de 49 anos, foi morto a caminho das lojas para comprar pão. (30/03/2016)

(MS): Há um clima assustador de medo nesta cidade. As pessoas partem para o trabalho todas as manhãs, sem saber se voltarão para casa à noite. (30/03/2016)

(MS): Nos últimos cinco anos, cerca de 22 moradores morreram e 129 moradores sofreram tentativa de homicídio. (12/07/2016)

(MS): Uma granada foi encontrada perto de uma delegacia e escola na Rocinha. O artefato abandonado não foi detonado mas a população está tensa. Muitos temem um atentado terrorista durante os Jogos Olímpicos. (02/08/2016)

(TC): Lutamos todos os dias contra a opressão do Estado, limitação de ir e vir, invasão arbitrária nas casas, proibição de festas como baile funk, rodas de pagode e samba, principalmente a criminalização de jovens negros. (05/08/2015)

(TC): As favelas do Parque União e Nova Holanda, no complexo da Maré, são acordadas às 6h da manhã por helicópteros da polícia que zumbem perto de nossas casas. (14/12/2015)

(TC): Temendo isso, várias escolas, centros de saúde e creches fecham suas portas. Mas você tem que tentar continuar com a vida, então eu saio para a faculdade como de costume. (14/12/2015)

(TC): Mais uma vez, somos acordados por helicópteros. [...] Para nós, isso significa mais um dia de ruptura e violência. (14/12/2015)

(TC): Por ordem da polícia, todas as lojas e escolas estão fechadas para garantir a segurança dos moradores. Quase ninguém está nas ruas. Tiros são ouvidos nos bairros Nova Holanda, Baixa do Sapateiro e Vila do Pinheiro. (14/12/2015)

(TC): Uma mulher de 33 anos - Cristina Ramos da Silva - é baleada na boca a caminho de pegar seu filho na escola. (14/12/2015)

(TC): Ele foi baleado na cabeça no caminho para comprar uma bola de pingue-pongue. (14/12/2015)

(TC): Nós já sabíamos como era viver com uma força forte em nossa favela. Mas no passado, a preocupação só existia em certos dias – no ano passado, ela esteve lá todos os dias. (14/12/2015)

(TC): Depois de um ano novo tranquilo e pacífico no nordeste, volto à Maré e sou acordado de madrugada pelo som de tiros. (30/03/2016)

(TC): Eu estava esperando por um começo quente e pacífico para o carnaval, mas começou com uma operação policial barulhenta às 6 da manhã. Por vários dias seguidos, acordamos ao som de helicópteros da polícia zunindo no alto. (30/03/2016)

(TC): Mas no caminho, quase me vi no meio do combate. Eu me abriguei atrás de um carro e cobri meus ouvidos com as mãos. O tiroteio foi muito alto. (30/03/2016)

(TC): Larguei minha comida no chão e fui para a faculdade em estado de choque. Quando voltei para casa, as janelas do carro estavam quebradas. Havia balas vazias de munição no chão. (30/03/2016)

(TC): A opressão do Estado não tem mais hora pra chegar. Antes das 6h da manhã, o helicóptero já rondava nossas casas. Quem sai cedo de casa para trabalhar, tem medo. Há denúncias de arrombamento de casas. [...] Todas as escolas municipais e creches fecham quando acontece isso. (12/07/2016)

(TC): Os moradores do Parque União acordam cedo hoje com helicópteros, veículos blindados e tropas militares subindo a favela, atirando. (12/07/2016)

(TC): Depois de voltar da casa da minha irmã, em um bairro próximo de casa, ouço tiros. [...] Sigo com medo mas chego bem em casa. [...] O barulho de tiros que escuto muitas vezes fazem vítimas. A cada som uma perda. E a cada perda, menos esperança. (12/07/2016)

(TC): A violência na favela foi banalizada. (12/07/2016)

(TC): Ouço o barulho de muitos tiros e vejo tropas circulando pelas ruas. Geralmente, podemos deixar a porta de casa aberta para conversar com alguém, olhar a rua ou para que o vento refresque. Mas tem dias que até sair para comprar pão é uma decisão que pode custar a vida. (02/08/2016)

(TC): Acordamos ouvindo muitos tiros às 5h da manhã. Barulho alto. (02/08/2016)

(TC): Lembro que nesse dia minha irmã não conseguiu voltar do trabalho e dormiu na casa de uma amiga. [...] Foi a poucos metros da casa que fizemos a comemoração. (02/08/2016)

(TC): Mais uma vez, os moradores acordaram bem cedo hoje com barulhos de tiros, granadas e correria por todos os lados. (02/08/2016)

(TC): As escolas foram fechadas de novo. As ruas desertas. O silêncio, às vezes, não significa paz. (02/08/2016)

(TC): A gente tenta se adaptar, saber das notícias, mas o medo segue junto. Algumas pessoas comentam sobre feridos ou baleados. (02/08/2016)

(TC): Dormi ouvindo tiros e acordei com eles. Está virando rotina mais do que nunca. (02/08/2016)

(TC): Muitas mães saíram desesperadas e chorando para buscar seus filhos pequenos nas escolas e creches. (02/08/2016)

(TC): Carmem dos Santos, 29 anos, foi baleada no braço enquanto voltava pra casa do hospital que trabalhava. Ainda estava de dia. Mas as ruas estavam desertas. (02/08/2016)

(TC): O ajudante de pedreiro José da Silva foi morto por bala perdida. Ele deixou condições de semi-escravidão no Nordeste em busca de uma vida melhor. Aqui, não teve tempo de realizar seus sonhos. (02/08/2016)

(TC): Em novembro, a rotina foi de medo, insegurança e tristeza. Muitos tiros. (28/12/2016)

(TC): Fiquei sem internet e telefone. Sem sair de casa por alguns dias. Operações policiais, pessoas mortas e baleadas. (28/12/2016)

**APÊNDICE H - LISTA COMPLETA DE SEQUÊNCIAS DISCURSIVAS
RELACIONADAS À FORMAÇÃO DISCURSIVA DE “ESTEREOTIPIZAÇÃO”**

(DM): Eles consideram todos bandidos. (30/03/2016)

(DM): Em uma das falas, uma mãe disparou: - “Além da nossa dor, repare bem na nossa cor. Somos negras. Todas”. (12/07/2016)

(DM): Drogas é uma coisa que a cidade inteira consome, mas a violência fica concentrada por aqui no Alemão, na Maré, Rocinha e outras tantas favelas da cidade. (12/07/2016)

(DM): Esses lugares têm a reputação de serem violentos, isso é o que o mundo exterior fica sabendo, em vez das histórias maravilhosas [...]. (12/07/2016)

(DM): O Estado olha pra favela como um problema. (02/08/2016)

(MS): Embora os passeios pelas favelas sejam uma fonte lucrativa de renda para alguns, a maneira como as coisas são feitas no momento é desrespeitosa. A pobreza não deve ser tratada como uma atração turística. (05/08/2015)

(MS): Comecei a trabalhar como jornalista por causa da visão parcial das favelas na grande mídia brasileira. A Rocinha sempre foi retratada pelos jornais como um lugar perigoso e sujo onde os moradores não entendem como o mundo funciona. (05/08/2015)

(MS): Os operadores turísticos tratam as favelas como zoológicos [...]. As visitas são organizadas por empresas de fora da favela que dão pouca atenção aos aspectos culturais, históricos e artísticos de nossa comunidade. (30/03/2016)

(MS): Em vez disso, os turistas se concentram apenas na degradação, pobreza, violência e miséria e partem sem qualquer interação com a cultura local. (30/03/2016)

(MS): Nossa comunidade se sente menosprezada depois de uma comparação com os empresários e políticos corruptos que foram expostos pela investigação Lava Jato. Quando esse escândalo é revelado, um jornalista chamado Nelson Motta brinca com sarcasmo no jornal O Globo: “Esta não é uma gangue de bandidos na Rocinha; esses são os homens que dirigem a política brasileira”. (12/07/2016)

(MS): No momento em que a favela é censurada dos mapas da cidade, essa atitude alimenta o estigma de cidade partida. (02/08/2016)

(TC): O Estado executa pessoas aqui porque moram em uma favela e são negros. (14/12/2015)

(TC): Ele trabalhava em uma farmácia local, mas a polícia insistiu que ele era um criminoso. (30/03/2016)

(TC): Esta guerra não é contra as drogas, como eles insistem em dizer. É contra os pobres (12/07/2016).

(TC): Eles não liberam o nome do homem que foi morto esta manhã. Ele é apenas outro suspeito para eles. E para nós, mais uma vida perdida. (12/07/2016)

(TC): Eu tinha vergonha de ser da favela porque a discriminação na sociedade e na mídia comercial é grande. (12/07/2016)

(TC): A ideia é mostrar como os territórios populares realmente são, e que o mundo perca essa visão preconceituosa e estereotipada que tem sobre as pessoas e sobre a vida na favela. (12/07/2016)

(TC): Os últimos meses passaram rápido e colocaram aos poucos a programação de TV, o trânsito e os espaços da cidade no lugar, pois antes, nós éramos obrigados a enxergar “a cidade maravilhosa” dentro do falso contexto mostrado para o exterior. (28/12/2016)